U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITECTURA

Origem e (Trans)Formação Urbana:
Metamorfose do Lugar e do Tempo no estudo do espaço paroquial de São Mamede de Infesta

Helena Isabel Neto da Silva

M

2021

U.PORTO

Helena Isabel Neto da Silva. Origem e (Trans)Formação Urbana: Metamorfose do Lugar e do Tempo no estudo do espaço paroquial de São Mamede de Infesta

Origem e (Trans)Formação Urbana:
Metamorfose do Lugar e do Tempo no estudo do espaço paroquial de São Mamede de Infesta
Helena Isabel Neto da Silva

M.FAUP **2021**

FACULDADE DE ARQUITETURA

Origem e (Trans)Formação Urbana:

Metamorfose do Lugar e do Tempo no estudo do espaço paroquial de São Mamede de Infesta

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

Orientação Prof.ª Doutora Carla Garrido de Oliveira

Helena Isabel Neto da Silva
Porto | Novembro 2021

A presente Dissertação é redigida em português e segue o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Todas as citações presentes no documento foram transcritas de acordo com a sua versão original e de acordo com as Normas APA (American Psychological Association), 7ª edição de 2021.

Para os meus avós

Agradecimentos

A realização e conclusão deste trabalho não teriam sido possíveis sem a colaboração, ao longo desse processo, de pessoas e instituições. Manifesto, assim, o meu agradecimento às pessoas que, directamente ou indirectamente, contribuíram para a apresentação final desta dissertação.

À minha família, em especial à minha mãe, pai e irmã, a quem devo todo o apoio, suporte e recursos para a elaboração deste trabalho. Foram eles que sempre me ouviram e apoiaram, nos momentos de desânimo e de alento.

Ao Cristiano, pela ajuda, companheirismo e apoio incondicional. Agradeço-te por ao longo deste caminho me teres dado, dia após dia, amor, amizade, carinho e força, incentivando-me a avançar para alcançar o meu/nosso objectivo. Um obrigada não será suficiente para agradecer tudo o que fizeste por mim!

Aos meus colegas de curso, em especial às colegas e amigas sempre presentes, Ana Silva, Sara Dias e Catarina Menino, com quem tive e tenho o prazer de partilhar ideias e conhecimentos e que sempre se mostraram disponíveis em ouvir as minhas preocupações e dúvidas, mas também as minhas vitórias, ao longo deste processo.

À professora Carla Garrido de Oliveira, minha orientadora, que me acompanhou ao longo da dissertação e que sempre se mostrou disponível para esclarecer dúvidas, dar opiniões e apoiar as alterações neste estudo.

Ao Arq.º Pedro Bragança, pela disponibilidade e auxílio constante na procura de respostas às questões colocadas ao longo do processo de investigação.

A todos os professores que fizeram parte do meu crescimento a nível académico e pessoal, pelos conhecimentos e competências que me transmitiram ao longo deste percurso, que culminaram na elaboração deste trabalho final.

Às várias instituições que me forneceram informações sem as quais a presente dissertação não seria possível: à Câmara e à Biblioteca Municipal de Matosinhos, designadamente ao colaborador Nuno Pereira do Gabinete de Desenvolvimento Estratégico, pela disponibilização de toda a informação cartográfica contemporânea e atual, que teve na origem de parte do trabalho. À Câmara Municipal do Porto, à Casa do Infante, ao Arquivo da Diocese do Porto, à Junta de Freguesia de São Mamede de Infesta e à respectiva paróquia, nomeademente ao ajudante do pároco, o Sr. Ricardo, pela ajuda incansável e fornecimento de informações essenciais para o tema abordado, e a todos os outros que me ajudaram no desenvolvimento da presente dissertação e que me esqueci de referir.

A todos os que me apoiaram e ajudaram,
o meu sincero Obrigada!

Abstract

This dissertation has as a case study the evolution and transformation of the parish space of São Mamede de Infesta, located in the municipality of Matosinhos, a place between land and sea.

Today's knowledge of this urban structure, with all its characteristics and potential, was the starting point for its study. The (re)recognition of a place created through the study of its urban and road structure to the way its expectant green spaces form the so-called Green Arc of the city.

This notion and recognition of the current green areas was the starting point for the construction of the evolutionary narrative of the parish space, since most of them refer us to the past of agricultural production in this territory. Thus, at first, it is intended to create a kind of preamble for the construction of a narrative, starting from a questioning of the reasons that led primitive man to settle in this place, taking into account topographic, hydrographic and also issues. of the population's livelihood system.

From the presence of the Phoenician people in the territory under study to the present day, the aim is to reconstitute the parish space of São Mamede de Infesta since ancient times, noting sociocultural political events that influenced and marked not only the territory at national level but also local. Drawing as a tool for translating our thinking, as a student of architecture, allowed us to create a dialogue between the field of history and the visual field of today in the place under study.

Faced with this narrative, an intervention proposal is proposed that goes beyond the visible, searching in the vestiges and memories of the past, the answers to the expectations of future transformation for this place.

Resumo

A presente dissertação tem como caso de estudo a evolução e transformação do espaço paroquial de São Mamede de Infesta, situado no concelho de Matosinhos, lugar compreendido entre *a terra* e *o mar.*

O conhecimento do Hoje desta estrutura urbana, com todas as suas características e potencialidades, foi o ponto de partida para o seu estudo. O (re)conhecer de um lugar elaborado através do estudo da sua estrutura urbana e viária até à forma como os seus espaços verdes expectantes formam o chamado Arco Verde da cidade.

Esta noção e reconhecimento das áreas verdes atuais foi o ponto de partida para a construção da narrativa evolutiva do espaço paroquial, uma vez que grande parte delas nos remetem para o passado de produção agrícola deste território. Desta forma, num primeiro momento pretende-se criar uma espécie de preâmbulo para a construção de uma narrativa, partindo de um questionamento das razões que levaram o Homem primitivo a fixar-se neste lugar, tendo em consideração questões de ordem topográfica, hidrográfica e também do sistema de subsistência da população.

Desde a presença do povo fenício no território em estudo até aos dias de hoje, procura-se fazer uma reconstituição do espaço paroquial de São Mamede de Infesta desde tempos antigos, ressalvando acontecimentos político socioculturais que influenciaram e marcaram não só o território a nível nacional como local. O desenho como ferramenta de tradução do nosso pensamento, enquanto estudante de arquitetura, permitiu criar um diálogo entre o campo da história e o campo visual do hoje do lugar em estudo.

Perante esta narrativa, propõe-se uma proposta de intervenção que ultrapassa os limites do visível, buscando nos vestígios e memórias do passado, as respostas às expectativas de transformação futura para este lugar.

SUMÁRIO

Agradecimentos | v
Abstract | vi
Resumo | vii

- **PRÓLOGO** - Motivação | xii

- **00. INTRODUÇÃO** | xv

0.1 Objeto | xvi
0.2 Objetivo e Metodologia | xviii
0.3 Estrutura | xx

01. RECOGNIÇÃO - O Lugar visto sob o olhar de Hoje | 1

1.1 Contextualização | Enquadramento territorial e transversalidades locais-urbanas | 8
1.2 O processo de (re)conhecimento | O caminhar, o observar e o permanecer | 13
1.3 Núcleos | Os lugares constituintes da estrutura urbana atual | 25
1.3.1 Cruzamento(s) | Centralidade(s) | 26
1.3.2 Telheiro | 36
1.3.3 O atravessar do *Leça* | 44
1.3.4 Igreja Velha | 52
1.3.5 Moalde | 60
1.4 Arco Verde da Cidade | 68

02. RETROSPEÇÃO - Território (trans)formado ao longo do Tempo: A importância da estrutura paroquial | 73

2.1 A terra e a água | a condição primordial para o habitat humano | 77
2.2 Da pré-história ao período alto medieval | notas para a construção de uma narrativa | 99
2.3 Entre o século XI - XII | 113
2.4 Entre o século XIII-XV | 115
2.5 De 1566 a 1643 | a ideia primitiva de implantação da sede paroquial | 123
2.6 Memórias Paroquiais de 1758 | a procura de um lugar central para a igreja matriz | 129
2.7 De 1874 a 1879 e o ano de 1889 | o cerco do Porto e as intervenções liberais; a circunvalação e a primeira industrialização | 135
2.8 O ano de 1944 | a certeza da Cartografia Concelhia de Matosinhos | 149
2.9 De 1944 até à actualidade | Cartografia 1957, 1997 e 2013 | 159

03. REINTERPRETAÇÃO - ideia da Singularidade como estratégia urbana | 167

3.1 Ideia do Núcleo | o mote para a construção do lugar contemporâneo | 171
3.2 A atividade agrícola como princípio estruturante - Moalde | 181
3.3 A agricultura como ferramenta de ensino - Telheiro | 185
3.4 Expansão e qualificação de um espaço verde existente - Estrada Velha | 189
3.5 Combinação de Tempos (exemplo) - Igreja Velha | 193
3.6 (Re)significar material e memorial - Cruzamento(s) | Centralidade(s) | 194

04. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 203

Bibliografia | 207
Glossário | 215
Índice de Imagens | 229
Anexos | 245

*

O território mamedense e a vontade de conhecer melhor um lugar que me era tão familiar tornou-se o ponto de partida e o objeto de estudo da presente dissertação. Desde criança que São Mamede de Infesta tem vindo a fazer parte das minhas memórias. Uma das mais relevantes e com maior significado para mim, é a de brincar no adro da igreja com os meus avós e o passar dos dias ser marcado pelo som inconfundível dos sinos. Este som marcou o meu crescer e o meu tempo de ser criança, que tanto brincou neste lugar, visitando-o com curiosidade e achando-o sempre um sítio misterioso, pois era aqui que se encontrava a igreja, edifício tão marcado pelo silêncio e pela sua luz tão característicos.

Neste sentido, surgiu o tema para a presente dissertação que pretende compreender melhor este lugar e o seu crescimento e (trans)formação ao longo do tempo. Este território mamedense tão marcado por um traçado singular e por edifícios de arquitetura simples e tradicional. Procuramos entender de que forma a sede paroquial se foi alterando e fixando em diferentes lugares, assim como a implantação de novos edifícios e marcas religiosas como também de novas estruturas de apoio à população, decorrentes de acontecimentos que marcaram o território a nível nacional.

Esta(s) igreja(s) que teve a necessidade de crescer, de se mover e de se transformar ao longo do tempo, acompanhando um crescer de uma pequena freguesia para o espaço urbano que é hoje.

INTRODUÇÃO 00

00. INTRODUÇÃO

O interesse pela realização de uma dissertação sobre o tema espaço paroquial de São Mamede de Infesta, foi o culminar da vontade de estudar uma estrutura urbana que me era familiar e perceber a importância que a estrutura paroquial teve na formação e evolução do espaço urbano atual, indo desde os primeiros assentamentos, passando pela organização e estabilização alto-medieval e medieval da organização territorial, até ao contexto liberal e contemporâneo.

No entanto, à medida que a investigação avançava foram surgindo algumas dificuldades em relação à "Origem" e à "(Trans)formação" desta cidade, pois as visões dos autores nem sempre respondiam às questões que iam surgindo. Porém, foi esta incerteza, e por vezes contradições entre factos, informações e referências sobre o caso de estudo, que despontou a vontade de querer saber mais, levando à criação de um processo mental desenhado através de esquemas ou de cartografias.

Na elaboração deste processo, o facto de já conhecermos o lugar de antemão permitiu-nos descodificar algumas dúvidas que nos foram surgindo, como por exemplo, o nome e a localização de alguns lugares constituintes do espaço paroquial mamedense. Para além disso, foi uma oportunidade de refletir e explorar ferramentas e processos metodológicos para elaboração de uma narrativa não de uma forma convencional, mas antes centrando-se na compreensão do que é hoje a cidade de São Mamede de Infesta para posteriormente narrar a história de uma forma cronológica, conjugando desta maneira o passado e o presente, potenciando e produzindo certas continuidades territoriais e temporais. Com este estudo pretende-se, principalmente, cooperar e participar na construção do conhecimento da realidade urbana atual de São Mamede de Infesta, constituída por fragmentos e memórias do passado nos traços que a definem nos dias de hoje.

0.1 Objeto

> *"Esta freguesia tem tido tres nomes, sempre com o mesmo orago (S. Maméde), pois se tem chamado Mualde, Ermida e Infesta (nome actual). Parece que estes diversos nomes tem sido tomados das aldeãs que ha na freguesia, e nas quaes tem estado a egreja parochial"*[1]

O presente estudo tem como principal foco compreender a (trans)formação do espaço urbano de São Mamede de Infesta, tendo por base a definição e evolução do espaço paroquial, e em particular as diversas implantações que a sede paroquial teve ao longo do tempo, desde tempos primitivos até à contemporaneidade, de forma a cartografar como foram sucedendo estas "centralidades", procurando compreender a inscrição no espaço urbano actual dos contributos do desenho "antigo".

São Mamede de Infesta é um espaço urbano presente no município de Matosinhos e que, ao longo dos anos, tem sofrido um rápido crescimento populacional, o que levou a que no ano de 2001 fosse elevada a cidade. Para este crescimento contribuiu, para além da *"sua posição geográfica, a fertilidade dos campos irrigados pelo Rio Leça e a beleza da sua paisagem rural."*[2], a emergência industrial e de pequenos serviços decorrentes do séc. XX.

Este foco de fixação e crescimento surgiu também graças a um eixo inter-regional muito importante que passa nesta cidade, marcando-a desde o período romano.[3] Apesar de não haver a certeza do exato traçado dessas vias romanas, por sobreposição ou duplicação, sucederam-se as vias ou estradas medievais, militares, reais e nacionais. No caso de estudo, temos como exemplo, a via Norte-Sul que marca este território desde a romanização, consistindo na atual estrada nacional que liga a cidade do Porto a Braga. Transversalmente a esta, no sentido poente-nascente, temos um outro caminho antigo, passando por São Mamede de Infesta, que ligava o mar e Matosinhos a lugares mais interiores, como por exemplo, Águas Santas.

[1] LEAL, Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho, (1990), *Portugal antigo e moderno: dicionário geographico, estatístico, chorographico, heráldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de tódas as cidades, vilas e freguesias de Portugal e de grande numero de aldeias*, Vol. III, Lisboa, pág. 393

[2] DURVAL, António, (2009), *À descoberta de S. Mamede de Infesta : passado, presente e futuro : uma abordagem monográfica / pesquisa e desenvolvimento"*, Câmara Municipal de Matosinhos e Junta de Freguesia de S. Mamede de Infesta, S. Mamede de Infesta, pág. 3

[3] São Mamede de Infesta, nos tempos romanos, "era cortada por uma estrada de ligação entre Lisboa e Braga". BOAVIDA, Agostinho Fastio, (1973), *S. Mamede de Infesta : subsídios para a sua história*, Câmara Municipal de Matosinhos, Matosinhos, pág. 70

A fim de entender esta organização e crescimento territorial, este estudo pretende entender de que forma é que os diferentes lugares onde a igreja paroquial esteve implantada, assim como a presença de marcas materiais construídas e definidoras deste espaço paroquial, tais como alminhas, cruzeiros, marcos e outras capelas, contribuíram para a evolução do desenho do espaço urbano até à actualidade, procurando assim compreendê-lo também a partir de fatores mais profundos para além daqueles mais recentes - a partir do século XIX.

Toda a documentação e referências apontam para que a primeira sede paroquial se tenha localizado onde atualmente se encontra a Capela de São Cristovão, na Quinta do Dourado, a Nordeste e edificada no século XVIII. No século XVII há notícia da transferência, talvez provisoriamente, da sede de paróquia para o Lugar da Ermida, a Poente, e onde atualmente se encontra a Capela da Ermida, devido ao estado de ruína da antiga sede paroquial. Com o crescimento da população, no século XIX, mais concretamente na data de 27 de Agosto de 1864, foi necessário dar início à construção de uma outra igreja localizada precisamente no sítio da anterior, tendo a obra terminado na data de 7 de Setembro de 1866, consistindo na atual sede paroquial da cidade de São Mamede de Infesta.

A sequência de localização da sede paroquial por estes três lugares define sensivelmente um triângulo, correspondendo à procura incessante na procura do local ideial para a implantação da sede paroquial. Para além destas edificações, este espaço foi também marcado por estruturas de organização de natureza diferentes, tais como alminhas, cruzeiros e marcos, os quais em conjunto vão definir os "limites" deste espaço paroquial, bem como os focos intermédios de paragem e fixação, dando desta forma resposta a diversas necessidades tanto do tempo em que se enquadrava, como da população que servia.

0.2 Objetivo e Metodologia

Indo desde tempos primitivos até à contemporaneidade, esta dissertação pretende descodificar de que forma o espaço paroquial mamedense se foi formando e transformando, estabelecendo uma relação de proximidade com os acontecimentos político socioculturais que marcaram o panorama português.

Partindo de uma visão do Hoje, procurou-se fazer um (re)conhecimento pelo território entre o mar e a terra, percebendo as suas características morfológicas, os cursos de água, as vias de comunicação e os edifícios de apoio à vida da população local. Este primeiro momento pretende mostrar ao leitor a cidade de São Mamede de Infesta tal como a vemos hoje, como se se tratasse de um primeiro olhar sobre uma cidade desconhecida, em que procuramos absorver o máximo de informação possível sobre determinado lugar.

Uma vez feita o estudo e análise do Hoje, num segundo momento procura-se perceber como este território era em tempos primitivos, quais as características que levaram ao assentamento do Homem neste lugar, tendo em conta diversos factores, desde a morfologia aos cursos de água presentes neste território. Seguidamente, a investigação incidirá na reconstituição da atual cidade de São Mamede de Infesta, desde os tempos primitivos de ocupação do território até à atualidade. Ao longo desta análise os acontecimentos político socioculturais vão dando notícia não só do que está a acontecer a nível nacional, como também da forma como esses acontecimentos estão a influenciar e a transformar este lugar.

Após termos visto a cidade de São Mamede de Infesta no Hoje e no Passado, a nossa investigação passará por apresentar uma proposta de intervenção que engloba toda a cidade, criando uma interação entre o que existe com e em conformidade com as necessidades atuais do lugar. Assim, e tendo em conta os núcleos abordados no primeiro momento da nossa investigação, proporemos a criação de novos espaços e estruturas que procuram: estabelecer ligação ao que já existe no território mamedense, sendo através de ampliação e recuperação de espaços verdes; ressignificar algumas estruturas para um novo uso colectivo da população local; meios de ligação que permitem ligar esta estrutura urbana a cidades vizinhas. Com isto procuramos estabelecer a analogia entre os laços de solidariedade do espaço paroquial de antigamente com a necessidade e importância de lugares e estruturas de comunidade no espaço urbano contemporâneo.

Por via desta proposta de intervenção, procurar-se-á explorar as possibilidades de recuperação de um território cheio de carácter e história, comprometido pelo abandono e pela ação do passar do tempo.

*

Assim o método para o desenvolvimento da presente dissertação passa, primeiramente, por uma recolha, análise e investigação atenta dos dados existentes e recolhidos sobre o espaço paroquial de São Mamede de Infesta, a fim de entender de que forma foi construído o espaço urbano de hoje.

Para iniciar este processo foi necessário a leitura de documentos escritos e desenhados presentes nos arquivos tanto da Câmara Municipal do Porto como de Matosinhos, na Casa do Infante e no Arquivo da Diocese do Porto, na Junta de Freguesia de São Mamede de Infesta, na Biblioteca Municipal de Matosinhos, e na paróquia da respectiva freguesia, assim como de uma leitura intensiva de referências bibliográficas que incidem sobre os temas abordados neste estudo e que, por isso, possibilitam a sua melhor compreensão.

As visões dos autores que são invocadas ao longo do trabalho funcionam como motes, em que há autores que nos informam do ponto de vista histórico-monográfico, mostrando a evolução dos acontecimentos nesta cidade e as suas relações com uma envolvente imediata, como por exemplo Agostinho Boavida e António Durval; outros autores de domínio da arquitectura paisagística e da geografia, como por exemplo Edite Velhas; e um outro autor, Pedro Bragança, que incentivou e despontou a busca de informação complementar e indispensável para o entendimento dos diversos temas abordados durante a presente dissertação, levando mesmo à leitura de outros autores, como por exemplo José Mattoso.

O reconhecimento do lugar é indispensável para analisar de que forma evoluiu o espaço urbano de São Mamede de Infesta, tendo como foco a evolução do espaço paroquial. Para uma análise mais atenta, propõe-se um contacto mais próximo com determinados elementos presentes ao longo da estrutura urbana do lugar em estudo, questionando de que forma e quando surgiram, o porquê de estarem implantadas naquele local, para que se possa então produzir um discurso rigoroso, tendo como base diferentes tipos de registos, tanto fotográficos como depoimentos recolhidos. Assim, organizamos o nosso reconhecimento do lugar a partir de cinco núcleos que são fundamentais para a construção da história da evolução do espaço paroquial, sendo estes núcleos marcados pela presença de elementos construídos religiosos, ressalvando que muitos destes lugares nasceram da evolução dos caminhos de ligação entre os diversos lugares constituintes do espaço paroquial.

É por isso fundamental nesta investigação o cruzamento da história, da arquitectura e do território, pois o desenho da estrutura urbana contemporânea deste espaço paroquial só poderá ser compreendido a partir da evolução do lugar, quando lido no seu contexto e interpretado atendendo às várias circunstâncias que o moldaram, e deram origem, levando a uma leitura atenta do passado, pois só assim será possível compreender o presente.

Posteriormente, é realizado um processo de análise e síntese, tanto de material gráfico como textual, para o qual é feito um conjunto de desenhos processuais, de forma a ajudar a compreender toda a informação recolhida e a comprovar factos retirados das informações obtidas.

Assim sendo, é necessário perceber o processo evolutivo deste lugar, ao longo da sua história, quais as modificações que sofreu e de que forma as manifestações religiosas se foram implantando nos diferentes lugares deste território, a fim de entender as alterações que estas diferentes implantações provocaram neste lugar.

0.3 Estrutura

A presente investigação divide-se em três partes:

- ***RECOGNIÇÃO*** - *O Lugar visto sob o olhar de Hoje*;
- ***RETROSPEÇÃO*** - *Território (trans)formado ao longo do Tempo*;
- ***REINTERPRETAÇÃO*** - *Ideia da Singularidade como estratégia urbana*

Na primeira parte, *RECOGNIÇÃO - O Lugar visto sob o olhar de Hoje*, a investigação dedica-se a todas as dinâmicas presentes na cidade de São Mamede de Infesta, constituída por momentos de visualização aérea, de paisagem, e por elaboração de cartas planimétricas elaboradas com recurso ao PDM actual da cidade de Matosinhos e a bibliografia correspondente ao tema. A forma de chegar a São Mamede de Infesta, através das suas principais estradas, distritais e municipais, foi o princípio base para a criação deste primeiro momento de reflexão. Partindo dos pontos de entrada/saída na cidade, procuramos fazer uma contextualização deste lugar tendo em conta o território português, mais especificamente, o concelho de Matosinhos.

De forma a darmos a conhecer esta cidade ao leitor, a análise incidiu no reconhecimento da estrutura urbana nos seus mais diversos campos, desde a estrutura viária, programática e do sistema. Tendo em conta este reconhecimento, foram escolhidos cinco núcleos que têm em comum a presença de elementos construídos religiosos e que funcionaram e ainda funcionam como uma espécie de pólos impulsionadores e fomentadores de crescimento da estrutura urbana mamedense. Para cada um deles foi realizado uma análise e recolha de material iconográfico, de forma a evidenciar as características que singularizam cada um deles, recorrendo a fotografias in loco, criando uma espécie de visita guiada a cada um dos núcleos.

De modo a concluir este primeiro momento do estudo, propõe-se a observação de uma carta planimétrica que identifica as várias áreas verdes que pontuam o território mamedense, desde campos agrícolas, que nos remetem para a prática da agricultura de tempos passados, até a parques urbanos de caráter lúdico e de lazer. Com base no reconhecimento do lugar, propõe-se assim uma primeira visão do objeto através da observação e análise do território, introduzindo os aspectos e características reais de uma cidade em constante desenvolvimento. Assim estabelece-se uma base de conhecimento do contexto onde se insere São Mamede de Infesta, assim como as suas condicionantes topográficas e arquitectónicas.

Na segunda parte, *RETROSPEÇÃO - Território (trans)formado ao longo do Tempo*, a construção de uma cronologia foi essencial para construção de uma narrativa que contasse a história de evolução e transformação do território em estudo. Foca-se em perceber este lugar desde tempos antigos, percebendo as características que levaram ao assentamento do Homem primitivo neste lugar, entre elas a morfologia do terreno, os cursos de água e o sistema agrário que marca e é parte integrante deste território.

Desde o século X a.C. procura-se vestígios do passado longínquo que nos ajudem a construir uma narrativa cronológica, levando ao entendimento da mutação do lugar em estudo em termos de enquadramentos geográfico e administrativos.

Tendo por base a bibliografia analisada, neste capítulo foi possível a execução de cartografias que nos permitiu construir a evolução da cidade de São Mamede de Infesta até aos dias de hoje, tendo em consideração o conhecimento de alguns lugares/topónimos constituintes deste vasto território. Ao longo desta narrativa, a análise passará, também, por entender como acontecimentos externos ao território em estudo influenciaram e modificaram a sua estrutura urbana, principalmente a partir do século XIX, com o surgimento da industrialização e aumento da população local. Temas como a educação, a habitação e as ligações entre e na cidade vão ser fulcrais para entender o surgimento de novas estruturas e edifícios que marcam e pontuam esta cidade.

Por fim, na terceira parte, *REINTERPRETAÇÃO - Ideia da Singularidade como estratégia urbana*, iremos elaborar uma proposta de intervenção, que visa o projeto urbano como um processo cognitivo que contribui para as formas de olhar e pensar o território, contribuindo para isso as pequenas singularidades de cada uma delas para um todo maior e comum. Partindo, assim, dos núcleos analisados na primeira parte do trabalho, focarmos-emos em perceber a expetativa de transformação futura de cada um deles, desde a reativação da actividade agrícola, criação de novos espaços verdes e adaptação de edifícios em estado de abandono ao servir da população local. Assim procura-se que este capítulo seja uma espécie de janela para uma visão futura desta cidade, mas nunca esquecendo as memórias do que um dia foi este território entre o mar e a terra.

*

O desenho, através da produção de cartografias, plantas, cortes e esquemas, tornou-se o principal instrumento de trabalho, sempre acompanhado, apoiado e suportado por referências cartográficas iconográficas e bibliográficas - (...) - consideradas pertinentes para o caso de estudo.

[4] DIAS, Ana Filipa Moreira, (2018), *Instrumento, processo, estratégia: Caldas do Moledo como laboratório metodológico da metamorfose do Lugar e do Tempo nas paisagens arquitectónicas do Douro*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, p. 13

01 RECOGNIÇÃO

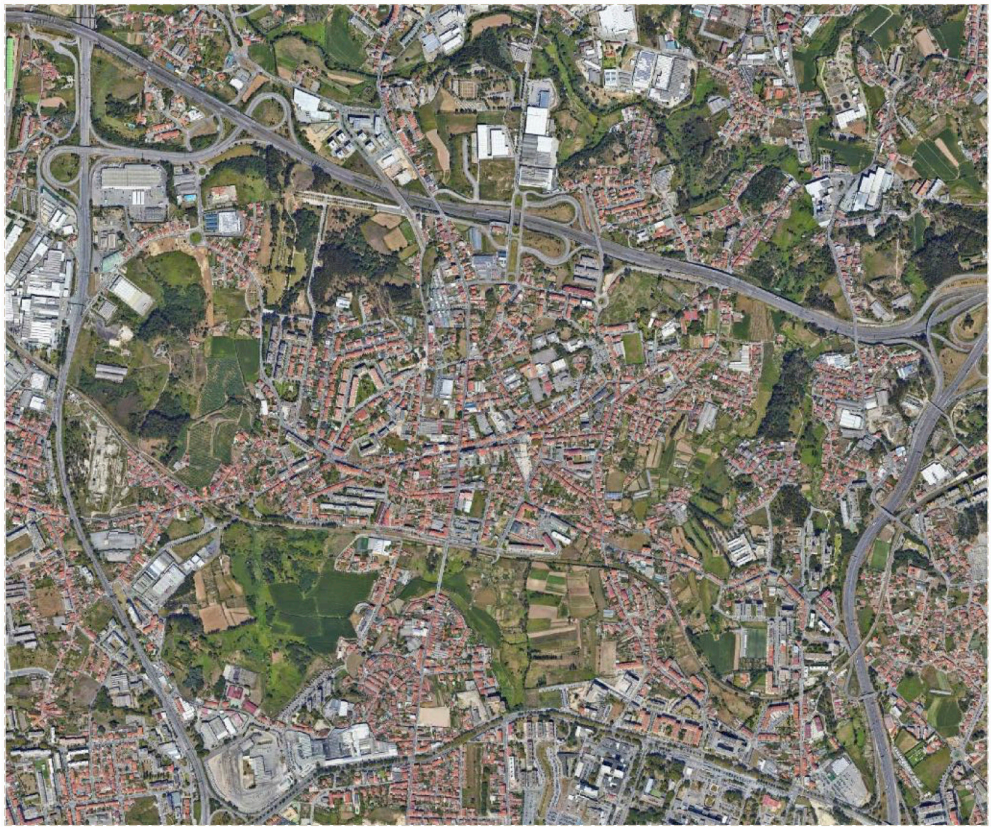
"Transgénica porque, em vez de corpo estável na sua existência e respectiva taxonomia científica, a paisagem é obra aberta onde se misturam materiais e processos elementares (genes DNA) que geram, organizam e codificam as estruturas e sistemas complexos de que fazem parte."[5]

Ao realizar um estudo sobre um determinado lugar é importante ter sempre no pensamento o vasto território onde este se insere. As características morfológicas do terreno, os cursos de água que são parte integrante e marcam os lugares, assim como os vestígios deixados pela ação do Homem, são algumas das questões que iremos abordar neste capítulo. Todas elas foram o ponto de partida para estudar este território, desde o tempo em que este não tinha sofrido qualquer tipo de mutação por parte dos habitantes que aqui se foram fixando, até ao território que podemos contemplar nos dias de hoje.

Nota Introdutória

Indo de encontro ao defendido por Álvaro Domingues, durante a presente dissertação iremos perceber e analisar a "obra aberta", reconhecendo os mais diversos materiais que a constituem, ressalvando os de caráter mais antigo.

[5] DOMINGUES, Álvaro, (2009), *A Rua da Estrada*, Porto: Dafne Editora, p. 207



▪ 1. Vista aérea do lugar de São Mamede de Infesta

▪2. Marcação em planta
do ponto de vista aéreo

▪3.Vista aérea a partir de Sul do lugar
de São Mamede de Infesta

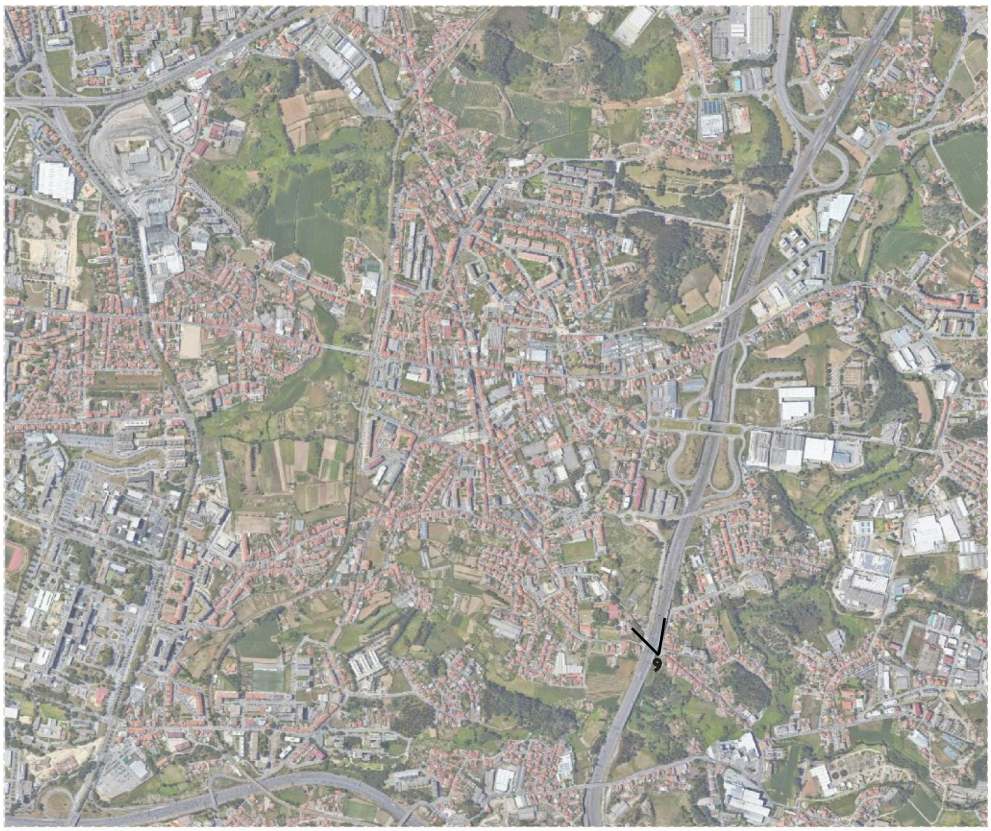
▪4. Marcação em planta
do ponto de vista aéreo

0 500m

▪5. Vista aérea a partir de Norte do
lugar de São Mamede de Infesta

▪6. Marcação em planta
do ponto de vista aéreo

▪7. Vista aérea a partir de Poente do
lugar de São Mamede de Infesta



8. Marcação em planta
do ponto de vista aéreo

9. Vista aérea a partir de Nascente
do lugar de São Mamede de Infesta

1.1 Contextualização

Enquadramento territorial e transversalidades locais-urbanas

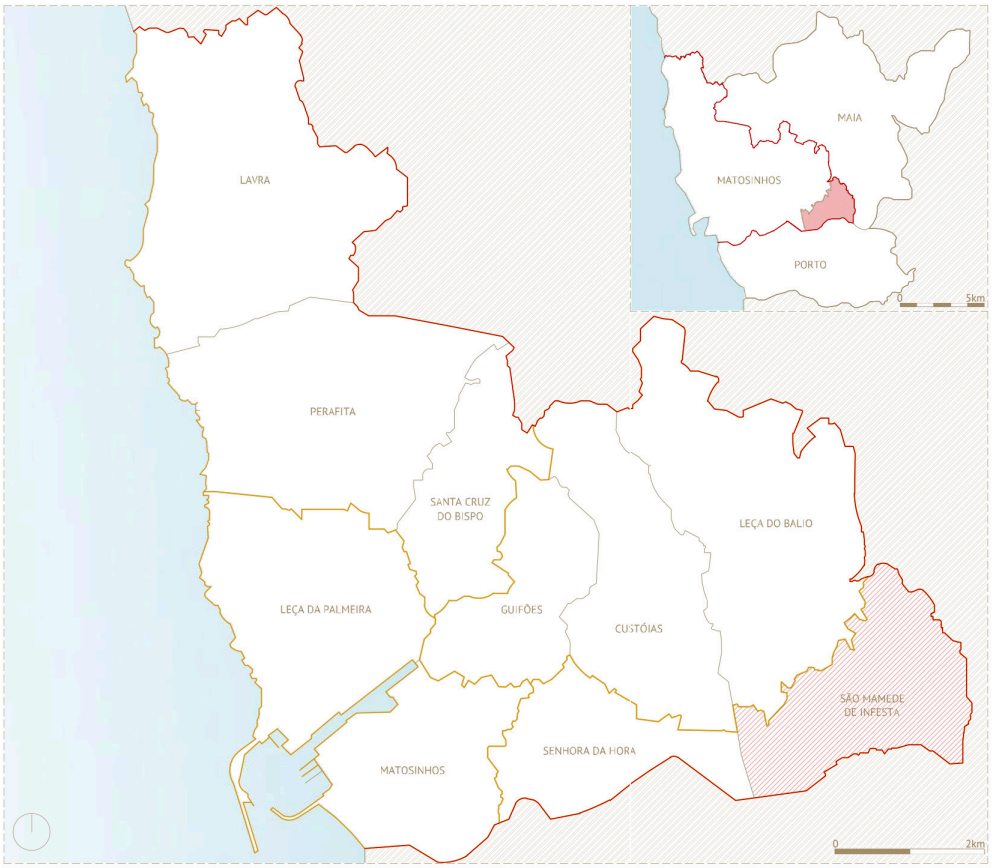
O lugar em estudo localiza-se na zona Norte de Portugal, mais precisamente no distrito do Porto. Um dos seus concelhos, o de Matosinhos[6], é considerado um dos mais desenvolvidos e dinamizados, face à forte relação que estabelece com o litoral português. Este concelho, correspondente ao antigo Julgado de Bouças, é constituído por dez freguesias, e passou no ano de 2013 por uma reorganização administrativa, levando à implementação de uniões de freguesias. Assim sendo as dez freguesias que constituíam este concelho passaram a organizaram-se segundo quatro uniões: Perafita, Lavra e Santa Cruz do Bispo; Custóias, Leça do Balio e Guifões; Matosinhos e Leça da Palmeira; e por último, e o mais relevante para a presente dissertação, São Mamede de Infesta e Senhora da Hora.

Voltando o nosso olhar para a antiga freguesia em estudo, São Mamede de Infesta[7] é a que se localiza na zona nascente, fazendo fronteira a Norte e a Leste com o concelho da Maia ,a Oeste, com as freguesias de Leça do Balio e Senhora da Hora, e a Sul, com o concelho do Porto.

[6] *"Este concelho, integrado no distrito do Porto e na sub-região NUTS II do Grande Porto, possui uma área territorial de 62,3 km2 (6220 hectares), com uma altitude máxima de 132 metros." Revisão do PDM de Matosinhos, 2B - Avaliação Ambiental Estratégica | Relatório Ambiental . Versão Final*, Junho de 2019, p. 26

[7] Com o continuo crescimento populacional, de uma forma crescente e expansiva, a vila de São Mamede de Infesta viu no ano de 2001 a sua categoria alterada para cidade.

Mapa representativo de Portugal
(marcação do distrito do Porto)

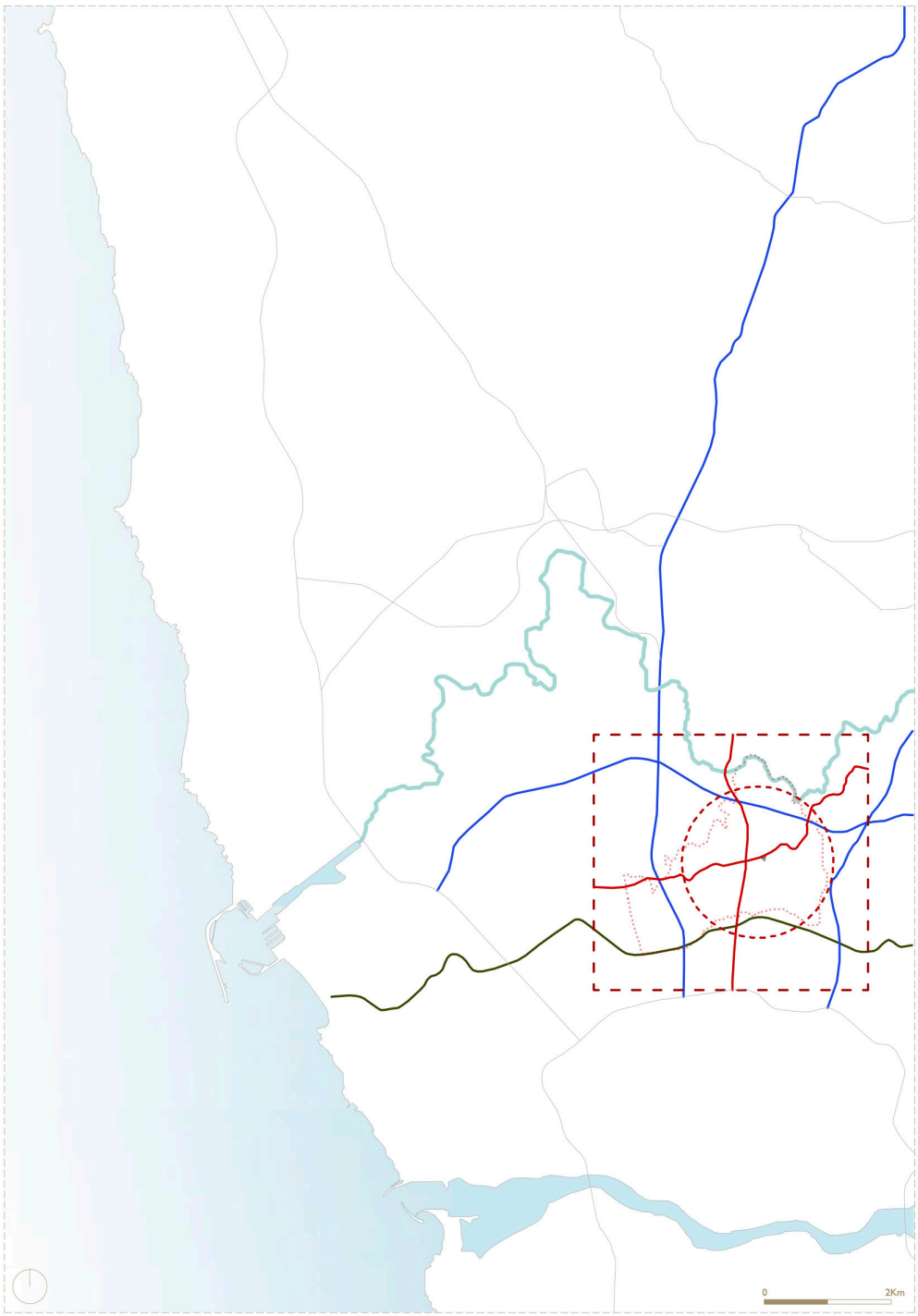


Mapa representativo do concelho de Matosinhos
(Freguesias pertencentes ao concelho de Matosinhos.
No canto superior direito, representação esquemática do lugar em estudo, tendo em conta os concelhos que o circuncreve)

Cartografia de base de acordo com montagem de imagens do *"Google Earth"*

União de Freguesias

Marcação da área em estudo



Reconhecimento da estrutura viária de São Mamede de Infesta
Ano 2013

Cartografia de base de acordo com desenho "*Estrutura viária de acesso ao Castelo da Maia 2018*", presente na dissertação de Hugo Veiga, p.69

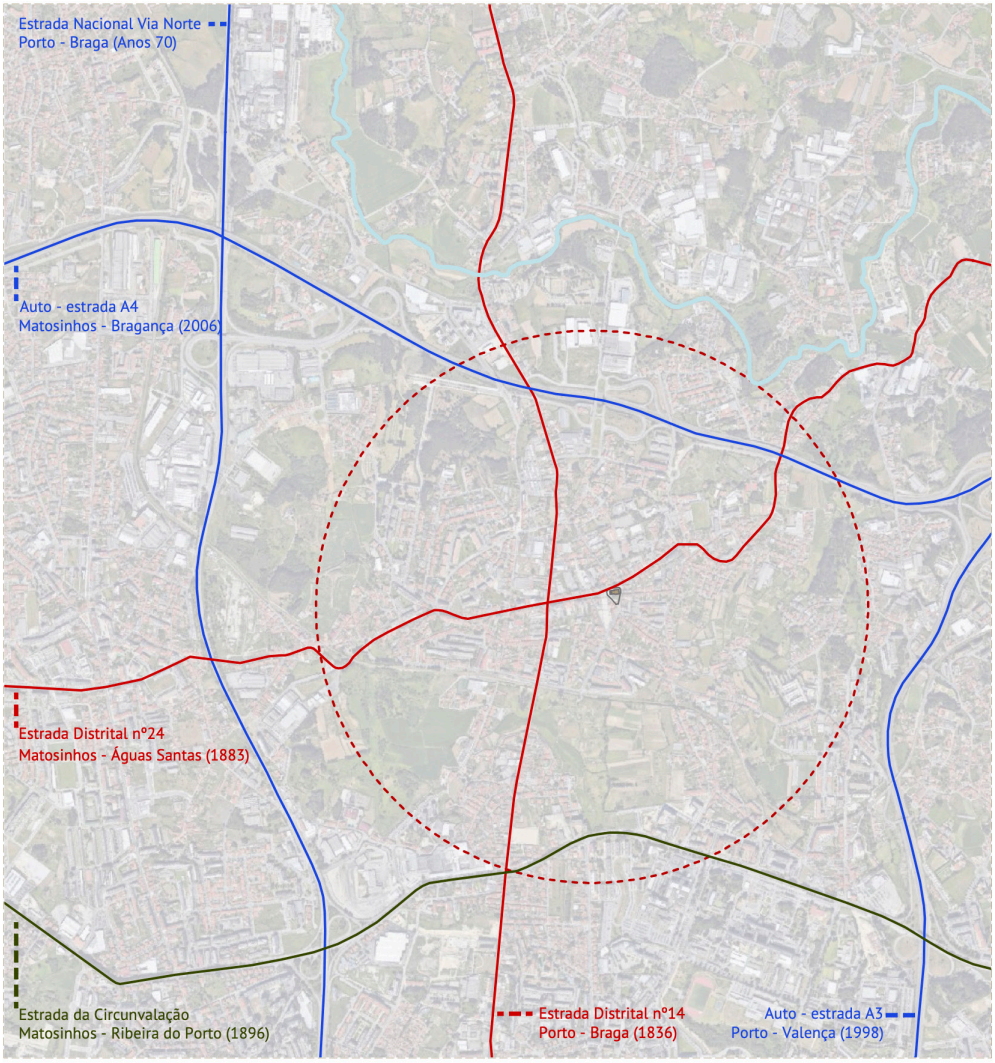
- Rio Leça
- Marcação das principais vias de acesso
- Delimitação da freguesia de São Mamede de Infesta
- Marcação da área em estudo
- Enquadramento da área em estudo

De forma a conhecer melhor este lugar de São Mamede de Infesta partimos na descoberta dos vários caminhos que nos permitem chegar a este lugar. Assim após uma leitura cartográfica constatamos que, esta cidade de São Mamede de Infesta é rodeada por vários eixos viários, que permitem a sua ligação com outros lugares, podendo caracterizar estas vias segundo três categorias:

- Vias de "mobilidade contemporânea";
- Vias de "mobilidade regional/local";
- Vias de "mobilidade antiga".

"A pressão urbanística, o abandono progressivo da actividade agrícola e a abertura das grandes vias de tráfego automóvel (via Norte e agora o IP4) são bons exemplos disso mesmo."[8]

[8] DURVAL, António, (2009), *À descoberta de S. Mamede de Infesta : passado, presente e futuro : uma abordagem monográfica / pesquisa e desenvolvimento.* Câmara Municipal de Matosinhos e Junta de Freguesia de S. Mamede de Infesta, S. Mamede de Infesta, p. 32

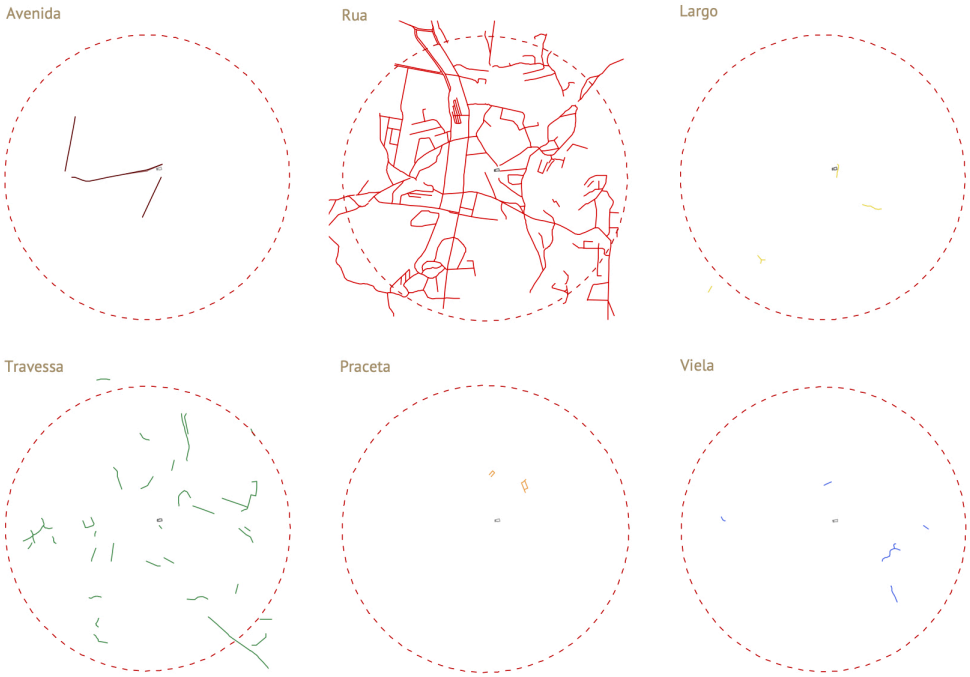


Reconhecimento da estrutura viária de São Mamede de Infesta
Ano 2013

Cartografia de base de acordo com *"Google Earth Pro"*

- Rio Leça
- Vias de "mobilidade contemporânea"
- Vias de "mobilidade regional/local"
- Vias de "mobilidade antiga"
- Marcação da área em estudo

0 500m



Reconhecimento da estrutura viária
de São Mamede de Infesta
- Vias Secundárias
Ano 2013

Cartografia de base de acordo com Cartografia de 2013
- Câmara Municipal de Matosinhos

- Rio Leça
- Avenida
- Rua
- Largo
- Travessa
- Praceta
- Viela
- Núcleo paroquial
- Marcação da área em estudo

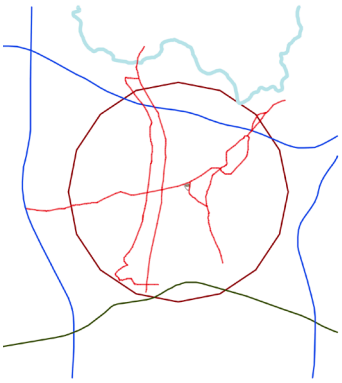
Escala 1:20000

Começando por abordar as duas vias de "mobilidade antiga", estas marcam o lugar em estudo desde tempos primitivos, possibilitando o contacto de S. Mamede de Infesta com terras vizinhas. A via Norte-Sul tem uma vocação inter-regional, atravessando localmente a cidade de São Mamede de Infesta, mas tendo uma amplitude de ligar a cidade do Porto a Braga. No caso da via Nascente-Poente, esta tem uma vocação mais local, ligando a cidade de Matosinhos a Águas Santas. Com a estruturação do séc. XIX, a primeira via adquire uma caraterização do foro distrital, enquanto a segunda, como teve sempre um caráter mais local, é estruturante do ponto de vista municipal.

Tal como podemos observar no "Reconhecimento da estrutura viária de São Mamede de Infesta - Ano 2013", estes dois eixos (Norte - Sul e Poente- Nascente), propiciaram o aparecimento de equipamentos de apoio à população local, assim como, e o mais relevante para a presente dissertação, de edifícios de carácter religioso, de aspecto antigo e imponente, que marcam a história, o crescimento e a transformação do lugar em estudo. Relativamente à via Norte-Sul, esta sempre teve uma vocação inter-regional, atravessando localmente a região de São Mamede de Infesta, mas tendo uma amplitude de ligar a cidade do Porto a Braga. Contrariamente a esta, a via Poente-Nascente sempre teve uma vocação mais local, que com a restruturação do séc. XIX adquiriram uma dependência do foro distrital[9] ou local/municipal, os quais denominamos de vias de "mobilidade antiga".

Para além destas, foram surgindo estradas com uma amplitude maior, que permitiam ligar distritos de uma forma mais eficaz, em que a relação distância/tempo era tida em conta, as quais denominamos de vias de "mobilidade regional/local" e "mobilidade contemporânea". Ao analisarmos a rede viária deste lugar percebemos que esta é delimitada por quatro eixos viários com grande relevância face à área Norte do Porto, nomeadamente: pela A4 (Norte); pelo limite do concelho e pela A3 (a Este); pela Estrada da Circunvalação - N12 (a Sul) e pela Via Norte - N14 (a Oeste), possibilitando o contacto desta pequena cidade com aglomerados populacionais de maiores dimensões, como é o caso da cidade do Porto e de Braga. Através desta análise podemos perceber que a questão da topografia funcionou como mote para a fundação da estrutura urbana desta cidade, na qual os eixos viários marcam este território segundo as direções Norte-Sul e Poente-Nascente.

É ainda importante ressalvar que esta estrutura urbana é marcada, desde o início do séc. XX pela presença de uma linha ferroviária pertencente à *linha de Cintura do Porto,* que pretendia ligar a rede geral de caminhos-de-ferro com o Porto de Leixões, cruzando a cidade em estudo, impulsionando o desenvolvimento do comércio e indústria no Norte do país.



Vias de "mobilidade contemporânea";

Vias de "mobilidade regional/local";

Vias de "mobilidade antiga".

Assim podemos constactar que a origem desta estrutura urbana partiu do cruzamento de duas vias importantes cujas apresentam direções Norte-Sul (Porto-Braga) e Poente-Nascente (Matosinhos-Águas Santas), assumindo um posicionamento central no lugar em estudo. Foi a partir deste cruzamento de vias que se lançou e se densificou esta estrutura urbana, através de eixos paralelos às vias primordiais, ou de eixos que bifurcam levando ao aparecimento de um sistema em tridente[10], o que levou a que a estrutura urbana de São Mamede de Infesta seja uma espécie de grelha deformada.

[9] No entanto, as vias romanas eram ao seu tempo os caminhos de ligação tanto, como por exemplo, entre distritos, como entre conventos.

[10] Esta constatação foi-nos perceptível quando observamos a cidade a partir de Oeste, tendo como ponto de referência a via de ligação vinda de Matosinhos em direção a Águas Santas.

1.2 O processo de (re)conhecimento

O caminhar, o observar e o permanecer

Após termos visto a cidade de São Mamede de Infesta tanto através de fotografias *in loco* e aéreas, como de cartografias e plantas de reconhecimento do lugar, nas suas jurisdições e organizações atuais e ainda, tendo em conta, um aspecto crucial e actual que são as vias de ligação, que desde tempos primitivos assumem um papel importantíssimo, sentimos a necessidade de olhar São Mamede de Infesta a partir do contacto com o lugar e, consequentemente, do seu registo fotográfico. Este olhar sob o lugar serviu para percebermos as características únicas e diferenciadas da estrutura urbana da cidade, de forma a entender a escala urbana dos diversos lugares que constituem este nosso caso de estudo.

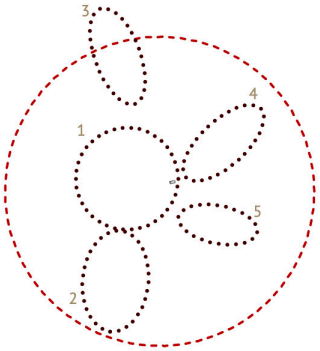
Assim, de forma a compreender este território, e para que numa fase posterior seja possível construir a sua história, tendo em conta todas as suas transformações ao longo do tempo, achamos pertinente fazer um reconhecimento do lugar através tanto de material fornecido pela Câmara Municipal de Matosinhos (PDM) como de várias visitas feitas ao lugar em estudo. Este exercício de reconhecimento foi desenvolvido por alguém que já conhece bem o lugar, procurando dar a ver o que é essencial a alguém que olha pela primeira vez São Mamede de Infesta.

E assim, abalamos em busca de um caminho, um lugar, um edifício; da surpresa, da novidade, da procura, do saber mais sobre esta cidade que nos era tão familiar, mas que numa fase embrionária não queríamos ser nós os autores da história, mas sim os ouvintes da história que esta cidade tinha para nos contar, desde a sua função até à estrutura urbana observada nos dias de hoje.

Partimos então na descoberta e no reconhecimento do lugar, observando a cidade, as suas ruas e habitantes, mas sempre através de um olhar transformador, feita de incentivos e estímulos, capaz de perceber que sob a camada do presente há muitos passados. Esta ideia de ver a cidade através do nosso olhar, o de um arquitecto, partiu da ideia transmitida no filme denominado "O pintor e a Cidade"(1956) de Manuel de Oliveira, o qual utiliza um pintor para descrever a cidade do Porto, mostrando o seu traçado, as suas características arquitetónicas e populares, assim como, os seus habitantes. Tal como Manuel de Oliveira seremos o pintor que tem a capacidade de ver, de ler a cidade, de interpretar o lugar em reflexão.

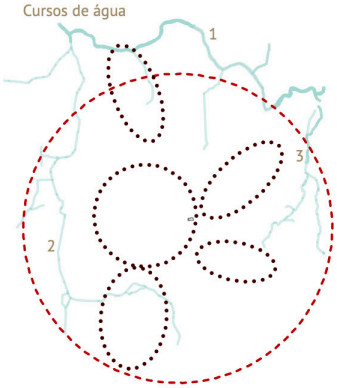
Querendo ver o presente através de um olhar atento e decifrador dos diversos tempos que construíram os lugares/espaços que vemos hoje, prestaremos especial atenção às antigas vias de ligação, enaltecendo as construções religiosas que participavam na antiga estruturação do espaço paroquial de São Mamede de Infesta e que ainda hoje marcam este lugar.

Núcleos



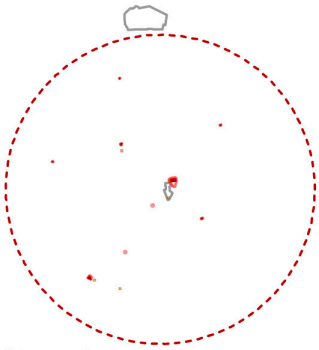
1 Núcleo Cruzamento(s) | Centralidade(s)
2 Núcleo Telheiro
3 Núcleo Estrada Velha
4 Núcleo Igreja Velha
5 Núcleo Moalde

Cursos de água

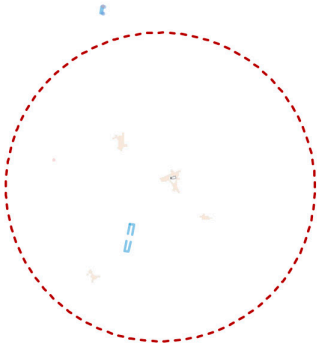


1 Rio Leça
2 Ribeira de Picoutos | Asprela
3 Ribeiro da Lavandeira

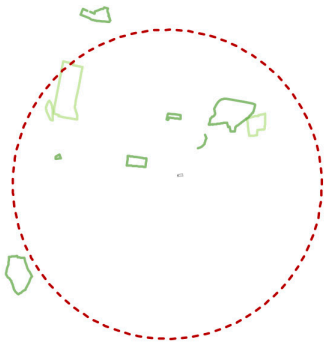
Elementos religiosos



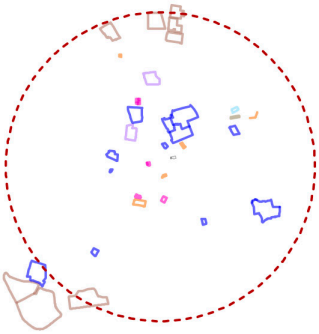
Estrutura urbana



Zonas Verdes (pública e privada)



Equipamentos de apoio à população

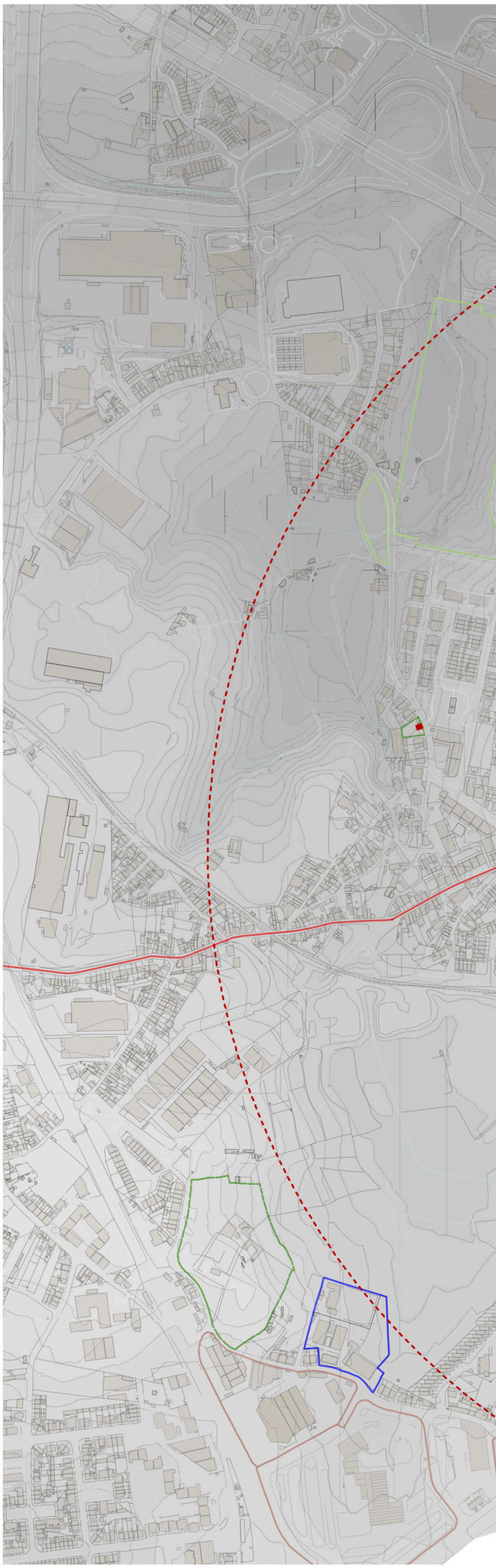


Análise programática de São Mamede de Infesta Ano 2013

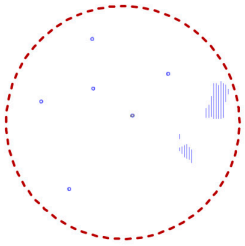
Cartografia de base de acordo com Cartografia de 2013 - Câmara Municipal de Matosinhos

- Igrejas | Capelas
- Largo
- Adro
- Cruzeiro
- Cemitério
- Alminha
- Marco
- Nicho
- Quinta
- Edifício de apoio à terceira idade
- Estabelecimento de ensino
- Indústria
- Estabelecimento comercial
- Edifícios culturais
- Edifícios utilitários
- Piscinas
- Parque público
- Ponte
- Ponte da Pedra
- Rio Leça
- Vias Estruturantes
- Núcleo paroquial
- Marcação da área em estudo

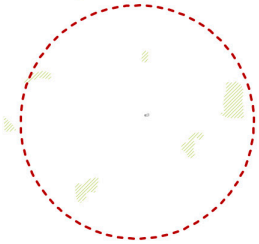
Escala 1:10000



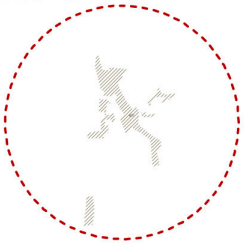
Área de Salvaguarda Arqueológica



Área Salvaguarda Patrim. Arquitetónico
Núcleos e Lugares



Área Salvaguarda Patrim. Arquitetónico
Malhas e Eixos Urbanos



Reconhecimento do sistema de São Mamede de Infesta Ano 2013

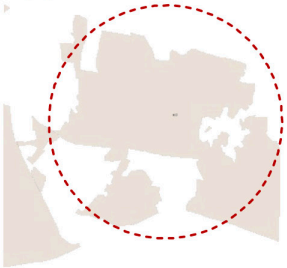
Cartografia de base de acordo com Cartografia de 2013
- Câmara Municipal de Matosinhos e
Plano Director Municipal (PDM) do concelho de Matosinhos

- Área de Salvaguarda Arqueológica
- Área Salvaguarda Patrim. Arquitetónico Núcleos e Lugares
- Área Salvaguarda Patrim. Arquitetónico Malhas e Eixos Urbanos
- Área Actividades Económicas
- Área Clas. e Qualificação Solo - Espaços Centrais
- Área Clas. e Qualificação Solo - Espaços Urbanos Baixa Densidade
- Imóveis Classificados ou em Vias de Classificação
- Imóveis Clas. /em Vias de Classificação - Zona Especial Protecção Provisória
- Imóveis Clas. /em Vias de Classificação - Area non Aedificandi
- Unidade Operativa de Planeamento e Gestão - Cidade Nascente
- Imóveis Interesse Municipal - Edifícios a preservar
- Imóveis Interesse Municipal - Monumento
- Imóveis Relevantes para a Cidade
- Rio Leça
- Vias estruturantes
- Núcleo paroquial
- Marcação da área em estudo

Escala 1:10000

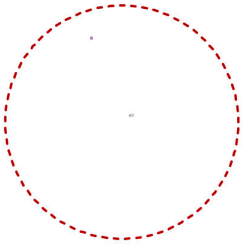
Área Actividades Económicas

Área Clas. e Qualificação Solo
- Espaços Centrais



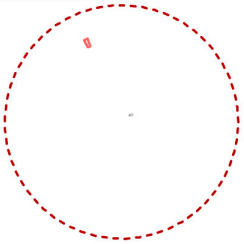
Área Clas. e Qualificação Solo
- Espaços Urbanos Baixa Densidade

Imóveis Classificados ou em Vias de Classificação

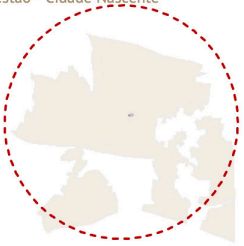


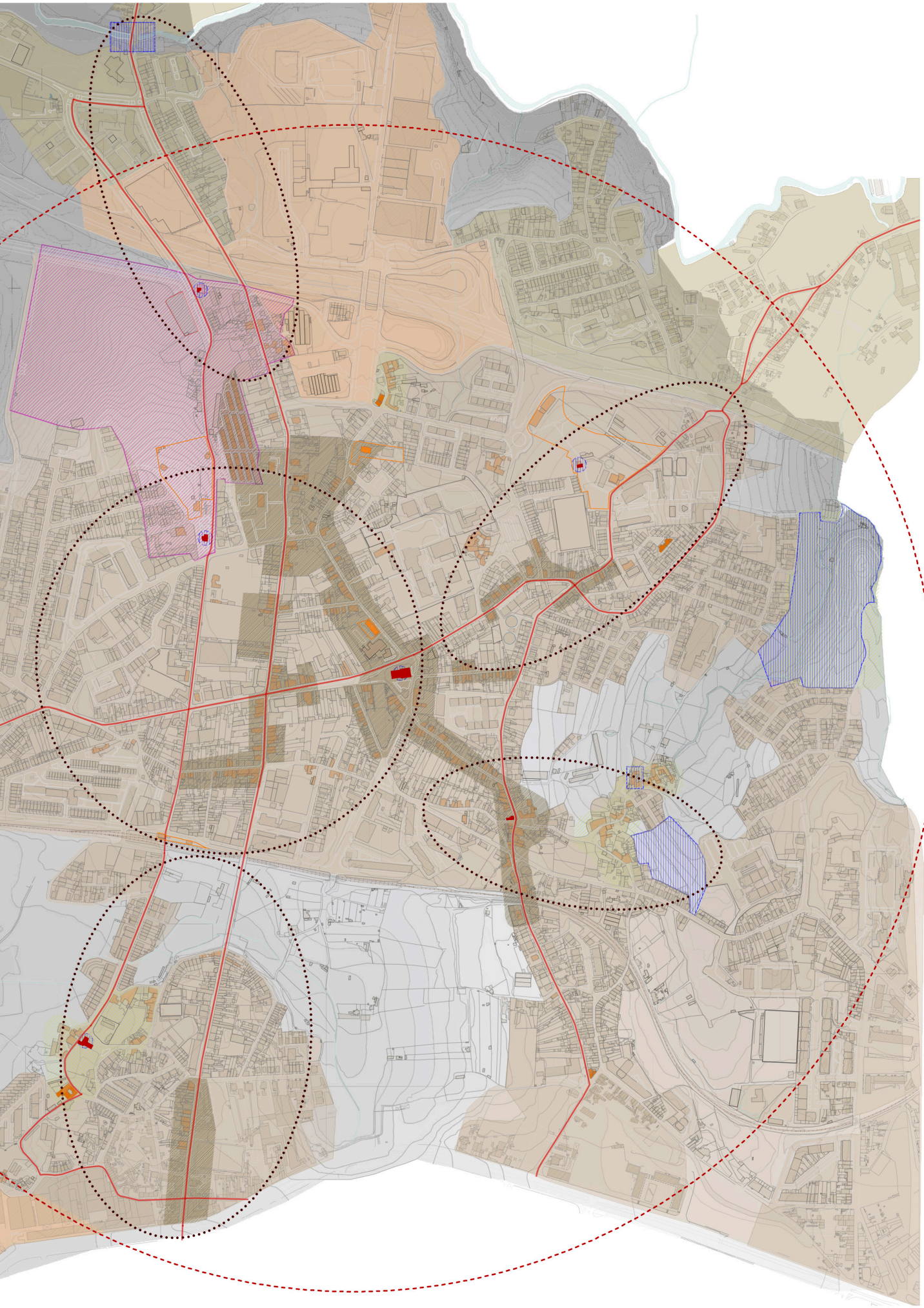
Imóveis Clas. /em Vias de Classificação
- Zona Especial Protecção Provisória

Imóveis Clas. /em Vias de Classificação
- Area non Aedificandi



Unidade Operativa de Planeamento e Gestão - Cidade Nascente





*

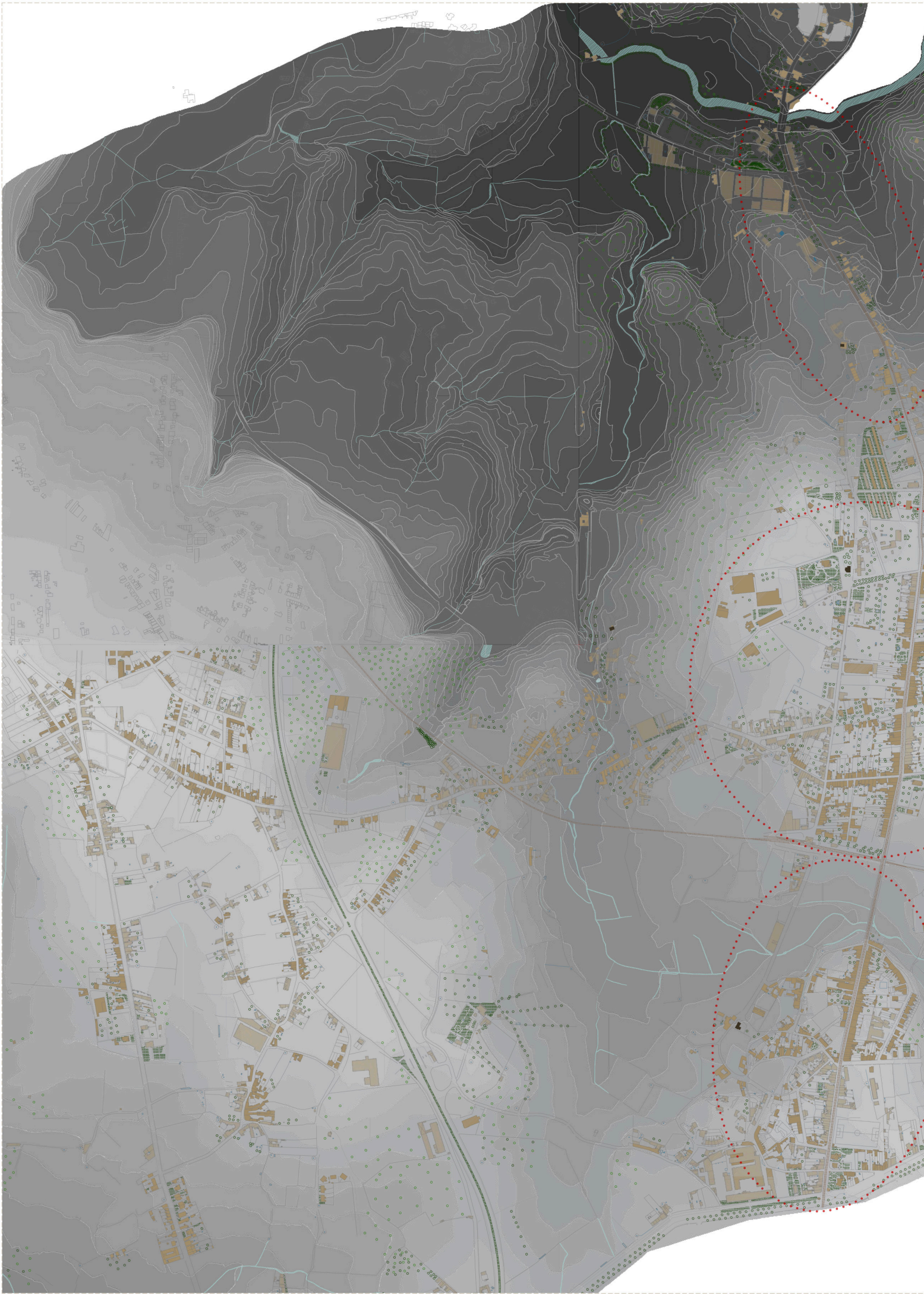
O reconhecimento do lugar em estudo assenta na questão dos lugares de ocupação e na importância dos topónimos, construindo uma relação entre eles a partir das vias de comunicação e da topografia/hidrografia, a fim de perceber a estrutura urbana de São Mamede de Infesta, no âmbito do tema da presente dissertação, isto é, perceber a evolução ao longo do tempo do espaço paroquial de São Mamede de Infesta. Deste modo, tivemos como princípio para o reconhecimento do lugar a escolha de cinco núcleos fundamentais para a construção da narrativa evolutiva do espaço paroquial, sendo marcados todos eles por edifícios de cariz religioso, denotando que muitos destes lugares surgiram da evolução dos eixos de ligação entre os diversos núcleos constituintes do espaço paroquial mamedense.

Esta organização do reconhecimento do lugar através de núcleos não partiu de uma ideia linear, foi sofrendo recuos e avanços, conforme achamos mais pertinente para o entendimento da cidade de São Mamede de Infesta na actualidade. Este nosso reconhecimento partiu do estudo da zona central de São Mamede de Infesta, expandindo-se, posteriormente, para os restantes lugares, de uma forma regressiva (do mais recente para o mais antigo), conforme o aparecimento do elemento construído religioso do espaço paroquial foi surgindo em cada um dos núcleos. Assim organizamos o nosso reconhecimento através dos seguintes núcleos:

- Cruzamento(s) | Centralidade(s);
- Telheiro;
- O atravessar do *Leça;*
- Igreja Velha;
- Moalde.

De forma a entendermos a dinâmica atual desta cidade, decidimos fazer uma análise da estrutura viária, dos equipamentos de apoio à população local e ainda do sistema e expetativa da transformação futura proposta pelo PDM de Matosinhos a ser realizada na cidade em estudo.

Assim em cada um dos núcleos iremos abordar cada umas destas questões, recorrendo ao uso da fotografia e do desenho planimétrico, como forma de olhar para esta cidade de um ponto de vista sistematizado, percebendo o contributo que cada um destes núcleos tem para a construção do todo contemporâneo de São Mamede de Infesta.



Marcação de elementos compositivos do espaço paroquial

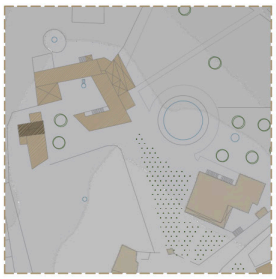
Cartografia de base de acordo com desenho da autora
"Carta planimétrica" e "Planta topográfica" correspondente ao ano de 1944

Igrejas

Capelas

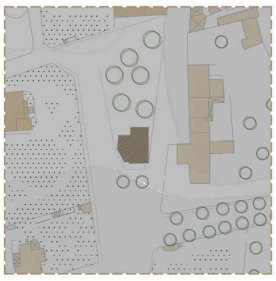
Núcleo paroquial

Escala 1:10000 | 1:3000

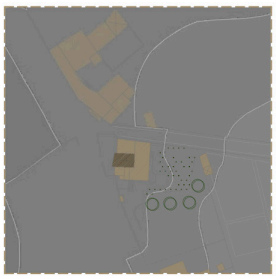


Núcleo Capela Quinta do Dourado

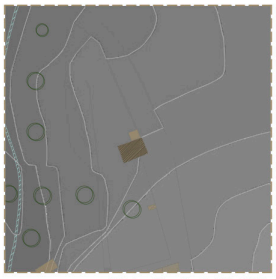
Núcleo Igreja Matriz S. Mamede de Infesta



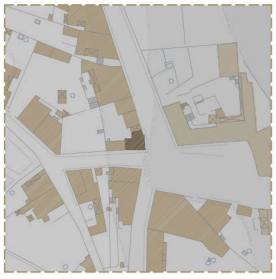
Núcleo Capela da Ermida



Núcleo Capela Abel Salazar

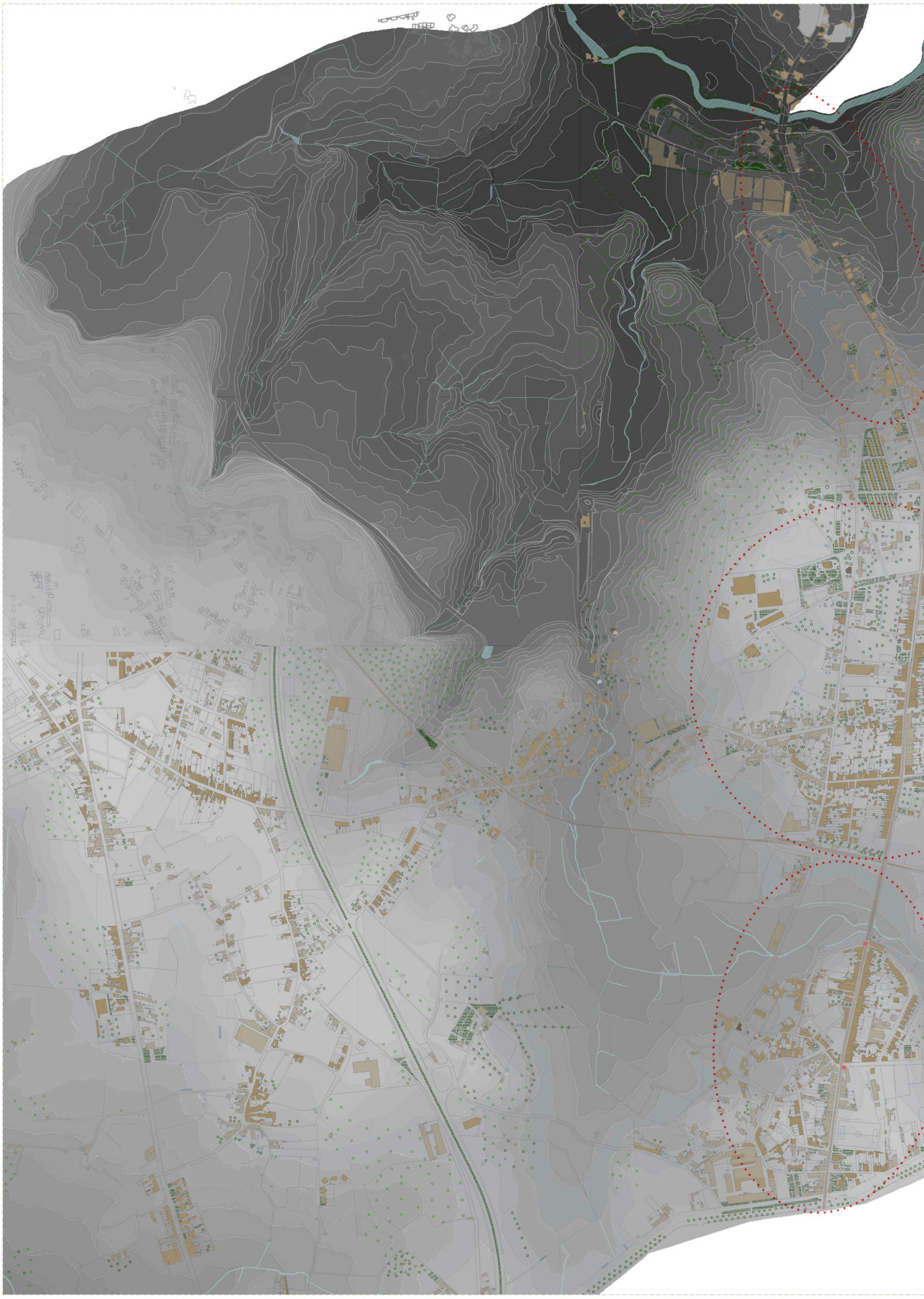


Núcleo Capela de São Félix



Núcleo Capela do Senhor da Boa Fortuna

Núcleo Capela de Santo António do Telheiro



Marcação de elementos compositivos do espaço paroquial

Cartografia de base de acordo com desenho da autora
"Carta planimétrica" e "Planta topográfica" correspondente ao ano de 1944

Alminhas

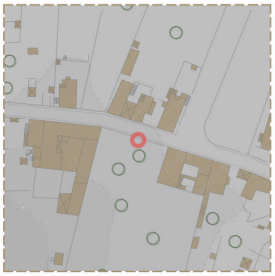
Cruzeiros

Marcos

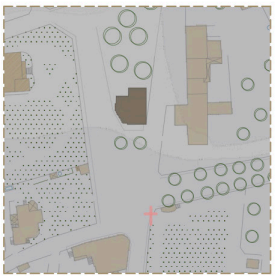
Núcleo paroquial

Escala 1:10000 | 1:3000

Núcleo Cruzeiro Igreja
Matriz S. Mamede de Infesta

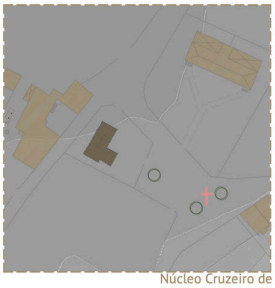


Núcleo Alminha José Coutinho

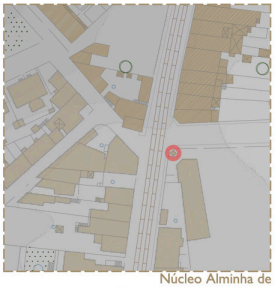


Núcleo Cruzeiro da Ermida

Núcleo Marco de São Félix



Núcleo Cruzeiro de
Santo António do Telheiro



Núcleo Alminha de
Santo António do Telheiro

Núcleo Alminha Silva Brinco

NOTA:
Os desenhos presentes nas páginas anteriores estabelecem ligação com os núcleos agora a ser tratados uma vez que estes foram escolhidos segundo a presença de alguns dos elementos religiosos assinalados nos mapas precedentes.

1.3 Núcleos

Os lugares constituintes da estrutura urbana atual

"Mas no que diz respeito apenas à arquitectura, a cidade não é só feita com edifícios de referência. Pelo contrário, são as construções anónimas e, na maior parte das vezes, algo repetitivas da mole urbana e a forma como cada uma delas se relaciona com a envolvente - o já referido tratamento do espaço público ou, em linguagem própria, o desenho urbano ou a ausência dele - que lhe conferem os principais traços do seu carácter plástico, espacial e pictórico."[11]

Estas passagens que se apresentam como mote, remetem para tempos antigos, pretendo-se criar um eco entre o que neste primeiro capítulo vai ser visto com muita objetividade face ao que é a realidade, antecipando a intenção que a dissertação tem: o Olhar retrospectivamente para a cidade de São Mamede de Infesta.

"A Rua
Muitos dos aglomerados urbanos portugueses tiveram a sua génese numa via, sendo ainda muitos deles pouco mais que urbes com umas dezenas de metros de largo e quilómetros de comprido, com poucos e mal definidos largos, devendo-se, em grande parte, a tudo isto o traçado tortuoso dessa rua."[12]

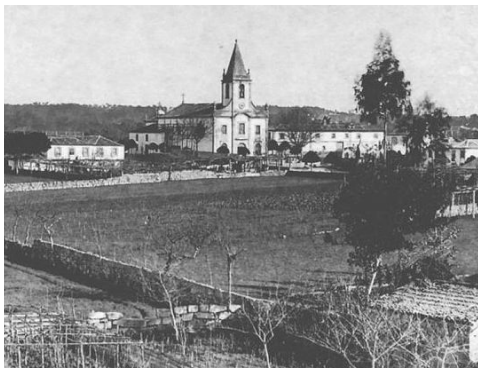
"O Largo
(…) Refiro-me àquele espaço onde conduziam as principais ruas da cidade, naturalmente provenientes dos seus principais acessos, e que de facto poderia ter no seu perímetro uma igreja importante, a casa do concelho, do senhor, do almoxarife ou do alcaide."[13]

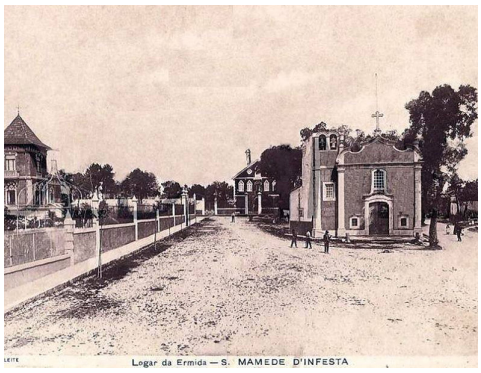
[11] ROSSA, Walter, (2002), *A URBE E O TRAÇO - Uma década de estudos sobre o urbanismo português*. Livraria Almedina, Coimbra, p. 27

[12] Ibidem, p. 222

[13] Ibidem, p. 226

•CRUZAMENTO(S) | CENTRALIDADE(S)





▪10. (à esq.)
Vista aérea do núcleo "Cruzamento(s) | Centralidade(s)" e a Igreja Matriz de S. Mamede de Infesta, em segundo plano, por volta do ano de 1900

▪11. (à dir.)
Vista do Largo e da Capela da Ermida, em segundo plano, no início do séc. XX

Planimetria de São Mamede de Infesta
Núcleo "Cruzamento(s)|Centralidade(s)"
Ano 2013

Cartografia de base de acordo com Cartografia de 2013
- Câmara Municipal de Matosinhos

Rio Leça

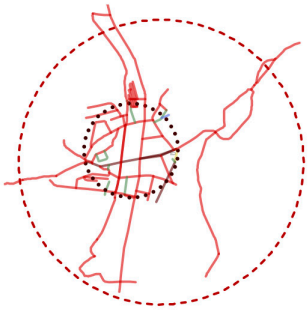
Núcleo em estudo

Núcleo paroquial

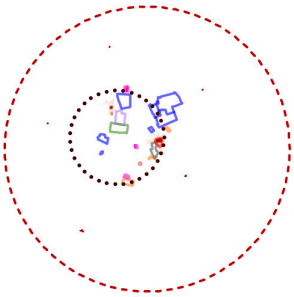
Marcação da área em estudo

Escala 1:20000

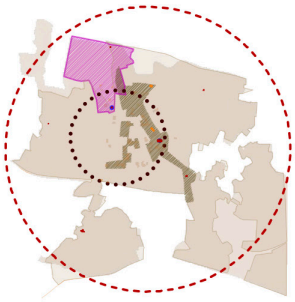
Estrutura viária

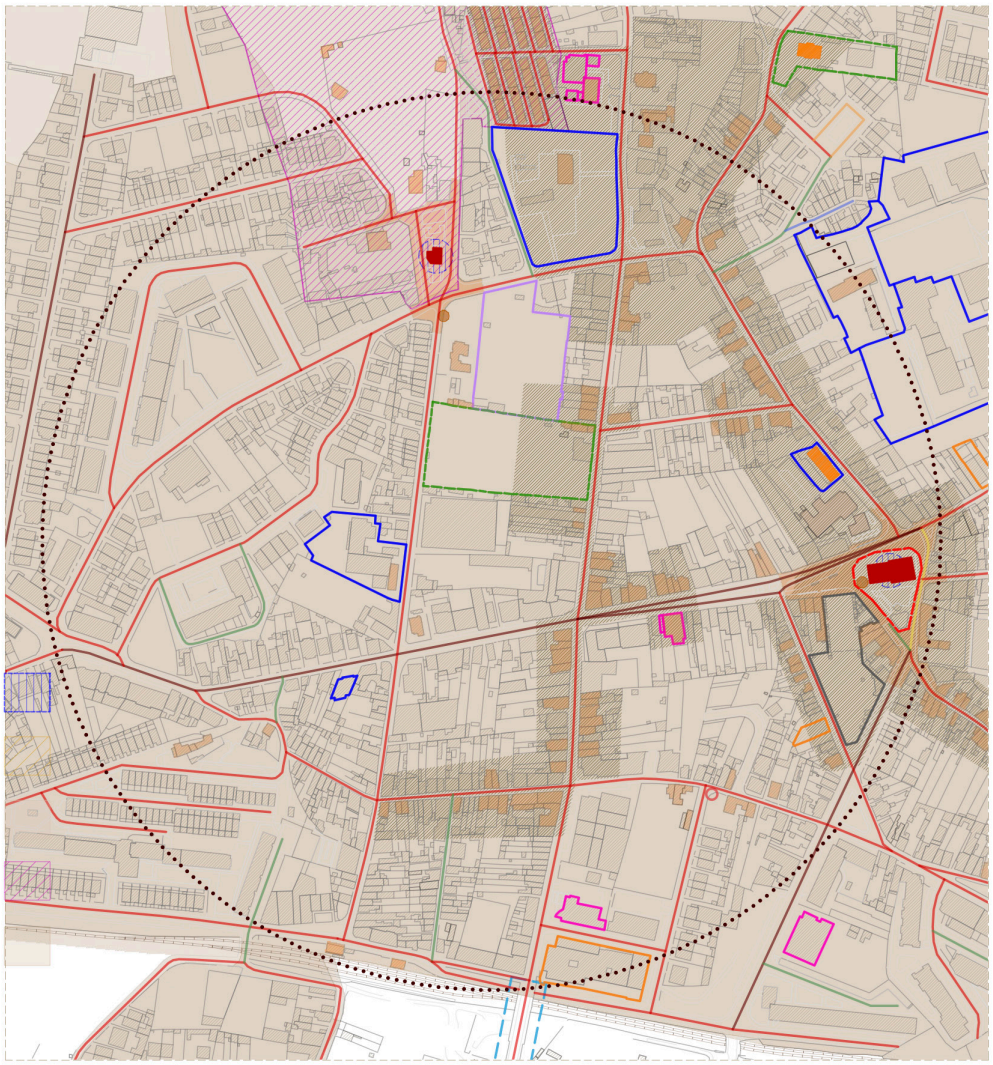


Análise programática



Sistema (PDM)





Reconhecimento da estrutura de São Mamede de Infesta
Núcleo "Cruzamento(s)|Centralidade(s)"
Ano 2013

Cartografia de base de acordo com Cartografia de 2013
- Câmara Municipal de Matosinhos e
Plano Director Municipal (PDM) do concelho de Matosinhos

- Avenida
- Ruas
- Largo
- Travessa
- Praceta
- Viela
- Núcleo paroquial
- Marcação da área em estudo

- Igrejas | Capelas
- Largo
- Adro
- Cruzeiro
- Cemitério
- Alminha
- Quinta
- Estabelecimento de ensino
- Indústria
- Estabelecimento comercial
- Edifícios culturais
- Edifícios utilitários

- Área de Salvaguarda Arqueológica
- Área Salvaguarda Patrim. Arquitetónico Malhas e Eixos Urbanos
- Área Clas. e Qualificação Solo - Espaços Centrais
- Imóveis Clas. /em Vias de Classificação - Zona Especial Protecção Provisória
- Unidade Operativa de Planeamento e Gestão - Cidade Nascente
- Imóveis Interesse Municipal - Edifícios a preservar
- Imóveis Interesse Municipal - Monumento
- Imóveis Relevantes para a Cidade

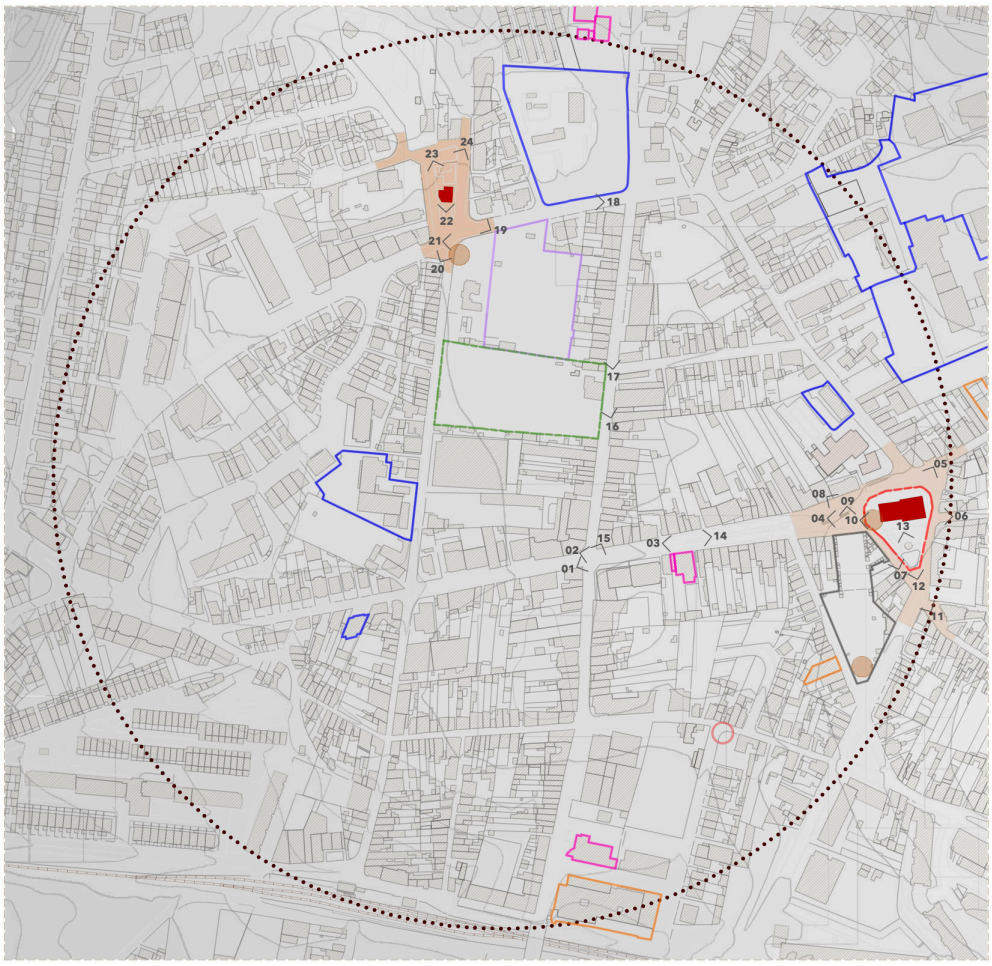
Escala 1:7500

Marcação em planta dos pontos de vista do registo fotográfico
Núcleo "Cruzamento(s)|Centralidade(s)"
Ano 2013

Cartografia de base de acordo com Cartografia de 2013
- Câmara Municipal de Matosinhos

- Igrejas | Capelas
- Largo
- Adro
- Cruzeiro
- Cemitério
- Alminha
- Quinta
- Estabelecimento de ensino
- Indústria
- Estabelecimento comercial
- Edifícios culturais
- Edifícios utilitários
- Núcleo paroquial

Escala 1:7500



1. (à esq.)
Cruzamento principal do lugar em estudo: Rua Godinho de Faria com a Avenida do Conde

2. (à dir.)
Cruzamento e a Avenida do Conde, vista de poente - nascente

▪0. Vista aérea do núcleo "Cruzamento(s) | Centralidade(s)"

▪3. (à esq.)
Avenida do Conde e a igreja Matriz de São Mamede de Infesta, em segundo plano

▪4. (à dir.)
Igreja Matriz de São Mamede de Infesta (vista poente)

▪5. (à esq.)
Igreja Matriz de São Mamede de Infesta (vista norte)

▪6. (à dir.)
Igreja Matriz de São Mamede de Infesta (vista nascente)

▪7. (à esq.)
Igreja Matriz de São Mamede de Infesta (vista sul)

▪8. (à dir.)
Igreja Matriz de São Mamede de Infesta e a entrada principal do cemitério, vista a partir da Avenida do Conde

▪9. (à esq.)
Entrada norte do cemitério, datada do ano de 1855

▪10. (à dir.)
Cruzeiro implantado na zona poente do adro, que circuncreve a igreja matriz de São Mamede de Infesta

▪11. (à esq.)
Largo da Cruz, o adro e a igreja matriz de São Mamede de Infesta em segundo plano

▪12. (à dir.)
Zona de lazer presente no adro da igreja matriz de São Mamede de Infesta

▪13. (à esq.)
Coreto presente no adro da igreja matriz de São Mamede de Infesta

▪14. (à dir.)
Avenida do Conde, vista de nascente - poente

▪15. (à esq.)
Cruzamento e a Rua de Godinho Faria

▪16. (à dir.)
Quinta de Marta de Ortigão

▪17. (à esq.)
Rua Godinho de Faria, vista de sul - norte

▪18. (à dir.)
Rua Dr. Sá e Melo, vista de nascente - poente

▪19. (à esq.)
Largo da Ermida e a Capela da Ermida, em segundo plano

▪20. (à dir.)
Largo da Ermida, a Capela da Ermida, e o Cruzeiro localizado na Rua da Conceição

▪21. (à esq.)
Cruzeiro localizado na Rua da Conceição

▪22. (à dir.)
Capela da Ermida (vista sul)

▪23. (à esq.)
Capela da Ermida (vista norte)

▪24. (à dir.)
Capela da Ermida (vista nascente)

1.3.1 Cruzamento(s) | Centralidade(s)

> *"Já no tempo da ocupação romana S. Mamede assumia papel de destaque como espaço privilegiado de implantação das infraestruturas de ligação entre o Porto, imediatamente a sul, com outras localidades mais importantes, situadas a Norte.*
> *Data desta época a escolha de S. Mamede de Infesta para a implantação do traçado da via romana que ligava Lisboa à cidade de Braga e respectivo prolongamento até à Serra do Gerês. (…)*
> *Foi esta crescente implantação e desenvolvimento de vias de comunicação que originou e condicionou, em certa medida, o próprio crescimento demográfico de S. Mamede de Infesta."*[14]

O reconhecimento pelo lugar que é hoje São Mamede de Infesta começa no ponto onde converge duas das principais vias estruturantes da cidade, considerado atualmente o seu centro urbano. Este núcleo tem uma morfologia urbana que se distribui entre uma ocupação mais antiga ao longo dos caminhos constituída por propriedades rurais e agrícolas[15], e num segundo momento, por uma apropriação ao longos das ruas de construções em lotes estreitos e compridos; e, ainda, por uma organização mais recente, através da introdução de habitação unifamilar em banda e de habitação plurifamiliar. Esta densidade urbana é iniciada, tal como o próprio PDM reconhece, através das duas vias estruturastes da cidade, onde a estrutura urbana é muito mais definida e consolidada, fazendo parte de uma Área de Salvaguarda Patrimonial.

Uma destas vias, após este cruzamento ganha uma amplitude espacial, originando o aparecimento do eixo principal desta cidade, uma avenida central, sobre a qual assentam os mais variados tipos de equipamentos de apoio à vida da população local. Conforme caminhamos pela avenida, percebemos que esta possuí uma atmosfera particular e única, em que a sua dimensão vai crescendo à medida que a percorremos, como se tivesse a preparar o visitante para o aparecimento de algum edifício marcante e significativo para a cidade. E é assim neste ambiente que nos surge um dos edifícios mais emblemáticos e que marca o espaço paroquial em estudo, a Igreja Matriz de São Mamede de Infesta. Esta igreja é um edifício que tem um espaço privado murado à sua volta, isto é, um adro que define o espaço antecessor do edifício religioso, e que tinha como papel fundamental servir de recepção aos fiéis e ajudar na definição da área de culto religioso. É importante salientar que neste espaço há ainda a presença de zonas de lazer e estar para a população, assim como, o de um cruzeiro, de aspecto imponente e vetusto que nos remonta ao passado longínquo daquele lugar.

Para além deste local ter bastante relevância do ponto de vista topográfico e ser o ponto mais alto do território mamedense, o Monte de Nossa Senhora da Conceição é também marcado pela presença de uma área urbana, o Largo da Cruz, que tem origem num cruzamento de ruas antigas e elementares que marcam este lugar desde tempos passsados.

[14] Disponível em https://www.uf-smish.pt/sao-mamede-de-infesta/, acedido pela última vez a 20.04.2021

[15] Nos dias de hoje ainda nos foi possível ressalvar a presença de duas propriedades rurais, a Quinta do Eirado e a de Marta de Ortigão, que atualmente perderam o uso que teriam em temos passados, funcionando, respectivamente como sede de uma empresa e uma unidade de cuidados continuados e paliativos pediátricos.

Tendo em vista esta área urbana, para além da presença da igreja matriz, foi o local escolhido para a fixação de espaços serventes à população, tais como: o cemitério municipal (séc. XIX); espaços de lazer; edifícios de utilidade pública, tais como, esquadra de polícia de segurança pública, quartel de bombeiros, junta de freguesia, biblioteca, mercado municipal, centro de saúde, estabelecimentos de ensino, e todos os equipamentos construídos em meados do séc. XX, que permitiram que a antiga freguesia de São Mamede de Infesta tenha sido elevada a cidade já no séc. XXI.

Ao longo da visita ao lugar percebemos que o edifício religioso se enquadra na estrututura urbana preparado por um espaço em forma de largo ou mesmo de adro, criando uma espécie de correspondência entre a importância do uso e da função dos edifícios religiosos, facto presente tanto no lugar da Cruz como da Ermida. À semelhança do que acontece no Largo da Cruz, também o Largo da Ermida surge a partir da interseção de vários eixos viários. Este largo pontuado pela presença de um cruzeiro antiquíssimo e de um elemento caracterizador e definidor do espaço paroquial, a Capela da Ermida, caracterizada por um adro em seu redor, o qual em tempos passados serviu para estadia dos paroquianos que aqui praticavam o seu culto religioso. Estes dois elementos definidores do espaço paroquial, o cruzeiro e a capela, implantados num caminho medieval, remonta, aproximadamente, ao traçado de uma antiga via romana, que estabelecia a ligação entre a cidade do Porto e de Braga, cruzando a cidade de São Mamede de Infesta no seu centro urbano e passando por grande parte dos núcleos em estudo. Contrapondo com o que observamos no Largo da Cruz, no Largo da Ermida, apesar de ter uma estrutura urbana bastante edificada e consolidada, existem ainda algumas áreas expectantes, algumas delas provenientes de antigas quintas que foram abandonadas e descaracterizadas, em que parte da propriedade foi usada em prol da construção de edifícios de apoio ao quotidiano da população local.

Assim podemos constatar que os edifícios religiosos, a Igreja Matriz de São Mamede de Infesta e a Capela da Ermida ainda se destacam na realidade contemporânea, tendo sido a centralidade deste lugar de São Mamede de Infesta disputada entre estes dois lugares, e em torno das quais se começaram a concentrar as edificações que formam actualmente a estrutura urbana da cidade.

• TELHEIRO

Planimetria de São Mamede de Infesta
Núcleo "Telheiro"
Ano 2013

Cartografia de base de acordo com Cartografia de 2013
- Câmara Municipal de Matosinhos

Rio Leça

Núcleo em estudo

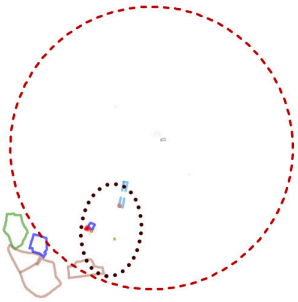
Núcleo paroquial

Marcação da área em estudo

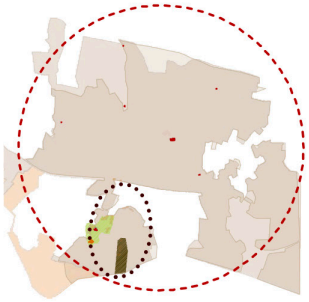
Escala 1:20000

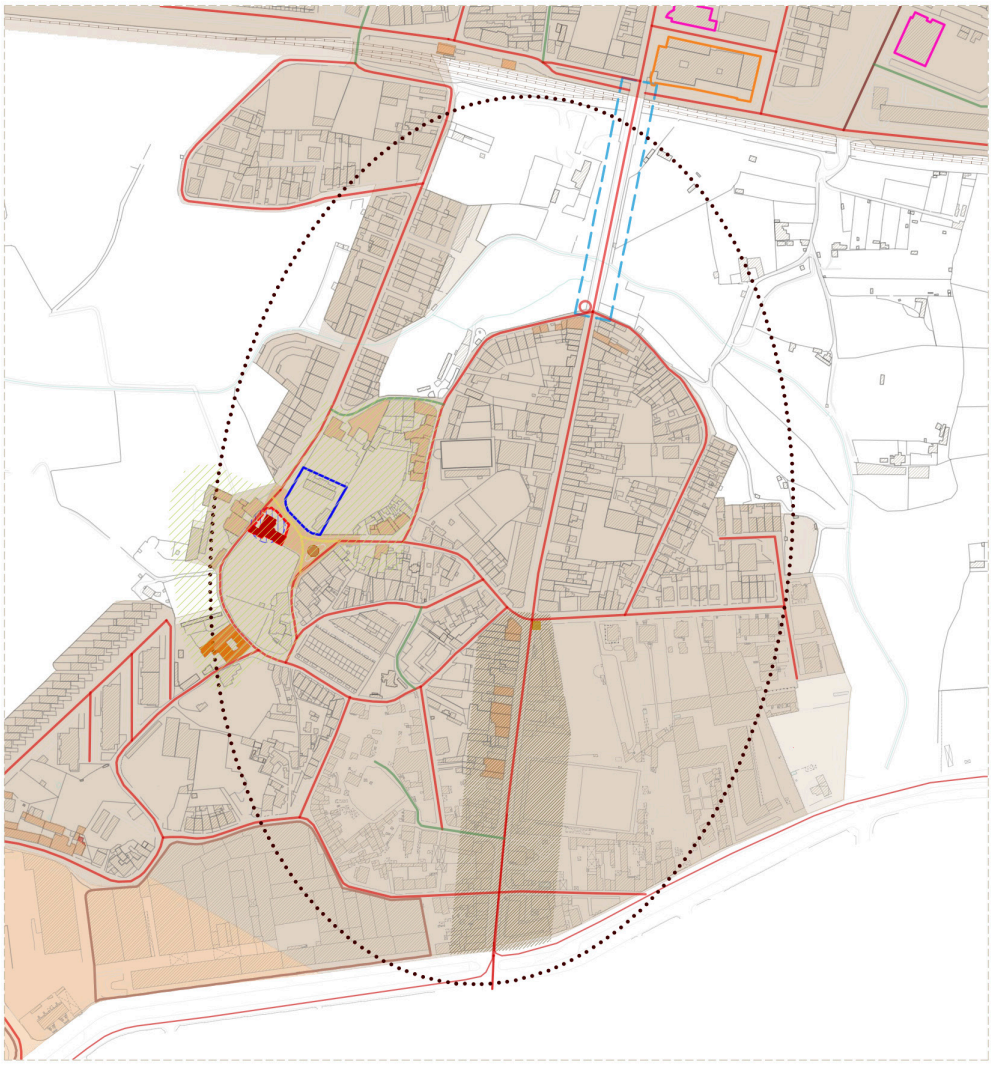
Estrutura viária

Análise programática



Sistema (PDM)





Reconhecimento da estrutura de São Mamede de Infesta Núcleo "Telheiro" Ano 2013

Cartografia de base de acordo com Cartografia de 2013 - Câmara Municipal de Matosinhos e Plano Director Municipal (PDM) do concelho de Matosinhos

- Ruas
- Largo
- Travessa
- Núcleo paroquial
- Marcação da área em estudo
- Igrejas | Capelas
- Largo
- Adro
- Cruzeiro
- Alminha
- Nicho
- Estabelecimento de ensino
- Indústria
- Ponte
- Área de Salvaguarda Arqueológica
- Área Salvaguarda Patrim. Arquitetónico Núcleos e Lugares
- Área Salvaguarda Patrim. Arquitetónico Malhas e Eixos Urbanos
- Área Actividades Económicas
- Área Clas. e Qualificação Solo - Espaços Centrais
- Unidade Operativa de Planeamento e Gestão - Cidade Nascente
- Imóveis Interesse Municipal - Edifícios a preservar
- Imóveis Interesse Municipal - Monumento
- Imóveis Relevantes para a Cidade

Escala 1:7500

Marcação em planta dos pontos de vista do registo fotográfico
Núcleo "Telheiro"
Ano 2013

Cartografia de base de acordo com Cartografia de 2013 - Câmara Municipal de Matosinhos

- Igrejas | Capelas
- Largo
- Adro
- Cruzeiro
- Alminha
- Nicho
- Estabelecimento de ensino
- Ponte
- Núcleo paroquial

Escala 1:7500

1. (à esq.)
Cruzamento da Estrada da Circunvalação com a Rua do Amial

2. (à dir.)
Rua do Amial, vista de sul - norte

▪0. Vista aérea do núcleo "Telheiro"

▪3. (à esq.)
Cruzamento da Rua do Amial com a Rua Capela do Telheiro, e o nicho do Telheiro em segundo plano

▪4. (à dir.)
Rua Capela do Telheiro, vista sudeste - noroeste

▪5. (à esq.)
Rua Capela do Telheiro, em dirção ao Largo da Capela do Telheiro, vista sudeste - noroeste

▪6. (à dir.)
Largo Capela do Telheiro e a Capela de Santo António do Telheiro, em segundo plano

▪7. (à esq.)
Cruzeiro localizado no Largo Capela do Telheiro

▪8. (à dir.)
Capela de Santo António do Telheiro (vista norte)

▪9. (à esq.)
Nicho do Telheiro, localizado no cruzamento da Rua Capela do Telheiro com a Rua do Amial

▪10. (à dir.)
Rua Silva Brinco, vista sul-norte

▪11. (à esq.)
Rua Silva Brinco, vista norte-sul

▪12. (à dir.)
Alminha localizada cruzamento da Rua Silva Brinco com a Rua do Telheiro

▪13. (à esq.)
Cruzamento da Rua Silva Brinco com a Rua do Telheiro

▪14. (à dir.)
"Ponte Nova" que liga dois pólos dinamizadores da cidade de São Mamede de Infesta: a região a sul com a mais central.
Entre estes dois pólos existe a presença de um espaço de "respiro", uma das zonas verdes da cidade em estudo.

1.3.2 Telheiro

> *"O Ribeiro de Picoutos é a linha de água que, desde sempre, mais conviveu intimamente com esta povoação. (…)*
> *Há ainda, quem se recorde de ver peixes nas suas águas e das suas belas e floridas margens. Quem passava pela antiga estrada real que atravessava este ribeiro ficava deslumbrado com a sua bela paisagem."*[16]

Continuando o reconhecimento pelo lugar em estudo, tendo agora em observação o núcleo que se encontra mais a Sul na cidade de São Mamede de Infesta, este é marcado por uma ocupação antiga ao longo da via[17], tanto de edifícios habitacionais como de apoio à vida da população local e ainda por uma espécie de subestrutura em núcleos de menores dimensões, que se vão adaptando à topografia do território.

A nível hidrográfico, este núcleo é marcado pela presença de um dos cursos de água que percorre esta cidade, a Ribeira de Picoutos | Asprela, que teve e ainda tem importância para a produção agrícola ainda existente neste lugar. As áreas em torno desta ribeira são maioritariamente áreas verdes, compostas por campos agrícolas, de dimensão considerável, como por pequenas hortas de subsistência para a população que vive nesta área da cidade.

Uma outra característica deste lugar é a presença de um caminho-de-ferro, vindo de Leixões em direcção a Contumil, cujo aparecimento remonta ao período da industrialização do séc. XX, permitindo o contacto da antiga freguesia de São Mamede de Infesta com outras localidades vizinhas. Esta linha ferroviária faz uma espécie de "*by pass*" entre as mercadorias que chegam via marítima, colocando-as na rede ferroviária para distribuição por todo o país.

Ao fazermos o reconhecimento deste núcleo percebemos que este é marcado pela presença de vários elementos caracterizadores do espaço paroquial, desde alminhas; a um nicho presente na via estruturante Norte-Sul; e ainda uma capela de dimensões consideráveis, a Capela de Santo António do Telheiro, cujo surgimento remonta ao século XVIII.

[16] DURVAL, António, (2009), *À descoberta de S. Mamede de Infesta : passado, presente e futuro : uma abordagem monográfica / pesquisa e desenvolvimento*. Câmara Municipal de Matosinhos e Junta de Freguesia de S. Mamede de Infesta, S. Mamede de Infesta, p. 36 e 37

[17] Parte desta rua pertence à Área de Salvaguarda do Património Arquitectónico - Malhas e Eixos Urbanos, tal como é possível observar no Plano Director Municipal de Matosinhos (PDM) de Matosinhos, correspondente ao ano de 2019, assim como no desenho *"Reconhecimento da estrutura de São Mamede de Infesta - Núcleo Centralidade"* realizado pelo autor da presente dissertação

Tal como descrito no núcleo anterior, também a Capela de Santo António do Telheiro encontra-se num Largo, o do Telheiro, cuja origem deriva do cruzamento de caminhos antigos, sendo que um deles foi uma via romana que passava por este lugar em direção à cidade do Porto. Esta capela à semelhança ao observado no núcleo "Cruzamento(s) | Centralidade(s)", tem um espaço que circunscreve a parte da frente da capela, de dimensões não tão generosas como observamos na igreja matriz, em que o adro contorna todo o espaço envolvente do edifício. O adro é o espaço de receber, pertencente e propriedade privada da igreja mas que, apesar de poder ser fechado através de pequenos portões que compõem os muros que circunscrevem este espaço, é deixado para o usufruto colectivo da população local, tornando-se num espaço de encontro e de atividade religiosa.

A Capela de Santo António do Telheiro é um dos edifícios que mais contribuiu para a organização e assentamento nesta área da cidade, pois as manifestações físicas do espaço paroquial destinam-se a servir as pessoas que se juntam e habitam em torno deste espaço central religioso. Para além deste edifício singular presente no Largo do Telheiro, este é também marcado por um estabelecimento de ensino primário, cujo surgimento remonta ao século XX, apesar de hoje em dia já não se encontrar em funcionamento.

Assim podemos entender que este núcleo é importante para o reconhecimento do lugar de São Mamede de Infesta visto que é pontuado por ser um território que ainda nos dias de hoje nos remonta para o passado desta cidade, isto é: parecemos meros espectadores dos vestígios resistentes ao passar do tempo, em que a agricultura era a atividade económica principal e os edifícios religiosos os pontos fulcrais para a organização e assentamento da estrutura urbana, os quais nos ajudam nos dias de hoje a ler esta cidade construída por diferentes camadas temporais.

• O ATRAVESSAR DO *LEÇA*

Planimetria de São Mamede de Infesta
Núcleo "O atravessar do *Leça*"
Ano 2013

Cartografia de base de acordo com Cartografia de 2013
- Câmara Municipal de Matosinhos

Rio Leça

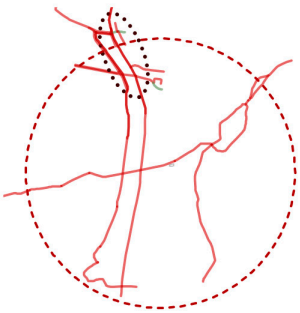
Núcleo em estudo

Núcleo paroquial

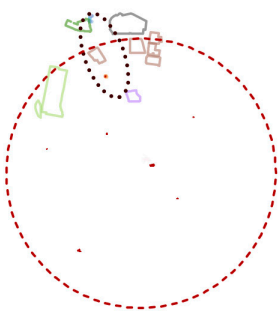
Marcação da área em estudo

Escala 1:20000

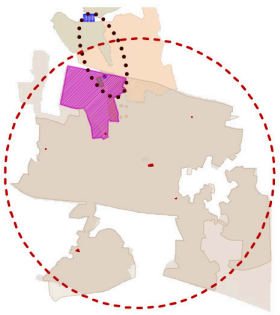
Estrutura viária

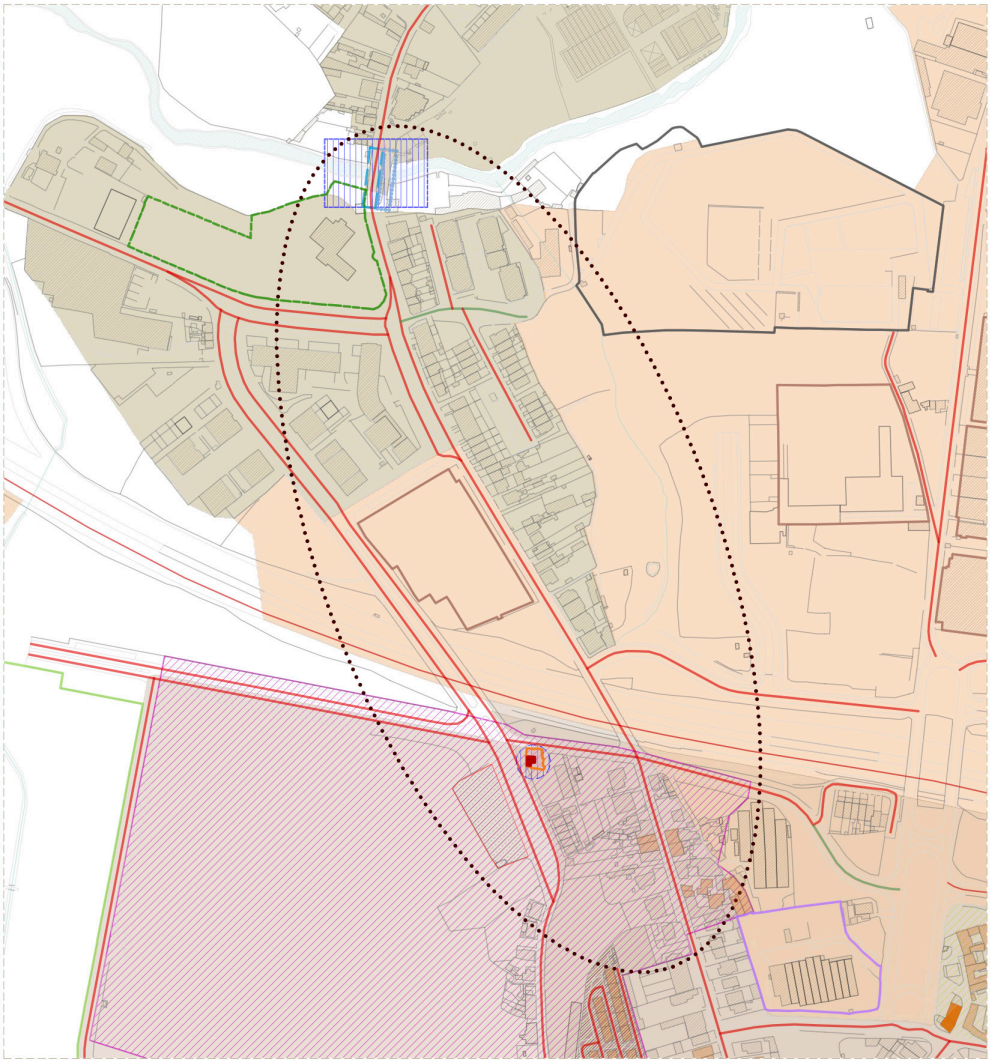


Análise programática



Sistema (PDM)





Reconhecimento da estrutura de São Mamede de Infesta Núcleo "O atravessar do *Leça*" Ano 2013

Cartografia de base de acordo com Cartografia de 2013
- Câmara Municipal de Matosinhos
e Plano Director Municipal (PDM) do concelho de Matosinhos

- Rio Leça
- Ruas
- Travessa
- Núcleo paroquial
- Marcação da área em estudo
- Igrejas | Capelas
- Cemitério
- Marco
- Quinta
- Indústria
- Estabelecimento comercial
- Edifícios culturais
- Parque público
- Ponte
- Ponte da Pedra
- Área de Salvaguarda Arqueológica
- Área Salvaguarda Patrim. Arquitetónico Malhas e Eixos Urbanos
- Área Actividades Económicas
- Área Clas. e Qualificação Solo - Espaços Centrais
- Área Clas. e Qualificação Solo - Espaços Urbanos Baixa Densidade
- Imóveis Classificados ou em Vias de Classificação
- Imóveis Clas. /em Vias de Classificação - Zona Especial Protecção Provisória
- Imóveis Clas. /em Vias de Classificação - Area non Aedificandi
- Unidade Operativa de Planeamento e Gestão - Cidade Nascente
- Imóveis Interesse Municipal - Edifícios a preservar
- Imóveis Relevantes para a Cidade

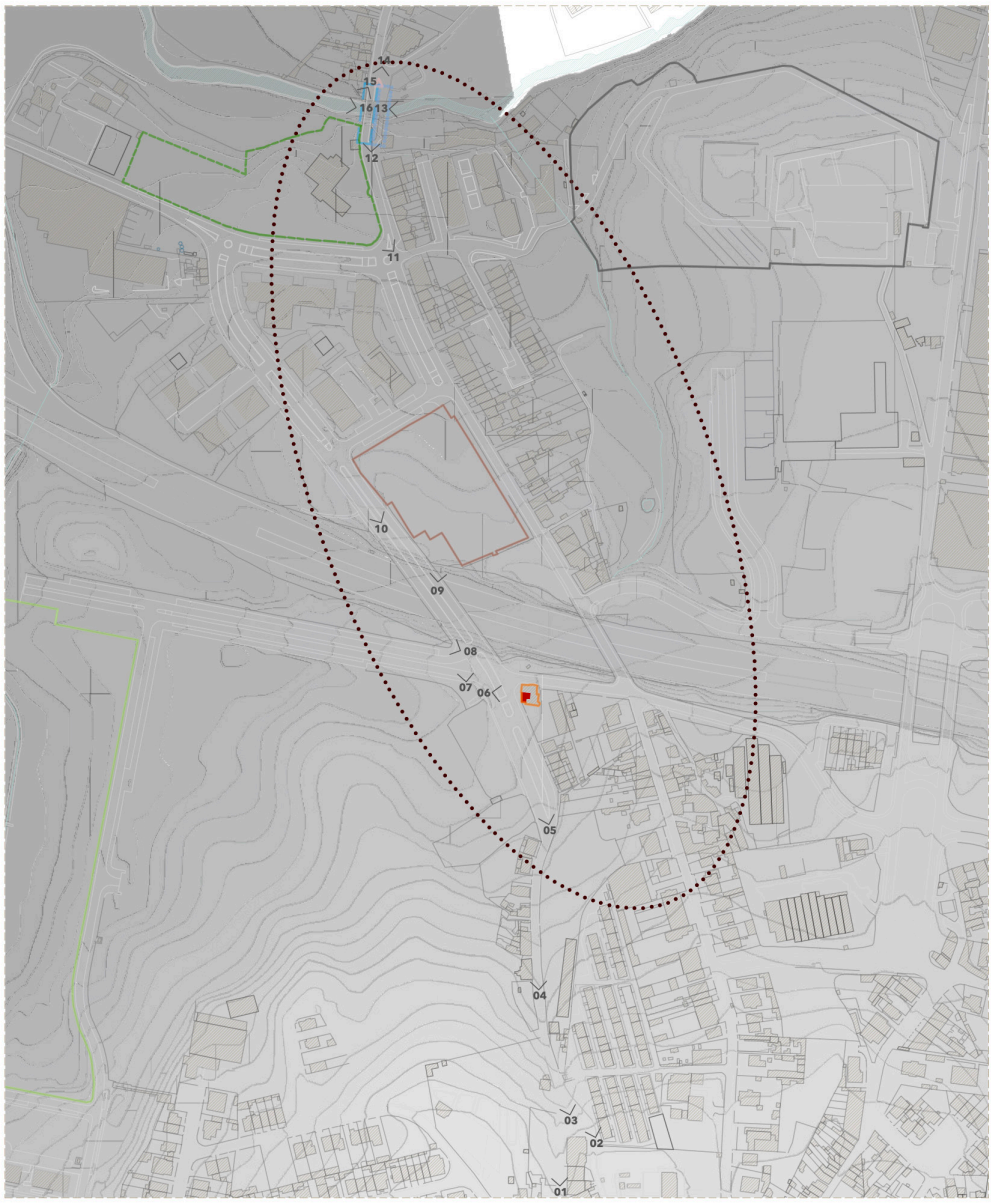
Escala 1:7500

Marcação em planta dos pontos de vista do registo fotográfico
Núcleo "O atravessar do *Leça*"
Ano 2013

Cartografia de base de acordo com Cartografia de 2013 - Câmara Municipal de Matosinhos

- Igrejas | Capelas
- Cemitério
- Marco
- Quinta
- Indústria
- Edifícios culturais
- Parque público
- Ponte
- Ponte da Pedra
- Núcleo paroquial

Escala 1:7500



1. (à esq.)
Rua da Estrada Velha, vista sul - norte

2. (à dir.)
Bairro da Caixa Têxtil de Matosinhos, 1951

▪0. Vista aérea do núcleo "O atravessar do *Leça*"

▪3. (à esq.)
Cruzamento da Rua da Estrada Velha com a Travessa Dr. Sá e Melo

▪4. (à dir.)
Rua da Estrada Velha em direcção à Ponte da Pedra, vista sul - norte

▪5. (à esq.)
Alargamento da Rua da Estrada Velha na proximidade com a autoestrada A4 , vista sul-norte

▪6. (à dir.)
Casa-Museu Abel Salazar e a sua igreja adjacente (vista poente)

▪7. (à esq.)
Alargamento da Rua da Estrada Velha na proximidade com a zona mais atual da cidade de São Mamede de Infesta, zona norte

▪8. (à dir.)
Rompimento do traçado urbano com o aparecimento de um eixo rodoviário, a A4, que divide a estrutura urbana antiga da contemporânea.

▪9. (à esq.)
Vestígios de uma antiga fábrica localizada na zona da Ponte da Pedra, a antiga Fábrica de Fiação e Tecidos da Ponte da Pedra, 1936

▪10. (à dir.)
A zona da cidade contemporânea de São Mamede de Infesta

▪11. (à esq.)
Vestígios de uma das propriedades rurais com maior relevância para a história de São Mamede de Infesta, a Quinta da Ponte da Pedra.

▪12. (à dir.)
A Ponte da Pedra e a sua sucessora. A presença do passado no tempo contemporâneo.

▪13. (à esq.)
A paisagem bucólica das margens do Rio Leça, vista poente-nascente sob a antiga Ponte da Pedra.

▪14. (à dir.)
Marco de pedra localizado junto à Ponte da Pedra.

▪15. (à esq.)
A paisagem bucólica das margens do Rio Leça, vista nascente-poente sob a Ponte contemporânea.

▪16. (à dir.)
O leito do rio Leça, o novo passadiço junto ao rio e a cidade moderna Construir o novo através da herança deixada pelo passado do local.

1.3.3 O atravessar do *Leça*

> *"A sua posição geográfica, a fertilidade dos campos irrigados pelo Rio Leça e a beleza da sua paisagem rural, juntamente com a facilidade de transportes que a ligavam à cidade do Porto, conjugaram-se para que S. Mamede, com as suas quintas de recreio e praias fluviais, fosse durante muito tempo um dos lugares de recreio mais procurados pelos habitantes da vizinha cidade do Porto."*[18]

A escolha de fazer o reconhecimento do núcleo "O atravessar do *Leça*" partiu do facto de nesta área norte de São Mamede de Infesta se encontrar o curso de água mais relevante e importante para esta cidade, tanto a nível topográfico como histórico, o Rio Leça. Tal como vimos no núcleo anterior, também este vai ser pontuado por áreas verdes de diversas categorias: propriedades agrícolas, zonas com terrenos não cultivados, e por um parque ambiental, cujo nome é dado por uma ribeira que o atravessa, a Ribeira de Picoutos | Asprela. Tal como esta ribeira, também o Rio Leça é marcado em seu redor por um corredor ecológico e áreas de cultivo, remontando ao que era a cidade de São Mamede de Infesta em tempos antigos. Essa maior integração com o espaço agrícola e com a paisagem em geral está hoje a ser trabalhada, remetendo de algum modo aos ambientes que outrora estes espaços tinham.

A estrutura urbana deste núcleo é caracterizada, para além da presença deste elemento primordial, por uma ocupação ao longo das vias estruturantes deste núcleo tanto através de habitação unifamiliar como de habitação plurifamiliar, ressalvando o aparecimento pontual de edifícios de excepção que marcaram e ainda marcam não só a história como o espaço urbano de São Mamede de Infesta. Indo de encontro ao tema da presente dissertação, um dos edifícios de excepção que marca este lugar é a Casa-Museu Abel Salazar, sendo constituída por uma casa senhorial e uma pequena capela que, ao contrário do que vimos anteriormente, serviria apenas para usufruto do proprietário da casa.

[18] DURVAL, António, (2009), *À descoberta de S. Mamede de Infesta : passado, presente e futuro : uma abordagem monográfica / pesquisa e desenvolvimento*. Câmara Municipal de Matosinhos e Junta de Freguesia de S. Mamede de Infesta, S. Mamede de Infesta, p. 3

Para além desta propriedade, é importante referir que esta área da cidade, muito devido à proximidade com o vale do Leça, vai ser o sítio ideal para implantação de quintas, muito devido à proximidade a uma antiga via romana, que tanto serviam para a produção agrícola como para lazer da população local tanto de São Mamede como de outras áreas do Porto, como é o caso da quinta da Ponte da Pedra, que nos dias hoje se encontra em estado avançado de degradação.

Para além destes edifícios, e com a industrialização, este lugar foi o escolhido para implementar os edifícios fabris no início do século XX, muitos dos quais ainda são visíveis nesta área da cidade, apesar de já não estarem em funcionamento, como é o caso da Fábrica de Fiação e Tecidos da Ponte da Pedra. Nesta área os edifícios de habitação plurifamiliar contrapondo com a presença de edifícios fabris denotam a importância que a indústria teve neste lugar e ainda tem nos dias de hoje, tanto a nível transformador do tecido urbano como dinamizador da economia local[19]. Consequentemente, com o crescimento da população e da cidade muito devido ao fenómeno da industrialização, foram surgindo habitações que albergariam os trabalhadores e as suas famílias, sendo o Bairro da Caixa Têxtil de Matosinhos (1951) um bom exemplo desse tipo de habitação construída durante esse período.

Podemos concluir que este núcleo é importante para o reconhecimento desta cidade devido principalmente à presença do Rio Leça e de edifícios fabris, cujos denotam a importância que o período da industrialização teve para o desenvolvimento e transformação da estrutura urbana da cidade em reflexão.

[19] Grande parte desta área pertence à Área de Actividades Económicas, tal como é possível observar no Plano Director Municipal de Matosinhos (PDM) de Matosinhos, correspondente ao ano de 2019, assim como no desenho *"Reconhecimento da estrutura de São Mamede de Infesta - Núcleo Centralidade"* realizado pelo autor da presente dissertação

• IGREJA VELHA

Planimetria de São Mamede de Infesta
Núcleo "Igreja Velha"
Ano 2013

Cartografia de base de acordo com Cartografia de 2013
- Câmara Municipal de Matosinhos

Rio Leça

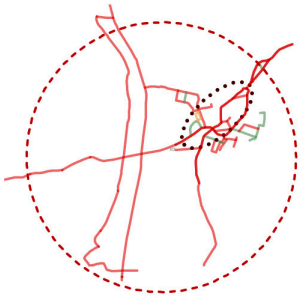
Núcleo em estudo

Núcleo paroquial

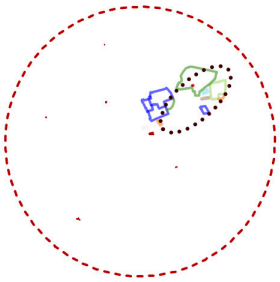
Marcação da área em estudo

Escala 1:20000

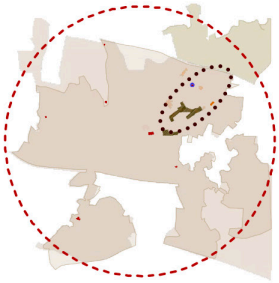
Estrutura viária

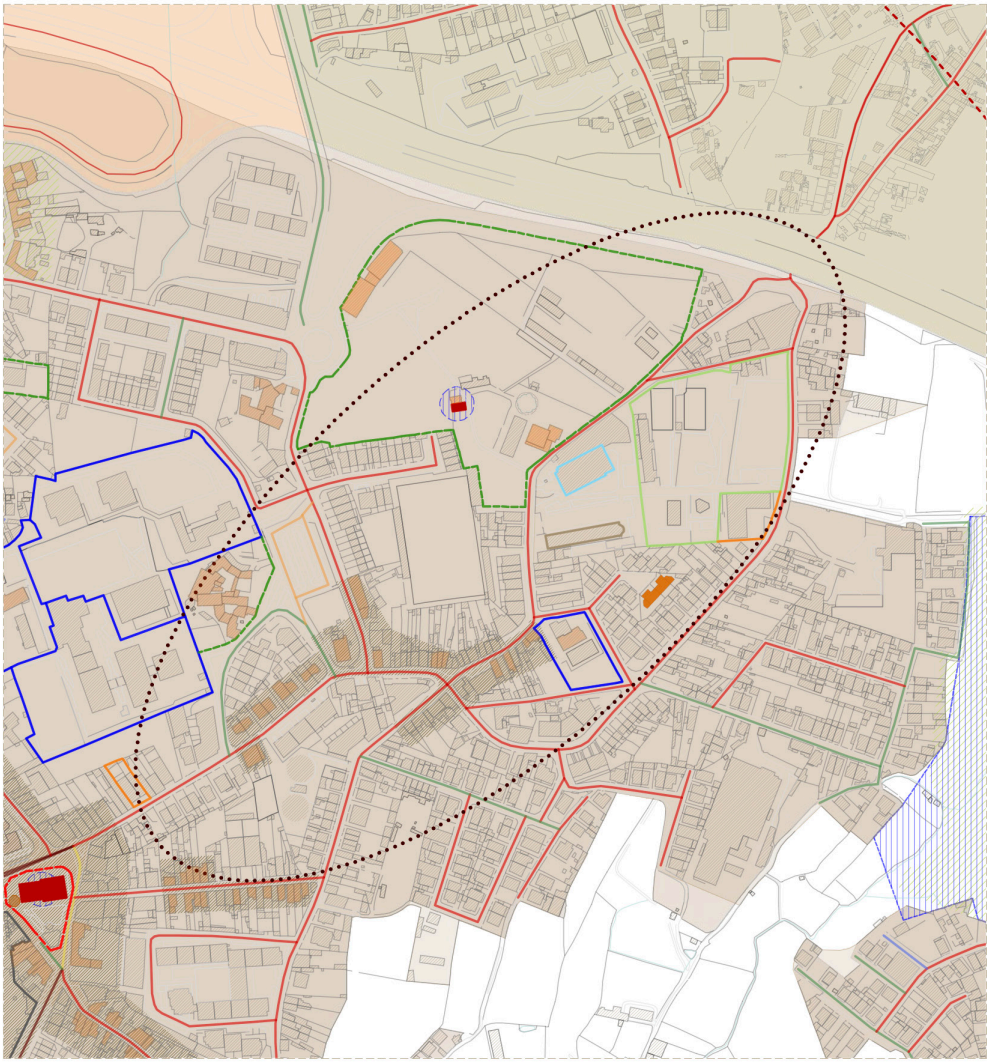


Análise programática



Sistema (PDM)





Reconhecimento da estrutura de
São Mamede de Infesta
Núcleo "Igreja Velha"
Ano 2013

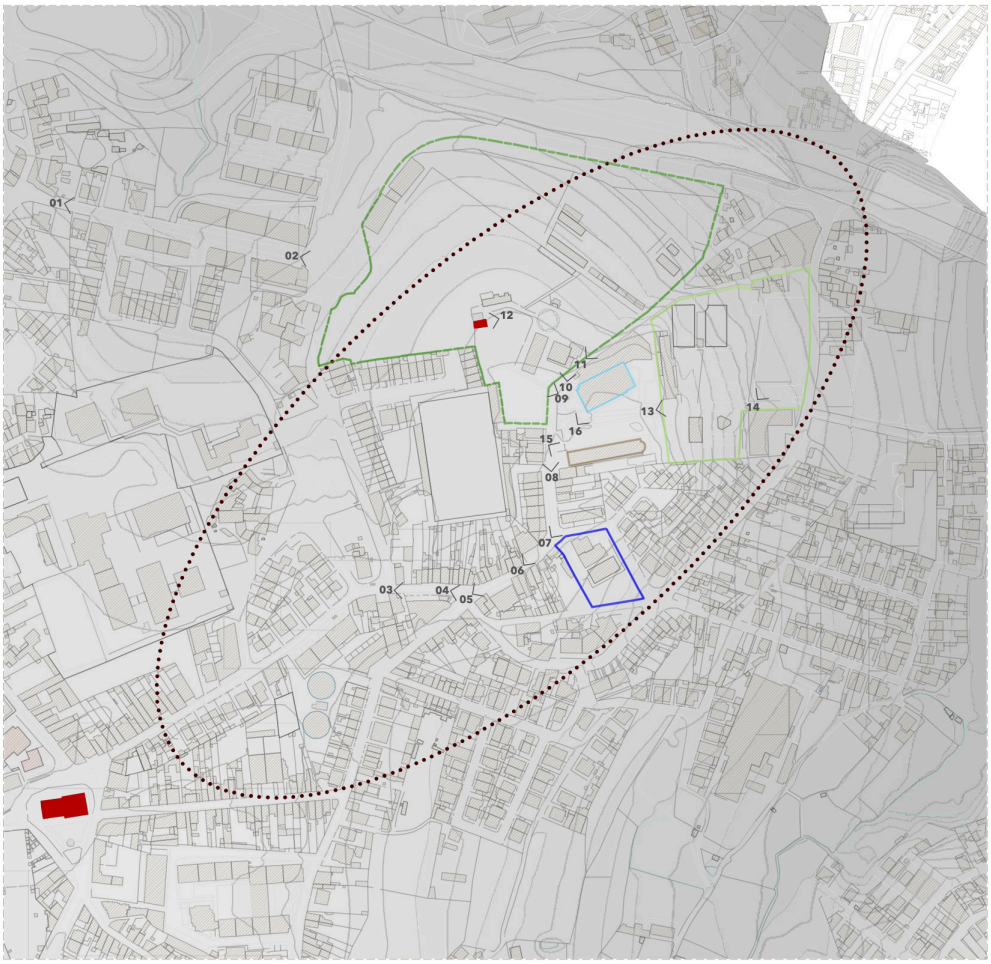
Cartografia de base de acordo com Cartografia de 2013
- Câmara Municipal de Matosinhos
e Plano Director Municipal (PDM) do concelho de Matosinhos

- Ruas
- Travessa
- Praceta
- Núcleo paroquial
- Marcação da área em estudo
- Igrejas | Capelas
- Quinta
- Edifício de apoio à terceira idade
- Estabelecimento de ensino
- Edifícios culturais
- Piscinas
- Parque público
- Área de Salvaguarda Arqueológica
- Área Salvaguarda Patrim. Arquitetónico Malhas e Eixos Urbanos
- Área Clas. e Qualificação Solo - Espaços Centrais
- Área Clas. e Qualificação Solo - Espaços Urbanos Baixa Densidade
- Unidade Operativa de Planeamento e Gestão - Cidade Nascente
- Imóveis Interesse Municipal - Edifícios a preservar
- Imóveis Interesse Municipal - Monumento
- Imóveis Relevantes para a Cidade

Escala 1:7500

Marcação em planta dos pontos de vista do registo fotográfico
Núcleo "Igreja Velha"
Ano 2013

Cartografia de base de acordo com Cartografia de 2013 - Câmara Municipal de Matosinhos



- Igrejas | Capelas
- Quinta
- Edifício de apoio à terceira idade
- Estabelecimento de ensino
- Edifícios culturais
- Piscinas
- Parque público
- Núcleo paroquial

Escala 1:7500

▪1. (à esq.)
Rua das Laranjeiras, vista poente - nascente, e a Quinta do Dourado , em segundo plano

▪2. (à dir.)
A Quinta do Dourado e a Capela de São Cristovão (vista poente)

0. Vista aérea do núcleo "Igreja Velha"

3. (à esq.)
Rua Henrique Bravo, vista poente - nascente

4. (à dir.)
Cruzamento da Rua Henrique Bravo com a Rua da Igreja Velha

▪5. (à esq.)
Rua da Igreja Velha, uma das vias mais antigas da cidade, vista sudoeste - nordeste

▪6. (à dir.)
A Rua da Igreja Velha e as casas do Movimento Juvenil de Ajuda Fraterna (MOJAF), em segundo plano

▪7. (à esq.)
O conjunto habitacional MOJAF

▪8. (à dir.)
A Rua da Igreja Velha e a entrada da Quinta do Dourado, vista sul-norte

▪9. (à esq.)
Portão da entrada da Quinta do Dourado

▪10. (à dir.)
A casa senhorial implantada na Quinta do Dourado

▪11. (à esq.)
A Rua da Igreja Velha, vista sudoeste-nordeste

▪12. (à dir.)
Capela de São Cristovão, implantada na Quinta do Dourado;
localizada no mesmo local que a primeira igreja matriz desta cidade

▪13. (à esq.)
Entrada poente do Parque Urbano de São Mamede de Infesta

▪14. (à dir.)
Vista do Parque Urbano e das suas zonas de lazer, contrapondo com a presença de um eixo rodoviário, a A4, em segundo plano

▪15. (à esq.)
Centro de Apoio à Terceira de Idade(CATI)

▪16. (à dir.)
Piscinas Públicas da Cidade de São Mamede de Infesta

1.3.4 Igreja Velha

"<<Na freguesia de S.Mamede da Infesta está o logar da Igreja Velha, e não longe de Mualde; ahí ainda existe cheia de silvados essa antiga Igreja.>>"[20]

"Situada dentro da "Quinta do Dourado" esta capelinha barroca, erecta sob a protecção de S.Cristovão, e já sem a belíssima talha, é referenciada em 1741 assim:
"huma capela com o sue quintal pegado que adquirido de novo por compoziçãm que fez com os moradores da freguezia de Sam Mamede da Ermida que esta tudo cito no lugar donde estava situada a Igreja Velha da dita freguesia"."[21]

Para o reconhecimento do lugar de São Mamede de Infesta, o núcleo "Igreja Velha" vai ter um papel crucial para o entendimento da deslocação da sede paroquial ao longos anos, tema que iremos abordar e explorar no decorrer da presente dissertação.

Relativamente à estrutura urbana deste núcleo, esta é organizada, à semelhança ao já observado, segundo uma ocupação ao longo das vias estruturantes, mais ou menos regulares, através de edifícios habitacionais, como por exemplo, de habitação unifamiliar e plurifamiliar, como por edifícios e equipamentos de apoio à população local.

Neste núcleo, à semelhança do que vimos no núcleo anterior, também neste existe a presença de áreas verdes tanto de carácter público, o Parque Urbano de São Mamede de Infesta, como de carácter privado e que em tempos servia de área de cultivo e produção, a Quinta do Dourado[22]. Nesta propriedade, para além da casa senhorial, há a presença de uma pequena capela, cuja localização remonta para o local que a primeira sede paroquial ocuparia, perto de uma antiga via romana que passava neste lugar, ligando Águas Santas a Paranhos.

Muitas vezes, as capelas e as manifestações físicas do espaço paroquial vão ser as principais responsáveis pelo assentamento e organização de uma estrutura urbana, facto observável neste núcleo, que há semelhança do que acontece no núcleo do "Telheiro", a capela é o ponto de partida para a implantação não só de edifícios habitacionais como de equipamentos de apoio ao quotidiano local, como é o caso da Escola Básica e Jardim de Infância da Igreja Velha. Para além deste estabelecimento de ensino, foram surgindo recentemente outros equipamentos, tais como as Piscinas Municipais e um Centro de Apoio à Terceira Idade (CATI).

Uma vez mais, com o reconhecimento realizado a este núcleo percebemos a importância que os elementos religiosos tiveram para a construção e desenvolvimento da estrutura urbana, sendo ainda visível o desenho antigo e irregular que algumas das vias que constituem este sistema têm nos dias de hoje, ressaltando a construção da estrutura urbana através de vários "layers" de tempos diferentes.

[20] BOAVIDA, Agostinho Fastio, (1973), *S. Mamede de Infesta : subsídios para a sua história.* Câmara Municipal, Matosinhos, p. 41

[21] DURVAL, António, (2009), *À descoberta de S. Mamede de Infesta : passado, presente e futuro : uma abordagem monográfica / pesquisa e desenvolvimento.* Câmara Municipal de Matosinhos e Junta de Freguesia de S. Mamede de Infesta, S. Mamede de Infesta, p. 111

[22] Construção pertencente à Área de Salvaguarda Arqueológica, tal como é possível observar no Plano Director Municipal de Matosinhos (PDM) de Matosinhos, correspondente ao ano de 2019, assim como no desenho *"Reconhecimento da estrutura de São Mamede de Infesta - Núcleo Igreja Velha"* realizado pelo autor da presente dissertação

• MOALDE

▪12. Vista do Largo de Moalde e a Capela do Senhor da Boa Fortuna e da Boa Morte, aproximadamente no início do séc. XX

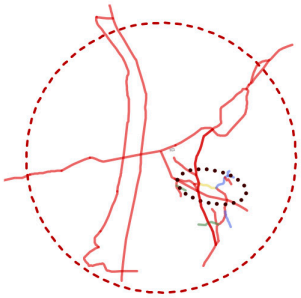
Planimetria de São Mamede de Infesta
Núcleo "Moalde"
Ano 2013

Cartografia de base de acordo com Cartografia de 2013
- Câmara Municipal de Matosinhos

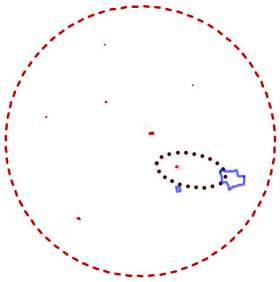
- Rio Leça
- Núcleo em estudo
- Núcleo paroquial
- Marcação da área em estudo

Escala 1:20000

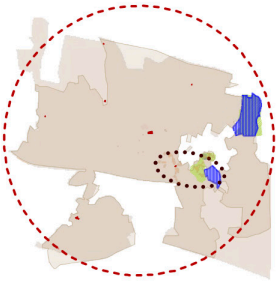
Estrutura viária

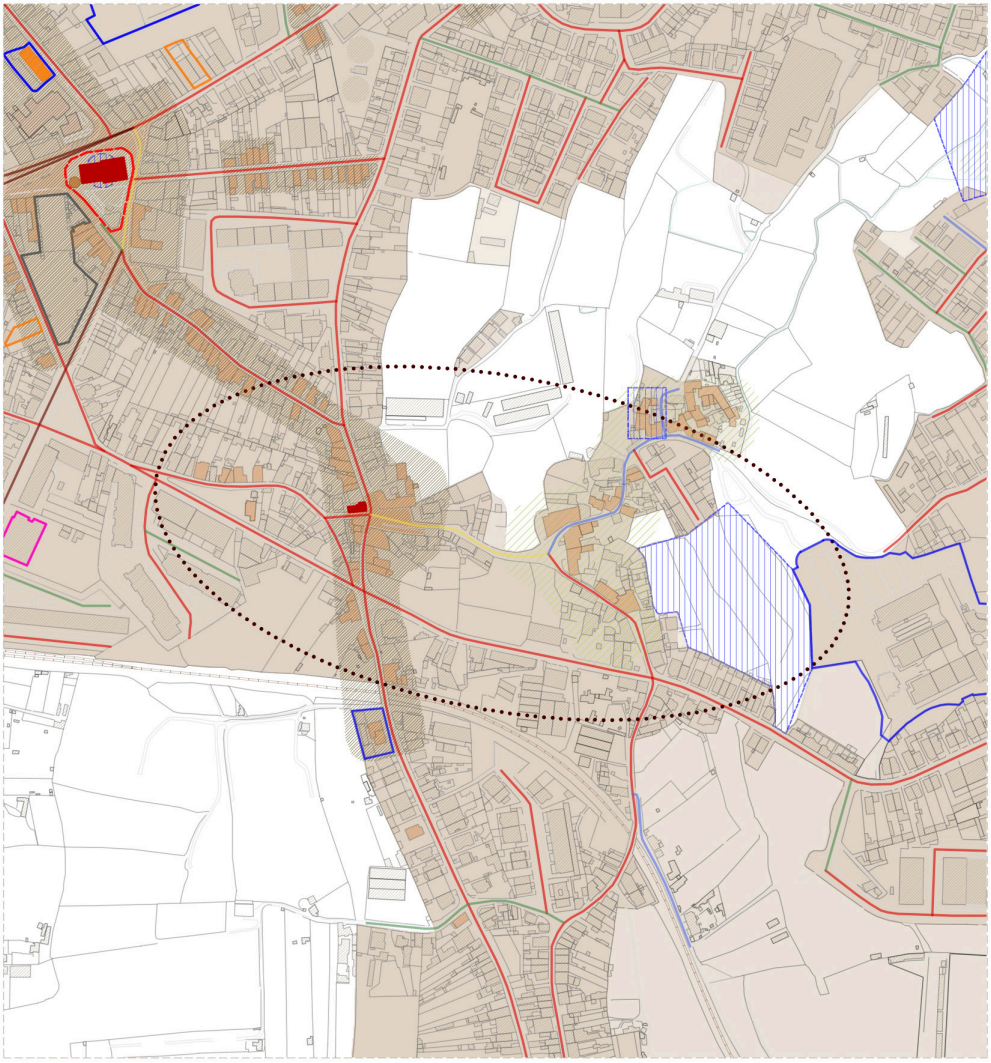


Análise programática



Sistema (PDM)





Reconhecimento da estrutura de São Mamede de Infesta Núcleo "Moalde" Ano 2013

Cartografia de base de acordo com Cartografia de 2013
- Câmara Municipal de Matosinhos
e Plano Director Municipal (PDM) do concelho de Matosinhos

- Ruas
- Largo
- Travessa
- Viela
- Núcleo paroquial
- Marcação da área em estudo
- Igrejas | Capelas
- Largo
- Estabelecimento de ensino
- Área de Salvaguarda Arqueológica
- Área Salvaguarda Patrim. Arquitetónico Núcleos e Lugares
- Área Salvaguarda Patrim. Arquitetónico Malhas e Eixos Urbanos
- Área Clas. e Qualificação Solo - Espaços Centrais
- Unidade Operativa de Planeamento e Gestão - Cidade Nascente
- Imóveis Interesse Municipal - Edifícios a preservar
- Imóveis Relevantes para a Cidade

Escala 1:7500

Marcação em planta dos pontos de vista do registo fotográfico
Núcleo "Moalde"
Ano 2013

Cartografia de base de acordo com Cartografia de 2013 - Câmara Municipal de Matosinhos

Igrejas | Capelas

Largo

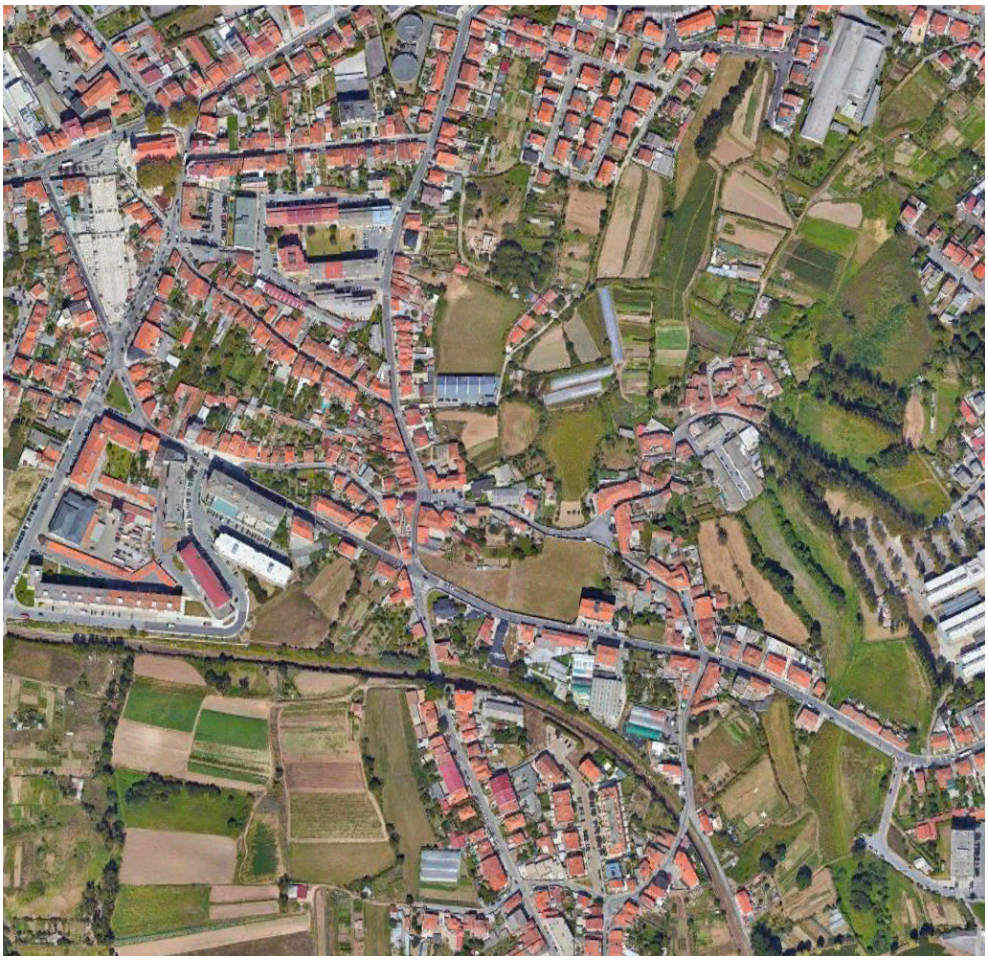
Estabelecimento de ensino

Núcleo paroquial

Escala 1:7500

1. (à esq.)
Cruzamento da Rua Padre Costa com a Rua Dr. Barros

2. (à dir.)
A marca do passado na zona de Moalde.
Rua Dr. Barros, vista sudeste-noroeste



▪0. Vista aérea do núcleo "Moalde"

▪3. (à esq.)

▪4. (à dir.)
A ruralidade e o passado bucólico desta área da cidade.
A presença de áreas agrícolas e de edifícos de aspecto simples e rudimentar
(Vista da Rua Dr. Barros e da Viela de Moalde de Baixo, respetivamente)

▪5. (à esq.)
Eixos de ligação de aspeto sinuoso e tortuoso, marca presente nesta zona da cidade
(vista sul-norte da Viela de Moalde de Baixo)

▪6. (à dir.)
A paisagem agrícola e pastoril da região de Moalde, que persiste ao passar dos tempos

▪7. (à esq.)
O Largo de Moalde, vista nascente-poente

▪8. (à dir.)
Enquadramento urbano onde está implantada a Capela do Senhor da Boa Fortuna e da Boa - Morte

▪9., 10., 11. (à esq.e à dir.)
Pontos de vista a partir do Largo de Moalde do elemento religioso que marca este lugar

▪12. (à dir.)
Rua de Moalde e a Capela do Senhor da Boa Fortuna e da Boa - Morte, em segundo plano

1.3.5 Moalde

"O lugar de Moalde, de Manualdi, como se disse, é o sitio mais antigo da freguesia não querendo, todavia, isto dizer que anteriormente (na época romana) a sua designação fosse a mesma.
Mas a sua remota antiguidade transparece.
Assim, a pág. 535 v. Do Livro 92 do Tombo da Baliagem de Leça, em poder do Arquivo Distrital do Porto, faz-se menção dum castro no Casal de Baixo desta Aldeia de Moalde que ia entestar na Pedra da Moura."[23]

Por entre muros e caminhos antigos, e no cruzamento de vias de traçado mais recente surge-nos o núcleo mais antigo da cidade em reflexão.

Olhando para o que é São Mamede de Infesta hoje, Moalde fala-nos das possíveis ocupações mais antigas deste território, seja através, do registo que o PDM faz das áreas de interesse arqueológico, quer pelo facto de em Moalde encontrarmos uma estrutura de casas de lavoura envolvidas por parcelas de produção agrícola e que, ainda hoje, se mantém com alguma reconhecibilidade, e às quais se associa uma manifestação religiosa e que marcou o espaço paroquial de São Mamede de Infesta, a Capela do Senhor da Boa Fortuna e da Boa Morte. Ao contrário de todas as capelas/igrejas mencionadas anteriormente, esta não assume uma posição isolada, pois teria servido em tempos passados somente este núcleo mais antigo da cidade. Esta capela encontra-se integrada num quarteirão irregular, no qual assume uma posição de gaveto, colocando-se num ponto que tem relevância visual face ao Largo de Moalde[24]. Tal como acontece nos núcleos abordados anteriormente, também neste lugar, o Largo se encontra associado à presença de manifestações religiosas.

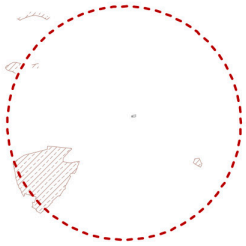
Os núcleos rurais produtivos mais antigos presentes neste núcleo representam uma ocupação mais vetusta, seguidamente dos castros, dando uma espécie de continuidade atemporal. Esta área continua a representar uma certa unidade, uma vez que ainda não foi transformada por pressões urbanísticas mais recentes, face à restante estrutura urbana de São Mamede de Infesta. No entanto, junto à Capela é possível observar que a estrutura urbana é mais regularizada, apesar da presença das ocupações remeterem para o séc. XIX, cuja construção era realizada com base em lotes estreitos e compridos. Neste núcleo podemos constatar um confronto entre o o que é São Mamede de Infesta antes da reforma liberal e a primeira fase de crescimento de São Mamede de Infesta no final do século XIX e início do século XX, acabando por envolver a única manifestação religiosa presente nesta área da cidade.

Podemos concluir assim que, uma das características da estrutura urbana de Moalde é a presença de um núcleo habitacional concentrado, envolvido por generosas parcelas agrícolas e por uma ocupação ao longo da rua, que assume uma regularidade no seu traçado, criando no seu conjunto uma das morfologias mais antigas da cidade de São Mamede de Infesta.

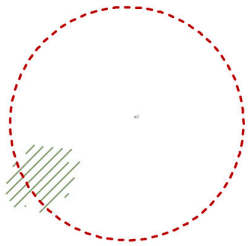
[23] BOAVIDA, Agostinho Fastio, (1973), *S. Mamede de Infesta : subsídios para a sua história.* Câmara Municipal, Matosinhos, p. 26

[24] Largo pertence à Área de Salvaguarda do Património Arquitectónico - Malhas e Eixos Urbanos, tal como é possível observar no Plano Director Municipal de Matosinhos (PDM) de Matosinhos, correspondente ao ano de 2019, assim como no desenho *"Reconhecimento da estrutura de São Mamede de Infesta - Núcleo Moalde"* realizado pelo autor da presente dissertação

Área Excluída Reserva Agrícola Nacional

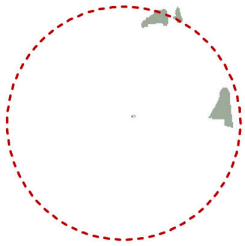


Área Clas. e Qualificação Solo
- Área Activ. Econ. Estrut. Verde Urb.

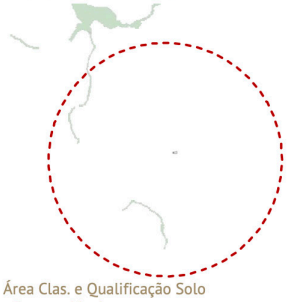


Área Clas. e Qualificação Solo
- Espaços Agrícolas

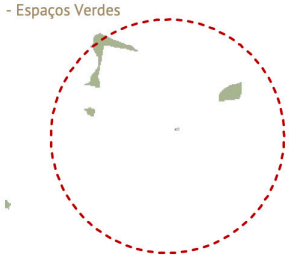
Área Clas. e Qualificação Solo
- Espaços Florestais



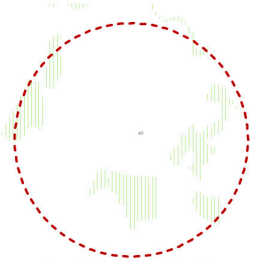
Área Clas. e Qualificação Solo
- Espaços Naturais Paisagísticos



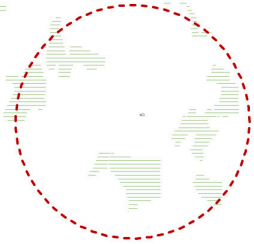
Área Clas. e Qualificação Solo
- Espaços Verdes



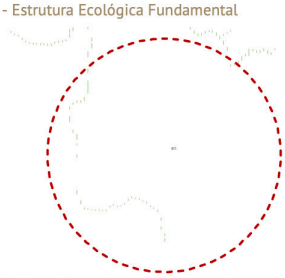
Reserva Agrícola Nacional



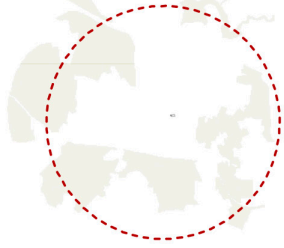
Salvaguarda e Proteção Ambiental
- Estrutura Ecológica Complemental



Salvaguarda e Proteção Ambiental
- Estrutura Ecológica Fundamental



Unidade Operativa de Planeamento e
Gestão - Arco Verde

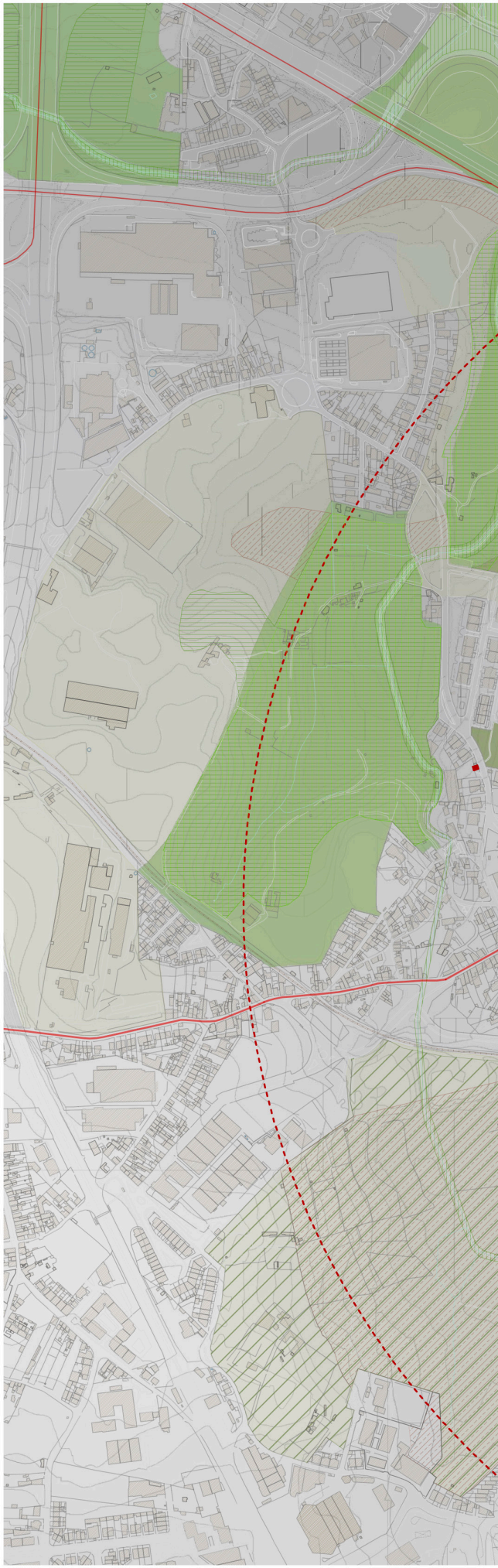


Reconhecimento do sistema "verde" de São Mamede de Infesta Ano 2013

Cartografia de base de acordo com Cartografia de 2013
- Câmara Municipal de Matosinhos
e Plano Director Municipal (PDM) do concelho de Matosinhos

- Área Excluída Reserva Agrícola Nacional
- Área Clas. e Qualificação Solo - Área Activ. Econ. Estrut. Verde Urb.
- Área Clas. e Qualificação Solo - Espaços Agrícolas
- Área Clas. e Qualificação Solo - Espaços Florestais
- Área Clas. e Qualificação Solo - Espaços Naturais Paisagísticos
- Área Clas. e Qualificação Solo - Espaços Verdes
- Reserva Agrícola Nacional
- Salvaguarda e Proteção Ambiental - Estrutura Ecológica Complemental
- Salvaguarda e Proteção Ambiental - Estrutura Ecológica Fundamental
- Unidade Operativa de Planeamento e Gestão - Arco Verde
- Rio Leça
- Vias estruturantes
- Núcleo paroquial
- Marcação da área em estudo

Escala 1:10000



1.4 Arco Verde da Cidade

> *"Os rios surgem como espaços de carácter natural, aos quais se podem associar os parques e zonas verdes e outros espaços abertos de que a cidade moderna carece, constituindo-se como elementos estruturadores desses espaços, orientando o desenvolvimento de áreas de recreio e lazer."* [25]

Ao analisarmos o que é hoje a cidade de São Mamede de Infesta percebemos que, para além do consolidado centro urbano retratado nos diversos núcleos abordados anteriormente, constatamos a presença de muitas áreas verdes em pontos sui generis a nível topográfico.

Estas áreas verdes, no seu conjunto, formam o denominado "Arco Verde de São Mamede de Infesta", no qual estão englobados desde os antigos terrenos para prática da agricultura até aos novos parques urbanos da cidade, construindo assim uma infra-estrutura verde. Segundo defendem Benedict e McMahon, uma infra-estrutura verde é

> *"uma rede de espaços verdes conectados ente si, que preservam os valores e funções do sistema ecológico com benefícios para a população humana. (…) é o mosaico ecológico necessário para a sustentabilidade ambiental social e económica numa cidade."* [26]

Para a criação desta rede de áreas verdes é necessário ter em conta alguns princípios base tais como:

> *- "a importância do contexto onde se insere; (...)*
> *- a importância de funcionar como mosaico de conservação e desenvolvimento;*
> *- a necessidade de efetuar um planeamento da infraestrutura verde e de tomar medidas de proteção em relação ao existente; (...)*
> *- o dever de oferecer benefícios para a natureza e para as pessoas;*
> *- o dever de respeitar a necessidade e desejos dos proprietários de terras e outras partes interessadas;*
> *- a necessidade de conexões para atividades dentro e fora da comunidade; (...)"* [27]

Todas estas medidas terão sido levadas em conta aquando do projecto territorial denominado por Arco Verde de São Mamede de Infesta, o qual tinha como principais objectivos: *"Promover os espaços verdes de utilização coletiva; Promover a instalação de novas atividades económicas; Rentabilizar / projetar / capacitar as redes de equipamentos e infraestruturas."*[28]

[25] SARAIVA, Maria da Graça Amaral Neto, (1999), *"O rio como paisagem : gestão de corredores fluviais no quadro do ordenamento do território"*; Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, p.

[26] BARBEITOS, Marcelo Lima, (2016/2017), *Anel Verde de São Mamede de Infesta;* Dissertação de Mestrado em Arquitectura Paisagística apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, p. 3

[27] Ibidem

[28] *Revisão do PDM de Matosinhos, 2B - Avaliação Ambiental Estratégica | Relatório Ambiental . Versão Final*, Junho de 2019, p. 54

Um dos parques que está integrado neste projecto de renovação das áreas verdes é o Parque Ambiental da Ribeira de Picoutos | Asprela, localizado na zona Poente da cidade em estudo.

A intervenção neste parque passou por uma *"requalificação ambiental e paisagística, tendo sido executada a sua limpeza, desmatação e demolição de estruturas existentes"*[29], apesar de ainda podermos *"verificar a presença de uma ruína em pedra, uma antiga eira, usada para secar grãos de cereais."*[30] Tendo como dimensão uma área de aproximadamente 7 hectares, 4.5 das quais pertencem a áreas da Reserva Ecológica Nacional (REN) e da Reserva Agrícola Nacional (RAN), este parque resulta *"da avaliação das condicionantes e potencialidades do local, da necessidade de amenidade ambiental e ecológica da área de intervenção, da relação deste espaço com a sua envolvente e da avaliação das necessidades de recreio da população local."* [31]

Na elaboração deste projeto[32] foram feitas variadíssimas infra-estruturas tanto para melhoramento de funcionamento do próprio parque, tais como: saneamento; drenagem de águas pluviais; abastecimento de água e iluminação pública; como de melhoramentos para a estadia da população na vivência deste área verde, através da construção de percursos pedonais, passando pela construção de pontes e passadiços em madeira sobre a ribeira de Picoutos | Asprela[33].

Para além destas zonas de lazer para a população local, foram também criadas zonas de hortas biológicas (constituída no total por 131 talhões).

Para além deste parque existe ainda a presença de um outro, o Parque Urbano de São Mamede de Infesta, localizado na zona Nascente da cidade, e delimitado por uma área bastante edificada e povoada, contrastando com o observado em torno do Parque Ambiental da Ribeira de Picoutos | Asprela. Este parque para além de ser constituído por espaços verdes de dimensões generosas, é composto por espaços de lazer de apoio à comunidade mamedense, tais como, parque de merendas, parque infantil, instalação da sede dos escuteiros, piscina municipal e ainda um Centro de Apoio à Terceira Idade (CATI). Ao observarmos o estudo realizado sobre o reconhecimento do sistema verde desta cidade, podemos concluir que grande parte das áreas ecológicas localizam-se perto ou enquadram-se conforme os cursos de água presentes no território em estudo.

*

Com este primeiro capítulo percorremos São Mamede de Infesta hoje, de um modo impressivo, mas procurando desde já dar sinal da maior ou menor antiguidade de alguns factos e lugares, isto é, das suas permanências tanto materiais: os edifícios que ainda hoje persistem ao passar do tempo, e que durante séculos foram compondo o espaço paroquial de São Mamede, constituindo lugares de referência no espaço urbano; como memoriais referente à escolha de um lugar para implantação de um edfício como reconhecimento do significado que este sítio tem para a estrutura urbana. Deste modo, reconhecemos que a escolha do lugar e a materialização de cada um dos edifícios contribuiu para a construção da história desta cidade, sendo que esta é o *resultado da interação dos grupos humanos que a compõem (comunidades) com o ambiente físico no qual as suas vidas se desenrolam (habitats),*[34] desde a sua era primitiva até à urbe contemporânea.

[29] *Revisão do PDM de Matosinhos, 2B - Avaliação Ambiental Estratégica | Relatório Ambiental . Versão Final*, Junho de 2019, p. 54

[30] TRAMONTINA, Sidiane, (2020), *Projecto de execução de requalificação do Parque Picoutos e proposta para a envolvente*; Dissertação de Mestrado em Arquitectura Paisagística apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, p.37

[31] *Revisão do PDM de Matosinhos, 2B - Avaliação Ambiental Estratégica | Relatório Ambiental . Versão Final*, Junho de 2019, p. 107

[32] *"O projeto previu também a reformulação do revestimento vegetal da área intervencionada, através de podas das espécies arbóreas existentes, sendo que foram ainda implementadas novas sementeiras e novas plantações arbustivas e arbóreas."*

Idibem, p.108

[33] Segundo a Revisão do PDM - AAE | Relatório Ambiental

[34] ROSSA, Walter; CALAFATE RIBEIRO, Margarida; (Org.), (2015), *Patrimónios de Influência Portuguesa: modos de olhar.* Imprensa da Universidade de Coimbra. Fundação Calouste Gulbenkian, Editora da Universidade Federal Fluminense, Coimbra, p. 12

02

RETROSPEÇÃO

"(…) A natureza, como habitação do homem, e o homem, como criador da natureza, absorvem ambos tudo, aceitando ou rejeitando o que tinha uma forma transitória, porque tudo deixa neles a marca. Partindo de bocados isolados, procuramos o espaço que o sustenta."[35]

Ao longo deste capítulo iremos contar uma história: a do crescimento e (trans) formação de um espaço paroquial. Começando por abordar as questões que levaram ao assentamento do Homem no território mamedense, tivemos em conta diversos factores, desde a morfologia, a toponímia e os cursos de água; uma ocupação natural em que o protagonismo era a Natureza e a capacidade do Homem de viver com ela, sem se impor nem se afirmar perante a paisagem inalterada.

Tendo em conta a síntese cronológica, seguidamente iremos construir uma análise que incidirá na reconstituição da formação da atual cidade de S. Mamede de Infesta, indo desde os tempos primitivos de ocupação do território até aos dias de hoje. Esta análise dará notícia do enquadramento do lugar, tanto a nível geográfico como administrativo, tendo sempre em consideração o lugar mais amplo onde este se inscreve, o actual concelho de Matosinhos. À medida que vamos fazendo a construção temporal do lugar, os acontecimentos políticos e socioculturais que marcaram a história e desenvolvimento do país, vão ser também cruciais para a (trans)formação da pequena freguesia até à cidade de hoje.

Nota Introdutória

Ao longo deste capítulo, a dissertação *"Lugares de habitar entre a terra e o mar"* de Pedro Bragança tem uma importância ao nível da construção da linha de pensamento, tendo servido de impulsionador para a leitura de outras referências, tais como Jean-Marc Besse ou Tim Ingold.

Na parte inicial deste capítulo, os 2 primeiros subcapítulos surgem como uma espécie de preâmbulo para que seguidamente se possa iniciar uma leitura cronológica do ano 1000 em diante. Partindo deste princípio, o subcapítulo 2.1 tem uma incidência maior na geografia, no sentido global, da morfologia, da topografia, das primeiras ocupações e das formas mais elementares de economia. O subcapítulo 2.2 traça as primeiras formas de ocupação do território, pretendendo sobretudo sublinhar o surgimento da paróquia como estrutura essencial que vai dar coesão territorial ao longo dos séculos seguintes.

[35] MILANO, Maria, CREMASCOLI, Roberto, (2016), *A CASA DE QUEM FAZ AS CASAS, Álvaro Siza, Dar Forma a um Lugar.* ESAD & Cardume Editores, Matosinhos, p.7

2.1 A terra e a água

A condição primordial para o habitat humano

> "A *terra* é, obviamente, o ponto de partida para as nossas considerações. A terra com a sua constituição geológica, a forma do seu relevo, a sua relação com a água, com a temperatura e com o regime dos ventos predominantes. Mas, logo a seguir, os homens. Antes de mais na sua relação com essa terra - como a fizeram dar os seus frutos, como se apropriaram dela, como se movimentaram sobre ela, como se agruparam em função do que ela lhes podia dar ou da maneira que ela os podia ajudar a defenderem-se. Depois, os homens, enquanto definidos pela cultura que criaram, como resposta às condições de vida que essa terra lhes proporcionou."[36]

Antes do contributo do Homem para a transformação urbana, o território de São Mamede de Infesta era caracterizado por ser uma terra com aspectos únicos e peculiares, em que a morfologia do terreno e os cursos de água presentes viriam a determinar as condições para a prática da pastorícia e da agricultura, reunindo, assim, as condições indispensáveis para o assentamento do Homem neste lugar.

*

> "Esta aldeia de Tresorres outra não podia ser que não fosse aquela onde se situava a igreja de S. Mamede; três torres ou três vales designavam os vales que ladeiam efectivamente a freguesia"[37]
> "São Mamede de Tresorres: assim designada por ser um planalto da qual se dominavam três orres, isto é - três vales férteis que são: <<Parada, Souto da Pedra e Picoutos>>."[38]

Uma das primeiras referências que temos em relação à variação toponímica de São Mamede de Infesta, remonta a meados do séc. XII e XIII, designando-a como *Aldeia de Tresorres* ou *São Mamede de Tresorres*. Recorrendo à definição do termo *Orre* que significa vale, podemos entender que este lugar era então caracterizado pela predominância de um grande planalto que funcionava como uma espécie de platô, do qual sairiam três *orres*, isto é, três vales prolíferos.[39]

No entanto, a designação deste território foi sendo alterada ao longo do tempo, sendo desde meados do séc. XVIII até aos dias de hoje designada por S. Mamede de Infesta. Assim sendo, a palavra Infesta[40] através do seu significado de *subida, costa e costeira*, possibilita-nos constatar que este território é caracterizado por estar num ponto alto, permitindo uma predominância territorial e visual em torno desse ponto.

Ao olharmos para o território de São Mamede percebemos que este se organiza segundo um grande planalto, o qual, em seu redor, vai dar origem ao aparecimento de três vales (ou "orres"[41]), todos eles marcados pela presença da água.

---

[36] MATTOSO, José, DAVEAU, Suzanne, (2013), *Portugal: O Sabor da Terra: Um retrato histórico e geográfico por regiões*. 4 ª ed., Círculo de Leitores, p. 15 e 16

[37] BOAVIDA, Agostinho Fastio, (1973), *S. Mamede de Infesta: subsídios para a sua história*. Câmara Municipal, Matosinhos, p.27

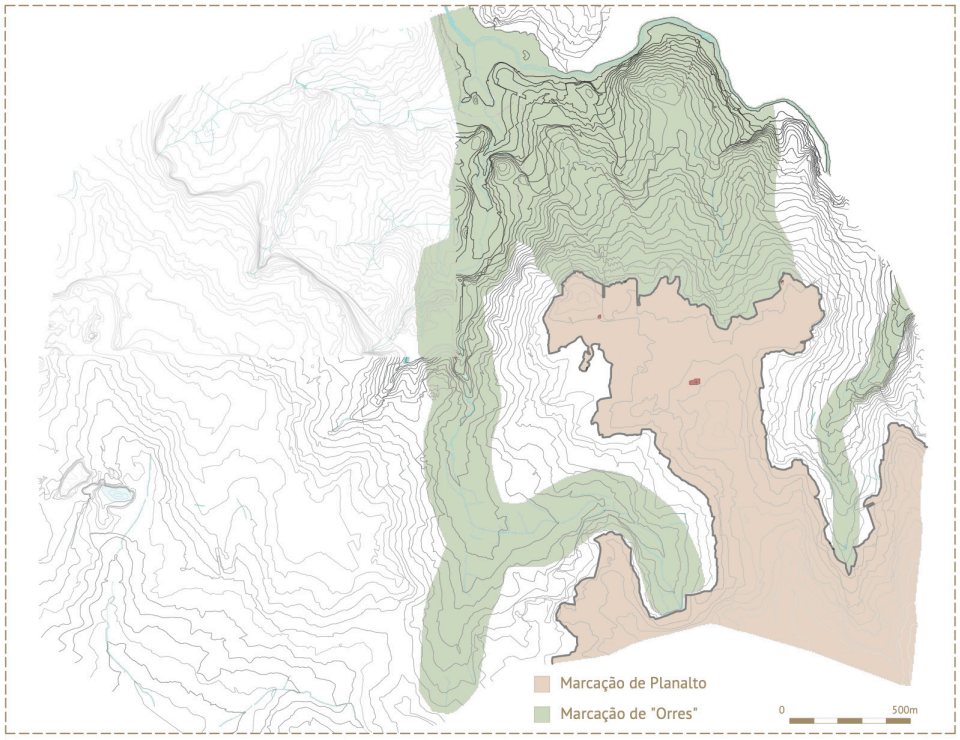
[38] Ibidem, p. 79

[39] Esta ideia foi desenvolvida após a leitura das citações referentes ao termo em questão, nomeadamente o livro base da presente dissertação, São Mamede de Infesta, da autoria de Agostinho Boavida.

[40] Esta palavra foi alvo de discussão acerca da sua ortografia segundo diversos autores que se debruçaram sobre esta questão.
Segundo "*Godinho de Faria, na sua <<Monografia de Bouças>>, impressa em 1899, (…) expõe:*
<<… daqui passou para o cimo duma encosta (enfesta, de onde parece derivar o actual nome que por motivos desconhecidos se passou a escrever infesta)…>>"
Em contrapartida, em 1862, "D. José de Lacerda publicou o seu <<Dicionário da Língua Portuguesa>> se poderia ver:
<<ENFÉSTA - s.f. (subst. da desinência feminina de enfesto); assomada, alto, lugar elevado que domina algum vale ou baixa.
INFESTO - (V. Enfesto)>>.
Desta forma não eram então muito desconhecidos os motivos que levaram a escrever-se INFESTA em vez de ENFESTA, tendo em vista a desinência feminina de INFESTO…"

BOAVIDA, Agostinho Fastio, (1973), *S. Mamede de Infesta: subsídios para a sua história.* Câmara Municipal, Matosinhos, p.77

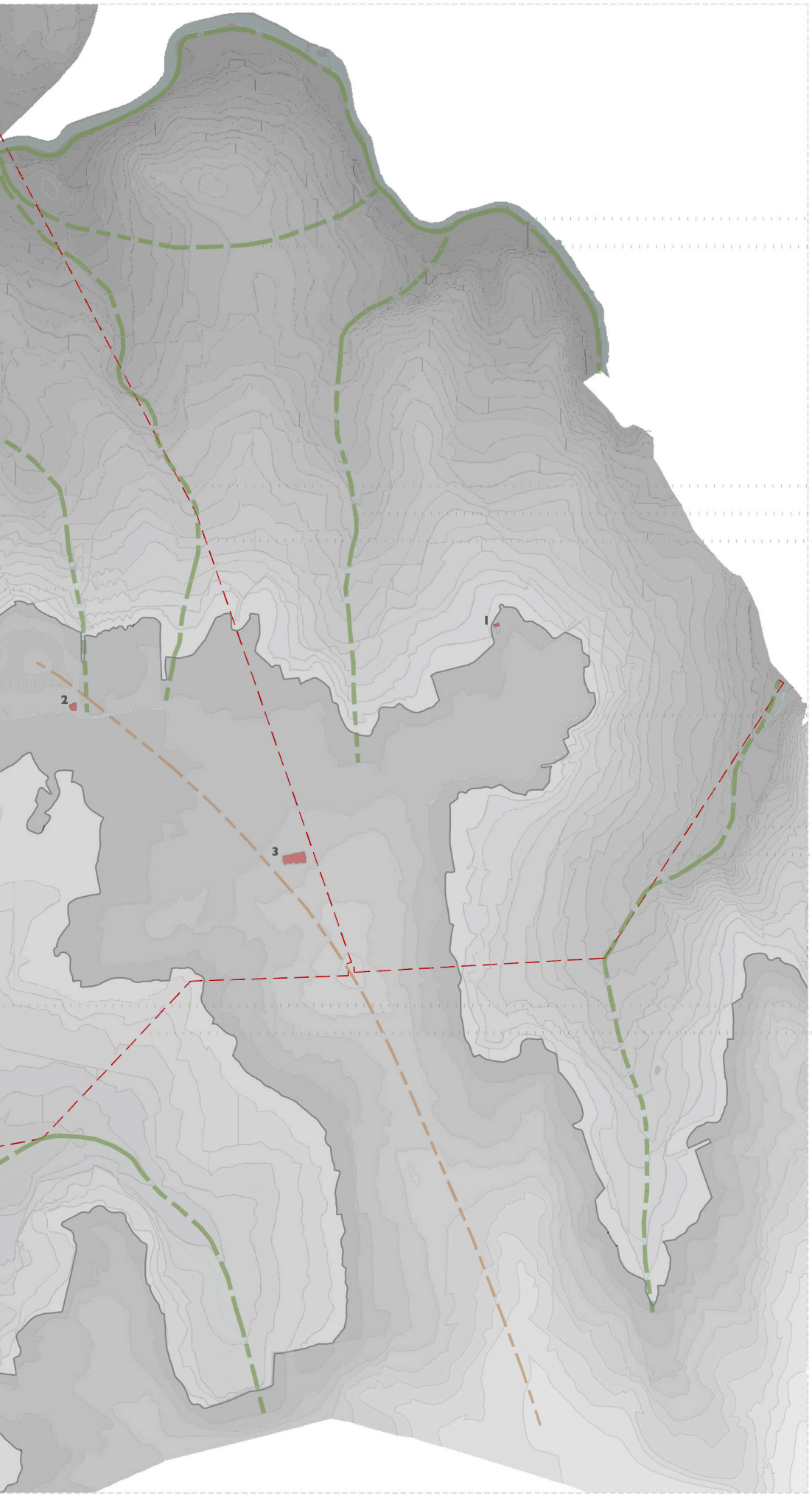
[41] Como é designado no livro de Agostinho Fastio Boavida, *S. Mamede de Infesta: subsídios para a sua história.*



Esquema da morfologia do território em estudo

Marcação de "Orres" no território

Marcação de "Infestas" no território

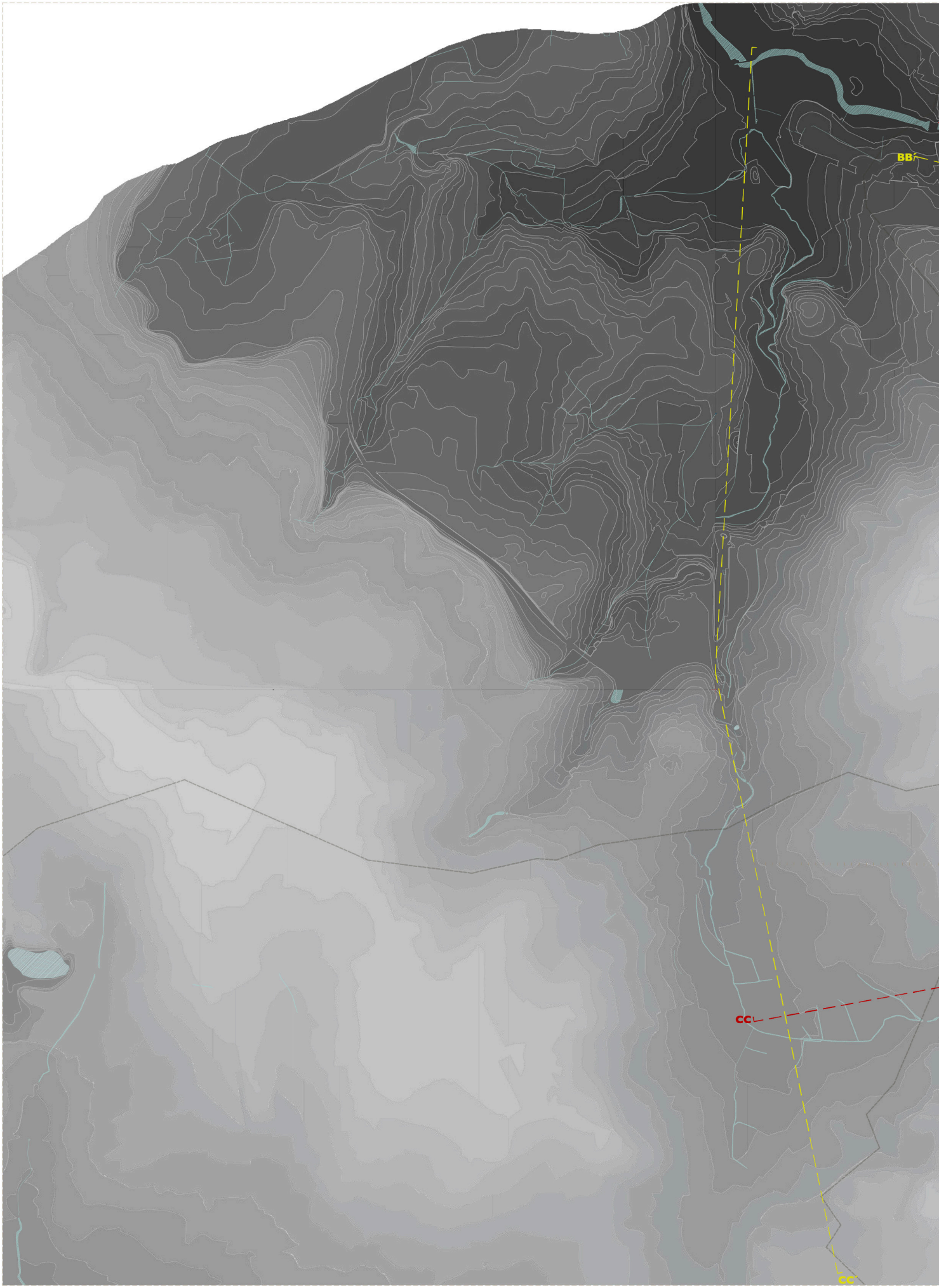


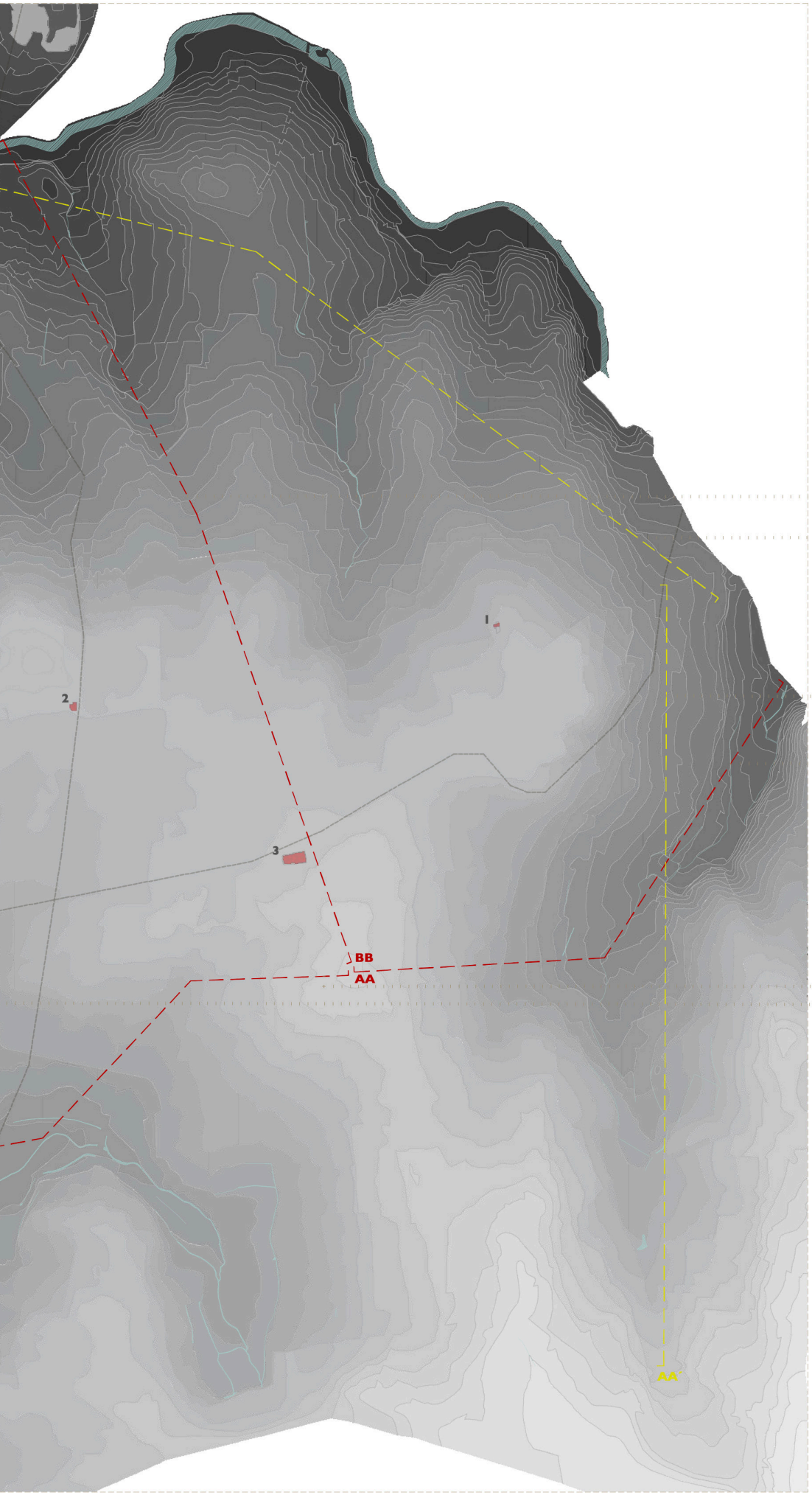
Esquema organizacional do território
Ano 1944

Cartografia de base de acordo com desenho da autora
"Planta topográfica" correspondete ao ano de 1944

- Cursos de água presentes na área em estudo
- Igrejas | Capelas presentes na área em estudo (fundamentais)
- 1 — Capela de S. Cristovão (Quinta do Dourado)
- 2 — Capela da Ermida
- 3 — Igreja Matriz de São Mamede de Infesta

Escala 1:10000


BB
CC
CC



"Orre" de Souto da Pedra

"Orre" de Souto da Pedra
(Tendo em vista o planalto onde se encontra a igreja paroquial)

"Orre" de Parada
(Tendo em vista o planalto onde se encontra a igreja paroquial)

"Orre" de Parada

"Orre" de Picoutos

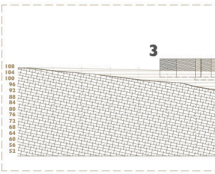
"Orre" de Picoutos
(Tendo em vista o planalto onde se encontra a igreja paroquial)

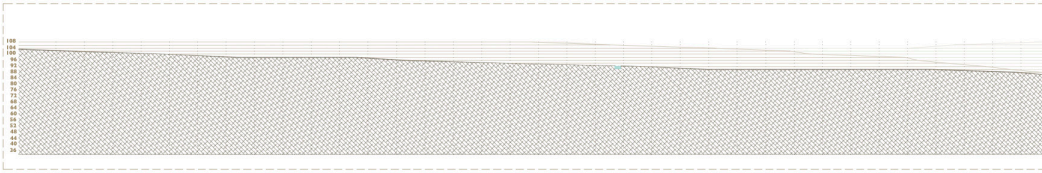
Planta topográfica com marcação de perfis de reconhecimento do terreno Ano 1944

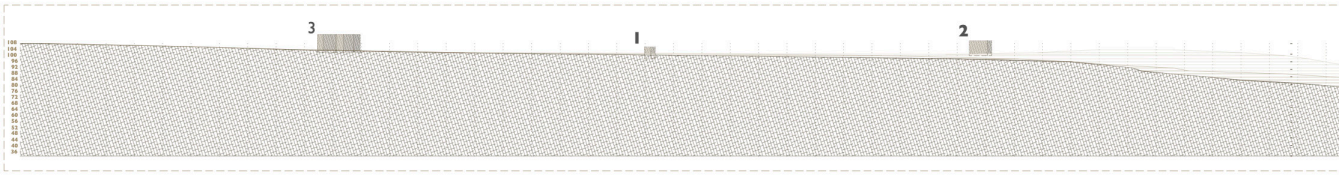
Cartografia de base de acordo com desenho da autora
"Planta topográfica" correspondete ao ano de 1944

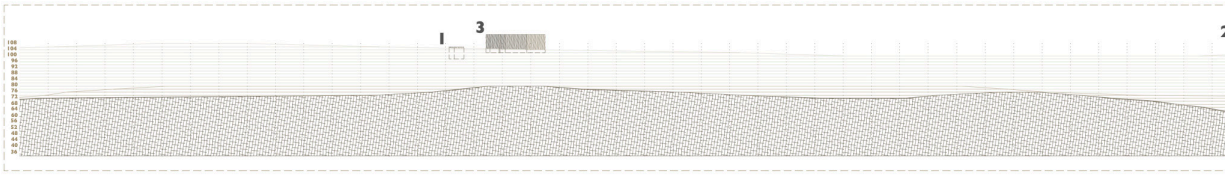
- Cursos de água presentes na área em estudo
- Igrejas | Capelas presentes na área em estudo (fundamentais)
- **1** Capela de S. Cristovão (Quinta do Dourado)
- **2** Capela da Ermida
- **3** Igreja Matriz de São Mamede de Infesta
- Marcação representativa das vias estrturantes

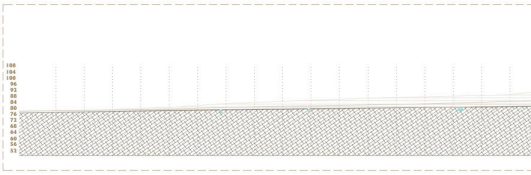
Escala 1:10000

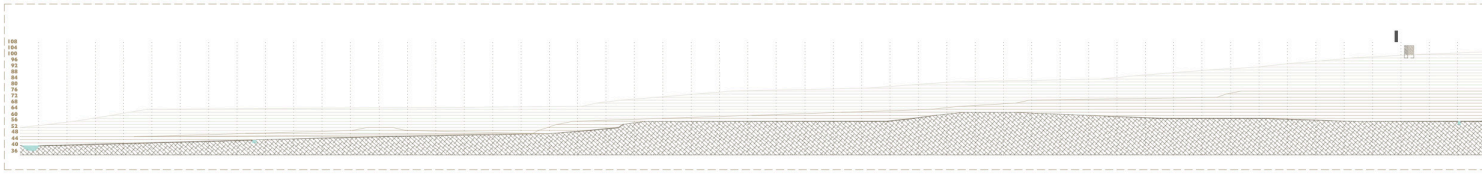

3

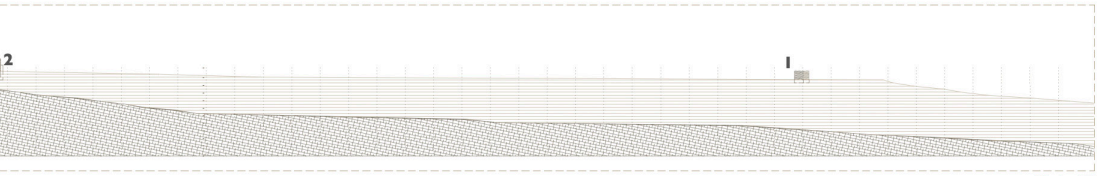



3
1
2

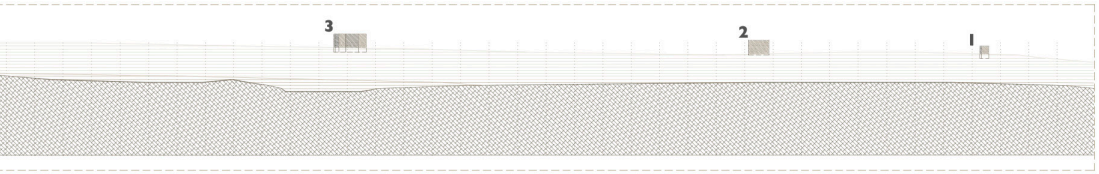

1
3



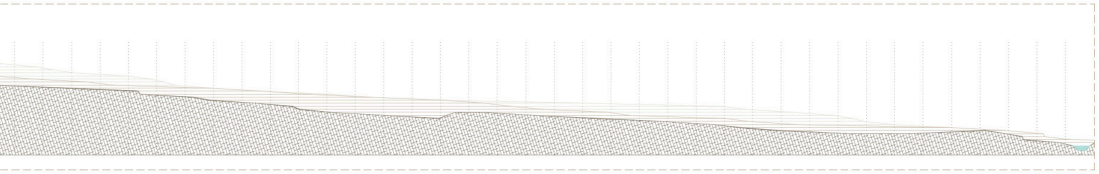

1



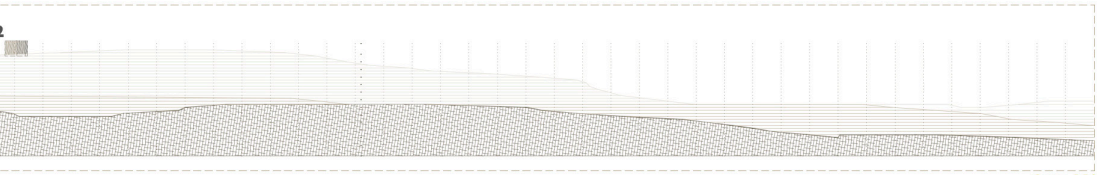
Corte AA
("orre" de Parada)



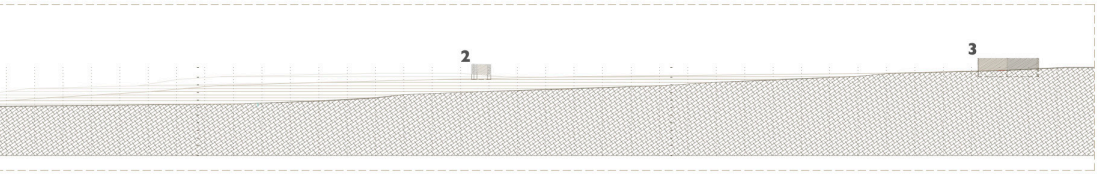
Corte AA´
("orre" de Parada)



Corte BB
("orre" de Souto da Pedra)



Corte BB´
("orre" de Souto da Pedra)



Corte CC
("orre" de Picoutos)

Corte CC´
("orre" de Picoutos)

Perfis de reconhecimento do terreno de São Mamede de Infesta
Ano 1944

Perfis tendo em conta a "Planta topográfica com marcação de perfis de reconhecimento do terreno"

	Cursos de água presentes na área em estudo
I	Capela de S. Cristovão (Quinta do Dourado)
2	Capela da Ermida
3	Igreja Matriz de São Mamede de Infesta

Escala 1:5000

Picoutos, Parada e *Souto da Pedra*: estes são os vales ou orres que ladeiam a freguesia de São Mamede, para além do vale do Rio Leça, importante tanto do ponto de vista topográfico como hidrográfico, assunto que abordaremos posteriormente na presente dissertação. Para localizar estes *orres*, tanto em planta como na vasta área de estudo foi necessário recorrer sobretudo aos seus topónimos.

Iniciando esta análise e marcação dos orres tendo em consideração o conhecimento que tínhamos de antemão do território em estudo, constatamos que o *orre* de *Picoutos*, estava localizado a Oeste e era fortemente marcado por um dos cursos de água que percorre a freguesia em estudo, designadamente a *Ribeira de Picoutos | Asprela*. Também para o *orre* de *Parada*, a toponímia nos auxiliou, uma vez que a Este existe uma pequena região com este topónimo, e que, por sua vez, decalca um dos vales que circunscreve a freguesia em estudo.

Por último, apesar de algumas indecisões na interpretação de onde se localizava o *orre* do *Souto da Pedra*, o significado da palavra *Souto* veio a esclarecer e clarificar a sua implantação no território. A palavra "*Souto*" tem como definição um bosque denso, uma área arborizada para passeio, ou até mesmo, uma mata de castanheiros. Tendo em consideração a definição de *Souto*, e o facto de estar associado, provavelmente, à Ponte da Pedra, tornou-se claro que se trataria das margens do Rio Leça, uma vez que nesta zona em particular, há de facto uma elevação constituída por castanheiros junto à travessia do rio.

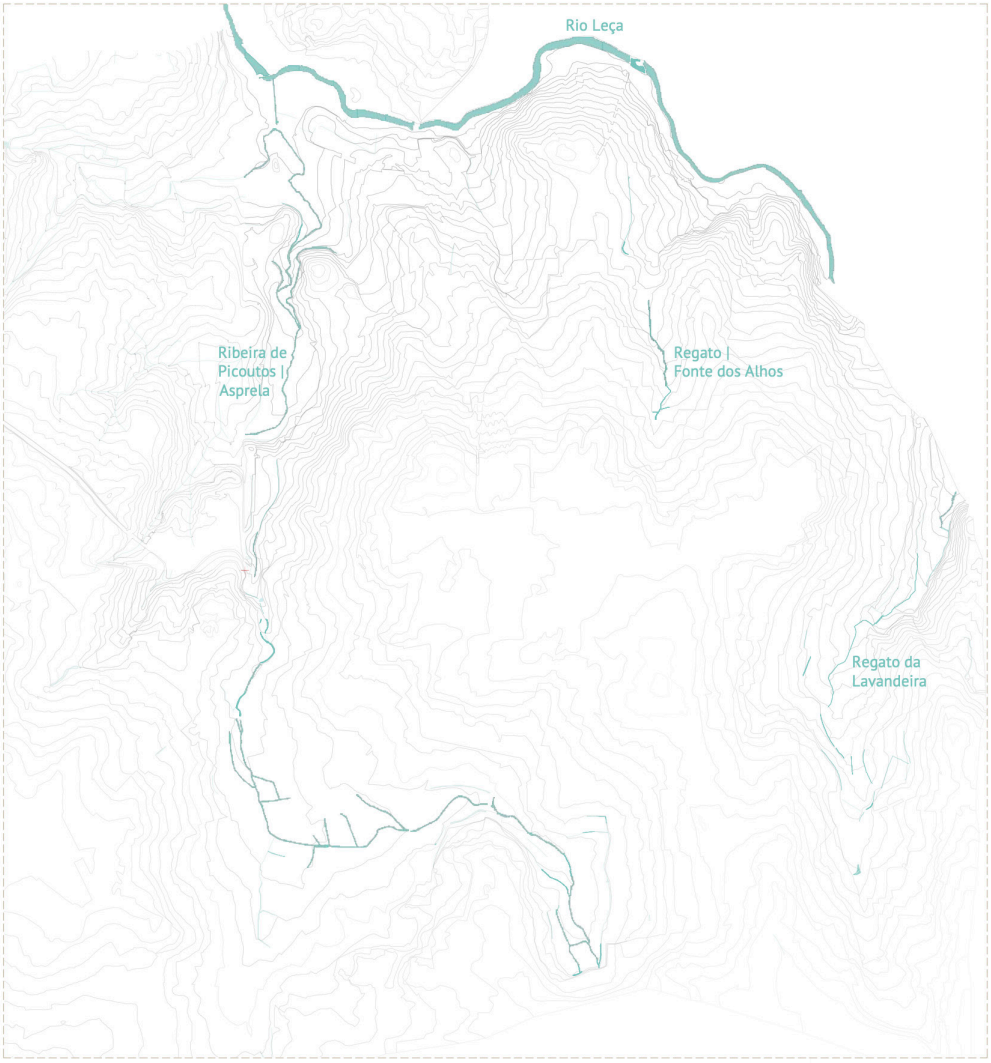
Para evidenciar o protagonismo dos orres, elaboramos perfis que demonstram a relação que existe entre os pontos altos e baixos presentes ao longo deste território. Estes perfis mostram tanto a relação entre os (in)festos/cristas e os *orres*, como também, evidenciam a relação entre o vale e o planalto. Relativamente a estes achamos importante localizar as igrejas/ capelas que foram marcando este lugar ao longo do tempo, tendo sido as sede de paróquia, enumerando-as segundo uma lógica cronológica: a capela de São Cristovão, seguidamente, a Capela da Ermida, e por fim, a Igreja Matriz de São Mamede de Infesta. Para a elaboração destes desenhos foi importante ter em consideração o significado de certas palavras, que nos ajudaram a desenhar os elementos que caracterizam a topografia território mamedense.

A importância da topografia confirmou-se, assim, no processo pelo qual tentamos identificar topónimos e identificar na própria topografia o desenvolvimento destes acidentes topográficos.

*

▪1. (à esq.)
Costumes Portugueses -
Lavadeiras no Rio Leça

▪2. (à dir.)
Moinho junto ao Rio Leça



Esquema dos cursos de água presentes na área em estudo

Cartografia de base de acordo com desenho da autora
"Planta topográfica" correspondente ao ano de 1944

Cursos de água presentes na área em estudo

Curva de nível (2 em 2m)

Escala 1: 20000

*

De forma a entender a morfologia do território em estudo foi necessário uma análise sobre quais as características que o marcam e singularizam: vigorosamente ligado ao Oceano Atlântico, é composto pelas suas planícies e ligeiros declives, muitos deles do *"monte"* até ao mar; este percurso é somente interrompido pelos vales dos cursos de água que aqui estão presentes, e vão recortando e segmentando o espaço, criando *"compartimentos naturais"* com forte significado para a atividade agrícola, e em torno dos quais a vida da população se concebe.[42]

Ao longo deste território é possível observar que os vales dos cursos de água são acompanhados por montes e colinas, habitualmente pouco acidentados, oportunos para a alimentação de muitos rebanhos de cabras e ovelhas, que assim não necessitavam de se deslocar a outras zonas da região para a pastagem. Era, por isso, uma terra propícia à criação de gado de toda a qualidade, sendo que *"nos lameiros dos lugares baixos, pode deixar-se tranquilamente pastar o gado bovino."*[43] É importante sublinhar que esta antiga freguesia tinha uma vasta produção de *"muito milho e centeio, bom gado, tem muitas leiteiras, lavadeiras, pedreiros e carpinteiros."*[44]

Tal como referido anteriormente, uma das fortes características que particulariza esta região é o facto de o território se organizar em função de um planalto, que chega a atingir os 118 metros de altitude. Este vai dando origem a pequenas encostas e vales, marcados pela presença de diversos cursos de água, os quais, em grande parte, desaguam no pronunciado Rio Leça[45].

Para além dos cursos de água, esta região é fortemente pontuada pela presença de poços, os quais se localizam, em grande parte, na área granítica, contrapondo o ocorrido na área constituída por rochas metamórficas. Segundo a autora Edite Velhas, isso seria *"um outro indicador de que a recarga das reservas subterrâneas é muito importante devido à percolação em profundidade."*[46] A solução para abolir a distância que estas áreas tinham em relação às principais linhas de água presentes no território mamedense, foi recorrendo à captação de água por método subterrâneo, resultando na existência de um grande número de áreas de cultivo nesta região.

De entre as características da rede hidrográfica do concelho de Matosinhos, cujo condutor principal é o Rio Leça, nesta área em estudo destacamos a Ribeira de Picoutos/Asprela, o Ribeiro do Arquinho, o Regato da Lavandeira, o Regato e Fonte dos Alhos, entre outros, regatos, fontes, poços, ribeiros e ribeiras.

Desta riqueza de cursos de água, aqueles que ainda hoje resistem ao passar do tempo, tendo em conta a sua forma primitiva, assim como as características que os definem, são a Ribeira de Picoutos/Asprela e o Rio Leça.

[42] Tal como defende José Mattoso, o Norte litoral é *"uma região cheia de compartimentos naturais e abundante em água, o que permite a concentração demográfica e ao mesmo tempo a disseminação das unidades de exploração de pequenas dimensões pelos campos férteis, onde se pode praticar a cultura intensiva de uma grande gama de produtos agrícolas"*. MATTOSO, José, (1945), *Identificação de um país: Ensaio sobre as origens de Portugal: 1096-1325*, 1º Volume: Oposição, Lisboa, Estampa, p.90

[43] RIBEIRO, Orlando, (2011), *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, 8.ª Ed., Letra Livre, p. 158

[44] LEAL, Augusto S. B. Pinho, (1990), *Portugal antigo e moderno : diccionário geographico, estatistico, chorographico, heráldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de tódas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias*, Vol. III, Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, Lisboa, p. 393

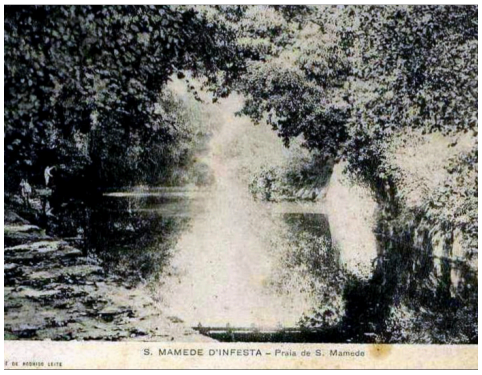
[45] Este curso de água encontra-se a uma altitude média de 39 metros, correspondendo por isso ao ponto mais baixo do território em estudo.

[46] VELHAS, Edite, (1991), *A bacia hidrográfica do Rio Leça, Estudo Hidroclimatológico*, in Revista da Faculdade de Letras - Geografia I Série, Volume VH, Porto, p.189

▪3.
A Ponte da Pedra e o Rio Leça

▪4. (à esq.)
A praia de S. Mamede de Infesta

▪5. (à dir.)
Um retrato do passado bucólico -
Um passeio pelo *Leça*



[47] Este ribeiro foi referido no documento das Memórias Paroquias de 1758, por *Ribeiro dos Queirões*. CARNEIRO, Manuel Almeida, (2016), *""Si bene aedificaveris, bene habitaveris". Entre a casa agrícola e a quinta de recreio no espaço rural do Porto (séculos XVIII-XIX)"* - Vol.1. Dissertação de Doutoramento na área de História – Estudos Avançados do Património apresentada à Universidade Aberta, sob a orientação pedagógica e científica da Professora Doutora Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara, Porto, p. 19

[48] DURVAL, António, (2009), *À descoberta de S. Mamede de Infesta : passado, presente e futuro : uma abordagem monográfica / pesquisa e desenvolvimento*. Câmara Municipal de Matosinhos e Junta de Freguesia de S. Mamede de Infesta, S. Mamede de Infesta, p. 36

[49] UNAMUNO, Miguel, (2017), *POR TIERRAS DE PORTUGAL Y DE ESPAÑA*. Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, p. 275 e 276

[50] *"Nas Ardennes (França) província de Namur, ha um rio chamado de Lesse: talvez que este rio tenha semelhança com o Leça portuguez."* LEAL, Augusto S. B. Pinho, (1990), *Portugal antigo e moderno : diccionário geographico, estatistico, chorographico, heráldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de tódas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias*, Vol.IV, Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, Lisboa, p. 64

[51] *"Lethes"* significa esquecimento

Começando por abordar a Ribeira de Picoutos, este tem o seu início na região de Paranhos, mais precisamente, no Monte de Lamas. A título de curiosidade, é interessante mencionar que esta Ribeira vai tendo diversas designações, tendo em conta os locais por onde passa, isto é, *"Rego das Consortes em Paranhos, Ribeiro de Picoutos em S.Mamede de Infesta e Ribeiro dos Queirões*[47] *em Leça do Balio."*[48] Esta Ribeira marca o território de São Mamede de Infesta no sentido Sudeste para Noroeste e foi, desde sempre, uma das linhas de água que mais teve proximidade com a população local, apoiando a produção agrícola aí existente.

"Un rio es algo que tiene una fuerte y marcada personalidade,
es algo com fisonomia y vida próprias... Se les siente vivir...
La vena agua es para eles algo así como la conciencia para nosotros, unas veces cristalina y clara, rumorosa a trechos.
El agua es, en efecto, la conciencia del paisaje; en el agua, quando queda quieta y serena, se reflejan los árboles y las rocas, en el agua se ven como en espejo, en el agua se desdoblan, adquieren reflexión de sí: el agua es, repito, la consciencia del paisaje. Donde hay agua, parece el paisaje vivo."[49]

Seguidamente e segundo nos afirma Augusto Pinho Leal, o nome dado ao rio Leça deriva da passagem da Ordem dos Templários por este lugar, maioritariamente franceses, que em jeito de recordação da sua pátria decidiram intitulá-lo por Leça[50].

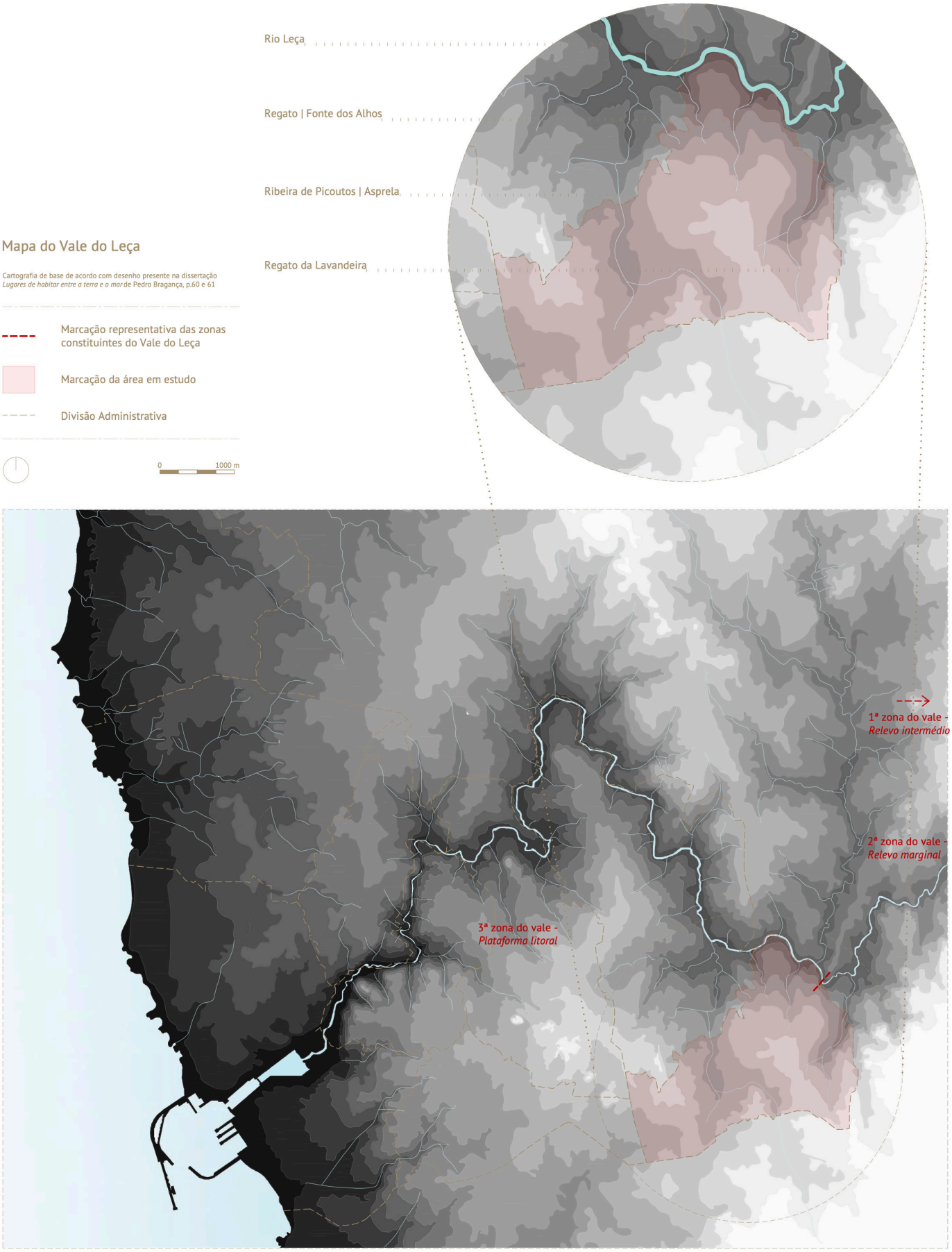
Salvando a leitura do livro de António Durval, os etimologistas reforçam a ideia de que o nome "Leça" tem como origem o termo antigo grego *"Lethes"*[51], recuando ao período em que este lugar foi ocupado por povos árabes. Para além desta designação, este rio, segundo escritos antigos, foi tomando variadíssimos nomes para além do refiro anteriormente entre eles, Celando e Letitia.

Este rio, o *"Leça portuguez"* nasce a uma altitude de 462 metros, em *"uns juncaes, chamados Lameiras do Redondú (ou Redundú) na freguezia de Monte Córdova (antigamente Monte Córva) proximo da estrada que vae do Porto para Santo Thyrso"*[52], fazendo desde a nascente até à foz, no porto de Leixões em Matosinhos, um percurso de cerca de 47Km. O vale onde se encontra implantado o rio Leça posiciona-se numa interessante intersecção local, caracterizada por estar entre a terra e o mar, havendo a presença de um sistema de povoamento derivado da região do Douro, assim como, de um povoamento fixado paralelamente à costa. Este rio, de calmas águas e margens aprazíveis, é caracterizado por um carácter assimétrico e singular, possuindo uma bacia hidrográfica[53] com uma área de, aproximadamente, 190km2. Ao longo do seu percurso natural, o rio Leça vai recebendo os maiores contributos para a definição da sua bacia hidrográfica, por parte das linhas de água localizadas na zona norte, justamente dos ribeiros do Arquinho, Leandro, Junqueira e Pizão, as quais denotam uma orientação Norte/Sul. Esta bacia hidrográfica *"abrange parte dos concelhos de Matosinhos, Maia, Valongo, Trofa e Santo Tirso."*[54]

[52] LEAL, Augusto S. B. Pinho, (1990), *Portugal antigo e moderno : diccionário geographico, estatistico, chorographico, heráldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de tódas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias*, Vol. IV, Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, Lisboa, p. 63

[53] Segundo Rui Francisco, na sua tese de mestrado, *"Uma bacia hidrográfica é "uma área definida topologicamente, drenada por um curso de água ou por um sistema integrado de cursos de água, tal que todos os caudais efluentes sejam descarregados através de uma única saída"*. Esta ideia partiu da referência:
LENCASTRE, A. F. M. (2010). *Lições de Hidrologia*. Lisboa: Fundação da Faculdade de Ciências e Tecnologia Universidade Nova de Lisboa.
FRANCISCO, Rui Pedro Cardoso, (2016), *As Bacias de Paisagem do Rio Leça: Mestrado em Ecologia, Ambiente e Território*. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, p. 35

[54] ARAÚJO, Assunção, BETTENCOURT, Ana M. S., SILVA, Armando Coelho Ferreira, MOREIRA, Álvaro de Brito, TEIXEIRA, Ricardo, (2009), *O Rio da Memória: Arqueologia no Território do Leça*. Câmara Municipal de Matosinhos - Gabinete Municipal de Arqueologia e História, Matosinhos, p. 11


Rio Leça
Regato | Fonte dos Alhos
Ribeira de Picoutos | Asprela
Regato da Lavandeira
Mapa do Vale do Leça
Cartografia de base de acordo com desenho presente na dissertação
Lugares de habitar entre a terra e o mar de Pedro Bragança, p.60 e 61
Marcação representativa das zonas constituintes do Vale do Leça
Marcação da área em estudo
Divisão Administrativa
0
1000 m
1ª zona do vale - Relevo intermédio
2ª zona do vale - Relevo marginal
3ª zona do vale - Plataforma litoral

Abordando a questão da geomorfologia da bacia deste rio, podemos referir que esta é composta por três zonas distintas.

A zona mais a nascente, denominada de relevo intermédio, é caracterizada por ser a área em que o rio Leça alcança as cotas territoriais mais elevadas. Nesta zona podemos afirmar que os declives são bastante acentuados, *"(…) ultrapassando em alguns sectores os 35º."*[55]

A segunda área, a intermédia, é denominada de relevo marginal e acomoda, em grande parte do seu percurso, os territórios abrangidos pelos concelhos de Valongo e da Maia. Nesta área o rio mostra-se mais embutido e estrangulado no território muito por causa dos acidentes topográficos presentes nesta área, visto que os *"alinhamentos constituídos por afloramentos de rochas resistentes (nomeadamente, quartzitos) que, com uma orientação NNW-SSE, assumem maior expressão na área de Valongo."*[56]

Por último, e a mais relevante para o trabalho em curso, temos a terceira e última zona denominada de plataforma litoral, onde está inserida a nossa área de estudo. Esta terceira zona encontra-se naturalmente delimitada pelo Oceano Atlântico a poente, fazendo um ligeiro declive desde a cota compreendida entre 100 a 125 metros até encontrar a linha de oceano. No entanto existem pontuais excepções ao longo do território, as quais se encontram acima da referida cota de 125 metros, como é o caso do Monte de S. Gens, ou também conhecido por Monte dos Caulinos. De acordo com o sugerido por Pedro Bragança, este caso é *"um elemento fundamental para a composição do ambiente físico e do povoamento de toda a plataforma litoral."*[57]

Esta divisão do vale do Leça por estas três unidades compositoras resultaram numa diversidade a nível da estrutura morfológica do território, a qual proporciona um campo ambiental e natural, de características ímpares, observável em torno do Leça.

[55] BRAGANÇA, Pedro, (2014), *Lugares de habitar entre a terra e o mar*, Volume I, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, p. 63

[56] Ibidem

[57] Ibidem

Mapa da composição litológica dos solos da área urbana de Matosinhos

Cartografia de base de acordo com desenho presente na dissertação *Lugares de habitar entre a terra e o mar* de Pedro Bragança, p. 66 e 67

Aluvionares

Maciço granítico do Porto

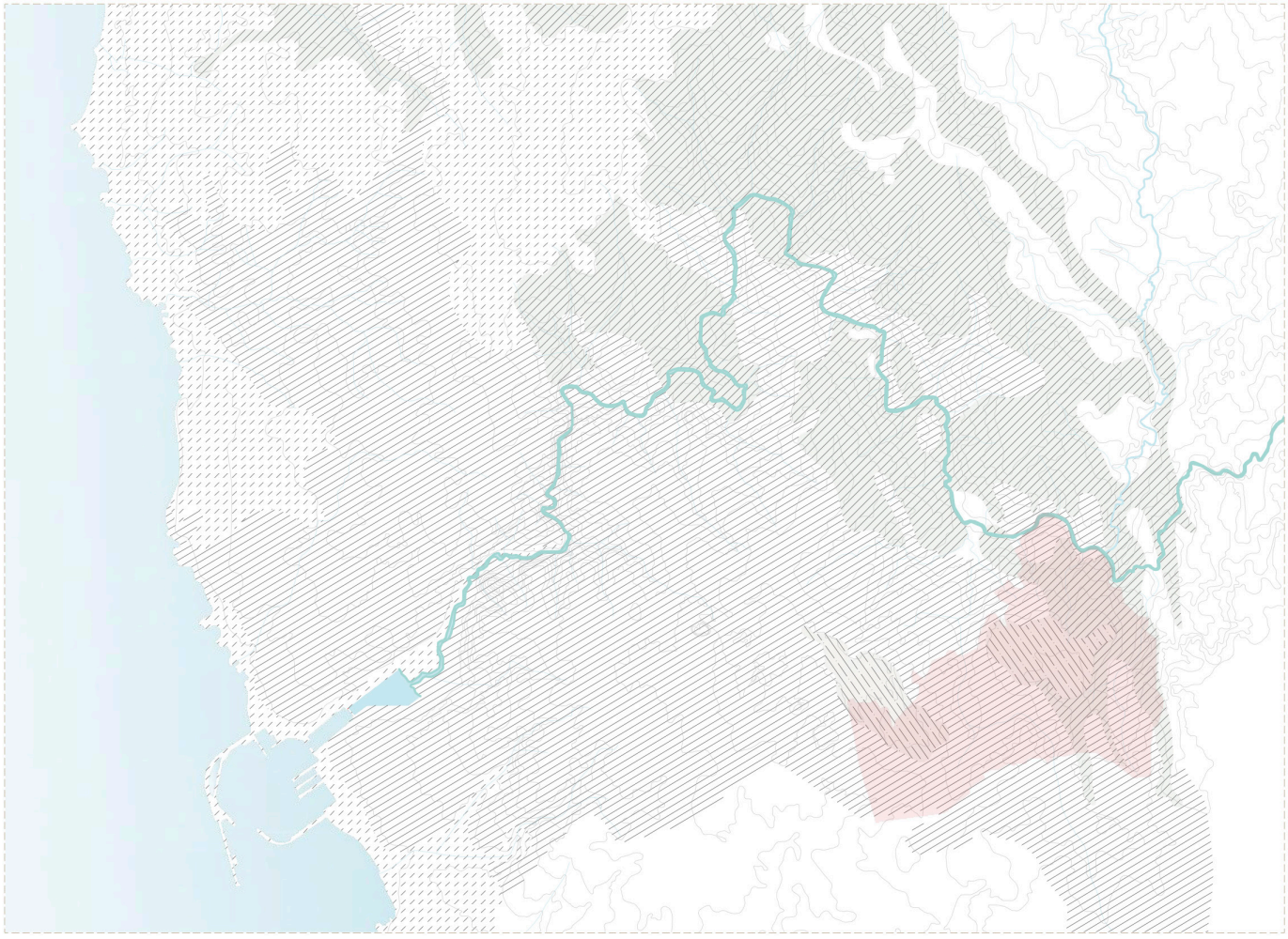
Jazigos caulinos

Complexo xisto-grauváquico

Marcação da área em estudo

0 1000 m

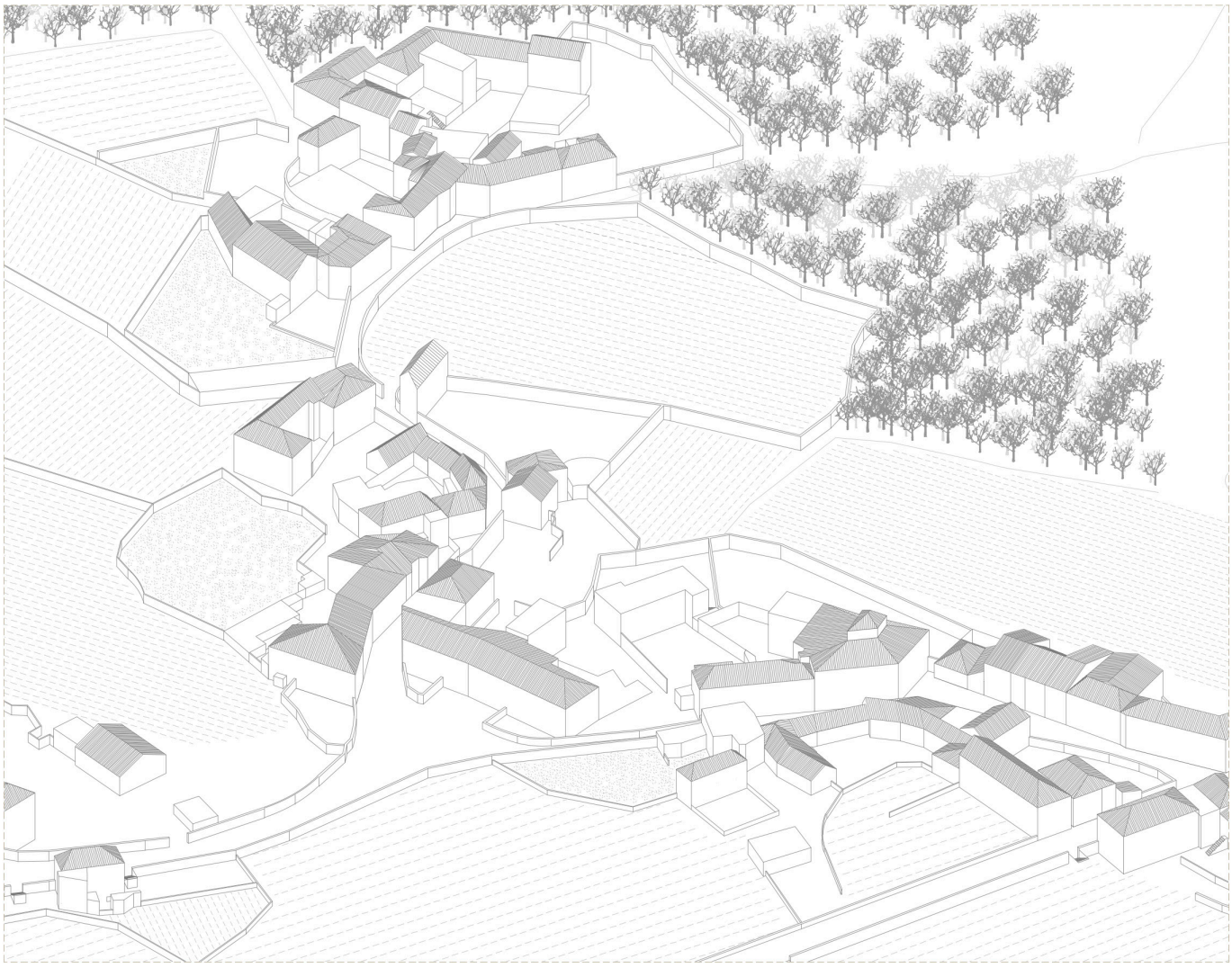
A fertilidade do solo de São Mamede de Infesta é justificada pela forte presença do maciço granítico, que se estende desde a Serra de Valongo para a zona mais a poente, e partindo para o litoral e Sul do Rio Douro, e ainda de xistos metamorfóricos antigos, nos quais assentam tanto os concelhos do Porto como o de Matosinhos. Para além destes depósitos sedimentares, há ainda que fazer referência a um outro minério, denominado de Kauling (ou como designado em português, caulino), o qual permite, em conjunto com os outros substratos, a qualidade fértil e rica dos terrenos para a prática abundante da atividade agrícola nesta região.



Esquema representativo "Ager" e "Bouça"
O exemplo do lugar Moalde

Fotografia aérea do lugar de Moalde, 1939-40 (à dir.)

0 100m



*

> *Se é a paisagem fortemente determinada pela vida e se é a vida desta região eminentemente ligada à agricultura, enquanto sistema económico principal e base da organização familiar, não podemos deixar de observar a organização do "micro-agro-silvo-sistema", como lhe chamou Carlos Alberto Ferreira de Almeida, que se multiplica em milhares de unidades nas colinas e planícies do litoral atlântico.*[58]

No âmbito das questões topográficas, é imprescindível abordar, assim, a questão da constituição geológica do solo de São Mamede de Infesta, visto estar fortemente ligada à fertilidade dos terrenos e, consequentemente, à actividade agrícola praticada nesta região.

Tal como sintetiza Pedro Bragança, esta região era composta, em grande parte, por "*ager*"(es), palavra latina que significa campo, maioritariamente murado. Este termo, geralmente consistia na designação dada ao composto, por exemplo, de agras, veigas, linhares e vessadas. Estes conjuntos abrangiam férteis alvéolos bem irrigados, por força da presença de cursos de água, sendo uma das condições necessárias e favoráveis para a prática da agricultura.[59]

Um outro constituinte indispensável e que não poderíamos deixar de mencionar aquando abordado o tema da constituição do sistema agrário são as bouças. Estas zonas tinham como principal uso o de servir o "*ager*", visto localizarem-se entre os campos (ager(es)), espaçando-os. Estavam posicionados no limite de cada um destes micro-sistemas agrários, cercando-os, concentricamente, tendo em conta o aglomerado de casas presentes em cada um desses sistemas. É também Pedro Bragança quem nos informa que:

> *"Baltea, do latim, ou Balteus (nome), deverá estar na origem do termo Bouça, bem como de múltiplas outras palavras como balzo (italiano) ou balsa(português). Também belt (inglês), balte (sueco), belti (islandês) ou bel (albanês) terão a mesma origem latina."*[60]

A tradução de cada um dos termos tem como significado cinto ou cintura e representa, de uma forma directa, a função que estas zonas têm no sistema agrário: a cerca em torno do campo, isto é, a cintura de cada um destes micro-sistemas agrários. Cada um destes sistemas, de pequenas dimensões e que funcionam de forma interdependente, demandam a necessidade de uma grande quantidade de recursos, sendo os espaços entre esses sistemas, as bouças, constituídas ou por Soutos, ou por Carvalhos, que abasteciam esses mesmos sistemas.

Este sistema agrário descrito ainda é possível ser observado em Moalde, precisamente num dos lugares mais antigos de ocupação deste território, servindo a representação gráfica precedente para acentuar essa questão da coexistência entre o espaço de habitar e o sistema de produção agrária, uma vez que ainda nos dias de hoje esses espaços verdes quase que inalterados, funcionam como uma espécie de janela para o passado bucólico daquele lugar.

[58] BRAGANÇA, Pedro, (2014), *Lugares de habitar entre a terra e o mar*, Volume I, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, p. 49

[59] Ibidem, p. 50

[60] Ibidem, p. 52

No entanto, nas zonas em que o povoamento tem uma grande densidade, e por isso não existe espaço para a existência do designado baldio ou também conhecido por maninhos ou terrenos incultos, acontece que após terminar um conjunto inicia-se imediatamente outro sistema. Ao observar-se essa ausência de terrenos inalterados, entende-se que todo o território era dominado por particulares e servia, principalmente, para a produção, como se de uma grande fábrica se tratasse, em que cada setor desempenha um papel crucial para a realidade do conjunto.

São assim *"as suas características físicas que atribuem aos solos uma fecundidade invulgar e, por conseguinte, condições excepcionais para o assentamento de vida ao longo de praticamente todo o território."*[61]

Deste modo, o conhecimento da morfologia do território, assim como, a decifração de alguns termos linguísticos, funcionaram para perceber quais as características e razões que levaram o Homem primitivo a fixar-se neste lugar.

*

Assim podemos afirmar que questões como a forma e a geometria do terreno são fundamentais para a formação e caracterização da rede hidrográfica, assim como, as suas características geológicas, isto é, a sua capacidade de permeabilidade, de porosidade e de infiltração. Todas estas características, combinando com as circunstâncias imprevisíveis do meio natural, como é o caso da precipitação, vão permitir definir a estrutura da rede hidrográfica em estudo. Não podemos, por isso, definir completamente esta rede pois faz parte de um processo ambiental abstruso e exclusivo.

Após entender o território sobre o qual a presente dissertação assenta, focar-nos-emos em perceber de que forma a paisagem paroquial se foi alterando e transformando. Com o passar do tempo assistiu-se à mutação da paisagem paroquial deste território, por parte das comunidades que aí iam permanecendo.

[61] BRAGANÇA, Pedro, (2014), *Lugares de habitar entre a terra e o mar*, Volume I, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, p. 13

Esta ideia de construção da paisagem ao longo dos séculos, tendo-lhe sempre associada o tema de espaço natural, permitiu-nos concluir que a paisagem é como uma espécie de macrorganismo composto e transformado por microorganismos, isto é, por aglomerados populacionais que habitam, transformam e produzem esse vasto campo de actuação. Para além destas ações é importante perceber de que forma foi realizada a integração na paisagem por parte destes aglomerados, pois tal como nos afirma Jean-Marc Besse: *"há uma substância da paisagem na qual nós participamos, da qual fazemos parte, ou mais precisamente, na qual estamos"*[62], isto é, existir a e na paisagem. Esta ideia de ser a paisagem, e, simultaneamente, existir na paisagem, leva-nos a uma outra questão - o assentamento - a qual está ligada, intrinsecamente, à consciência humana e à forma como esta lida com a vasta dimensão da natureza. A forma como é realizado este assentamento surge de acordo com uma ordem natural, na qual cada peça que compõe o todo dispõe-se no território de forma a tirar o máximo de partido dos seus recursos disponíveis. Desta forma é criado um diálogo infindável entre o que é proposto pela ação do Homem e o que existe desde sempre na natureza do lugar.

> *"Os rios correm, surgem as cheias ou as secas. O solo é mais, ou menos fértil. Época de chuvas, granizo, ou seca. Tempo seco ou húmido. A actividade humana ocupar-se-á de dialogar e adaptar-se à variedade que a natureza lhe oferecer."*[63]

Assim podemos concluir, que a escolha de assentamento num determinado lugar, tem em conta um conjunto de ideias que propõe uma ligação equilibrada entre o Homem e o mundo puro e primitivo. Indo de encontro ao defendido por Tim Ingold, a

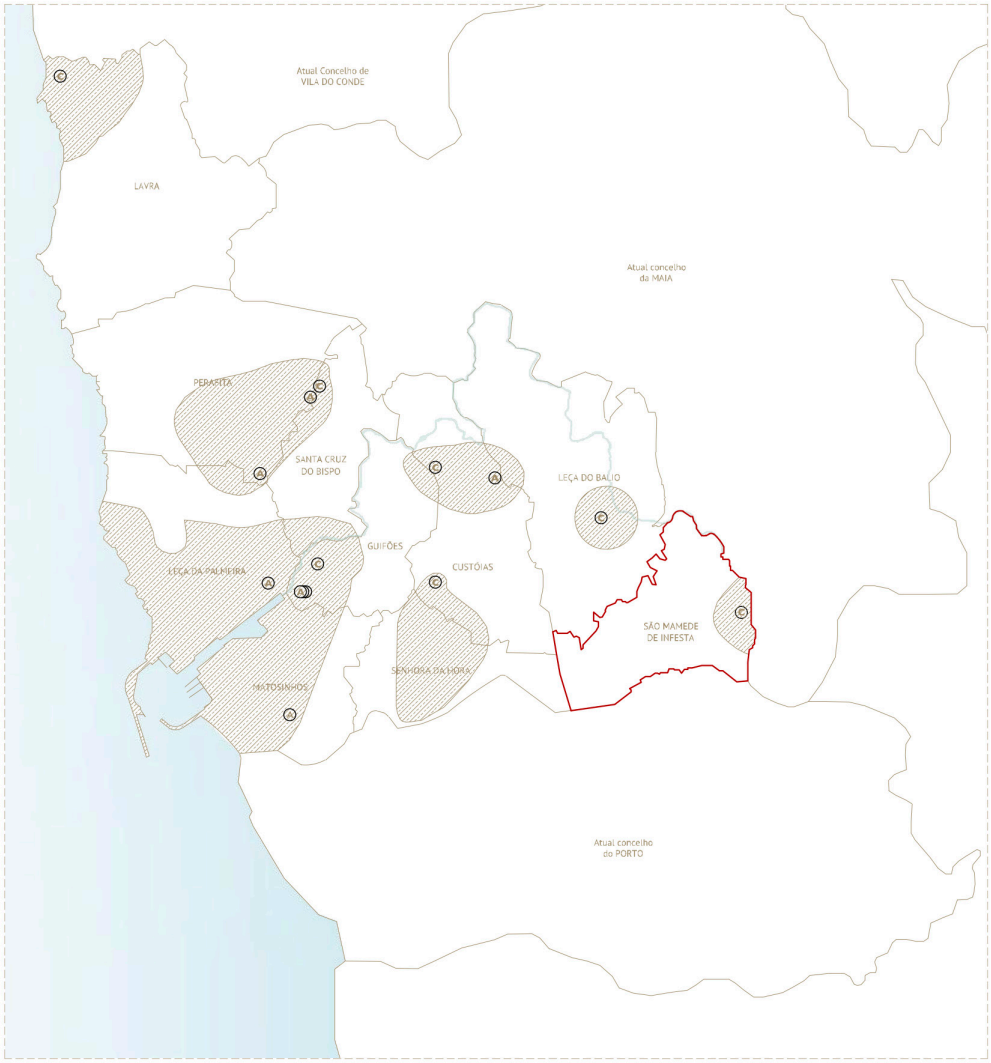
"paisagem não é um todo sobre o qual quem quer que seja possa lançar o olhar, ela é, sobretudo, o mundo no interior do qual nos situamos ao assumirmos um ponto de vista sobre o que nos rodeia",[64]

isto é, cada um de nós tem o seu domínio visual próprio construído através das nossas percepções do real e do que nos envolve.

[62] BRAGANÇA, Pedro, (2014), *Lugares de habitar entre a terra e o mar*, Volume I, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, , p. 31

[63] Ibidem, p. 40

[64] Ibidem, p. 31



Esquema do Mapa Arqueológico da Idade dos Metais

Concelho de Matosinhos

Desenho de base de acordo com desenho presente no livro *À descoberta de S. Mamede de Infesta*de António Durval, p.91

- Rio Leça
- Zonas de ocupação populacional
- Marcação da área em estudo
- Achados Arqueológicos
- Diversos Achados Arqueológicos
- Castros

0 2km

2.2 Da pré-história ao período alto medieval

Notas para a construção de uma narrativa

Nos dias de hoje poucos são os vestígios do passado longínquo que podemos encontrar no lugar de São Mamede de Infesta. À semelhança do que aconteceu por todo o país, a ocupação pré-histórica verificou-se, também, no caso em estudo, assim como pelo Douro Litoral. Os ocupantes primitivos do território que com o passar do tempo viria a designar-se por Portugal,

"viviam em descampados, em vales, em montes, servindo-se de moradas que devemos imaginar serem choças feitas de pernadas de arvores, como as dos pastores, ou de pedra sôlta, cobertas de ramagens, .— e por vezes tambem em grutas naturais."[65]

O século X a.C. ficou marcado na história do país como sendo o período durante o qual ocorreu a expansão marítima por parte dos Fenícios, trazendo povos para bem perto do lugar em estudo, a Foz do Rio Douro. Em relação ao povo Celta, este proveniente do centro da Europa, começou a chegar à Península Ibérica na primeira metade do século VI a.C.

Tendo em mente a região onde se insere o nosso caso de estudo, o vale do rio Leça, António Durval afirma que este era pontuado pelo aparecimento de *"povoados castrenses de Monte Padrão, em Monte Córdova, Sto. Tirso e a importante "Citânia de Sanfins" em Paços de Ferreira"*[66]. Os castros eram caracterizados por serem povoados fortificados hierarquicamnete equivalentes, situados num lugar estratégico defensivo, geralmente no topo de montes, a fim de facilitar a proteção da população e de recursos para a sua sobrevivência.

Mas foi no lugar de Guifões que se instalou o primeiro *"protótipo de cidade"*, detendo um papel fundamental nas trocas comerciais. Por ter uma posição mais central topograficamente do ponto de vista das comunicações, Guifões assumiu um papel comercial e de uma espécie de citânia central relativamente aos outros castros, sendo eles: *"Monte Castro (Lavra), Monte Castro (Perafita), de Esposade (Custóias), Montalto (Custóias), S.Sebastião (Leça do Balio) e Monte Castro (S.Mamede de Infesta)"*[67]. Relativamente a este último Castro, que somente tem importância para a investigação em curso, não existe qualquer tipo de vestígio, porém é possível, aproximadamente, situar onde este se localizava no território mamedense.

*

No entanto foi durante o período de dominação pré-romana e romana do Noroeste Peninsular, tendo origem nas Guerras Cantábricas (29-19 a.C), que se assistiu ao início de um processo intensivo e paulatino de grandes transformações ao longo dos vales e bacias do Rio Leça.

Num primeiro momento, o Mediterrâneo foi o local escolhido como sendo o centro a partir do qual se lançaram as primeiras linhas de crescimento do espaço romano, partindo do litoral para o interior peninsular.

[65] VASCONCELOS, José Leite, *Etnografia Portuguesa*, Vol.II. Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, p.353

[66] DURVAL, António, (2009), *À descoberta de S. Mamede de Infesta : passado, presente e futuro : uma abordagem monográfica / pesquisa e desenvolvimento*. Câmara Municipal de Matosinhos e Junta de Freguesia de S. Mamede de Infesta, S. Mamede de Infesta, p. 91

[67] Ibidem

Posteriormente, já numa fase de consolidação do Império, o Atlântico Noroeste terá servido como forma de entrar na Península Ibérica, através das bacias hidrográficas, que tinham importante relevância para o desenvolvimento regional, como também de inclusão desta nova forma de povoamento no território português.

Durante a romanização havia a presença de uma autoridade dominante, centralizada em Roma, a qual num primeiro momento, estando implantada num determinado território passaria por uma aceitação local, assim como, da sua herança cultural, levando à transformação dos modos de vida locais, muitos deles de base aborígene. O processo de romanização da península encontrou neste território do Noroeste peninsular e no qual se enquadra o Noroeste litoral português e o nosso caso de estudo, pela presença anterior da cultura castreja, processos de implantação mais lentos e ligeiramente diferentes de outras regiões, em que a aculturação romana foi mais imediata. Por consequência, no Noroeste português é-nos apresentado uma junção de diversas formas de povoamento, *"como por exemplo, a coexistência de villae romanas com castros que ainda que romanizados, transportaram e mantiveram, por muitos anos, características do habitat castrejo."*[68]

Durante este período, para além da importância dada às relações marítimas - tanto comerciais como piscatórias -, também a actividade agrícola desempenhou um papel fundamental e infindável como atividade económica, protagonizando o desenvolvimento nomeadamente do caso em estudo. Podemos afirmar que esta atividade foi desde esse período a base da organização do povoamento da região.

> *"Ao processo de romanização são reconhecidas características comuns em toda a formação do império e que colocam a questão do lugar, ou de cada lugar, numa esfera tipológica que parece ser, em muitos casos, transversal a praticamente todo o espaço romanizado, ou pelo menos comungada nos vários sistemas de hierarquia regional."*[69]

Neste período surgiu a presença dissipada de outro tipo de estruturas, os *oppida*. Estas encontravam-se dispersas ao longo do território, e numa fase posterior dos progressos organizativos da romanização, funcionavam sob um sistema de organização por pólos, tendo como método organizativo um lugar central. Podemos assim concluir que um dos principais aportes do período romano foi a inserção no território, para além de uma ideia de rede, a ideia de uma hierarquia, sendo esta a base para todo o sistema organizativo romano.

Mais uma vez a partir da leitura de Pedro Bragança percebemos que, durante este período assistiu-se aos mais diversos tipos de assentamento e reorganização do território, destacando entre os demais uma nova estratégia administrativa, que passava pela criação de centros urbanos de maior dimensão, conectados entre si por eixos viários eficazes e que marcavam o território. Podemos entender que a geometria foi o mote para a organização territorial, em que a construção de vias de comunicação globais foi uma das principais expressões da romanização. Outra característica era a formação de sistemas económicos regionais, os quais estavam comprometidos com a exploração dos recursos naturais do território onde se tinham implantado. Assim, uma vez que São Mamede de Infesta pertence à cidade de Matosinhos, no período da romanização, a economia esteve ligada tanto à agricultura como ao mar.

[68] BRAGANÇA, Pedro, (2014), *Lugares de habitar entre a terra e o mar*, Volume I, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, p. 85

[69] Ibidem.

Esquema topográfico c/ marcação
das "*vias de crista*"

Cartografia de base de acordo com desenho da autora
"Planta topográfica" correspondente ao ano de 1944

"Vias de Crista"

Via I — Troço da antiga via romana (Itin. Antonino - XVI)
Bracara Augusta (Braga) - Olisipo (Lisboa)

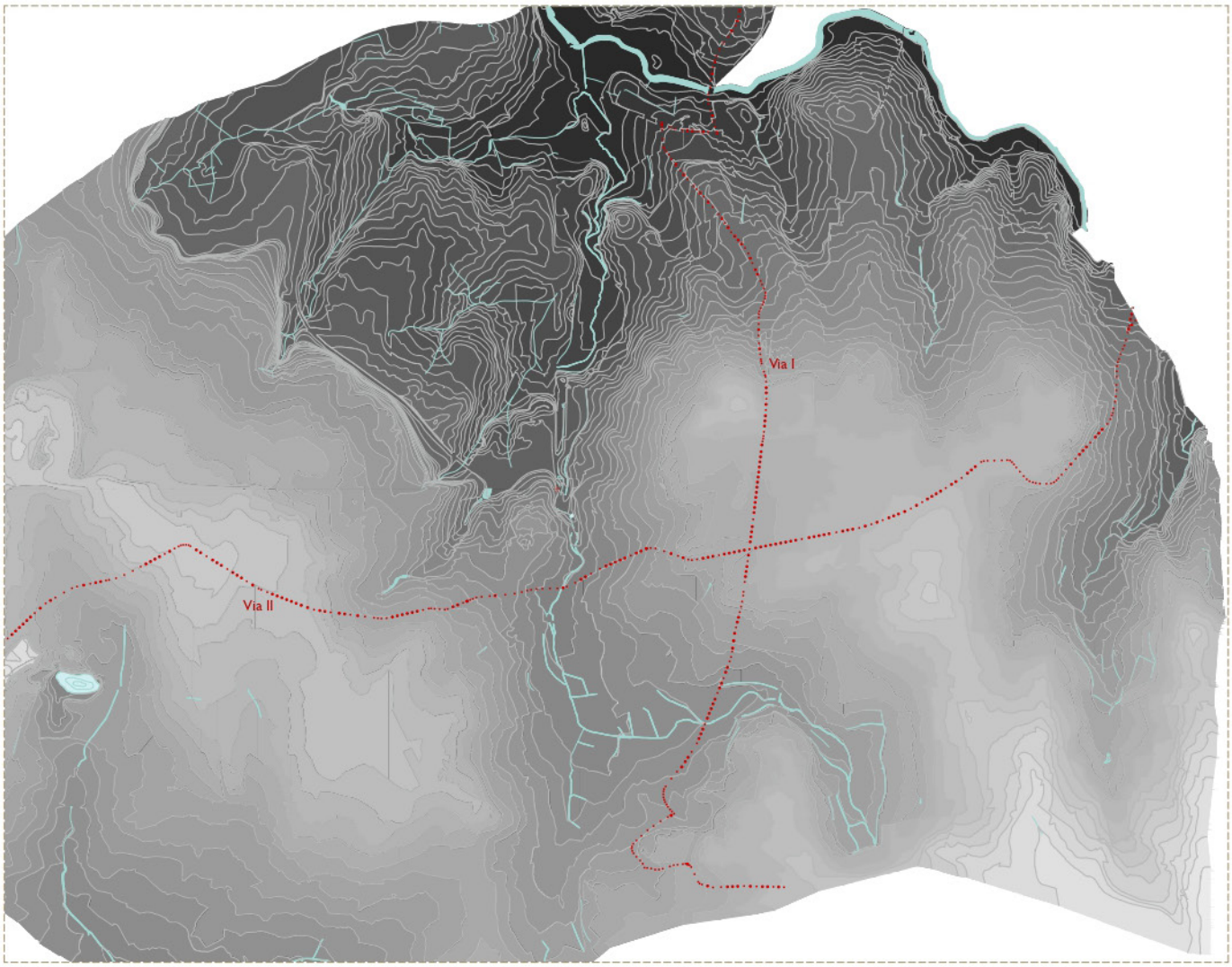
Via II — Estrada distrital nº24 (1883)
Matosinhos - Águas Santas

Linha de água secundária

Rio Leça

Curva de nível (2 em 2m)

Escala 1:20000



Foi durante os séculos III e IV d.C. que se assistiu à terceira fase de dominação romana, caracterizada por ser um momento de prosperidade do império de uma forma geral, assim como da região do Baixo Leça. É nesta fase que se insere a reforma adminitrativa designada de Diocleciano (284 - 288), a qual gerou a *"criação da Gallaecia, enquanto província, com sede em Bracara Augusta, integrando os três conventos jurídicos do noroeste peninsular"*[70].

Com o Édito de Milão, no século IV d.C, o Cristianismo passa a ser a religião oficial do Império Romano, levando à propagação de uma forma mais acentuada da Igreja pelo território, resultando num aumento das comunidades cristãs. Esta informação foi de extrema importância para a organização territorial naquele período, uma vez que se estavam a formar os domínios administrativos da Igreja, incluindo o sistema episcopal.

Foi também durante o período romano que os eixos viários de comunicação assumiram um papel fundamental e organizador do território português. A ideia de Roma era a criação de uma rede mais ampla, ligando um ponto ao outro pelo caminho mais curto. Contrariamente ao observado no território aquando da ocupação castreja, com a entrada da cultura romana esta tem uma visão mais supra-local, tendo um discernimento regional e inter-regional, de forma a suprir grandes distâncias entre lugares no território. No território português esta ideia é implantada de uma maneira diferente, tendo sido adaptada, não iniciando esta ideia de vias formais de comunicação ao longo do território, mas dando-lhes um novo significado e proporção.

A diferença da rede viária proto-histórica face à romana passava pela criação de vias de ligação rápidas entre civitates. Isto é, o traçado destas novas vias não tinha o intuito de ligar lugares de interesse local, por exemplo entre villae, mas sim, criar um traçado mais rectilíneo. Para a construção destas novas vias, e tendo sempre em mente o principio de linearidade viária, muitas vezes os obstáculos de natureza geográfica, como por exemplo, a topografia, eram ignorados, não procurando adaptar-se às características morfológicas do terreno, o que resultava, por vezes, em inclinações de via muito acentuadas.

Segundo Carlos Alberto Ferreira de Almeida, estas vias eram também designadas por "*vias de crista*", isto é, escolhiam as linhas de festo, que se destacavam de forma linear ao longo do território, para traçarem as novas linhas viárias. Isto permitia uma maior visibilidade territorial, assim como de circulação e segurança, tendo em conta o assentamento em terrenos impermeáveis, resultando numa redução de custo da construção das novas linhas viárias.

Através de um dos mais conhecidos documentos sobre a viação romana, o *Itinerário de Antonino* [71], percebemos que a nossa área de estudo é atravessada por uma via romana, a Via Bracara Augusta (Braga) - Olisipo (Lisboa)[72]. Este caminho romano era pontoado por paragens/estações intermédias, tais como *"Santarem, Ceice, Condeixa-a-Villa, Agueda, Aveiro, Feira, Calle, (Gaya) Bracara Augusta (Braga), d´onde seguia pela serra do Gerez"*[73], de forma a chegar a Astorga. No lugar em estudo existia a presença de um troço desta antiga via romana, que permitia ligar o lugar de São Mamede a Cale (Porto) e a Bracara Augusta (Braga), sendo que esta via atravessava todo este território e ainda o Rio Leça, através da Ponte Petrina, correspondente à atual Ponte da Pedra.

[70] BRAGANÇA, Pedro, (2014), *Lugares de habitar entre a terra e o mar*, Volume I, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, p. 88

[71] Definição de Itinerário Antonino
As estradas no Império Romano (Séc. III)
Trata-se de um roteiro de época romana elaborado no reinado de Diocleciano (≈284-305) que registava as distâncias em milhas entre as sucessivas estações das principais estradas, do qual se fizeram várias edições em época moderna. As de Weseling (1735) e Parthey & Pinder (1840) são as mais conhecidas.
Museu Nacional Machado Castro (s.d.), *Itinerário de Antonino - As estradas no Império Romano (Séc. III)*, disponível em http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/minisitios/ContentDetail.aspx?id=829, acedido pela última vez a 05.2021

[72] Esta via pertencia ao Itinerario XVI - Braga (Bracara) - Porto (Cale) - Coimbra (Aeminium) - Lisboa (Olisipo), o qual teria um trajecto de aproximadamente CCXLIII milhas (243 milhas ~ 391 Km)
SOUTINHO, Pedro, (2021). *Vias Romanas em Portugal - Itinerários Romanos*, disponível em https://viasromanas.pt/#braga_lisboa, acedido pela última vez a 05.2021

Tal como Jerónimo Argote nos dá notícia no seu livro *Memórias para a História Ecclesiástica do Arcebispado de Braga*, esta estrada sofreu uma importante reforma e melhoramento face ao estado em que se encontrava nesse período.
ARGOTE, Jerónimo Contador de, (1734), *Memórias para a História Ecclesiástica do Arcebispo de Braga, Primaz das Espanhas*, (4 Vols.). Na Oficina de José António da Silva, Lisboa, Vol. II, p. 597

[73] FARIA, F. Fernando Godinho de, (1899), *Monografia do Concelho de Bouças*. Matosinhos, Edição do Autor, p. 246

6.
Marco miliário presente no atual cemitério de São Mamede de Infesta

Leça do Balio/Gueifães (m.p. XXIX; a via serve de divisória entre as freguesias de Leça do Balio e Gueifães, atingindo a milha 29 no cruzamento com a rua António Aleixo, continuando pela rua de Santana até ao largo da Feira de Santana, onde toma a ***rua da Estrada Velha****, antiga «Socarreira», e a* ***rua da Ponte da Pedra****; necrópole em Quelha Funda)*

Ponte Romana-Medieval da Pedra sobre o rio Leça *(m.p. XXX; alguns silhares almofadados atestam a sua origem romana; «ponte petrina de Leza» num documento do século XI, PMH DC 248; continua pela* ***rua da Estrada Velha****)*

São Mamede de Infesta (m.p. XXXI no ***Largo da Ermida;*** *continua pela* ***rua da Conceição****, cruza a* ***estação C.F.*** *e segue até à* ***Capela de St.António Telheiro****; topónimos* ***Carriçal*** *e* ***Largo do Marco*** *indiciam a passagem da via que venceria a milha 32 na actual linha divisória entre os concelhos do Porto e Matosinhos)*

Hübner refere um miliário de Adriano a servir de base do cruzeiro da Quinta do Dourado/St. António (CIL II 4735), situada na rua da Igreja Velha; posteriormente terá sido reutilizado no cruzeiro do cemitério, não sendo hoje visível qualquer letra; a ***Quinta do Dourado*** *fica a cerca de 1 milha do traçado proposto, mas caso não estivesse deslocado, poder-se-ia admitir um percurso alternativo pela* ***rua Bela Parada****,* ***rua da Igreja Velha****,* ***rua de Moalde*** *e* ***rua Oliveira Gaio*** *já em* ***Asprela****, passando assim próximo do* ***Castro de Moalde*** *(a villa Manualdí num documento do ano de 994); a antiga via foi destruída com a construção do campus universitário/Hospital de S. João, mas reaparece mais abaixo na rua Dionísio dos Santos Silva, continuando pela rua Igreja de Paranhos e rua do Campo Lindo, de encontro à via principal na rua Antero de Quental (Almeida CAF, 1969).*[40]

[40] SOUTINHO, Pedro, (2021). *Vias Romanas em Portugal - Itinerários Romanos,* disponível em https://viasromanas.pt/#braga_lisboa, acedido pela última vez a 05.2021

Esta Via, tendo em consideração o trajecto Sul-Norte, de Cale a Bracara Augusta, passaria perto da atual igreja de Paranhos e seguiria para Norte atravessando uma área perto de capelas pertencentes ao espaço paroquial em estudo, tais como a Capela de Nossa Senhora da Conceição (mais conhecida por Capela da Ermida) e a Capela de Santo António do Telheiro. Esta via, também ela designada de *"Estrada Velha"*, *"que durante séculos foi a principal estrada da região, era lugar de passagem dos peregrinos para Santiago de Compostela."*[74]

Ao percorrer este lugar, e sabendo de antemão que esta via tinha forte ligação com a actual Rua da Estrada Velha, fomos conseguindo estabelecer guias de desenho e pensamento que nos ajudaram a definir qual o trajeto que este eixo teria tido em tempos remotos. Sabendo à partida que esta via percorria o que é hoje essa rua em direção ao lugar da Ermida, e que seguidamente seguiria para o lugar do Telheiro, foi exactamente esse o percurso que realizamos em busca de respostas para a concretização do trabalho em curso. Ao chegar ao lugar deparamo-nos com algumas pistas que nos indicavam, de uma forma clara, qual o percurso natural daquela via em tempos antigos. Foi através de um Cruzeiro, presente no cruzamento da Rua da Estrada Velha com a Rua Dr. Sá e Melo, que nos foi possível entender que esta via seguiria pela Rua da Conceição, visto que esta ligava o lugar da Ermida ao lugar do Telheiro.

Para além dos mapeamentos realizados, base documental para o conhecimento do traçado romano nos dias de hoje, também os marcos miliários são fundamentais para o entendimento deste período, permitindo-nos compreender a complexidade da estrutura viária romana. A presença destes marcos ao longo destas vias ressaltam não só o traçado da mesma, como também nos remetem para o período a que o eixo viário foi construído.

Assim, no lugar de São Mamede, como forma de vestígio deixado desse período, há notícia de um marco miliário[75] (marco romano, que marca uma milha), pertencente ao tempo do Imperador Adriano, o qual se encontrava inicialmente junto à actual Quinta do Dourado, *"marco esse que poderia indiciar a passagem por aquele lugar da "Via XVI"."*[76]

Contrariamente à via I, a via II tinha um percurso do litoral para o interior do território, ligando Matosinhos a Águas Santas na direção Poente-Nascente, cruzando-se com a via Norte-Sul.

Assim, o que caracteriza o território em estudo é o grande eixo de deslocação Norte-Sul introduzido pela romanização, tendo um trajecto mais interior a nível territorial; e uma outra via mais local Nascente-Poente, de penetração ao longo do rio, criando uma ligação entre o litoral e o interior do território, não tendo a amplitude das grandes vias romanas.

---

[74] PortoeNorte (s.d.). *CAPELA DA ERMIDA (ANTIGA IGREJA PAROQUIAL DE S. MAMEDE)*, disponível em http://www.portoenorte.pt/pt/o-que-fazer/capela-da-ermida-antiga-igreja-paroquial-de-s-mamede/, acedido pela última vez a 05.2021

Mais tarde, dando sinal da permanência e o quanto estruturante esta via era, refira-se que no século IX, vão ser suporte para passagem de pessoas, nomeadamente peregrinos e cavaleiros a caminho de Braga até à Galiza, ficou marcado pela presença de *"pequenas oficinas e comércio de apoio a viandantes e peregrinos"*.
DURVAL, António, (2009), *À descoberta de S. Mamede de Infesta : passado, presente e futuro : uma abordagem monográfica / pesquisa e desenvolvimento*. Câmara Municipal de Matosinhos e Junta de Freguesia de S. Mamede de Infesta, S. Mamede de Infesta, p. 91

[75] Durante o século XX (anos 50/60) foi transportado para o actual cemitério paroquial, junto à igreja ,matriz, o qual se encontra totalmente irreconhecível e desvalorizado.

[76] DURVAL, António, (2009), *À descoberta de S. Mamede de Infesta : passado, presente e futuro : uma abordagem monográfica / pesquisa e desenvolvimento*. Câmara Municipal de Matosinhos e Junta de Freguesia de S. Mamede de Infesta, S. Mamede de Infesta, p. 91

[77] Ao mencionarmos este castro que se localizava na antiga vila de S. Mamede, António Durval defende que a origem desta vila teve a presença de duas vilas romanas, nomeadamente a Villae *"Sanctus Mamethus"* e *"Manualdi"*, sendo que esta última se referia ao antigo Castro de Moalde.
"O nome da "villae" "Sanctus Mamethus" (São Mamede) indicia que foi construída, ou existiu já no tempo da adopção do cristianismo pelos romanos (380 dC)."
Ibidem, p. 92

"É da segunda metade do século VI o relevante testemunho da organização paroquial do Noroeste da Península Ibérica, sob a dominação sueva. Referimo-nos ao Parochiale suévico, estudado por Pierre David. As paróquias terão surgido por iniciativa episcopal em torno dos centros diocesanos, a partir do momento em que a população aumentou, sem que se tenha pretendido cobrir todo o território diocesano, tanto mais que o território paroquial em Portugal só seria delimitado muito mais tarde. Nesta configuração tardo-antiga, as paróquias <<vinculadas diretamente à autoridade do bispo, mas sem um território fixo atribuído>> constituem <<como que pontos instáveis de uma constelação>>. Superando concessões anteriores, que viam nas paróquias um sucedâneo das villae romanas, ficou demonstrado que as paróquias <<aparecem normalmente em localidades mais importantes como os pagi (centros de territórios), os vici (povoações menores sem jurisdição territorial) ou os castella (povoações fortificadas)>> e não tanto nas villae, onde surgem igrejas não de iniciativa episcopal e sob a sua responsabilidade, mas fundadas pelos próprios proprietários."[78]

[78] ABREU, Adélio Fernando, (s.d), *A paróquia na história - Elementos para uma visão de conjunto*. Universidade Católica Portuguesa, CEHR - Centro de estudos de História Religiosa, Faculdade de Teologia, Porto, p. 236

*

O ano de 409 d.C. marca o início da ocupação por parte de povos germânicos da Península Ibérica , nomeadamente os Vândalos e os Suevos. Estes últimos instalaram-se entre o Douro e Minho, tendo como capital a antiga Bracara Augusta (Braga), no entanto, o centro deste poderio era na antiga Cale (Porto). É importante ressalvar que, durante este período suevo-visigótico[79], não se observou uma grande transformação face ao que tinha sido implementado no período romano, tanto a nível de código civil como administrativo. Porém, face ao presente estudo, é importante mencionar que durante este período foi criado uma nova forma de organização e estruturação do povoamento: as paróquias rurais.

> *"A paróquia, com o sentido que depois veio a adquirir, começou a aparecer com a primeira ruralização do cristianismo, despontado no século IV e desenvolvendo-se ao longo do século V, com a chegada do cristianismo aos pagi, vici ou mesmo villae."*[80]

As paróquias rurais não eram caracterizadas por territórios claramente delimitados e com fronteiras[81], mas sim, por uma espécie de *"rede constelar, de sucessivas áreas de influência e de organização cristã organizada em pequenos centros"*.[82] De aparecimento bastante moroso, as paróquias rurais rompiam por iniciativa do bispo, a quem ficavam escrupulosamente ligadas, com o contributo laical pelo menos nas despesas das construção das igrejas e capelas. Assim podemos considerar que esta nova estrutura paroquial suévica foi a primeira rede pós-romana, com um forte contributo para a fixação e organização do povoamento no território português.

> *"A fertilidade do solo fixava as populações e a organização paroquial desde o século VI aglutinava-as em comunidades com relativa coesão. De facto, desde essa altura que basicamente coincide com a conversão dos Suevos ao catolicismo, iniciou-se a fundação de inúmeras paróquias, muitas delas ainda hoje conservando os nomes germânicos dos possuidores das vilas rurais."*[83]

Tendo, mais uma vez, por base a leitura da dissertação de Pedro Bragança, podemos constatar num documento do século VI, do *Parochiale Suevorum*, que já havia notícia de uma paróquia suévica no local em estudo, designada nesse período de *Betaonia*[84], correspondente à atual São Mamede de Infesta.

Assim, a paróquia, para além das catedrais e centros diocesanos, passa a desempenhar o papel mais importante da diocese, tornando-se na Idade Média, numa das responsáveis pela propagação da fé cristã nas comunidades rurais mais distantes, servindo como estrutura organizadora e coesiva ao longo do território.

*

Por volta do ano 711 d.C., a Península Ibérica é invadida por Muçulmanos, sendo que após quatro anos, todo este território estava sob o domínio deste novo povo, com a exceção de parte das Astúrias, *"que ficou em poder de um punhado de Cristãos-Visigodos comandados por Pelágio."*[85]

[79] A partir do séc. VI, parte do reino suevo foi anexado ao reino visigótico, sendo que este último se viria a implantar nas antigas regiões de Hispânia e Gália.

[80] ABREU, Adélio Fernando, (s.d), *A paróquia na história - Elementos para uma visão de conjunto*. Universidade Católica Portuguesa, CEHR - Centro de estudos de História Religiosa, Faculdade de Teologia, Porto, p. 234

[81] *"Não tinham fronteiras bem definidas, nem compunham um mosaico paroquial que incluísse a totalidade do território diocesano, tanto mais que a perspectiva funcional se sobrepunha à territorial."*
Ibidem

[82] BRAGANÇA, Pedro, (2014), *Lugares de habitar entre a terra e o mar*, Volume I, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, p. 101

[83] MARQUES, José Augusto Maia, (2003), *Raízes da nossa identidade: actas do congresso*. Maia: Câmara Municipal, p. 47

[84] BRAGANÇA, Pedro, (2014), *Lugares de habitar entre a terra e o mar*, Volume I, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, p. 101

[85] DURVAL, António, (2009), *À descoberta de S. Mamede de Infesta : passado, presente e futuro : uma abordagem monográfica / pesquisa e desenvolvimento*. Câmara Municipal de Matosinhos e Junta de Freguesia de S. Mamede de Infesta, S. Mamede de Infesta, p. 92

Este nobre, fundador e primeiro monarca do Reino das Astúrias, foi o responsável, em 718, pelo início da reconquista cristã, uma vez que este derrotou os mouros na batalha de Canga de Onis.Este período árabe ficou caracterizado pela instabilidade causada pelas invasões ocorridas entre 711 e 756, a qual levou a um enfraquecimento por parte dos poderes políticos e administrativos até então instituídos, criando um *"atrofiamento da vida urbana retirando às cidades boa parte da sua importância"*.[86] Este enfraquecimento dos centros urbanos, os quais por vezes correspondiam a sedes de diocese, salientou o que já tinha sido observado no povoamento antigo, reforçando e contribuindo para uma fixação disseminada em núcleos rurais.

Segundo nos dá notícia Pedro Bragança, através da ideia de Pierre David, foram as paróquias, assim como os mosteiros, os núcleos de permanência do povoamento, que possibilitaram a não ocorrência do fenómeno de despovoamento total no território português.

> *"A vida pôde ser profundamente perturbada, quer pelas invasões, razias ou algaradas dos Muçulmanos, quer pela política defensiva dos reis das Astúrias. Puderam desaparecer entre o Tejo e o Minho os quadros administrativos e militares; rarefez-se a população e muitas terras ficaram incultas. Permaneceu, todavia, na terra um elemento de continuidade, conservador das antigas tradições, como em todas as épocas de vida retardada. Este elemento manteve-se em redor dos antigos centros paroquiais, igrejas ou mosteiros, embora caídos em ruína."*[87]

À semelhança do que aconteceu em tempos passados, o período da Reconquista não trouxe alterações face à forma como o povoamento se foi fixando na zona Noroeste de Portugal. Isto porque as unidades religiosas, as paróquias, davam uma continuidade e completude cultural, as quais se iam integrando num contexto de dominações diversas e formas de poderio incontínuas e disseminadas. Tendo como exemplo a bacia do Rio Leça e a sua condição natural para a prática de diversas actividades, nesse período registou-se tanto ligadas ao mar como à terra. Esta condição natural diversa possibilitou e contribuiu para o crescimento da população nesta região, assim como da progressiva disseminação da fixação da população ao longo deste território. Esta ideia vai de encontro ao defendido por José Mattoso, pois, *"no século XI, eram escassos os centros urbanos. A população estava predominantemente fixa em áreas rurais "*[88].

Como referido anteriormente, durante este período não ocorreram grandes alterações relativamente à forma de povoamento do Noroeste peninsular, uma vez que *"a administração da monarquia asturiana demonstrava uma organização frágil* e *"preparada sobretudo para o ataque", mais do que para a governação administrativa* e *fiscal, ou para a reordenação estrutural da nação."*[89]

Tendo em conta a desestabilizada administração asturiana, surgiu o feudalismo, por prontidão dos proprietários das terras, manifestando-se sob diversas expressões de privatização do poder, desde a concessão de terrenos aos nobres e/ou a ordens religiosas, até à exploração por parte de cultivadores de pequenas lavouras , estas pertencentes muitas vezes a propriedades dos nobres ou de ordens religiosas.

[86] BRAGANÇA, Pedro, (2014), Lugares de habitar entre a terra e o mar, Volume I, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, p. 102

[87] Ibidem

[88] Ibidem, p.103

[89] Ibidem, p.106

"Estas lavouras designar-se-ão também por Casal e são originadas por três fenómenos simultâneos: em primeiro lugar, resultam do desmembramento das antigas villae e da respectiva emancipação das lavouras consignadas, ou seja, do despontar da pequena propriedade, em segundo, do surgimento de novos casais, de fundação cristã, que ao longo do território, foram estruturando e formalizando o crescimento populacional e que estão tendencialmente relacionados com a prática agrícola - pequenas agras de cultura intensiva e diversa, com eiras - e, por último, a criação das Vilas Novas, através de "novos arroteamentos", unidades administrativas que vêm promover novas centralidades, frequentemente associadas ao sistema paroquial - e particularmente a novas paróquias - ou às novas e emergentes organizações monásticas."[90]

*

Topónimos

Desde o período romano, que a maior parte dos proprietários davam à sua villa o seu nome próprio, justificando desta forma a origem latina de alguns topónimos que ainda hoje perduram no tempo. Esse hábito não foi perdido durante o período da Reconquista, pois a *"terra continuava a ser uma extensão da personalidade do homem que a possuía."*[91]

Aquando do período da monarquia asturo-leonesa, e uma vez que, como foi mencionado anteriormente, as terras ocupadas passariam a ter mais do que um único proprietário, houve, por isso, a necessidade de rebatizar os lugares.

No entanto nem todos os topónimos faziam referência a nomes de proprietários ou até mesmo de figuras do poder local, designados de topónimos antroponímicos. Em alguns casos, o topónimo utilizado adveem de questões topográficas, ou remetendo para o nosso caso de estudo, de aspecctos relacionados com a ocupação agrária.[92]

Contrapondo com estes dois casos referidos anteriormente, há ainda os que advêm de características particulares de ocupação territorial e da definição de cada elemento constituinte do todo.

Esta nota particular relativamente ao nome dos lugares prende-se com o facto da narrativa que faremos seguidamente sobre o crescimento do espaço paroquial de São Mamede de Infesta ser particularmente sensível à informação que podemos depreender do nome dado a determinado lugar.

[90] BRAGANÇA, Pedro, (2014), Lugares de habitar entre a terra e o mar, Volume I, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, p. 107

[91] SAMPAIO, Alberto, (1979) *Estudos Históricos e Económicos - As Vilas do Norte de Portugal*, Vol. I, Documenta Histórica, 2ª Ed., Vega, p.50

[92] Por exemplo, Bouças, segundo documentação medieval, é um topónimo utilizado tendo em conta as características paisagísticas do local ao qual este faz referência, derivando *"de plantas ou de assuntos relacionados com a natureza."*
BRAGANÇA, Pedro, (2014), *Lugares de habitar entre a terra e o mar,* Volume I, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, p. 111

2.3 Entre o século XI - XII

2.4 Entre o século XIII - XV

2.5 De 1566 a 1643

2.6 Memórias Paroquias de 1758

São Mamede de Tresorres (1130 - 1258)

São Mamede (1258 - 1527)

São Mamede de Moalde (1527 - 1623)

São Mamede da Ermida (1623 - 1711)

IDADE MÉDIA

IDADE MODERNA

Séc. XI

O concelho de Matosinhos era designado por Maltesinus.
Após uma reformulação administrativa, surgiu o **Julgado de Bouças** que era composto pela região de Maltesinus e Villa Nova (actual freguesia de Leça da Palmeira).

1º vestígio encontrado do lugar de São Mamede.
Villa Manualdi era a designação da atual aldeia de Moalde.

Séc. XII

Presença em Portugal da Ordem Hospitalar dos Cavaleiros de São João de Jerusalém, cuja está na origem da Sagrada Ordem de Malta.

1130 - Vermudo Gonçalves doa ao Bispo do Porto, D.Hugo, metade da igreja de S. Mamede, parte da aldeia de Tresorres (um quinto da quarta parte) e metade da aldeia de Manualde.

1131 - Dona Chamôa Pais e seu marido Vasco Dias vendem ao Bispo do Porto,D. Hugo, a quinta da quarta parte da Aldeia de S. Mamede de Tresorres e a oitava do que lhe haviam cedido os esposos Gosendo Gonçalves e Dona Ermesinda e ainda parte da igreja de S. Mamede.

1157 - Couto de Leça doado à Ordem do Hospital por D. Afonso Henriques, sendo confirmado por D. João II.

1157 - O lugar de São Mamede pertencia ao Couto de Leça.

Séc. XIII

1258 - Inquirições de D. Afonso III.

1258 - A paróquia de S. Mamede era formada por 2 aldeias: *S. Mamede* e *Manualdi*. A igreja era simplesmnete designada por S. Mamede cabendo ao Censual do cabido a designação de S. Mamede de Tresorres.

Aparecimento do lugar da Ermida neste procedimento administrativo.

Séc. XIV

1320 - Na lotação das Igrejas ocorreu a deturpação do nome da Igreja, a qual nas Inquirições era simplesmente designada por S. Mamede e nos restantes documentos S. Mamede de Tresorres (designação errada - Neste período o caso de estudo designava-se somente de S. Mamede).

Séc. XV

Séc. XVI

1519-1836 - A nível geográfico, o território de São Mamede pertenceu às antigas Terras da Maia.

1566 - A freguesia denominava-se simplesmente de S. Mamede e era constituída por 11 lugares. (informação referente ao livro mais antigo do Tombo da Baliagem de Leça, que se encontra no Arquivo Distrital do Porto).

Séc. XVII

1638 - O Couto de Leça passou a Concelho do Couto de Leça.

A igreja paroquial funcionou na Capela de Nossa Senhora da Conceição no lugar da Ermida, também conhecida por Capela da Ermida.

1643: - Demarcação dos terrenos pertencentes ao Couto de Leça, através de marcos de pedra caracterizados pelo desenho a baixo relevo da cruz que definia a Ordem de Malta.

- A freguesia denomina-se por S. Mamede da Ermida e era constituída por 18 lugares.

28 de Fevereiro de **1643** - A capela da Ermida foi, desde esta data, a matriz efectiva e sede de freguesia.

Séc. XVIII

1711 - A Igreja Paroquial mantinha a designação de Igreja Paroquial de S. Mamede da Ermida.

1725 - Primeira vez que a Igreja aparece com a designação de Igreja de S. Mamede de Infesta.

22 de Janeiro de **1735** - Construção da Igreja Nova por parte dos Balios de Leça, localizada no Monte de N.ª Sr.ª da Conceição.

15 de Fevereiro de **1737** - Construção do Adro.

1758 - Realização de um inquérito designado por *Memórias Paroquiais*.

1758 - Neste ano, a freguesia já possuía 22 lugares.

1775 - Colocação de um nicho na velha estrada que ligava Porto a Braga, para colocação de esmolas dos *visinhos* e *viandantes*, as quais foram usadas para a construção da Igreja de Sto. António do Telheiro.

1786 - Construção da Capela de Sto. António do Telheiro.

Séc. XIX

1804 - Reconstrução da capela N.º Sr.ª da Conceição (da Ermida), tendo sido construída uma torre nos princípios do século.

1807-1813 - Portugal esteve envolvido na designada Guerra Peninsular. Assim, Portugal foi palco de três invasões:
- Novembro de 1807 - início da 1ª invasão comandada pelo general Junot;
- Março de 1809 - 2ª invasaõ comandada pelo genreal Soult, que vindo de norte, atravessou as terras da Maia e decidiu assentar as suas tropas no lugar de S. Mamede de Infesta.
- Junho de 1810 - 3ª invasão comandada pelo marechal Massena.

1808 - Abertura duma estrada que liga a Arca d´Água ao lugar da Ermida e que serviu de apoio à que existe, para a qual foi transferido o nicho que serviu para construção da Igreja de Sto. António do Telheiro.

1833 - Criação do Concelho de Bouças.

30 de Maio de **1834** - Extinção do Couto de Leça e das Ordens Religiosas.

1835 - Na sequência das reformas administrativas de Passos Manuel, o território mamedense foi incluído no Concelho de Bouças, após o Concelho do Couto de Leça ter sido extinto nesse ano.

1836-1841 - Construção da estrada que ligava a cidade do Porto a Braga (Estrada Real de rodagem nº3).

1855 - Inauguração do Cemitério, localizado ao lado da igreja atual. Anteriormente, os enterramentos eram realizados dentro da Igreja ou no adro da Igreja.

27 de Agosto de 1864 - Início da construção da atual Igreja, construída no local da anterior igreja e mandada construir pelo Conde de S. Mamede, Rodrigo Pereira Felício

7 de Setembro de 1866 - Conclusão da construção da atual igreja. (esta igreja teve como referência para o seu projecto a Igreja da Trindade, localizaada na cidade do Porto.

9 de Setembro de 1866 - Sagração da atual igreja matriz.

1874-1879 - A freguesia possuía 23 lugares.

1883-1889 - A estrada municipal de Matosinhos a S. Mamede passou a distrital, depois de alargada e pavimentada de novo. Esta estrada designada de nº 24 prolongou-se de S. Mamede até Águas Santas, cujo trecho ficou concluído no ano de 1889.

1889 - A freguesia possuía 24 lugares, uma avenida e sete ruas.

1889-1896 - Construção da Estrada da Circunvalação.

1895 - Código Administrativo de 1895

1896 - O cemitério sofreu grande ampliação.

1899 - Mudança de localização do cruzeiro da freguesia, para junto da residência do Abade. Posteriormente foi relocalizado para o local onde se encontra atualmente, no adro da igreja matriz.

No **final do século XIX** - surgimento do 1º transporte público, o *Ripert*.

Séc. XX

1909 - Criação do Concelho de Matosinhos.

1910 - Inauguração da linha do elétrico

1917 - Fábrica Monteiro Ribas.

1936 - Fábrica de Fiação e tecidos da Ponte da Pedra.

1938 - Início da construção do caminho-de-ferro e posteriormente da "Ponte Nova".

1945 - Criação do regime *CRE* (Casas de Renda Económica)

1951 - Bairro do Caixa Têxtil de Matosinhos , projeto da autoria do arquiteto Germano de Castro.

1958 - Criação de novos edifícios de âmbito escolar, como por exemplo, a escola da Igreja Velha.

6 de Junho de 1984 - Criação da Vila de S. Mamede de Infesta.

1984 - Apresentação do projeto-lei, que propunha a criação da Vila de S. Mamede de Infesta.

25 de Setembro de 1985 - Validação do Decreto-Lei, que visava a passagem a Vila.

Séc. XXI

12 de Julho de 2001 - Elevação da freguesia de S. Mamede de Infesta à categoria de Cidade

IDADE CONTEMPORÂNEA

São Mamede de Infesta (1711 - até aos nossos dias)

2.7 De 1874 a 1879 e o ano de 1889

2.8 O ano de 1944

2.9 De 1944 até à actualidade

Lugar

1

Jurisdição

Contextualização

EM NOME DA SACTA E INDIVISIVEL TRINDADE EU UNISCO, FILHA DE MENDO, E EU PATRINA, VOS DESEJAMOS ETERNA SAUDE EM DEOS NOSSO SENHOR, AMEN. A VÓS TODEOGILDO, ABBADE, E AOS FRADES, E FREIRAS, QUE HABITAM NOS MOSTEIRO DA VACCARIÇA, (…)

NA ALDÊA DE KEIRÃOS A HERDADE, QUE AHI COMPOU FREI SAVARIGO; ***MAIS VOS DOAMOS A ALDÊA DE MANUALDE COM TODAS AS SUAS PERTENÇAS,*** *E A ALDÊA DE PAUSATELLA CONFORME A POSSUIO MINHA AVÓ VISTOREGIA COM SEU MARIDO GALINDO GONSALVES, E TAMBEM A ALDÊA DE SUNILLANES, COM TODAS AS SUAS PERTENÇAS, MITONAELLI, E CANDEREDI; VILLAR COM TODAS AS SUAS PERTENÇAS, CAITORELO, E OUTRO VILLAR JUNTO AO DOURO; ALDUAR, COM TODAS AS SUAS PERTENÇAS, E UMA IGREJA POR NOME S.MARTINHO:* ***DA MESMA SORTE VOS DAMOS EM MANUALDE, DUAS PARTES DA IGREJA DE S. MAMEDE:*** *TAMBEM VOS DAMOS, E CONCEDEMOS A ESSE MOSTEIRO SOBREDITO TUDO QUANTO RESTA NO NOSSO TESTAMENTO, E O DOAOS PELA ALMA DE NOSSO MARIDO TRUCTESINDO, E DE NOSSOS FILHOS OSEREDO, E PATRINA.*

(…)

ESCRITO NO DIA XII DAS CALENDAS DE DEZEMBRO DA ERA DE 59. (20 DE NOVEMBRO 1021). UNISCO CONFIRMO POR MINHA MÃO ESTE TESTAMENTO QUE MANDEI FAZER.[93]

[93] BOAVIDA, Agostinho Fastio, (1973), *S. Mamede de Infesta : subsídios para a sua história*. Câmara Municipal, Matosinhos, p. 23, 24 e 25
Esta doação encontra-se descrita no "Livro Preto" da Sé de Coimbra, sendo considerado o livro mais antigo que aborda assuntos relacionados com S. Mamede.

2.3 Entre o século XI-XII

Após uma análise atenta do lugar como o vemos hoje, o estudo debruça-se agora em contar uma história, a (trans)**formação de São Mamede** ao longo do tempo.

Teremos que recuar até ao início do século XI para encontrar o primeiro vestígio do lugar de São Mamede. Foi no reinado de D. Afonso V de Leão (reinou entre 1000 e 1028), que Dona Unisco Mendes, a principal padroeira do Mosteiro de Leça e dona de grande parte do território em estudo, fez a doação de parte de suas terras ao Abade Todeogildo, no ano de 1021.

Após a leitura atenta da citação podemos constatar que a *ALDÊA DE MANUALDE* é o primeiro local a ser mencionado em documentos escritos e pertencente ao lugar em estudo. Podemos, por isso, afirmar que a aldeia de *Manualde* é o sítio mais antigo de São Mamede, porém não podemos afirmar que este teria a mesma designação na época romana.

Relativamente ao termo *Manualde* este tem origem germânica e é alusivo a um possessor cujo nome é *Manualdus*.

Já na obra *"Topónimos e Gentílicos"* de Xavier Fernandes, o termo *Manualde* tem uma semelhança, na origem, com Mangualde, em que ambos resultam do medieval Manualdi. Acrescenta ainda que, *"nos séculos X e XI Villa Manualdi* [94] *era a designação do lugar correspondente à actual aldeia de Moalde"*.[95]

Também no livro 92 do Tombo da Baliagem de Leça, há uma referência a um Castro no Casal de Baixo pertencente a esta aldeia.

Esta ideia de lugar vetusto persiste em muitas das leituras sobre o tema em questão.

Após a referida doação da aldeia de Manualde por parte da Dona Unisco Mendes, em 1130, Vermudo Gonçalves doa ao Bispo do Porto, D.Hugo, metade da igreja de São Mamede (como referido anteriormente na citação da doação por parte de Dona Unisco Mendes), *"com todos os seus passais e testamentos e ainda com parte da aldeia de Tresorres (um quinto da quarta parte) e com metade da de Manualde."*[96]

Podemos assim concluir, que no século XII, o território mamedense era composto por duas aldeias, a de Manualde e a de Tressores, sendo que esta última dava o nome a este lugar compreendido entre o mar e a terra.

Jurisdição
O concelho de Matosinhos era ainda uma pequena região denominada por Maltesinus.

Após uma reformulação administrativa, surgiu o **Julgado de Bouças** que era composto pela região de Maltesinus e Villa Nova (atual freguesia de Leça da Palmeira).

1157 - O lugar de São Mamede pertencia ao **Couto de Leça**.

[95] Segundo José Leite Vasconcelos, no livro Etnografia Portuguesa, a palavra Vila, *ascendendo ao latim, aí se nos depara villa em sentido de <<casa de campo>> e <<quinta>>; e ele nos explica que bambe em Portugal na idade-média, tivessemos vila em sentido analogo, (…)*
Pois que muitas propriedades rusticas de tal especie, por aglomeração de casas, se tornaram povoações, ficou a cada uma d´estas o nome geral de vila, que em breve adquiriu sentido administrativo-juridico: isto é, vila como capital de concelho ou municipio, de julgado, de comarca, e tambem como titulo honorifico. Já nos mais antigos forais que se conhecem de terras portuguesas, 1055 - 1065, a palavra villa designa <<determinada povoação que se rege a si mesma, com direitos e deveres proprios entre os seus moradores e para com o senhorio da terra>>

[95] FERNANDES, Xavier, (1941 - 1944), *Topónimos e Gentílicos*, 2 Vol.. Editora Educação Nacional, Porto, pág. 335

[96] BOAVIDA, Agostinho Fastio, (1973), *S. Mamede de Infesta : subsídios para a sua história*. Câmara Municipal, Matosinhos, p. 27

Diagrama construção do lugar
Anterior ao ano 1258

Cartografia de base de acordo com desenho da autora
"Planta topográfica" correspondente ao ano de 1944

Escala 1: 20000

Edifícios religiosos

Núcleo

Marcação representativa das vias estruturantes

Linha representativa da área que irá integrar São Mamede a partir de 1895

Antes de 1258

1- São Mamede | **2** - Manualdi

2.4 Entre o século XIII-XV

> *"As povoações portuguesas do tempo d´agora pertencem a três categorias principais: cidade, vila, aldeia.*
> *A significação das duas primeiras a ninguém faz dificuldade, porque dependem de títulos dados por lei, segundo certas razões (importância histórica ou económica, importância eclesiástica, população, função política, etc.). Já não se definirá com tanta precisão a terceira."*[97]

O lugar de São Mamede de Infesta era constituído antes de 1258, tal como afirma Agostinho Boavida, por duas aldeias: a aldeia que dava o nome a este lugar, cuja era composta por nove casais, e ainda, a aldeia de Manualdi, tendo esta sete casais.[98] Para o entendimento mais claro da formação deste lugar foi indispensável decifrar alguns significados de palavras que eram usadas para intitular determinados locais ou regiões, assim como as partes que os constituíam.

Começando pela palavra **Aldeia**, segundo José Leite Vasconcelos, no seu livro Etnografia Portuguesa, é

> *"Na propria designação de aldeia, no idioma arcaico aldea, compreendem-se fórmas secundarias ou elementares, que estão entre si em relação sinonimica: sitio, casal, quinta, monte, e merecerão todas elas a nossa atenção,…"*[99]

Por sua vez a palavra **Casal**, também ela muito referenciada nos documentos escritos sobre o lugar em estudo, e segundo, também, o autor do livro Etnografia Portuguesa, esta

> *"… palavra latina casa, além do seu sentido de <<cabana>>, o qual muito se ampliou depois, recebeu o de fazenda, quinta, e referiu-se-lhe adjectivamente casais, isto é, <<pertencente á casa>>, por exemplo, vinea casalis (nos gromaticos), adjectivo que se substantivou: casales (scil. termini) e casalia, -ium: <<marcos>>."*[100]

Tendo em consideração a leitura da dissertação de Pedro Bragança, o sistema feudal foi desencadeado devido ao fenómeno do fraccionamento das antigas *villae* romanas. Estas eram constituídas por subunidades, tais como *kasale*, *villare* ou *agro*, sendo que as que estavam mais disseminadas e isoladas no território corresponderiam a cultivadores que não estavam dependentes do senhor, o proprietário da antiga *villae* romana. Face a esta forma de organização do povoamento no período romano, na altura da Reconquista e nos anos seguintes, assistiu-se à formação de novos casais, os quais impulsionaram o crescimento da população agrícola.

Uma estrutura organizadora do povoamento que veio a ganhar relevância com o passar do tempo foi a paróquia, a qual não era uma unidade delimitada nem fechada em si mesma, pois *"constituía um vínculo de solidariedade entre habitantes"*[101].

[97] VASCONCELOS, José Leite, *Etnografia Portuguesa*, Vol.II. Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, p.264

[98] BOAVIDA, Agostinho Fastio, (1973), *S. Mamede de Infesta : subsídios para a sua história*. Câmara Municipal, Matosinhos, p. 27

[99] VASCONCELOS, José Leite, *Etnografia Portuguesa*, Vol.II. Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, p.265

[100] Ibidem, p.271

[101] BRAGANÇA, Pedro, (2014), *Lugares de habitar entre a terra e o mar*, Volume I, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, p. 108

Segundo afirma Pedro Bragança, cada paróquia era constituída por terrenos de antigas *villae*, porém existia uma diferença face ao regime de propriedade desses terrenos: no período romano, normalmente a propriedade tinha um único dono, enquanto que no período da reconquista esta propriedade era dividida em diversas subunidades, tendo por isso diversos proprietários.

> *"Mais do que uma forma de organização ou do que um agregado de casas, o casal constitui-se como uma pequena unidade de exploração com elevada eficiência, uma "oficina agrícola" com os vários processos assemblados."*[102]

Podemos por isso constatar que o casal é uma espécie de unidade de produção, na qual a prática da agricultura é a actividade e característica principal, resultando em núcleos de intensa produção e trabalho. Esta forma de poder da igreja, através do surgimento das paróquias, veio a intensificar-se cada vez mais no território português, como é exemplo o lugar de São Mamede de Infesta.

*

O contributo de Augusto Pinho Leal, em *"Portugal antigo e moderno"*, permitiu-nos um melhor entendimento dos diversos nomes que o lugar de São Mamede foi tomando ao passar do tempo.

> *"Esta freguezia tem tido tres nomes, sempre com o mesmo orago (S. Maméde), pois se tem chamado Mualde, Ermida e Infesta (nome actual). Parece que estes diversos nomes teem sido tomados das aldêas que ha na freguezia, e nas quaes tem estado a egreja parochial, pois ainda hoje existem as aldeias de Mualde, Ermida e Infesta;"*[103]

Através desta citação torna-se claro e evidente quais os nomes que este lugar foi tomando, e quais os motivos para essas alterações, sendo que estas estavam relacionadas com as diversas posições que a igreja paroquial tomou no território em reflexão. Na leitura do livro de António Durval, *À descoberta de S. Mamede de Infesta*, podemos ter uma melhor compreensão de quais os topónimos que este espaço paroquial foi tomando ao passar do tempo:

*"**(~1130 - 1258) São Mamede de Tressores:** Doação, em 1130, de parte da igreja que existia em Moalde. Nome, associado aos três "orres" (vales) que ladeiam S. Mamede.*

***(~1258 - 1527) São Mamede:** Inquirições de 1258 e Censo de 1527.*

***(~1527 - 1623) São Mamede de Moalde:** Catálogo e História dos Bispos do Porto de Rodrigo da Cunha - 1623.*

***(~1623 - 1711) São Mamede de Ermida ou São Mamede da Hermida da Infesta:** Documento de posse do pároco António dos Santos 1711.*

***(~de 1711/1725 até aos nossos dias) São Mamede de Infesta:** Documento de posse do Padre José Pereira da Fonseca - 1725."*[104]

[102] BRAGANÇA, Pedro, (2014), *Lugares de habitar entre a terra e o mar*, Volume I, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, p. 108

[103] LEAL, Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho, (1990), *Portugal antigo e moderno : diccionário geographico, estatistico, chorographico, heráldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de tódas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias*. Lisboa, Vol.III, p. 393

[104] DURVAL, António, (2009), *À descoberta de S. Mamede de Infesta : passado, presente e futuro : uma abordagem monográfica / pesquisa e desenvolvimento*. Câmara Municipal de Matosinhos e Junta de Freguesia de S. Mamede de Infesta, S. Mamede de Infesta, p. 20

Diagrama construção do lugar
Ano 1258

Cartografia de base de acordo com desenho da autora
"Planta topográfica" correspondente ao ano de 1944

Escala 1: 20000

Edifícios religiosos

Núcleo

Marcação representativa das vias estruturantes

Linha representativa da área que irá integrar São Mamede a partir de 1895

1258

1- São Mamede | **2** - Manualdi | **3** - Ermida

De forma a apreender a construção e evolução do espaço paroquial de São Mamede de Infesta lugar, achamos fundamental a criação de diagramas produzidos segundo fontes bibliográficas como iconográficas, levando a uma leitura mais directa e concreta do estudo e análise realizados ao longo do processo de construção da ideia a partir deste subcapítulo.

Assim sendo, e tendo por base, a leitura marcante e intensa do livro de Agostinho Fastio Boavida, intitulado de S. Mamede de Infesta, podemos afirmar que este serviu de mote para a presente dissertação, mais concretamente para o assunto agora a ser tratado.

Para a construção desta ideia da formação do lugar é fundamental perceber quais os lugares que constituíam e formavam o espaço paroquial de São Mamede.

Em **1258**, S. Mamede era constituída por duas aldeias, a aldeia de São Mamede e a de "*Manualdi*", tal como podemos constatar através da seguinte citação:

> *"<<… e 15 casais na freguesia de S.Mamede d´tres erres, ou orres. A qual ultima deve ser mais provavelmente aquela freguezia da Igreja, e Aldeia de S.Mamede (depois, e hoje chamada de Molde, ou da Infesta), aonde declararam mais as testemunhas da Inquirição do ano de 1258, que já era a mesma Igreja Hospitalis (como ainda está sendo, e apresentada pelos Balios de Leça) com 8 casais, de 9 ahi conhecidos; (…)*
> *E que outrosim havia 7 casais, todos da dita Ordem, na Aldea Chamada da Mahaldj, da mesma freguesia de S. Mamede (…) os quais gozavam todos de igual liberdade, como os primeiros 8: pelo que juntos uns com os outros, vem a fazer o numero de 15, que a dita Ordem possuía já no ano de 1220.*
> *(…)>>"*[105]

Mas durante este processo de entender quais os núcleos que pontuavam este lugar, foi-nos dado a conhecer, através do escritor António Durval, que também o lugar denominado de *"Ermida"*[106] também já existia nesse período, visto que aparece mencionado nas Inquirições de D. Afonso III de 1258. Achamos importante relembrar que foi durante o reinado de D. Afonso III que houve a necessidade de estabelecer os limites do território assim como, de estimular a sua coesão interna. Para tal, e segundo defende o arquitecto Walter Rossa, foram necessários algumas medidas, tais como:

> *"os concelhos passaram a ter assento nas Cortes (…); foi feito um esforço para que os bispos nomeados fossem fiéis ao rei; foi definida uma política monetária e fomentado um mercado interno (feiras francas, por exemplo). Mas, inevitavelmente, a afirmação da monarquia e a implantação do Estado tiveram também como instrumentos o urbanismo e o ordenamento do território."*[107]

Assim, partimos para a elaboração da cartografia correspondente ao ano de **1258**, a qual cartografa os lugares que constituíam o lugar de S. Mamede nesse período, assim como as vias que ligavam esses mesmos núcleos. Uma das vias que está, assim, representada neste desenho é a via que ligava a cidade do Porto a Braga, traçando um percurso Norte-Sul, servindo desde o período romano como meio de união entre estes dois pólos urbanos.

[105] BOAVIDA, Agostinho Fastio, (1973), *S. Mamede de Infesta : subsídios para a sua história*. Câmara Municipal, Matosinhos, p. 27 e 28

[106] *"Lugar antiquíssimo já mencionado nas "Inquirições de D. Afonso III - 1258""* DURVAL, António, (2009), *À descoberta de S. Mamede de Infesta : passado, presente e futuro : uma abordagem monográfica / pesquisa e desenvolvimento.* Câmara Municipal de Matosinhos e Junta de Freguesia de S. Mamede de Infesta, S. Mamede de Infesta, p. 20

[107] ROSSA, Walter, (2002), *A URBE E O TRAÇO - Uma década de estudos sobre o urbanismo português*. Livraria Almedina, Coimbra, p. 220

Partindo desta ideia de dois eixos orientadores que ligavam não só os lugares existentes em São Mamede nesse período, como também a cidades vizinhas, tentamos perceber de que forma esses eixos se ligavam aos núcleos constituintes deste lugar.

Assim, dando primeiramente foco ao núcleo onde constava, neste período, a presença da igreja paroquial, isto é, a aldeia de São Mamede, tentamos perceber de que forma este se ligava ao eixo Matosinhos - São Mamede, tendo por base a cartografia concelhia de Matosinhos, referente ao ano de 1944.

É importante salientar que todas as ligações que propomos, assim como a marcação dos lugares constituintes do espaço paroquial de São Mamede partem sempre de uma suposição do autor, tendo em atenção o conhecimento atual do lugar em estudo, assim como, o que poderiam ser esses mesmos lugares em tempos antigos, fazendo uma espécie de construção temporal do espaço paroquial de São Mamede de Infesta.

Esta ideia foi também usada para o núcleo da Aldeia de Moalde, em que tentamos, similarmente, estabelecer a ligação entre este núcleo e as duas vias que cruzavam e marcavam este território. Assim, e partindo do conhecimento que temos sobre o local, estabelecemos as ligações deste núcleo tanto com as vias orientadoras como com a Aldeia de São Mamede. Foi também importante perceber quais as características que cada uma das vias constituintes do núcleo da Aldeia de Moalde apresentavam, pois viriam a ser cruciais, para estabelecer quais a que poderiam ter sido as fomentadoras para a construção daquele núcleo. Tendo em conta a imagem, é possível observar que as ligações sugeridas apresentam uma irregularidade no seu traçado, denotando a ancianidade das suas vias.

Com o passar do tempo, São Mamede foi crescendo e formando um lugar repleto de núcleos, com características singulares e peculiares, os quais estavam vigorosamente ligados aos eixos orientadores que marcavam intensamente este lugar.

"No final da Idade Média, Portugal, para além de ter sido o primeiro país da Europa a ver consolidada a sua relação entre nação e território, tinha estabilizada a estrutura territorial e a rede urbana."[108]

[108] ROSSA, Walter, (2002), *A URBE E O TRAÇO - Uma década de estudos sobre o urbanismo português.* Livraria Almedina, Coimbra, p. 9

Diagrama construção do lugar
Ano 1566

Cartografia de base de acordo com desenho da autora
"Planta topográfica" correspondente ao ano de 1944

Escala 1: 20000

Edifícios religiosos

Núcleo

Marcação representativa das vias estruturantes

Linha representativa da área que irá integrar São Mamede a partir de 1895

1566

1- Aldeia de Baixo | **2** - Ermida | **3** - Outeiro

4 -Laranjeira | **5** - Casal da Igreja | **6** - Eirado | **7** - Moalde

2.5 De 1566 a 1643

A ideia primitiva de implantação da sede paroquial

O ano de **1566** é caracterizado pela veracidade dos núcleos constituintes do lugar em estudo, tendo por base a leitura do livro de Agostinho Fastio Boavida.

> *"Do mais antigo livro do Tombo da Baliagem de Leça, referente a 1566, que se encontra no Arquivo Distrital do Porto, podemos concluir que a freguesia nessa data se denominava simplesmente S.Mamede e possuía os seguintes lugares:*
>
> *Aldeia de Baixo - Ermida - Outeiro - Carril Branco - Laranjeira - Casal da Igreja - Casal da Devesa - Eirado - Moalde - Casal do Meio e Casal da Poupa."*[109]

Após a leitura e análise da citação transcrita, foi-nos possível elaborar uma carta planimétrica do que seria o lugar de São Mamede nessa data. Tendo por base a cartografia de 1944, assim como o diagrama correspondente ao ano de 1258, começamos por marcar os núcleos que o constituíam. Esta marcação foi realizada tendo em conta o conhecimento que tínhamos de antemão dos topónimos, assim como, da análise à cartografia deste lugar, nas diversas datas que nos foi possível cartografar e analisar (entre 1944 e 2013). Posteriormente, tivemos como principal foco a ligação entre esses mesmos núcleos, supondo quais seriam as ligações mais viáveis entre eles e que, tinham maior coerência com as ligações já marcadas no diagrama anterior. Esta forma de construção do lugar partiu da ideia defendida por Pedro Bragança, em que

> *"No despontar da Idade Moderna, os sistemas de integração progrediram para a concepção de redes regionais que colocaram cada lugar numa posição progressivamente mais interativa e dialogante com o conjunto; redes de viabilidade de reconhecimento e referênciação no espaço - enfiamentos e marcas no território que no conjunto constituíram uma geografia própria."*[110]

Continuando a construção da (trans)formação do lugar de São Mamede, o ano de **1643** foi marcado pela mudança do nome dado a este lugar, passando a designar-se por S. Mamede da Ermida, sendo este constituído pelos seguintes núcleos:

> *"Eirado - Corujeira - Ermida - Laranjeira - Aldeia da Igreja - Telheiro - Carril Branco - Tronco - Moalde - Casal da Poupa - Esperela - Arroteia - Casal de Baixo - Deveza - Outeiro - Alagoa - Cidreira e Cavada."*[111]

Posteriormente à leitura da citação transcrita, elaboramos um diagrama que traduzia os núcleos que configuravam o lugar de São Mamede nesse período. Mais uma vez, a marcação dos núcleos foi realizada tendo em consideração o conhecimento dos topónimos e a marcação das ligações entre os diversos lugares presentes nos diagramas anteriores ao ano agora tratado.

Jurisdição

A nível geográfico, o território de São Mamede pertenceu às antigas Terras da Maia, tendo existido entre **1519** e **1836**.

1638 - O **Couto de Leça** passou a **Concelho do Couto de Leça.**

1643 - Demarcação dos terrenos pertencentes ao Couto de Leça, através de marcos de pedra caracterizados pelo desenho a baixo relevo da cruz que definia a Ordem de Malta.

[109] BOAVIDA, Agostinho Fastio, (1973), *S. Mamede de Infesta : subsídios para a sua história*. Câmara Municipal, Matosinhos, p. 29

[110] BRAGANÇA, Pedro, (2014), *Lugares de habitar entre a terra e o mar*, Volume I, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, p. 13

[111] Ao analisarmos a citação referente aos lugares constituintes de São Mamede no ano de 1566, comparativamente à do ano de 1643, reparamos que existe *"a subida e a descida de certos lugares." Isto é, em "1643, o Casal da Igreja subiu para Aldeia e a Aldeia de Baixo desceu para Casal…"*
BOAVIDA, Agostinho Fastio, (1973), S. Mamede de Infesta : subsídios para a sua história. Câmara Municipal, Matosinhos, p. 29

Diagrama construção do lugar
Ano 1643

Cartografia de base de acordo com desenho da autora
"Planta topográfica" correspondente ao ano de 1944

Escala 1: 20000

Edifícios religiosos

Núcleo

Marcação representativa das vias estruturantes

Linha representativa da área que irá integrar São Mamede a partir de 1895

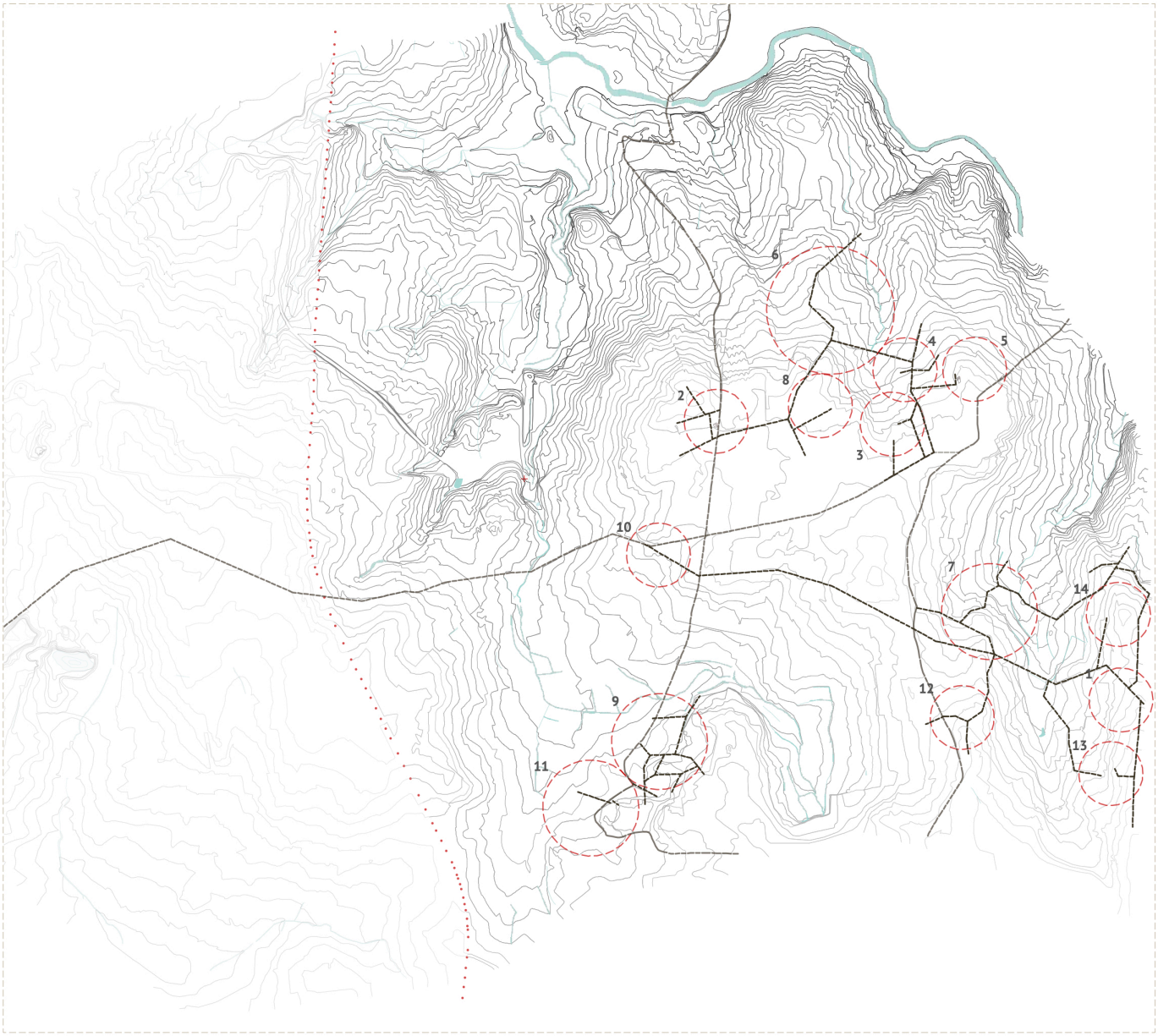
1643

1 - Casal de Baixo | **2** - Ermida | **3** - Outeiro | **4** - Laranjeira

5 - Aldeia da Igreja | **6** - Eirado | **7** - Moalde | **8** - Corujeira

9 - Telheiro | **10** - Cidreira | **11** - Tronco | **12** - Esperela

13 - Arroteia | **14** - Cavada



Podemos ressalvar que neste ano surge a alteração do nome do lugar em estudo, facto que se deve à igreja paroquial de S. Mamede ter passado a ser a Capela da Nossa Senhora da Conceição, ou mais conhecida por Capela da Ermida, estando esta localizada no Largo da Ermida, *"e que hoje ainda existe no local primitivo, depois de ter passado como é natural, por sucessivas transformações."*[112] Esta alteração ocorreu porque a sede paroquial a essa data, uma igreja localizada na Aldeia da Igreja, tinha reduzidas dimensões e o seu estado de conservação não era o mais recomendável.[113]

No entanto, a Capela da Ermida funcionaria como sede paroquial somente aquando a construção da designada Igreja Nova, a qual foi implantada no mesmo lugar da atual igreja matriz, no ponto mais alto do território mamedense, o monte de Nossa Senhora da Conceição.

Esta nossa ideia é clarificada segundo o defendido por Agostinho Boavida, isto porque,

> *"Não há nenhuma indicação como decorreram os serviços religiosos durante o período da construção da nova igreja e anos antecedentes mais próximos, mas é de supor que fossem transferidos para a Igreja da Ermida que, como vimos, era desde 1643 a sede da freguesia. Porém, o serviço de óbitos continuou a efectuar-se na primitiva igreja que o reverendo Abade José Pereira da Fonseca confirmou ser a Igreja de S.Mamede da Infesta."*[114]

Assim podemos concluir que foi durante os séculos XVI e XVII que houve uma clarificação e aumento dos lugares constituintes do território mamedense e uma ideia primitiva de implantação e consecutiva mutação da sede paroquial, que viria a dar o nome ao nosso caso de estudo.

[112] BOAVIDA, Agostinho Fastio, (1973), *S. Mamede de Infesta : subsídios para a sua história*. Câmara Municipal, Matosinhos, p. 34

[113] No entanto, no local onde existia a igreja pertencente a essa aldeia e a qual foi paroquial até 1725, existe ainda hoje a Capela de São Cristovão, pertencente à Quinta do Dourado.

[114] BOAVIDA, Agostinho Fastio, (1973), *S. Mamede de Infesta : subsídios para a sua história*. Câmara Municipal, Matosinhos, p. 35

▪7.
Fachada principal da Quinta do Dourado - implantação da primeira sede paroquial de São Mamede de Infesta

▪8. (à esq.)
Capela de São Cristovão - capela implantada no local da primeira sede paroquial - vista exterior

▪9. (à dir.)
Capela de São Cristovão - capela implantada no local da primeira sede paroquial - vista interior

▪10.
Postal antigo, início do século XX, do *"Logar da Ermida - S. MAMEDE D'INFESTA"* - 2.ª sede de paróquia de São Mamede de Infesta

▪11.
Fotografia aérea antiga do lugar *Cruz:*
- implantação da 3.ª sede paroquial - Igreja Nova;
- posteriormente, implantação da 4.ª e última sede paroquial (atual) - Igreja Matriz de São Mamede de Infesta

Diagrama construção do lugar
Ano 1758

Cartografia de base de acordo com desenho da autora
"Planta topográfica" correspondente ao ano de 1944

Escala 1: 20000

Edifícios religiosos

Núcleo

Quinta

Marcação representativa das vias estruturantes

Linha representativa da área que irá integrar São Mamede a partir de 1895

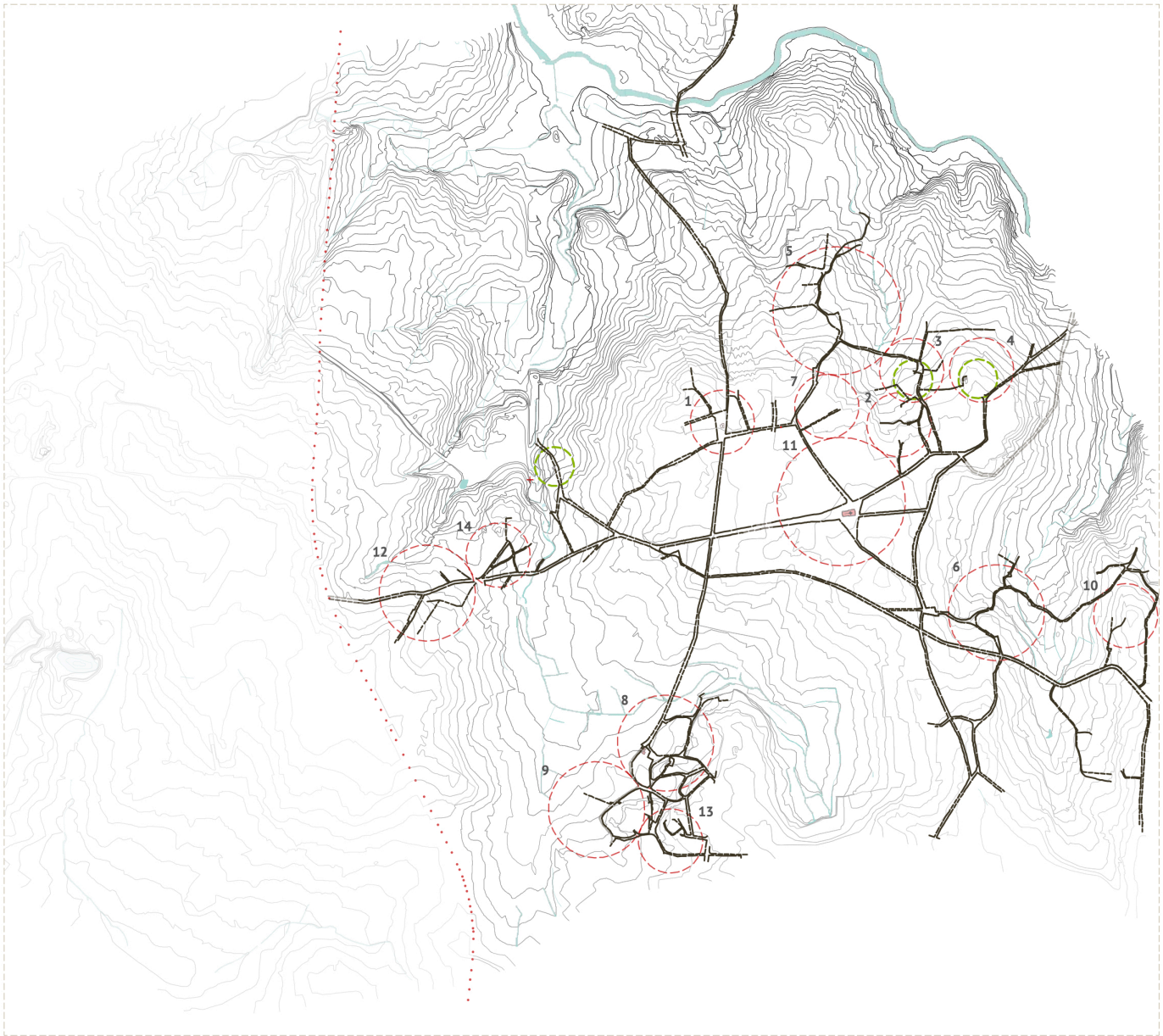
1758

1 - Ermida | **2** - Outeiro | **3** - Laranjeira | **4** - Igreja Velha | **5** - Eirado

6 - Aldeia de Moalde (Cazal da Poupa, Dalem, do Meio e de Baixo)

7 - Corujeira | **8** - Telheiro | **9** - Tronco | **10** - Cavada

11 - Cruz | **12** - Picoutos | **13** - Marco | **14** - Aldeia



2.6 Memórias Paroquiais de 1758

A procura de um lugar central para a igreja matriz

<<… esta freguesia de São Mamede da Infesta, he sitta em a Província de Entre Douro, e Minho, Conselho e Comarca da Maya, Termo da Relação da Cidade do Porto, Izento nullius Dioccesis, e Baliado de Leça, da Jurisdição da Sagrada Religião de Malta, com território separado do Bispado do Porto, dentro de cujo limite se acha.>>[115]

Continuamente, o ano de **1758** foi marcado pela realização de um inquérito, denominado de *"Memórias Paroquias"*, o qual abrangia todas as paróquias de Portugal, tendo sido elaborado a mando de Marquês de Pombal. Este inquérito surge como uma nova resposta ao questionário que foi realizado inicialmente a mando de D. João V, *"que ordenou a todos os párocos do Reino, por intermédio dos Bispos, que respondessem a um questionário a eles enviado."*[116] As respostas a estes questionários foram então devolvidas e o Padre Luís Cardoso, da Congregação do Oratório, organizando-as, levando à conceção do então chamado *"Dicionário Geográfico"*. A resposta a este primeiro questionário, *"perdeu-se no terramoto de 1755, escapando somente os dois primeiros volumes, já impressos em 1747 e 1751, em Lisboa, na Régia Oficina de Sylviana, que abrangem as terras de Abambres a Cuvaleiras."*[117]

No ano de **1758**, a freguesia era composta por 22 lugares, sendo eles:

"(…) Cruz, junto da Igreja, Carril Branco, Picoutos, Tronco, Marco, Telheiro, Lagoa, Vintiella, Aldeia de Moalde (e nesta Aldeia havia lugares que se denominavam Cazal da Poupa, Cazal Dalem, Cazal do Meio e Cazal de Baixo), Igreja Velha, Laranjeira, Cavada, Outeiro, Corugeira, Eirado, Aldeia, Deveza e Ermida."[118]

Seguidamente, concebemos um desenho que reproduzisse os núcleos que constituíam o lugar de São Mamede de Infesta nessa data. Tal como foi realizado na construção dos diagramas anteriores, também neste tivemos particular atenção aos topónimos que marcavam este lugar assim como a cartografia, tida como base, a de 1944. Consequentemente, houve a primordialidade de entender quais as ligações existentes nesse período, tendo em mente as conexões que já existiam em anos anteriores.

Partindo para a análise da cartografia em estudo, e tendo como base a do ano de 1944, podemos constatar que ainda existem vestígios da via romana que atravessava o lugar em estudo. Decalcando em parte a via romana que atravessava o território em estudo, a Estrada Real construída no ano de 1808 tinha como principalmente intenção encurtar o trajecto entre os dois lugares, desde a Arca de Água até ao lugar da Ermida.[119] Esta nova ligação, a ajuntar há já existente serviu de apoio à construção da nova Estrada Real de Rodagem nº3 que iria ligar de uma forma mais directa estes dois pólos centralizadores, designadamente a cidade do Porto e a de Braga. Esta nova via iniciou a sua construção no ano de 1836 e veio a findar no ano de 1841, com a exclusividade de transporte de mercadorias e passageiros. Funcionava como uma espécie de duplicação da antiga estrada Real, diferenciando-se desta pela seu traçado rectilíneo claro e directo entre os dois pólos.

Jurisdição

1833 - Criação do **Concelho de Bouças.**

1835 - Na sequência das reformas administrativas de Passos Manuel, o território mamedense foi incluído no Concelho de Bouças, após o Concelho do Couto de Leça ter sido extinto nesse ano.

[115] Citação presente no livro *S. Mamede de Infesta*, da autoria de Agostinho Fastio Boavida, a qual faz referência a um excerto retirado do documento *Memórias Paroquias de 1758*, tendo sido escrito pelo pároco Padre Luís Cardoso:
BOAVIDA, Agostinho Fastio, (1973), *S. Mamede de Infesta : subsídios para a sua história*. Câmara Municipal, Matosinhos, p. 48

[116] Ibidem, p. 47

[117] Ibidem

[118] Ibidem, p. 48

[119] Ao observarmos a cartografia, assim, como a própria toponímia deste lugar, percebemos que possivelmente a Rua da Estrada Velha, a qual tem início no Largo da Ermida e termina na Rua do Mosteiro, é um dos fragmentos dessa via.

▪12.
Momento de saída da missa dominical, em frente à Capela da Ermida (2.ª sede de paróquia).

▪13.
Capela da Ermida, antes de sofrer obras exteriores ocorridas em 2020.

[120] BRAGANÇA, Pedro, (2014), *Lugares de habitar entre a terra e o mar*, Volume I, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, p. 250

[121] Esta afirmação tem como base um excerto presente no livro de Agostinho Fastio Boavida, intitulado de S. Mamede de Infesta, na página 41, o qual faz referência a um *título arquivado em pág. 1 a 6 do Tombo da Baliagem de Leça - Livro 99 - de posse do Arquivo Distrital do Porto :*

TITULLO DA PARROCHIAL IGREYA E FREGUEZIA DE SÃO MAMEDE DA ERMIDA

Auto de Reconhecimento que fes o Muito Reverendo Jozé Pereyra de Afonçesa Abbade da Igreya de São Mamede da Ermida uma das quatro anexas e medição da mesma igreja e sua fabrica. Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus christo de mil e sete centos e quarenta e hum anos aos dezoito dias da mães de Abril digo aos dês dias do mes de Abril do dito anno em a greya de São Mamede da Ermida uma das quatro anexas ao Mosteyro deste Couto de Leça Comcelho da Maya termo e Jurisdição da muito nobre e sempre Leal cidade do Porto (…)

[122] BOAVIDA, Agostinho Fastio, (1973), *S. Mamede de Infesta : subsídios para a sua história*. Câmara Municipal, Matosinhos, p. 48

Esta nova estrada *"cuja construção e concessão estava ao cargo da Companhia de Viação Portuense, uma sociedade privada com participações públicas, tornou-se uma espinha dorsal, norte, da rede viária nacional."*[120]

Tal como referido anteriormente, em parte do seu trajecto esta nova estrada decalcava o trajecto da antiga via romana, que passaria perto da antiga Ponte da Pedra, visto ter sido construída ao seu lado uma ponte pênsil cuja data de concepção é a mesma da nova Estrada Real de Rodagem nº3.

Relativamente à sede paroquial, neste período, durante a construção da Igreja Nova, era a Capela da Nossa Senhora da Conceição ou a Capela da Ermida, a igreja paroquial, e que deu o nome ao lugar em estudo até 1741.[121]

No entanto, esta capela só até ao ano de 1735 foi caracterizada como sendo a igreja matriz de São Mamede, pois foi nesse ano que a Igreja Nova foi consagrada. Localizada no monte de Nossa Senhora da Conceição, a Igreja Nova foi construída pelos Balios de Leça e foi descrita segundo o Páraco Frey Antonio Diaz Ribeyro:

> *"<<… que o Orago, e Padroeyro desta freguezia, he o gloriozo São Mamede Martir, cuja imagem de Vulto, esta collocada em o Altar mor desta Igreja, e se festeja todos os annos em o dia dezassette do mez de Agosto, com Missa Cantada, e sermão, e tem mais a Igreja, dous Altares Collaterais, em o da parte da Epistolla, estão as imagens de Nossa Senhora do Rozario, são Gonsallo de Amarante, e a de Sancta Anna e em o da parte do Evangelho, tem imagens de São Fructuozo Arcebispo de Braga, São Sebastião Martir, e a de Sacto Antonio de Lisboa, e todos estes sanctos são anualmente festejados por devoção dos freguezes com Missa Cantada, e sermão, cada hum em seu dia, e ha unicamente sua Irmandade de Nossa Senhora do Rozario nesta Igreja, e não tem mais Altares, e o Corpo da Igreja he de estrutura, que não tem nave algua.>>"*[122]

Para além de elementos construídos religiosos, São Mamede de Infesta foi desde sempre pontuada por propriedades agrícolas[123], a designada quinta[124], muito devido à presença do Rio Leça e seus afluentes, assim como sendo uma terra caracterizada por ter um solo fértil. Segundo Leite Vasconcelos, esta palavra

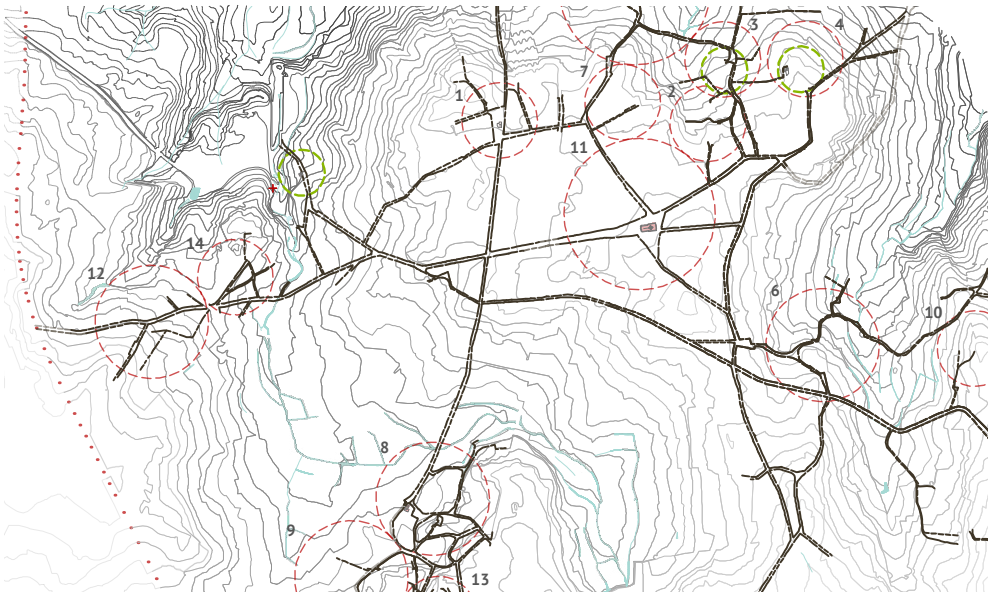
> "tinha em português arcaico a forma quintã, mais antigamente quintãa, de quintana. (…) derivaria acaso da agrimensura romana; na idade-média a palavra teve a significação fundamental de sub-unidade agraria, dentro de uma villa (rustica), provida de casa de habitação, agua, terra lavradia, pomares, vinhas, soutos, etc. (…) a uma quintã (em sentido medieval) ou a uma quinta (…) por agrupamento de casas dentro d´ela, destinadas primeiro a serviçais de um só proprietario, depois pertencentes a varios proprietarios."[125]

À medida que vamos percorrendo o lugar que é hoje São Mamede de Infesta é possível ainda visualizar algumas dessas propriedades, umas em estado de ruína ou mesmo tendo *"desaparecido"* no tempo; outras foram sofrendo reabilitações ou até mesmo alterações em relação ao uso da própria propriedade.

[123] De acordo com as Memórias Paroquias, nestas escasseiam *"(…) indicações qualitativas – quantitativas sobre a estrutura e condição social dos moradores como as que vão referidas para S. Mamede de Infesta (concelho de Matosinhos): aí os lavradores (classificados como os que tiram sustento das terras para todo o ano ou para grande parte dele) compõem – parte da freguesia; as outras 3 partes compõem-se de «oficiais pobres que exercitam os ofícios de pedreiros, carpinteiros, ferreiros, sapateiros, alfaiates e jornaleiros, vivendo do que adquirem quotidianamente pelo seu pessoal trabalho e de mendigarem pelas freguesias vizinhas»."*
CAPELA, José Viriato; MATOS, Henrique; BORRALHEIRO, Rogério, (2009), *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquias de 1758 - Memórias, História e Património.* Colecção Portugal nas Memórias Paroquias ide 1758, Braga, p. 69

[124] Segundo Alberto Sampaio - *As Vilas do Norte de Portugal, este afirma que a "quinta" deriva de um processo de desagregação das vilas romanas na Alta Idade Média que originou a formação de várias "subunidades culturais" designadas por casales, quintanas ou quintas, e vilares. O casal era uma pequena parcela de terreno arrendado (com casa) ao caseiro "de casariius". As subunidades agrícolas: quintana, quintanale ou quintal ("gleba hortícola junto a uma casa") designavam uma "superfície de cinco ou de um múltiplo de cinco medidas agrárias".*
SAMPAIO, Alberto, (1979), *"Estudos Históricos e Económicos - As Vilas do Norte de Portugal"*, 1.º vol., Documenta Histórica. Vega, Lisboa.

[125] VASCONCELOS, José Leite, *Etnografia Portuguesa*, Vol.II. Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, p.278



▪14.
Excerto do desenho *"Diagrama construção do lugar: Ano 1758"*

▪15. (à esq.)
Fotografia da Capela de S. Cristovão, localizada na Quinta do Dourado

▪16. (à dir.)
Fotografia da Capela presente na antiga quinta da Amieira

▪17. (à esq.)
Fotografia da Capela anexa à Casa-Museu Abel Salazar

▪18. (à dir.)
Fotografia da Capela de Sto. António do Telheiro

A partir do século XVIII, é mencionada em documentos escritos a presença de uma quinta, a Quinta do Dourado, no lugar designado de Igreja Velha, a qual existe até aos dias de hoje, tendo passado por alterações estéticas, porém salvaguardando de uma forma respeitosa a história de uma quinta que um dia foi a implantação primitiva da sede de paróquia do lugar em estudo.

Virando agora a nossa atenção para as capelas constituintes do lugar de S. Mamede de Infesta, durante o século XVIII, este lugar viu-se pontuado pelas mais diversas manifestações religiosas, desde capelas, nichos e alminhas. Uma das capelas, que à semelhança da Capela de S. Cristovão, a origem remonta à construção por parte de um particular, é a Capela situada no lugar da Devesa, na antiga estrada que ligava Porto a Braga. Passando de geração em geração esta capela, assim como a casa apegada a ela, foi transformada no atual Museu Abel Salazar, local que adquiriu o nome do doutor que aí viveu e trabalhou durante muitos anos.

Uma outra capela, que teve como ponto de partida para a sua construção a vontade de um particular, é a Capela presente na Quinta da Amieira, porém, atualmente encontra-se num estado avançado de degradação.

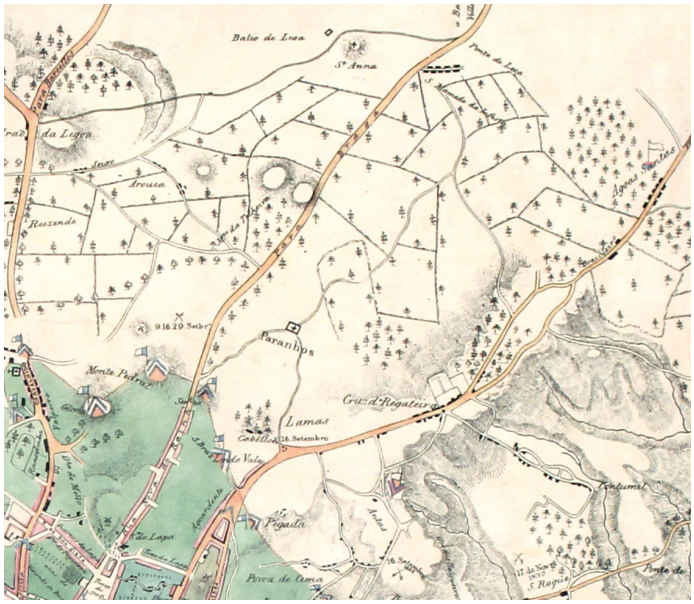
A região sul de S. Mamede de Infesta, foi também pontuada, já no findar do século XVIII, por uma capela situada no lugar do Telheiro. Esta designada por Capela de Sto. António do Telheiro foi construída em 1786, *"à custa de esmolas de visinhos e viandantes deitadas num nicho que em 1775, com licença do pároco e bailio, ali foi colocado, na velha estrada do Porto."*[126]

Por último, a capela localizada no lugar primitivo do espaço paroquial em estudo, a Capela do Senhor da Boa Fortuna e da Boa-Morte (primitivamente denominada de Senhor da Cruz das Almas), foi construída a mando do Reverendo Manuel da Silva Barros, o qual era natural deste lugar.

Com a marcação do território mamedense pelos mais variadíssimos elementos religiosos, o século XVIII[127] viria a marcar a história deste lugar pois para além da mudança da sede paroquial viu a sua estrutura viária aumentada devido ao crescimento dos lugares, intensificando assim as ligações desta pequena aldeia com terras vizinhas.

[126] BOAVIDA, Agostinho Fastio, (1973), *S. Mamede de Infesta : subsídios para a sua história*. Câmara Municipal, Matosinhos, p. 64

[127] Durante o período em análise, mais concretamente em meados do séc. XVIII, foi desenvolvida na Europa uma corrente filosófica, o Iluminismo, a qual ficou caracterizada pela crítica à soberania política e religiosa, assim como pela liberdade e fiabilidade da razão e da ciência, como forma de atingir a plenitude e felicidade humana. Alguns políticos formularam reformas, de forma a aplicar estas ideias iluministas, a fim de impulsionar o crescimento/desenvolvimento económico do seu país. Este movimento em Portugal chegou de uma forma tardia e apresentou resistência à aplicação das novas ideias impostas por esta nova corrente de pensamento.


Balsa de Lroa
Ponte de Lapa
Sª Anna
Agoas Santas
Roseiras
Roseira
Roseira
Roseira

2.7 De 1874 a 1879 e o ano de 1889

O cerco do Porto e as intervenções liberais;
a circunvalação e a primeira industrialização

O Século XIX foi sendo pontuado por ocorrência de diversos acontecimentos que marcaram não só a Europa, como também a Península Ibérica, e em particular, Portugal.

> *"Entre 1807 e 1813, Portugal esteve envolvido na designada Guerra Peninsular, resultado das sucessivas invasões que as tropas francesas infligiram à Península Ibérica. Portugal foi alvo de três invasões: em Novembro de 1807 (início da primeira invasão comandada pelo general Junot), em Março de 1809 (segunda invasão comandada pelo general Soult, comemorando-se este ano de 2009, os 200 anos), e em Junho de 1810 (terceira invasão comandada pelo marechal Massena)."*[128]

Durante este período, o lugar de São Mamede de Infesta *"foi palco de movimentações militares quer por parte dos invasores quer por parte das tropas portuguesas e seus aliados."*[129] Após a leitura da citação transcrita previamente, e tendo em conta a primeira invasão comandada pelo general Junot , foi no ano de 1808, mais concretamente no dia 1 de Agosto desse ano, que o regimento da Maia se vai juntar ao exército do general inglês Wellington. Um dos cursos de água que marca o lugar de S. Mamede, mais concretamente o Rio Leça, funcionou como linha de defesa da cidade do Porto, sendo que este plano defensivo teve como autor o engenheiro Joaquim José de Almeida. Este plano passava, também, por colocar *"guarnições nos locais onde passavam as estradas para Vila do Conde (Custóias), Braga, Guimarães e S.Mamede de Infesta. Depois de derrotados nas batalhas da Roliça e Vimieiro os franceses retiraram do país."*[130]

A março de 1809, deu-se a segunda invasão, a qual foi comandada pelo general Soult, o qual vindo do Norte e atravessando as terras da Maia, decidiu assentar as suas tropas no lugar de São Mamede[131]; e por fim, a Junho de 1810, ocorreu a última invasão por parte do povo francês, a qual foi comandada pelo marechal Massena.

Durante o período compreendido entre 1828 e 1834, o lugar em estudo foi palco das diversas manifestações causadas pelas Lutas Liberais. Aquando do Cerco do Porto, o exército comandado por D. Miguel tinha a sua base na cidade de Braga. No entanto, e tendo em vista a proximidade do lugar em estudo com a cidade do Porto, definiu um forte em São Mamede de Infesta, para quando precisasse de se deslocar e de se hospedar na cidade do Porto.[132] Um dos locais que de há notícia sobre a sua hospedagem é uma das quintas pertencente ao lugar em estudo, designadamente a Quinta da Ponte da Pedra, visto estar próxima da estrada que liga a cidade de Braga ao Porto.

Jurisdição

1906 - 1910 - Durante este período, o Dr. Godinho de Faria foi presidente da Câmara do Concelho de Bouças.

1909 - Criação do **Concelho de Matosinhos.**

[128] Arquivo Nacional Torre do Tombo, (17 de fevereiro de 2014). *Invasões Francesas*, disponível em http://antt.dglab.gov.pt/exposicoes-virtuais-2/invasoes-francesas/, acedido pela última vez a 05.2021.

[129] DURVAL, António, (2009), *À descoberta de S. Mamede de Infesta : passado, presente e futuro : uma abordagem monográfica / pesquisa e desenvolvimento*. Câmara Municipal de Matosinhos e Junta de Freguesia de S. Mamede de Infesta, S. Mamede de Infesta, p. 93

[130] Ibidem

[131] "A partir daqui ordena a colocação de postos de observação entre o Monte de S.Gens e o Viso. A 29 de Março, consegue com muita dificuldade romper as linhas de defesa do Monte Pedral (junto ao Quartel da Constituição). Enfurecido com a resistência encontrada dá ordem aos seus soldados para pilharem a cidade do Porto. Do pânico gerado, na população da Cidade do Porto, deu-se o terrível "Desastre da Ponte das Barcas"."
Ibidem

[132] *"Por S. Mamede de Infesta passavam as linhas do cerco do Porto em 1832 e pela sua extremidade sul passa actualmente a estrada de circunvallação."*
FARIA, F. Fernando Godinho de, (1899), *Monografia do Concelho de Bouças*. Matosinhos, Edição do Autor, p. 246

Diagrama construção do lugar
Ano 1874 a 1879 | 1889

Cartografia de base de acordo com desenho da autora
"Planta topográfica" correspondente ao ano de 1944

- Edifícios religiosos
- Núcleo
- Quinta
- Marcação representativa das vias estruturantes
- Linha representativa da área que irá integrar São Mamede a partir de 1895

Escala 1: 20000

1874 a 1879

1 - Ermida | **2** - Outeiro | **3** - Laranjeira | **4** - Igreja Velha | **5** - Eirado | **6** - Moalde | **7** - Corujeira | **8** - Telheiro

9 - Tronco | **10** - Arroteia | **11** - Cavada | **12** - Cruz | **13** - Picoutos | **14** - Marco | **15** - Aldeia | **16** - Aldeia Nova do Centro

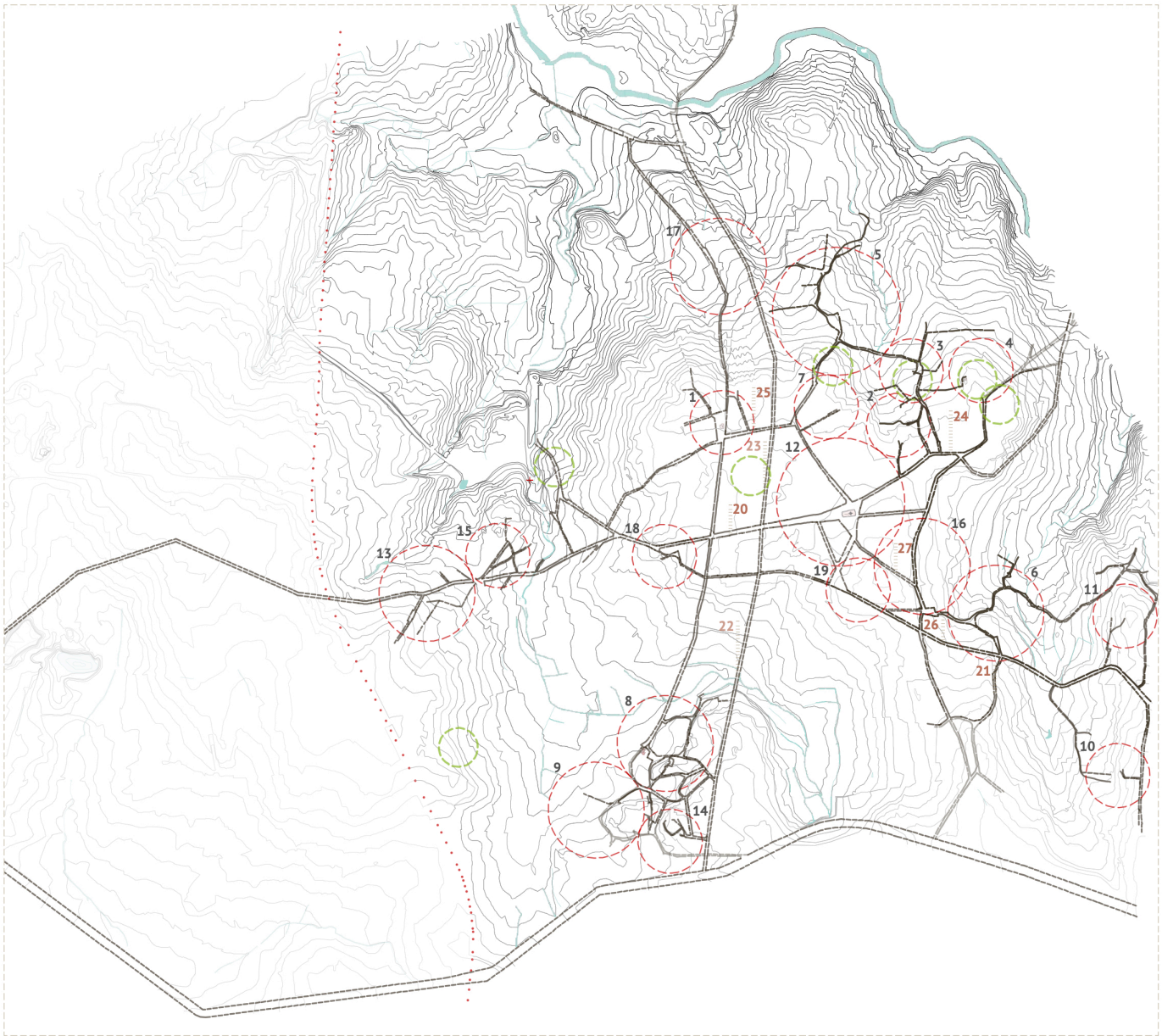
17 - Estrada Velha

1889

18 - Cidreira | **19** - Infesta

20 - Avenida do Conde (Antiga Rua da Igreja) | **21** - Rua Dr. Barros | **22** - Rua Silva Brinco | **23** - Rua Godinho Faria

24 - Rua Henrique Bravo | **25** - Rua Sá e Melo | **26** - Rua Padre Costa | **27** - Rua do Centro



Continuando a explorar esta ideia de (trans)formação do espaço paroquial ao longo do tempo, e tendo por base, uma vez mais, a leitura de Agostinho Fastio Boavida, foi-nos possível entender e cartografar os lugares que constituiam este lugar entre os anos **1874 e 1879**. De acordo com este autor, e tendo este por base, a

> *"<<Chorographia moderna do Reino de Portugal>>, de João Maria Baptista, a freguesia possuía 23 lugares, a saber: Cruz - Cavada - Igreja Velha - Laranjeira - Outeiro - Corujeira - Eirado - Aldeia - Devesa - Ermida - Estrada Nova - Estrada Velha - Carril Branco - Picoutos - Aldeia Nova - Tronco - Marco - Telheiro - Lagoa - Ventiela - Arroteia - Moalde e Aldeia Nova do Centro."*[133]

De forma a traduzir em desenho a informação retida na citação precedente, foi tido em atenção questões relacionadas tanto com a toponímia como com a cartografia que vinha sendo alvo de análise e de estudo no decorrer da dissertação; também as questões relacionadas com os eixos de ligação entre esses mesmos núcleos foram alvo de ponderação e suposição, havendo sempre como referência os diagramas elaborados anteriormente.

*

O dia 27 de Agosto de 1864 vai ficar para sempre marcado na história da paróquia de São Mamede de Infesta, como sendo o dia em que foi lançada a primeira pedra da igreja que viria a suceder à Igreja Nova já implantada no lugar designado por Cruz. Esta igreja, que é a atual Igreja de S. Mamede de Infesta, foi construída no mesmo local da anterior e veio a ser concluída no dia 7 de Setembro de 1866. Foi mandada construir pelo Conde de São Mamede, o grande benemérito, Rodrigo Pereira Felício, o qual era natural da freguesia em estudo.

Esta igreja,

> "<<tem bonita aparência e é muito ampla; tem o altar-mór e mais seis altares laterais que pertenceram ao convento de freiras franciscanas de Monchique, do Porto, a esforços do mamedense Dr. António Ferreira da Silva Barros, tabelião no Porto.
> Possui um vasto coro, e na torre há 3 sinos de bronze e 1 relógio.>>"[134]

Para a construção deste novo edifício religioso, o arquiteto Pedro de Oliveira teve como referência a igreja da Trindade[135], a qual se localiza bem no centro da cidade do Porto, e cuja construção remonta ao século XIX.

Esta nova igreja paroquial foi sagrada, somente, dois dias depois de ter sido concluída a sua construção, isto é, dia 9 de Setembro de 1866. A citação que a seguir transcrevemos, foi retirada do jornal *Comércio do Porto*, nº 212, a qual nos dá notícia de que forma foi realizada a sagração desse novo edifício religioso que iria marcar a história, assim como o desenho urbano da freguesia onde se insere.

[133] BOAVIDA, Agostinho Fastio, (1973), *S. Mamede de Infesta : subsídios para a sua história*. Câmara Municipal, Matosinhos, p. 56

[134] Ibidem, p. 49

[135] *"Trata-se de um dos maiores templos do Porto, inserido num conjunto edificado que inclui o complexo hospitalar da Ordem e que forma com a igreja um quarteirão. O edifício foi projectado nos primeiros anos do séc. 19 pelo arquitecto e engenheiro militar Carlos Amarante, (…). O projecto foi alterado em 1818 por José Francisco Guimarães e a construção concluída no início do século 20. O retábulo-mor é da autoria do Arquitecto José Marques da Silva. O projecto do edifício revela uma total aderência ao estilo neoclássico, embora subsistam nos retábulos pormenores decorativos de tradição barroca."*
Informação retirada do site http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5483

"<<SAGRAÇÃO DE IGREJA

No domingo teve lugar em S. Mamede de Infesta, freguesia dos subúrbios desta cidade, na estrada de Braga, a cerimónia da sagração da nova igreja paroquial, feita no memo local da antiga, a expensas do benemérito filho daquela freguesia, residente no Brasil, o sr. Rodrigo Pereira Felício, recentemente agraciado com o titulo de Visconde.
(…), depois de feita a transladação do Sacramento da capela da Conceição, onde esteve enquanto duraram as obras da igreja, para o tabernáculo que lhe estava preparado no novo templo.
(…)
Fica a nova igreja, conforme dissemos no principio, situada no mesmo local da antiga, porém com mais avantajadas proporções de que aquela tinha.(…)>>"[136]

[136] BOAVIDA, Agostinho Fastio, (1973), *S. Mamede de Infesta : subsídios para a sua história*. Câmara Municipal, Matosinhos, p. 52 e 53

▪20.
Fotografia antiga da atual Igreja paroquial de S. Mamede de Infesta

▪21. (à esq.)
Vista interior - altar-mor - da igreja matriz de São Mamede de Infesta

▪22. (à dir.)
Vista interior - entrada e coro - da igreja matriz de São Mamede de Infesta

▪23.
Vista do interior para exterior a partir do coro da igreja matriz de São Mamede de Infesta
Vista sobre a cidade

Segundo afirma Agostinho Boavida, os enterramentos anteriores ao ano de 1855 eram realizados dentro da Igreja ou então no espaço adjacente a esta, o adro. No entanto, foi a partir desse ano, que os enterramentos começaram a ser realizados no cemitério inaugurado no ano de 1855.

Conforme o tempo foi passando, o lugar de São Mamede foi crescendo, assim como as certezas, de quais lugares e eixos organizadores e unificadores constituintes do território, se foram tornando mais claros e evidentes.

*

A presença de propriedades agrícolas nesta freguesia foi tendo cada vez mais notoriedade e durante o séc. XIX, assistiu-se a um forte crescimento deste tipo de propriedade.

Algumas delas serviam como quintas de recreio[137], outras até mesmo como primeira habitação. Começando pela quinta já mencionada e referenciada no diagrama correspondente ao ano de 1758, podemos mencionar que a quinta do Dourado funcionou como primeira habitação e a qual, segundo o Agostinho Boavida, foi reconstruída em 1772 pelo proprietário M. Costa Santiago.[138] Outras propriedades que tiveram, também, a função de primeira habitação foram: a quinta da Ponte da Pedra, do Eirado, das Laranjeiras, da Amieira, de Marta Ortigão e a de São Félix de Picoutos. Nesta última já não existe atualmente qualquer vestígio da casa senhorial, restando apenas como herança dessa propriedade, uma capela setecentista de pequenas dimensões, na qual se destaca principalmente a fachada depurada assim como, a presença de muros que delimitavam a área de implantação deste edifício, dando-nos sinal da era passada a que este edifício pertenceu. Quando edifício(s) desaparece(m) num meio urbano quase sempre *"deixam marcas físicas (resíduos) que perduram muito além do próprio desaparecimento"*[139] ,sendo neste caso, a Quinta de São Félix um bom exemplo disso.

*

Foi no contexto de oitocentos, período marcado por instabilidade e mudança - causadas pelas invasões napoleónicas, pelas lutas liberais e pelo liberalismo - que irrompe um significativo processo de transformação do território português. O ambiente político vivido neste período, e que teve como principal figura política Fontes Pereira de Melo, era de grande entusiasmo, *"baseado num progresso de base ideológica, onde a Nação se constituía o objecto final da intervenção do Estado."*[140]

A mudança causada pela Reforma Liberal acaba por reconhecer as formas de organização do território antigas, mas secundariza-as, no sentido em que o edifício religioso, a igreja, se mantém como entidade organizadora do território; no entanto, a partir do momento em que a ocorre uma reorganização dos concelhos passa a ser responsabilidade do estado, e por isso, é uma forma de secundarização, isto é, de transferir aquilo que era amplamente da jurisdição da igreja para a jurisdição do estado. A partir da Reforma Liberal e, inclusive, da reorganização administrativa de 1835, vamos dar nota dos principais fenómenos de transformação, importantes somente para o nosso caso de estudo, tal como por exemplo, o caso da passagem do espaço paroquial ao espaço urbano.

[137] Tais como, dos *"snr. Dourado, Honorio de Lima, Cabral Borges, dr. Franchini, Alvaro Meirelles, Mello, da Conceição e da Laranjeira."* FARIA, F. Fernando Godinho de, (1899), Monografia do Concelho de Bouças. Matosinhos, Edição do Autor, p. 276
"A quinta de recreio surgiu em plena época do Humanismo da Renascença para usufruto e deleite das elites aristocráticas ligadas à Corte." CARNEIRO, Manuel Almeida, (2016),""Si bene aedificaveris, bene habitaveris". Entre a casa agrícola e a quinta de recreio no espaço rural do Porto (séculos XVIII-XIX)" - Vol. I. Dissertação de Doutoramento na área de História – Estudos Avançados do Património apresentada à Universidade Aberta, sob a orientação pedagógica e científica da Professora Doutora Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara, Porto, p. 19

[138] União das Freguesias S. Mamede de Infesta - Senhora da Hora (2017). *Quintas - Quinta do Dourado,* disponível em https://www.uf-smish.pt/cultura-e-turismo/ quinta-do-dourado/, acedido pela última vez a 01.2021

[139] ROSSA, Walter, (2002), *A URBE E O TRAÇO - Uma década de estudos sobre o urbanismo português.* Livraria Almedina, Coimbra, p. 15

[140] BRAGANÇA, Pedro, (2014), *Lugares de habitar entre a terra e o mar,* Volume I, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, p. 14

▪24. (à esq.)
Fotografia exterior da Quinta do Dourado

▪25. (à dir.)
Fotografia exterior da Quinta da Ponte da Pedra

▪26. (à esq.)
Fotografia exterior da Quinta do Eirado

▪27. (à dir.)
Fotografia exterior da Quinta das Laranjeiras

▪28. (à esq.)
Fotografia exterior da Quinta da Amieira

▪29. (à dir.)
Fotografia exterior da Quinta da Marta Ortigão

O ano de 1852, data da criação do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria, veio enunciar um plano de obras, que tinha como principal ideia a criação de uma rede nacional, uma malha com hierarquia, que assentaria em torno de três elementos estratégicos principais: as estradas, os caminhos-de-ferro e, por fim, os portos. Com o aparecimento e a criação destes novos elementos, assistiu-se a um novo tipo de povoamento, mais linear e claro, assente em três tipos diferentes de vias: estradas nacionais ou reais, distritais ou transversais e municipais. Esta nova rede viária veio introduzir uma ânsia na transformação do espaço urbano, através da introdução de mais um sistema que põe em perspectiva o problema do lugar, com repercussão na organização do espaço regional.

No ano de **1889**, segundo F. Godinho de Faria,

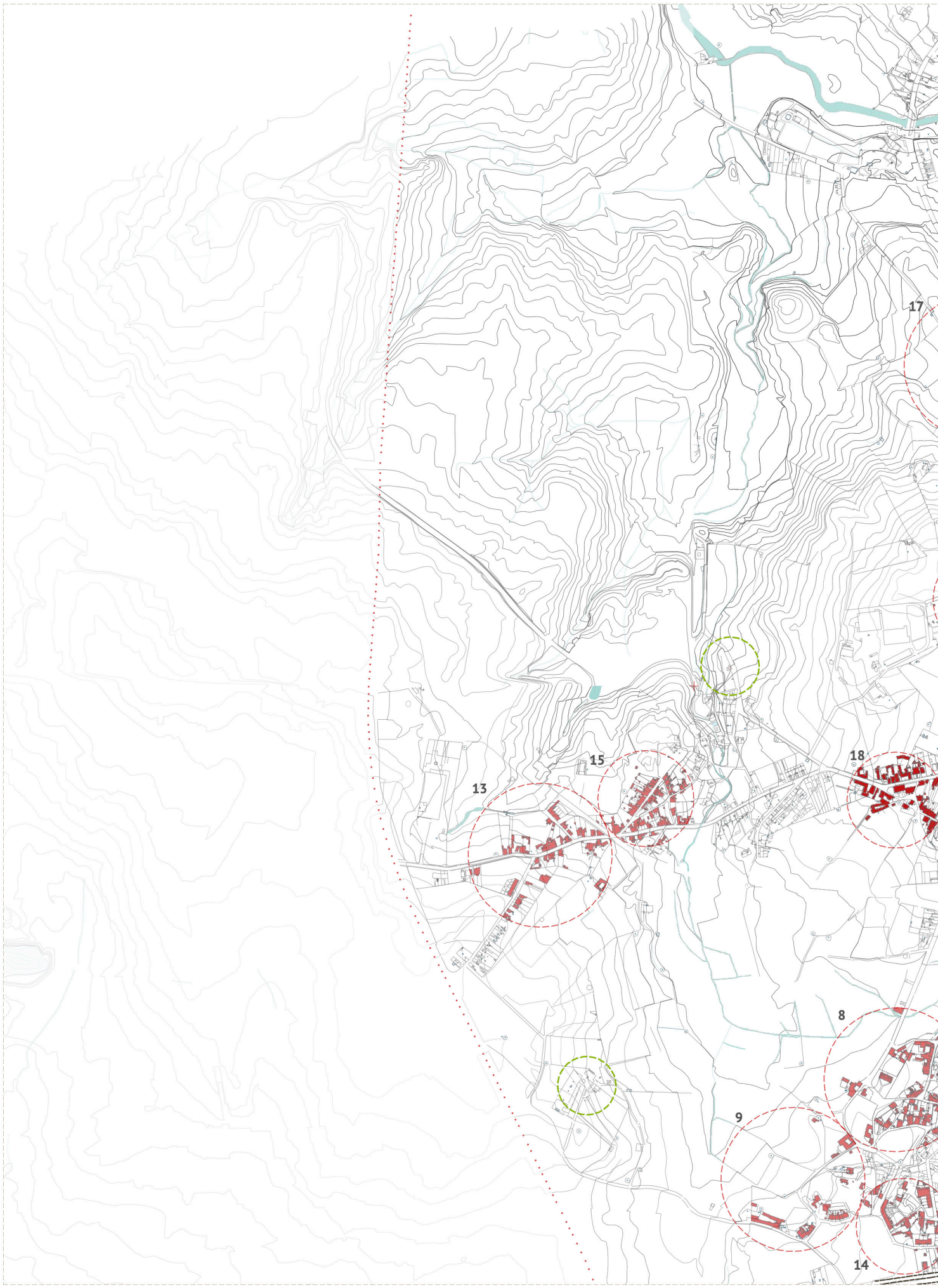
Os logares e ruas d´esta freguezia são os seguintes:
"Avenida do Conde de S. Mamede (antiga rua da Igreja), ruas dr. Barros, Silva Brinco, Godinho de Faria, Henrique Bravo, Sá e Melo e padre Costa e os logares (3.ª estuda real) da Cruz, Cavada, Igreja Velha, Laranjeira, Outeiro, Infesta, Corujeira, Eirado, Aldeia, Deveza, Ermida, Estrada Velha, Carril Branco, Bouça, Picoutos, Aldeia Nova, Cidreira, Telheiro, Tronco, Marco, Lagôa, Ventiella, Arroteia, Moalde e rua do Centro."[141]

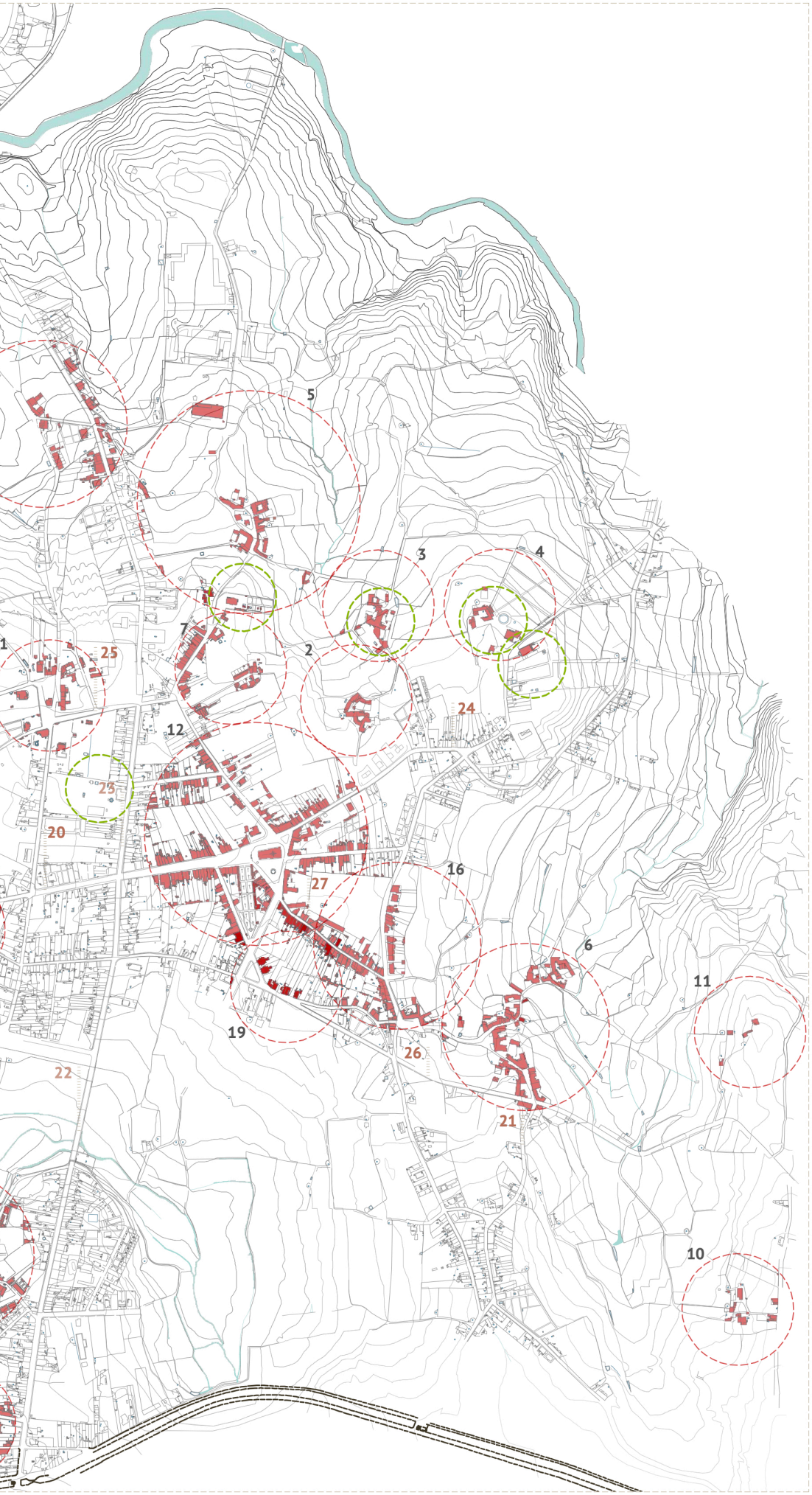
Seguidamente à leitura da citação transcrita acima, podemos constatar que parte dos lugares já existiam em comparação com o diagrama elaborado para o período compreendido entre **1874** e **1879**. No entanto, no ano de **1889**, surgiram não só mais dois lugares, sendo eles, Cidreira e Infesta, assim como, surgem, pela primeira vez, referenciados os eixos de ligação entre os diversos lugares constituintes do território em estudo. Tendo isso em consideração, partimos inicialmente para a marcação dos vários núcleos constituintes do lugar de São Mamede de Infesta, e numa fase posterior, realizamos a marcação dos vários eixos de ligação entre os mesmos.

> *"Tal era o panorama das comunicações que se apresentava nessas épocas passadas: duas estradas a retalharem a freguesia; uma do norte a sul e outra de nascente a poente."*[142]

[141] FARIA, F. Fernando Godinho de, (1899), *Monografia do Concelho de Bouças*. Matosinhos, Edição do Autor, p. 276

[142] BOAVIDA, Agostinho Fastio, (1973), *S. Mamede de Infesta : subsídios para a sua história*. Câmara Municipal, Matosinhos, p. 71


17
18
15
13
8
9
14



1874 a 1879

1 Ermida
2 Outeiro
3 Laranjeira
4 Igreja Velha
5 Eirado
6 Moalde
7 Corujeira
8 Telheiro
9 Tronco
10 Arroteia
11 Cavada
12 Cruz
13 Picoutos
14 Marco
15 Aldeia
16 Aldeia Nova do Centro
17 Estrada Velha

1889

18 Cidreira
19 Infesta
20 Avenida do Conde (Antiga Rua da Igreja)
21 Rua Dr. Barros
22 Rua Silva Brinco
23 Rua Godinho Faria
24 Rua Henrique Bravo
25 Rua Sá e Melo
26 Rua Padre Costa
27 Rua do Centro

Diagrama construção do lugar
Ano 1874 a 1879 | 1889

Cartografia de base de acordo com desenho da autora "Planta topográfica" correspondente ao ano de 1944

Edifícios religiosos

Núcleo

Quinta

Estrada da circunvalação do Porto | EN12

Linha representativa da área que irá integrar São Mamede a partir de 1895

Escala 1: 10000

Tendo em mente a via Poente-Nascente que atravessava o território em estudo e que até então era desiganada como estrada municpal, passou no ano de 1872 por uma restabilização ao trânsito, passando a designar-se de estrada nº24. No ano de 1883 viu a sua categorização ser alterada para estrada distrital, tendo passado por uma reforma que consistia no alargamento e pavimentação da via. Esta estrada viria a sofrer um aumento de três quilómetros, na direcção este, de forma a ligar S. Mamede a Águas Santas.

*

Neste período, o lugar em estudo designava-se de S. Mamede de Infesta devido à igreja paroquial se encontrar no ponto mais alto do território[110], o Monte de Nossa Senhora da Conceição, ou então, no lugar denominado de Cruz. Este lugar era caracterizado por estar numa posição topográfica favorável visto estar no ponto alto do território em estudo. Este ponto alto tomou como nome Infesta, visto que, esta *"palavra antiga portugueza, (…) significava subida, costa, costeira, etc."*[143]

Para além da forte presença das duas principais vias de comunicação que cruzavam São Mamede de Infesta, este lugar foi crescendo e se transformando, tendo sempre por base os acontecimentos que iam ocorrendo no país.

"É geralmente reconhecido que nas décadas que precederam a primeira guerra mundial se assistiu a um crescimento e a transformações estruturais sem precedentes nas economias mais atrasadas da periferia europeia. Este processo incluiu a difusão da organização fabril e da produção mecanizada baseada na utilização crescente da força gerada pelo vapor, aliada ao aparecimento de focos de actividade fabril em localizações urbanas."[144]

Todo este fenómeno da industrialização fez parte de um vasto processo de transformação tanto a nível económico como tecnológico, o qual levou ao *"alargamento do mercado, um aumento da especialização da produção, a criação duma rede de transportes moderna, o aparecimento dos bancos e a assimilação da tecnologia moderna por alguns sectores da economia."*[145]

Embora a atividade industrial durante este período se estivesse a desenvolver e tivesse ganho destaque como sector em crescimento, a nível económico, ainda era menos importante do que o sector agrícola, indo de encontro à ideia defendida por Miriam Halpern Pereira.[146]

[143] *"<<O topónimo INFESTA, hoje principal, mas que não possuía qualquer preeminência no século XIII, é porém, muito antigo e de sentido topográfico: do arcaico ENFESTA, isto é, eminência do terreno (relaciona-se com o adv. ANFESTO, para cima).>>"* Citação transcrita do livro de Agostinho Fastio Boavida, *S.Mamede de Infesta*, a qual faz referência à transcrição retirada da <<Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira>>

[144] BOAVIDA, Agostinho Fastio, (1973), *S. Mamede de Infesta : subsídios para a sua história*. Câmara Municipal, Matosinhos, p. 77

[145] REIS, Jaime, (1987), *A industrialização num país de desenvolvimento lento e tardio: Portugal, 1870 -1913*. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Lisboa, p. 207

[113] Ibidem, p. 208

[146] PEREIRA, Miriam Halpern, (1979), *Política e economia: Portugal nos Séc. XIX e XX*. Livros Horizonte (1ª edição), p. 72

No entanto, é errado dizer que o setor da agricultura era a esfera "dinâmica" da economia, no período após o ano de 1870. Mas a ideia de que a atividade económica era fortemente conduzida pela atividade industrial estava igualmente incorrecta. Através da leitura de alguns documentos escritos sobre este tema, podemos constatar que durante o período de 1870 a 1910 assistimos, em Portugal, a um processo lento do fenómeno da industrialização, o qual surgiu após o fim da primeira guerra mundial, em que a economia portuguesa não poderia se modificar nem depender somente desta atividade. No entanto, este *"crescimento lento registado nas décadas formativas que precederam a primeira guerra mundial, a estrutura industrial portuguesa estava bastante bem ajustada ao seu meio social e económico."*[147]

Esta transformação gradual e a presença de novos edifícios que pontuavam as cidades portuguesas, é também visível no lugar em estudo. Ao compararmos o diagrama de construção do lugar, correspondente ao ano de **1758**, e o do ano de **1889**, e tendo por base para a elaboração deste último, a industrialização, podemos verificar que S. Mamede foi um local bastante procurado para aqui se instalarem novas indústrias, essencialmente nas primícias do séc. XX. Devido a ser um local de passagem, por onde passavam diversas estradas, foi ganhando relevância com o passar dos anos. *"O cavalo, a sege, as carroças e os carros de bois são alguns nomes que nos ocorrer citar tendo em vista determinar o estilo do antigo meio de transporte utilizado."*[148]

Para além destes, um outro transporte muito usado nesta região foi o carro de bois, muito utilizado para o transporte de muitos produtos da lavoura. Mas foi no final do século XIX, que surgiu o primeiro transporte público que marcou este espaço paroquial, o *"Ripert"*[149]. Porém, com a elevação deste lugar de São Mamede a freguesia, facto a ser mencionado mais adiante na presente dissertação, este transporte dará lugar a um outro, ao *"carro eléctrico"*.

Contudo, com as Reformas Administrativas de 1895, a freguesia de São Mamede de Infesta viu os seus limites alterados, tendo sido acrescido um outro lugar, o Seixo[150] este pertencente até esta data à freguesia de Ramalde.

Podemos concluir assim que esta pequena freguesia do litoral Noroeste português veio a se consolidar muito devido às transformações e ao progresso que em torno dela se faziam sentir.

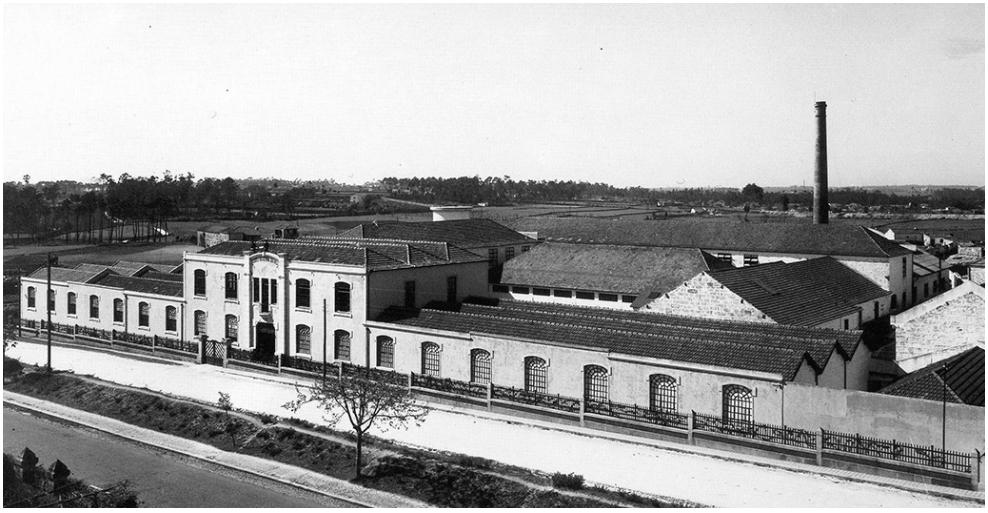
[147] REIS, Jaime, (1987), *A industrialização num país de desenvolvimento lento e tardio: Portugal, 1870 -1913*. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Lisboa, p. 221

[148] DURVAL, António, (2009), *À descoberta de S. Mamede de Infesta : passado, presente e futuro : uma abordagem monográfica / pesquisa e desenvolvimento*. Câmara Municipal de Matosinhos e Junta de Freguesia de S. Mamede de Infesta, S. Mamede de Infesta, p. 61

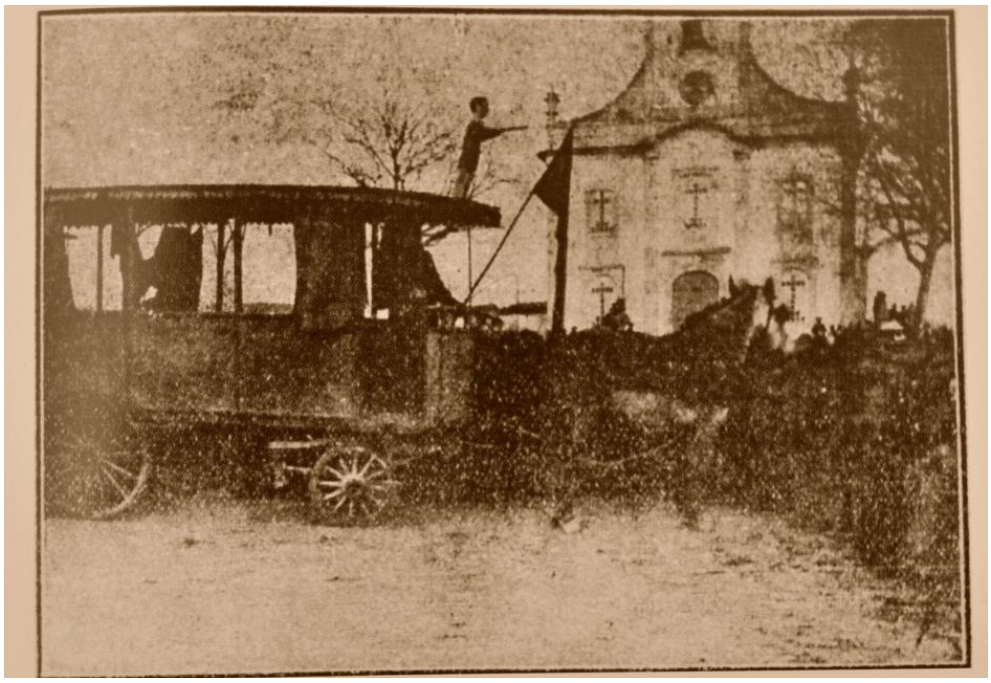
[149] *"Era um carro puxado por 4 cavalos construído em madeira com ripas ao comprido. Quando chovia era colocado um oleado na parte superior."* Ibidem

[150] *""Seixo" é igualmente um lugar muito antigo já que é citado como "Seixos" em 1258 nas "Inquirições de D.Afonso III". No entanto, só em 1895 foi integrada na freguesia de S.Mamede de Infesta, deixando de fazer parte de Ramalde."* Ibidem, p.92

▪30.
Fotografia aérea da zona onde estava implantada a antiga Fábrica de Fiação e Tecidos da Ponte da Pedra - 1936 (zona assinalada a vermelho)



▪31.
Fotografia antiga da Fábrica Monteiro Ribas - 1917



32.
"Ripert"

33.
O carro elétrico na chegada ao lugar da Ponte da Pedra

▪34. (à esq.)
Vista exterior da Fábrica Monteiro Ribas (1917)

▪35. (à dir.)
Vista exterior da antiga Fábrica de Fiação e Tecidos da Ponte da Pedra (1936)

2.8 O ano de 1944

A certeza da Cartografia Concelhia de Matosinhos

Ao longo deste estudo é interessante perceber como as sucessivas gerações que habitaram este território, o organizaram, o transformaram e o reinventaram ao passar do tempo. As condições que estiveram na base de uma ocupação antiga, a qual foi evoluindo e se transformando, tendo como ponto de partida fatores e eventos de natureza política, cultural e social. Fatores como a indústria e a ligação com a cidade do Porto, permitiram a evolução, a expansão e o crescimento de uma pequena aldeia na cidade que é hoje.

Antes da forte presença da indústria neste lugar era a atividade agrícola que tinha principal destaque e relevo para a economia local. No entanto, após o fenómeno da industrialização, o qual apareceu entre o cessar do século XIX e o início do século XX, o lugar de São Mamede de Infesta foi pontoado por novos edifícios, de consideradas dimensões, despontando no crescimento abrupto da população local, assim como, na construção de novos edifícios, os quais tinham diversos usos, tais como, habitação, comércio e lazer. Como exemplo deste forte crescimento temos a Fábrica Monteiro Ribas, inaugurada a 1917 e mais tarde, no ano de 1936, a Fábrica de Fiação e Tecidos da Ponte da Pedra.

Foi através do forte crescimento da industrialização neste lugar que assistimos, a partir do início do século XX, ao aparecimento de habitação, que servia para albergar os trabalhadores operários que trabalhavam nas respectivas fábricas que aqui se viriam a implantar. À semelhança do que tinha ocorrido em anos anteriores, a partir de 1930, a estratégia do governo durante esse período passou por *"possibilitar a aquisição progressiva de casa própria a determinados setores da população"*[151]. De forma a ampliar, em grande número, as casas para as classes mais desfavorecidas, o Estado criou não só a JCI (Junta de Colonização Interna), como ainda, a JCCP (Junta Central das Casas de Pescadores), a fim de multiplicar os *"centros de produção de habitação de iniciativa pública destinados a grupos socioprofissionais específicos, não assalariados públicos mas igualmente sujeitos a controlo corporativo."*[152]Ao longo do século XX, o forte contributo de arquitetos portugueses, tais como Eugénio Correia e Henrique Brando Albino, refletiu-se através de serviços prestados à JCI, os quais

> *"produziram projetos e assentamentos informados pela (então já longa) experiência europeia na colonização interna, pelos modelos de ordenamento territorial, arquitetura e desenho urbano adotados, cuja realização foi sendo matizada pelas circunstâncias nacionais."*[153]

Com a leitura de *Habitação: Cem anos de políticas públicas em Portugal, 1918-2018*, é-nos possível afirmar que esta ação tanto por parte da JCI como JCCP permitiu acompanhar as inflexões da forma como o Governo Português atuou perante o mundo rural e, consequentemente, a fim de solucionar os seus problemas.

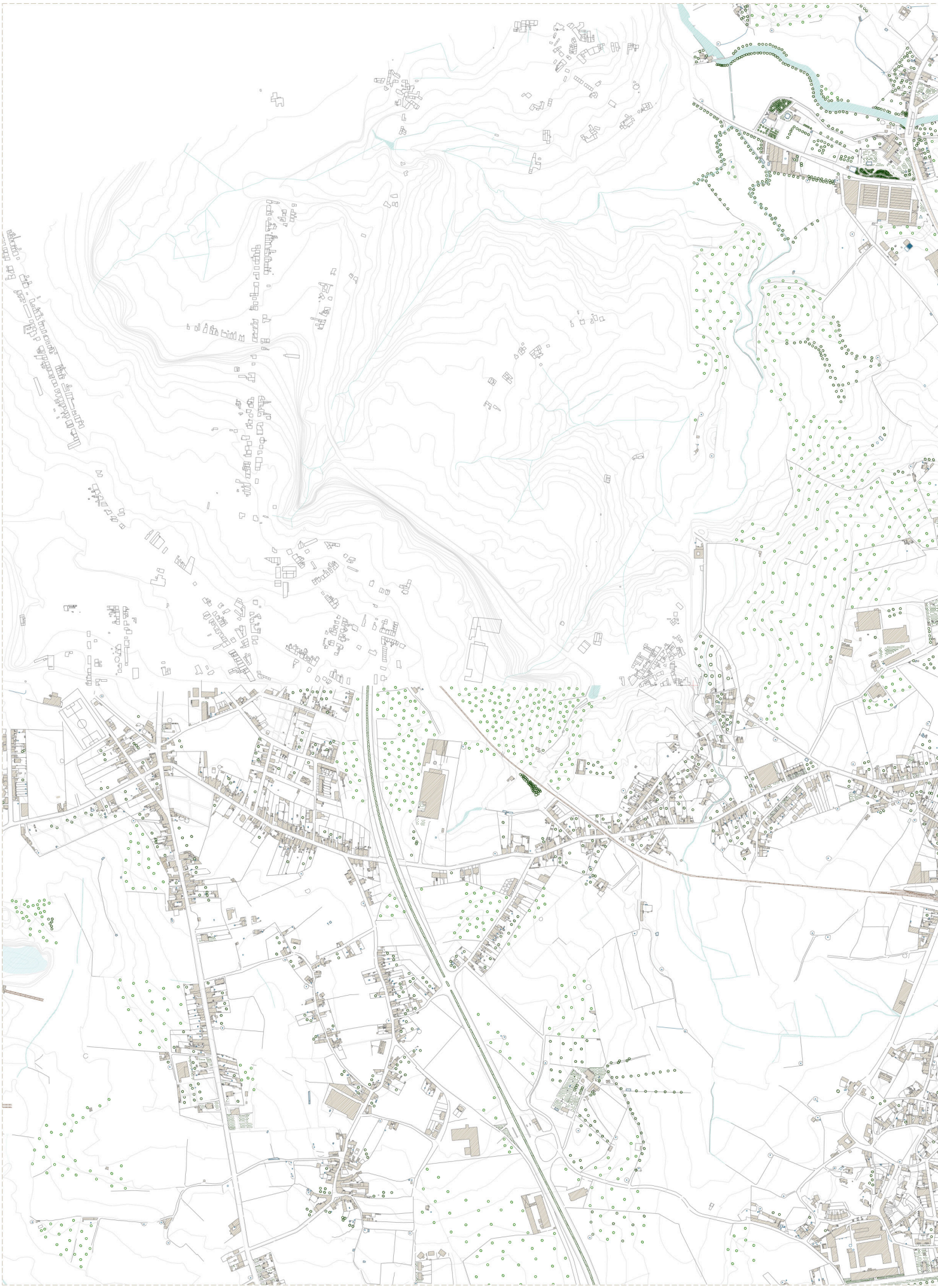
À semelhança do sucedido durante os anos 30, em 1945 assistiu-se à criação do regime CRE, *«Casas de Renda Económica», "alargando significativamente o leque de potenciais intervenientes na promoção pública de habitação (cooperativas, organizações corporativas ou de coordenação económica, instituições de previdência social, empresas concessionárias de serviços públicos, indústrias e privados) e de potenciais arrendatários (estratos médios e médios-baixos, não abrangidos pelos programas existentes)."*[154]

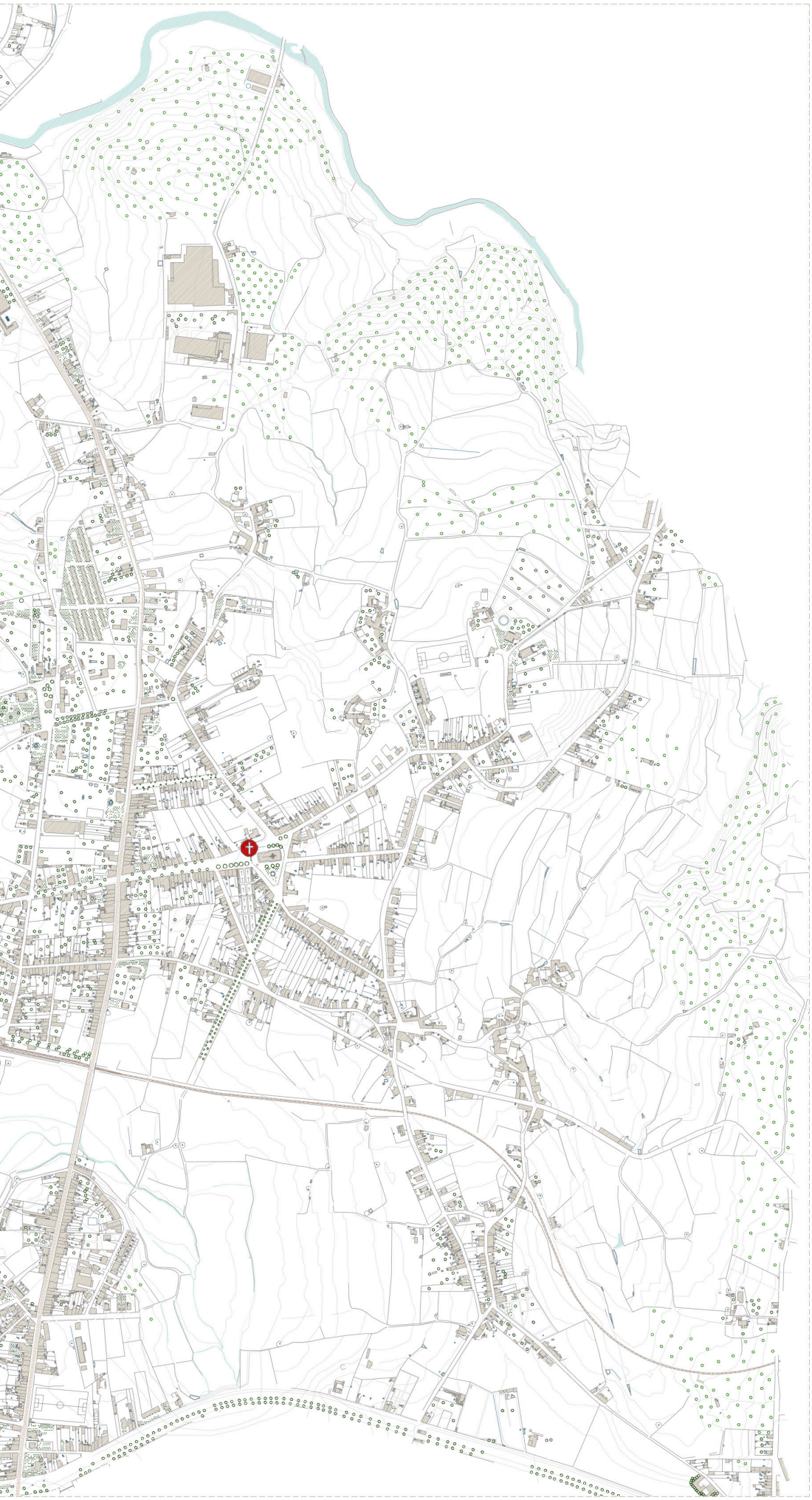
[151] AGAREZ, Ricardo Costa,(2018), *Habitação: Cem anos de políticas públicas em Portugal, 1918-2018.* Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Lisboa, p. 23

[152] Ibidem

[153] Ibidem, p.24

[154] Ibidem, p.26





Carta Planimétrica do lugar de São Mamede de Infesta

(e parte do lugar de Leça do Balio)

Ano 1944

Cartografia de base de acordo com Cartografia Concelhia de 1944 - Câmara Municipal de Matosinhos

- Rio Leça
- Linha de água secundária
- Poços
- Arborização
- Curva de nível (2 em 2m)
- Edificação
- Linha de eléctrico
- Caminho-de-ferro
- Igreja Paroquial

Escala 1: 10000

[155] *"... é um instrumento de trabalho aberto e disponível para ampliar a reflexão crítica e divulgação da arquitetura apoiada pelo Estado que ergueu, através de diferentes programas, grande parte dos edifícios de habitação económica do século XX português."* Informação retirada do site: https://db.up.pt/fmi/webd/mapa_habitacao_db

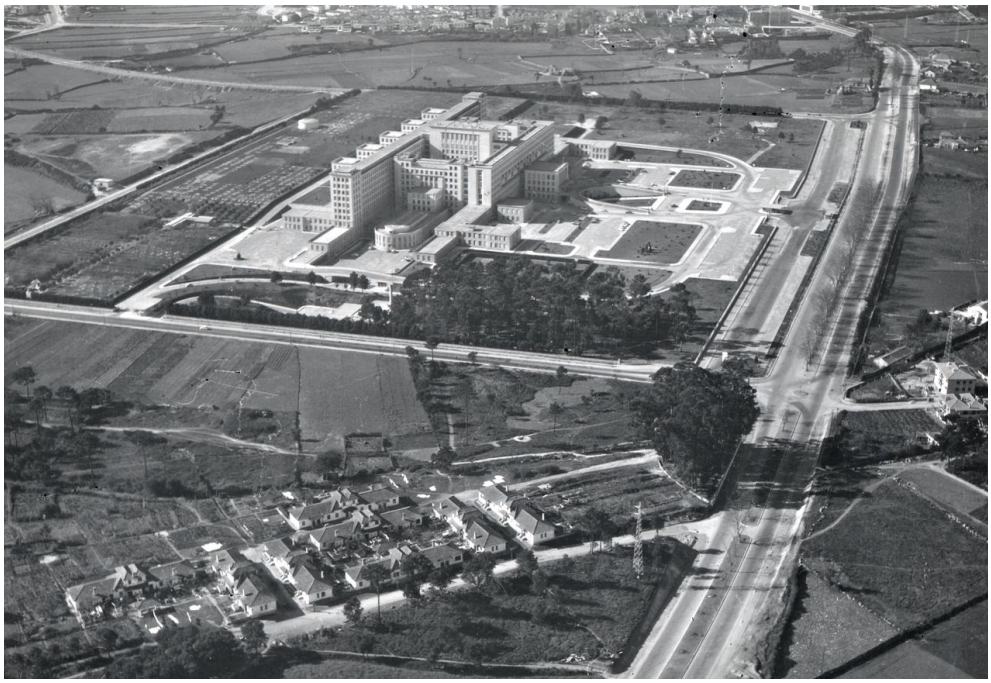
[156] É importante referir que nesta altura, a cidade do Porto, *"passou a não contar com as três freguesias de Nevogilde, Aldoar e Ramalde que seriam desanexadas de Bouças e que, recebendo Leça do Balio e S. Mamede de Infesta, ficaria integrada pelas dez actuais"* freguesias que constituem a cidade de Matosinhos. DURVAL, António, (2009), À descoberta de S. Mamede de Infesta : passado, presente e futuro : uma abordagem monográfica / pesquisa e desenvolvimento. Câmara Municipal de Matosinhos e Junta de Freguesia de S. Mamede de Infesta, S. Mamede de Infesta, p. 65

[157] A zona central desta estrada era definida por uma faixa, mais concretamente, um fosso, com, aproximadamente, 2 a 3 metros de profundidade, sendo ainda esta via pontuada por postos de sentinela a cada 150 metros. Esta vala criou duas estradas que circunscreviam a cidade do Porto, uma interior e outra exterior, sendo que o nome dado a esta estrada partiu do facto de este fosso ser (circun)dante a essa malha urbana.

[158] *"Desde a Carta Foral atribuida ao Porto pelo Bispo D.Hugo, no ano de 1123, que se cobrava um imposto sobre o produtos que entravam neste burgo destinados a ser vendidos, o chamado "Imposto Real de Água". Em 1861 a Câmara Municipal do Porto passou também a cobrar as "Contribuições Municipais", passando então a haver dois impostos cobrados em simultâneo (os do Bispado e os do Município). Este sistema de cobrança de impostos tinha como objectivo controlar a entrada e saída de bens de consumo na cidade."* ESCOLÁSTICO, João, (2015), De uma Circunvalação a uma Via Urbana; Requalificação Paisagística da Estrada Nacional 12. s.e. Porto, p.20

▪36.
Fotografia de um dos blocos habitacionais que constitui o Bairro da Caixa Têxtil de Matosinhos -1951

▪37.
Fotografia aérea antiga da circunvalação, junto ao Hospital de S. João



Por analogia ao ocorrido no território português, durante este período, também o lugar de S. Mamede de Infesta é marcado por este novo regime. Tendo em conta o *"Mapa da Habitação"*[155], podemos ter como exemplo o Bairro da Caixa Têxtil de Matosinhos. Este conjunto habitacional estava incluído no designado programa *CRE*, sendo um projecto de 1951, da autoria do arquiteto Germano de Castro. Este projecto, segundo a base de dados do *"Mapa da Habitação"*, consistiu na construção de 10 edifícios, de dois pisos, os quais eram caracterizados por serem habitações de acesso directo, resultando num total de 156 fogos, e, tinham em si, a característica de ser uma arquitetura de linhas simples e popular.

*

Ligações

Com este forte crescimento populacional, as ligações entre núcleos constituintes deste território foram crucias, levando à construção de novas vias de ligação, que viriam a criar uma densa e ímpar rede viária. Uma das principais vias que permitiu não só a ligação deste lugar com a cidade do Porto, e a qual em grande parte do seu trajeto decalca a delimitação territorial desta cidade[156], é a Estrada da Circunvalação[157]. Esta foi construída já no desfecho do século XIX, entre o ano de 1889 e 1896, e a qual tinha como principal função servir como barreira alfandegária, taxando os bens que entravam na cidade do Porto.[158] É de relevar que esta estrada tem como origem e traçado características militares, sendo que *"a sua construção vai estender-se por uma extensão de quase 17Km, desde Campanhã até à costa Oceânica(…)"*[159].

> *""Mais pra além vê-se a "barreira"*
> *S. Mamede fica àquem…*
> *E dali à Serralheira*
> *É a terra de ninguém…"*[160]

Ao longo desta via, e nos pontos em que esta se ligava com eixos vindos da cidade do Porto, havia a presença de 13 barreiras[161] as quais foram instaladas para cobrar as respetivas taxas às mercadorias transportadas, sendo que estes impostos eram cobrados por funcionários da Coroa, do Bispado e do Município.

> *"Ficou portanto a cobrança do imposto municipal, em 1897, a fazer-se através das seguintes barreiras de fiscalização do Estado: Esteiro, Freixo, Campanhã, São Roque, Rebordões, Areosa, Azenha,* ***Amial****, Monte dos Burgos, Senhora da Hora, Pereiró, Vilarinha e Castelo do Queijo. No que respeita à linha marginal, havia ainda os seguintes postos: Cantareira, Ouro, Massarelos, Banhos, Ribeira, ponte inferior, ponte superior, Guindais e Pinheiro."*[162]

Nos dias de hoje, existem somente 7 dos 13 postos de taxação iniciais, os quais, após a extinção do imposto designado por *"Real de Água"*[163], no ano de 1922, foram vendidos (cumprindo actualmente um outro uso) ou demolidos.[164]

[159] *O Tripeiro*, Porto, 6ª série, ano 11, n.º 7 (Julho de 1971), p. 193-195

[160] DURVAL, António, (2009), *À descoberta de S. Mamede de Infesta : passado, presente e futuro : uma abordagem monográfica / pesquisa e desenvolvimento*. Câmara Municipal de Matosinhos e Junta de Freguesia de S. Mamede de Infesta, S. Mamede de Infesta, p. 66

[161] *"… eram os lugares, nas entradas na cidade do Porto, onde se procedia à cobrança dos impostos municipais sobre determinadas mercadorias que a ela afluíam, para consumo da população."* Ibidem

[162] *O Tripeiro*, Porto, 6ª série, ano 11, n.º 7 (Julho de 1971), p. 193-195

[163] *"Em 21 de Setembro de 1922, foi extinto o velho imposto do real de água; e, assim o estado desguarnecendo as barreiras estabelecidas em 1836, tomou a Câmara, automaticamente, a posse delas, para o que substituiu e guarneceu com pessoal da casa dos postos que acabavam de ser extintos. (...)Desapareceu assim, um sistema tributário com mais de oito séculos de existência; e, com ele, desapareceu também uma organização fiscal, que há cento e tantos anos cingia a cidade do Porto com uma oprimida e anacrónica cintura de barreiras".*
O Tripeiro, Porto, 6ª série, ano 11, n.º 7 (Julho de 1971), p. 193-195

[164] *"Em 1922 é extinto o Imposto Real de Água e em 1943 são suprimidas as Contribuições Municipais. Na sequência da abolição do sistema tributário, a antiga barreira alfandegária foi desactivada, o fosso tapado e os antigos postos fiscais assumiram outros usos e funcionalidades, respondendo às necessidades dos novos tempos,"* ESCOLÁSTICO, João, (2015), *De uma Circunvalação a uma Via Urbana; Requalificação Paisagística da Estrada Nacional 12*. s.e. Porto, p.20

*

Linha do elétrico e o Caminho de ferro

Ao analisar a cartografia concelhia de Matosinhos do ano de 1944, algo que se destaca em relação aos desenhos representativos da constituição do lugar de S. Mamede de Infesta referentes a anos anteriores, é o traçado da linha do elétrico. Tendo em consideração afirmação feita por António Durval, a Companhia Carris de ferro do Porto, no relatório e contas do ano de 1910, o qual foi só apresentado em 1911, destaca a construção de novas linhas de carros elétricos, nomeadamente, a linha 3, que fazia a ligação entre o lugar de Paranhos e S. Mamede, e mais tarde da Ponte da Pedra até Barreiros., correspondente à atual Estrada Nacional nº 3.

Podemos perceber que o elétrico ao efetuar este trajeto teria que vencer uma grande depressão de ordem morfológica do terreno, passando pelo caracterizado planalto do lugar de S. Mamede, e consecutivamente pelo acentuado declive até chegar ao terreno aplanado antecedente ao rio Leça.

Após a construção, no ano de 1934, da *"Ponte Nova"*, assistiu-se à criação de mais linhas, que ligavam o atual lugar do Telheiro ao centro do lugar em estudo, a *"linha 7 vinha até S.Mamede a linha 7/ ia até à Ponte de Pedra,* e *a linha 7// ia até à Batalha."*[165]

Mais tarde, S. Mamede de Infesta daria lugar à construção do caminho-de-ferro que pretendia ligar o Porto de Leixões a Contumil, estando incluída na *Linha de Cintura do Porto*[166] e prevista com construção da *"Ponte Nova"*, . Esta após muitas alterações e sucessivas remarcações à data de início da obra , viu no ano de 1938 o começo para a sua construção. Foi através de um requerimento apresentado à Câmara no ano de 1927, que se pediu que esta nova linha de caminho-de-ferro, a construir entre o lugar do Telheiro e o platô de Infesta, fosse realizada de forma plana, isto é, em passagem de nível com a necessidade de construir um túnel. Visto que a construção deste túnel iria aumentar significativamente o valor total da obra, optou-se, assim, por construir uma Ponte, designada de Ponte Nova, a qual passaria por cima da linha de caminho-de-ferro e permitiria a ligação da atual zona do Telheiro com o centro da cidade.

[165] DURVAL, António, (2009), *À descoberta de S. Mamede de Infesta : passado, presente e futuro : uma abordagem monográfica / pesquisa e desenvolvimento*. Câmara Municipal de Matosinhos e Junta de Freguesia de S. Mamede de Infesta, S. Mamede de Infesta, p. 63

[166] *"De facto, com a construção da linha de Cintura do Porto, conseguia-se a ligação da rêde geral com o Pôrto de Leixões, o que viria dar um grande desenvolvimento ao comércio e indústria do Norte do nosso país."* (s.a), 16 de Abril de 1934, *GAZETA DOS CAMINHOS DE FERRO FUNDADA EM 1888,* (versão eletrónica). Revista Quinzenal, 8.º do 46º ano, n.º 1112, p. 215, disponível em http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/GazetaCF/1934/N1112/N1112_master/GazetaCFN1112.pdf, acedido pela última vez a 05.2021

Em concordância com a construção da Ponte Nova houve uma reformulação da então designada Estrada Real de rodagem nº3, a qual tomou o nome a partir do momento da construção desta ponte, de Estrada Nacional nº14. Uma outra via de ligação que dividia o lugar na zona mais poente de S. Mamede de Infesta do lugar de Senhora da Hora é a Estrada Nacional nº13, a qual permitia uma ligação entre a cidade do Porto e Vila do Conde.

*

Educação

Com todas estas transformações e reformulações a nível territorial e urbano, o ano de 1912 assistiu-se, pela primeira vez, à referenciação da primeira escola, destinada ao ensino primário, localizada no local em estudo. Esta estava implantada, e ainda se encontra precisamente no mesmo lugar que ocupava antigamente, na antiga residência paroquial, com o seu *"quintal e campos anexos"* [167].

*

Assim podemos concluir que os acontecimentos que marcaram a história de Portugal, desde as guerras liberais até ao desenvolvimento da rede viária e urbano consequência do processo da industrialização, marcaram também a pequena freguesia localizada entre a terra e o mar.

[167] DURVAL, António, (2009), *À descoberta de S. Mamede de Infesta : passado, presente e futuro : uma abordagem monográfica / pesquisa e desenvolvimento*. Câmara Municipal de Matosinhos e Junta de Freguesia de S. Mamede de Infesta, S. Mamede de Infesta, p. 69

▪38. (à esq. e dir.)
Fotografia do marco miriamétrico da EN 12 ao km 10, na Areosa

▪39.
Fotografia de uma das "barreiras" localizadas na Estrada Nacional nº12 - S. Roque

▪40. (à esq.)
O fim da linha do elétrico à chegada ao *Leça*

▪41. (à dir.)
Caminho-de-ferro - ligação de Matosinhos a Contumil

▪42.
Fotografia da primeira escola presente nesta freguesia, destinada ao ensino primário

▪43.
Via Norte na década de 70

▪44.
Vista aérea da auto-estrada A4, junto ao Parque Ambiental da Ribeira de Picoutos | Asprela

2.9 De 1994 até à actualidade

A cartografia de 1957, 1997 e 2013

Com o desenvolvimento da freguesia de S. Mamede de Infesta derivado de variadíssimos motivos desde políticos, culturais a sociais, e tendo sempre por base cartografias do lugar em estudo a partir do ano de 1957, foi-nos possível fazer um epítome das questões mais significantes que (trans)formaram este lugar.

Em concordância com o sucedido em anos anteriores, e derivado do forte crescimento populacional e consequentemente urbano, assistiu-se à continuação do reforço dos eixos de ligação desta freguesia com os lugares que a rodeiam. Assim sendo, podemos mencionar uma estrada que tem um papel fundamental na circulação viária deste lugar, sendo denominada de Via Norte. A sua construção remonta aos anos 70 e foi projetada de forma a canalizar o elevado número de veículos que passava na freguesia vindo da cidade do Porto, sem ter que passar necessariamente no centro do lugar em estudo.

Uma outra via, esta já muito mais recente que a mencionada anteriormente, é a auto-estrada A4, inaugurada no ano de 2006. Esta via é a única estrada que atravessa o lugar de S. Mamede de Infesta na zona Norte, tendo sido pensada para ligar a cidade Matosinhos à fronteira de Bragança, em Quintanilha. É importante salientar que esta via faz parte integrante do Itinerário Principal nº4 e é uma das mais importantes ligações ao interior a Norte do Rio Douro, uma vez que liga a metrópole do Porto à região de Trás-os-Montes.

*

Habitação

> *"O ano de 1899 ficou marcado por um conjunto de episódios importantes para a compreensão da condição do alojamento operário portuense na transição do século (...)."*[168]

À semelhança do que se verificou na cidade do Porto, com um exponencial crescimento populacional, a modernização levada a cabo na cidade industrial oitocentista está fortemente vinculada com a problematização da habitação popular, tendo em conta a *"instrumentalização política da casa a favor de um ideário nacionalista fundado nos valores de família, de raça e de pátria."*[169]

No final do século XIX, uma das questões que mais ganhou a atenção por parte do Estado foi, entre outras, a preocupação das condições de habitabilidade destas casas que albergariam as classes mais necessitadas da população.

Assim, na transição do século XIX para o XX, o programa da habitação económica ganhou um papel de destaque face à construção desta nova cidade, a cidade industrializada. Porém, é importante salientar, que este programa requeria *"uma adequação instrumental daquilo que era ensinado na Academia, quer um questionamento sobre o desempenho social do arquitecto no processo de transformação da própria sociedade."*[170]

Focando a nossa atenção no caso em estudo, mas nunca esquecendo da panorâmica portuguesa vivida durante esse período, é possível verificar-se que, à semelhança ao ocorrido na cidade do Porto, também São Mamede de Infesta vai ser pontuada por novos conjuntos habitacionais de baixo rendimento, derivados dos programas propostos para a cidade portuense.

[168] GONÇALVES, Eliseu, (2011), *Leitura de Marques da Silva - O Bairro do Monte Pedral e o alojamento operário em 1900*. Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, p.101, disponível em https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/77775/2/46263.pdf, acedido pela última vez a 04.2020

[169] Ibidem

[170] Ibidem

▪45.
Fotografia antiga representativa do movimento MOJAF em S. Mamede de Infesta (junto à escola da Igreja Velha

▪46.
Fotografia antiga da escola primária da Igreja Velha

Para além das já mencionadas *CRE - Casas de Renda Económica* - assistiu-se neste lugar, durante o período do Estado Novo, ao aparecimento de um novo movimento que consistia na construção de casas para a população mais carenciada, o MOJAF - Movimento Juvenil de Ajuda Fraterna. Durante este período existia em S.Mamede de Infesta uma sociedade ditatorial, que tinha por base o regime intransigente, o qual governava o país nessa época.

Apareceu neste período o impulsionador deste movimento, o Padre António Teixeira de Sousa, um padre pertencente à Igreja de S. Mamede, o qual esteve anteriormente na cidade de Coimbra, e à semelhança do que tinha proposta para essa cidade, também em S.Mamede de Infesta iniciou a construção de casas para os mais desfavorecidos. Esta ação de criação de nova habitação neste lugar partiu segundo a construção de três casas *"num terreno livre, da Igreja Paroquial de S.Mamede de Infesta, no lugar do Marco no Telheiro."*[171] O início que marcou esta nova fase de habitação no lugar de S. Mamede foi de grande entusiasmo e expetativa do futuro, que este movimento teria nesta região. E assim após a construção destas primeiras três habitações, foi no lugar de Igreja Velha que se deu continuação a este movimento coletivo de ajuda ao próximo, com a construção de mais oito casas. Estas tinham a particularidade de estarem dispostas segundo um bloco uniformizador, de somente dois pisos, em que cada um dos pisos era constituído por dois fogos, projetados de forma simétrica. É interessante perceber como um edifício construído *"desde os doutores aos carpinteiros, militares ou de qualquer outra forma social"*[172], tinha em si uma ideia de arquitetura vernacular, resultante do conhecimento e supervisão por parte de arquitetos portugueses, tal como o já mencionado arquiteto Germano de Castro.

*

Educação

Por consequência do forte crescimento populacional, houve a necessidade da criação de novos edifícios de âmbito escolar, tal como a escola da Igreja Velha, entre outros. Esta escola, presente em São Mamede de Infesta desde 1958, começou logo a funcionar no respetivo ano lectivo de 1958/1959, proporcionando às crianças que habitavam neste núcleo, o direito ao ensino, neste caso, o ensino primário.

Mas, com o aparecimento do movimento MOJAF, esta instituição de ensino viu-se confrontada com uma nova realidade no âmbito do novo núcleo habitacional que aí estavam a construir. Sendo que este iria albergar população com um forte défice financeiro, esta escola deparou-se com uma nova realidade social que esse pequeno núcleo viria a instituir nesse pequeno aglomerado populacional, gerando uma situação de instabilidade e curiosidade em torno dessa situação. Felizmente, como o decorrer dos anos, esta sensação de instabilidade presente na vida escolar foi-se desvanecendo, muito *"por força de várias circunstâncias entre as quais a mudança para outros destinos de algumas das famílias mais problemáticas."*[173]

[171] DURVAL, António, (2009), *À descoberta de S. Mamede de Infesta : passado, presente e futuro : uma abordagem monográfica / pesquisa e desenvolvimento*. Câmara Municipal de Matosinhos e Junta de Freguesia de S. Mamede de Infesta, S. Mamede de Infesta, p. 95

[172] Ibidem

[173] Ibidem, p. 70

Para além desta instituição de ensino, o lugar de S. Mamede é marcado pelas seguintes escolas, divididas segundo as seguintes categorias:

Ensino pré-primário e primário:

- Jardim de Infância e Escola EB1 da Ermida;
- Jardim de Infância e Escola EB1 da Igreja Velha;
- Jardim de Infância e Escola EB1 Padre Manuel de Castro;
- Escola EB1 do Telheiro;

Ensino Básico (2º e 3º ciclo):

- Escola EB2/3 Maria Manuela de Sá;

Ensino Secundário:

- Escola Secundária Abel Salazar.

*

Hidrografia: pós-industrialização e desenvolvimento populacional

Tal como aconteceu em diversas regiões do país, o forte crescimento populacional, e consequentemente, as transformações urbanas levaram a que a rede hidrográfica do caso de estudo fosse sendo alterada e modificada, perdendo um pouco da sua preponderância e significado ao longo dos tempos.

Com a presença de novas indústrias e consequentemente um forte crescimento populacional, o qual se assistiu na metade do século XX, levou a que a Ribeira de Picoutos | Asprela passasse, no final do século, por um processo gradual de poluição chegando mesmo a ser categorizado de *esgoto*. Atualmente, quando observamos este curso de água, deparamo-nos com o *emparedamento* deste ribeiro, cuja construção veio a solucionar o problema que vinha a ocorrer, sucessivamente, aquando do período de cheias. Segundo a ideia defendida por António Durval, comparando o que este curso de água foi um dia com o que ele é hoje, podemos concluir que existe um forte contraste entre um passado bucólico e puro, com um atual poluída e emparedada ribeira[174].

Para além deste curso de água é importante mencionar a existência de outros, os quais estão nos dias de hoje irreconhecíveis, como é o caso do Ribeiro do Arquinho, assim como, o Regato da Lavandeira, ou até mesmo perdido o reconhecimento que tinham em tempos antigos, como é o caso do Regato e Fonte dos Alhos. Tal fenómeno ocorreu devido à construção de estradas, assim como, de novos edifícios, havendo a necessidade de entubar, totalmente ou parcialmente, a maior parte deles.

[174] Ao falarmos desta Ribeira é imprescindível não referir os antigos moinhos, estando directamente ligados a este importante curso de água. Conforme nos anuncia António Durval, o qual teve em conta o testemunho de parte da população idosa residente na região de Picoutos, haviam cerca de doze moinhos, a maior parte deles localizados na freguesia de Leça do Balio.

À semelhança do que acontece com a Ribeira de Picoutos | Asprela, também o Rio Leça[175] se viu profundamente afetado pela *""doença"chamada de poluição, industrial e doméstica, que transformou aquele outrora belo rio num verdadeiro esgoto"*[176]. Antes da presença intensa da industrialização neste lugar, este rio era caracterizado como *"bucólico, calmo, pleno de azenhas e açudes, correndo por entre bouças, milheirais e humedecendo férteis várzeas."*[177] O Rio Leça, assim como a sua rede hidrográfica, foi desde tempos passados um forte gerador de recursos naturais, levando à fixação de muitos dos aglomerados populacionais que ainda hoje fazem parte deste território. Tal como nos informa Pedro Bragança, e tomando como exemplo o observado no concelho da Maia, a presença deste curso de água criava as condições ideias para a prática da atividade agrícola, desde o cultivo de hortícolas como de frutícolas, consistindo, assim, num dos principais fornecedores da cidade do Porto.

Noutros tempos, *"as belezas naturais, enaltecidas nos jornais da época, fizeram de S. Mamede, (...), o local eleito como lugar de repouso e lazer das famílias mais abastadas do Porto e não só."*[178] Mais precisamente na zona da Ponte da Pedra, as margens do rio Leça foram as escolhidas para momentos de lazer como também, para o acampamento das tropas francesas, no século XIX, quando estas invadiram a cidade do Porto. Estas viriam a instalar-se numa quinta de recreio[179] localizada perto da Ponte da Pedra, encontrando-se actualmente num estado avançado de degradação.

Tal como Maria Manuela de Sá nos confirma, em 1897, na região de Leça do Balio foi fundada uma praia fluvial, com a finalidade *"de satisfazer uma necessidade ali tão reclamada e de fazer afluir forasteiros à freguesia de S. Mamede de Infesta, já concorrida como estância de ar campestre"*[180].

Desde o fim do século XIX até meados do século XX, São Mamede de Infesta ficou conhecida como sendo um local onde eram realizados passeios de barco, piqueniques, bailes e tertúlias. Segundo o Dr. Abílio de Campos Monteiro, esta cidade teria sido designada, em tempos passados, por a *"Sintra do Porto, pois o retiro bucólico da Ponte da Pedra é sem dúvida o trecho de natureza mais encantador de quantos aformoseiam os arrabaldes do Porto."*[181]

[175] Nos dias de hoje, esta linha de água, para além da sua importância a nível territorial serve, também, de fronteira natural ao longo de aproximadamente 1,5Km entre a freguesia de São Mamede de Infesta e a de Gueifães, esta pertencente ao actual concelho da Maia.

[176] DURVAL, António, (2009), À descoberta de S. Mamede de Infesta : passado, presente e futuro : uma abordagem monográfica / pesquisa e desenvolvimento. Câmara Municipal de Matosinhos e Junta de Freguesia de S. Mamede de Infesta, S. Mamede de Infesta, p. 35

[177] Boletim nº5 - 3º Trimenste de 1993

[178] DURVAL, António, (2009), *À descoberta de S. Mamede de Infesta : passado, presente e futuro : uma abordagem monográfica / pesquisa e desenvolvimento*. Câmara Municipal de Matosinhos e Junta de Freguesia de S. Mamede de Infesta, S. Mamede de Infesta, p. 235

[179] *"A quinta de recreio surgiu em plena época do Humanismo da Renascença para usufruto e deleite das elites aristocráticas ligadas à Corte."* CARNEIRO, Manuel Almeida, (2016), *""Si bene aedificaveris, bene habitaveris". Entre a casa agrícola e a quinta de recreio no espaço rural do Porto (séculos XVIII - XIX)"* ,Vol. 1. s.e, p.39 Disponível em https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/5870/1/TD_ManuelCarneiro_Vol.%201.pdf, acedido pela última vez a 25.05.2020

[180] Boletim nº5 - 3º Trimenste de 1993

[181] *O Primiero de Janeiro*, de 17/6/1926

DECRETO N.º 63/V

AUTORIZA O GOVERNO A LEGISLAR SOBRE TRABALHO DE MENORES E INCENTIVOS À FREQUÊNCIA DA ESCOLARIDADE OBRIGATÓRIA.

A Assembleia da República decreta, nos termos dos artigos 164.º, alínea *e*), 168.º e 169.º, n.º 2, da Constituição, o seguinte:

Artigo 1.º — 1 — Fica o Governo autorizado a aprovar um diploma que estabeleça o agravamento das penas de multa actualmente em vigor para as entidades patronais que utilizem o trabalho de menores em transgressão do disposto no artigo 123.º, n.º 1, do Regime Jurídico do Contrato Individual de Trabalho, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 49 408, de 24 de Novembro de 1969.

2 — No caso de o menor não ter ainda atingido o termo da escolaridade obrigatória, ou de o trabalho se realizar em condições especialmente perigosas para a saúde ou moralidade do menor, os limites mínimo e máximo da multa serão iguais ao dobro dos previstos nas outras situações.

3 — No caso de reincidência, os limites referidos serão agravados para o triplo dos previstos para cada um dos casos.

Art. 2.º Fica o Governo autorizado a legislar no sentido de incentivar a frequência da escolaridade obrigatória em matéria de:

a) Estímulo à cooperação da escola com outras entidades, designadamente autarquias, associações de empregadores, de trabalhadores, segurança social e inspecção do trabalho;
b) Estímulos à constituição na escola de núcleos de docentes com funções de acompanhamento no espaço escola/família/comunidade dos alunos que não compareçam às aulas;
c) Desenvolvimento das actividades circum-escolares e de ocupação dos tempos livres, de acordo com os interesses dos alunos e os recursos da escola.

Art. 3.º A presente autorização tem a duração de 60 dias.

Aprovado em 18 de Março de 1988.

O Presidente da Assembleia da República, *Vítor Pereira Crespo*.

DELIBERAÇÃO N.º 5-PL/88

COMISSÃO EVENTUAL PARA A COOPERAÇÃO PARLAMENTAR ENTRE PORTUGUAL E O BRASIL

A Assembleia da República, na sua reunião de 17 de Março de 1988, deliberou, nos termos do n.º 1 do artigo 181.º da Constituição e do artigo 30.º do Regimento, o seguinte:

1 — Constituir uma comissão com o objectivo de promover e contribuir, por todas as formas possíveis, para o diálogo e cooperação entre Portugal e o Brasil e respectivas instituições parlamentares.

2 — A comissão promoverá a concretização de contactos regulares entre os dois parlamentos e mais diligências tendentes a prosseguir os objectivos visados, podendo ainda apoiar outras iniciativas com finalidades semelhantes.

3 — O quadro geral das atribuições da comissão será concretizado no seu regimento, a apresentar no prazo de 30 dias após a primeira reunião.

4 — A comissão será integrada por 29 membros indicados pelos grupos parlamentares, de acordo com a seguinte distribuição:

Grupo Parlamentar do PSD — dezasseis deputados;
Grupo Parlamentar do PS — sete deputados;
Grupo Parlamentar do PCP — dois deputados;
Grupo Parlamentar do PRD — um deputado;
Grupo Parlamentar do CDS — um deputado;
Grupo Parlamentar do PEV — um deputado;
Agrupamento Parlamentar da ID — um deputado.

Assembleia da República, 17 de Março de 1988. — O Presidente da Assembleia da República, *Vítor Pereira Crespo*.

PROJECTO DE LEI N.º 222/V

ELEVAÇÃO DA VILA DE SÃO MAMEDE DE INFESTA À CATEGORIA DE CIDADE

1 — O povoamento local é muito antigo, a julgar pela arqueologia, pela toponímia e pelas referências documentais de sentido arqueológico, como as que, para localização do território que hoje é o desta freguesia, ocorrem em documentos do século XI: «*subtus* mons castro Recaredi discurrent rivulo Avanca [ribeiro tributário do Leça] propoe litore maris território portugalensis» e até «discurrente rivulo Leza ... subtus castro Quifiones». Aqui se fazem alusões milenárias a castros.

O topónimo «Infesta» é muito antigo e de sentido topográfico: do arcaico «enfesta», isto é, eminência do terreno (relaciona-se com o advérbio «anfesto», para cima). E é o que realmente se observa: Infesta ocupa um pequeno plató, de suaves declives de todas as partes.

A este respeito, ainda, descobrimos nos monumentos do século XIII que a freguesia se chamava primeiro apenas «S. Mamede» (antes, pelo século X ou XI, parece que «S. Mamede de Manualdi») e depois «S. Mamede de Tresorres», parecendo que «orres» alude à topografia — mais explicadamente, aos graciosos vales que ladeiam o dito plató: Três Orres ou três vales.

2 — São Mamede é «de Infesta» por estar na riba da enconsta que desce até ao Leça. A designação é utilizada pelo menos desde 1706. Porém, depois disso (1735), ainda aparecia na versão anterior: «S. Mamede da Ermida» (que data de 1643). Em 1623 chamavam-lhe «S. Mamede de Moalde», pelo facto de este lugar — derivado, presume-se, do germânico «Manualdi» —, na estrada de Asprela para o centro da vila, ser, por alturas de 1021, além do mais antigo, o mais povoado, situação que se mantinha no século XVI ...

Durante séculos, São Mamede foi freguesia do «Couto de Leça do *Venerando Balio, concelho* e comarca da Maya», como consta das memórias de 1758.

*

De freguesia a vila e de vila a cidade

"A freguezia de S.Maméde da Infesta é muito linda, povoada, e tem bellos edifícios, lavradores ricos e grandes proprietarios. Parece uma villa, e bem merecia ser elevada a esta cathegoria, com mais razão do que outra aldeolas."[182]

Durante muito tempo, mais precisamente entre o séc. XVII e XIX, São Mamede de Infesta foi freguesia pertencente ao Concelho do Couto de Leça. Porém, na sequência da extinção desse concelho em 1834 e com as reformas administrativas de 1835 de Passos Manuel, o território mamedense foi incluído no Concelho de Bouças. Com a criação do Concelho de Matosinhos, em 1909, sucessor do antigo Concelho de Bouças, São Mamede de Infesta tornou-se freguesia[183] constituinte deste novo Concelho.

Após a Revolução dos Cravos, assistiu-se em Portugal a transformações profundas na nossa sociedade, estando uma dessas relacionada com o incremento da participação cívica e política dos mamedenses. Foi neste ambiente, que no ano de 1984 foi apresentado um projeto-lei, no qual se proponha a criação da Vila de S. Mamede de Infesta. No entanto, só na data de 25 de Setembro de 1985, esta pequena freguesia constituinte do concelho do Porto viria a sua categoria alterada para Vila, por conta da validação do Decreto-Lei[184] correspondente a essa data. Com esta elevação, o presidente da Junta de Freguesia de S. Mamede de Infesta propôs os símbolos Heráldicos constituintes do Brasão que iriam representar esta vila.[185] Foi, desta forma, que a Vila de São Mamede de Infesta obteve o seu símbolo representativo da sua história, denotando características tanto de origem territorial como das gentes que nela habitam desde tempos antigos.

Passado aproximadamente 16 anos da atribuição da categoria de Vila, São Mamede de Infesta foi elevada a cidade, na data de 12 de Julho de 2001. Neste período, os habitantes deste lugar entenderam esta elevação como *"um acto de justiça e de reconhecimento pelo valor da sua gente que soube, com o seu trabalho e espírito cívico, erguer aqui uma pujante bandeira de cultura e de progresso."*[186]

Podemos então concluir que, após as transformações iniciadas no século XIX até aos dias de hoje, este lugar preservou as suas memórias e traços históricos, sendo percetível ainda as características de uma pequena aldeia na cidade contemporânea de São Mamede de Infesta.

[182] LEAL, Augusto S. B. Pinho, (1990), *Portugal antigo e moderno : diccionário geographico, estatistico, chorographico, heráldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de tódas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias*, Vol. III, Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, Lisboa, p. 393

[183] Este termo *"freguesia"*, em Portugal, é o nome dado à menor divisão administrativa ou sub divisão de um concelho.

[184] Consultar Anexo, p. 264.

[185] Relativamente a este tema, é importante mencionarmos que a ciência da Heráldica debruça-se no estudo das armas e brasões, tendo por base normas rígidas para a adoção destes elementos. Através da estilização e o significado dado a cada um dos elementos constituintes do Brasão, é possível conhecer a história, a personalidade, os factos e os feitos da entidade a que o respectivo Brasão faz referência.

[186] DURVAL, António, (2009), *À descoberta de S. Mamede de Infesta : passado, presente e futuro : uma abordagem monográfica / pesquisa e desenvolvimento*. Câmara Municipal de Matosinhos e Junta de Freguesia de S. Mamede de Infesta, S. Mamede de Infesta, p. 30

03 REINTERPRETAÇÃO

Nota Introdutória

"A Paróquia herda, de certa forma, a unidade das antigas villae e vinculava os fiéis de acordo com o baptismo. Por isso, "dotadas agora de batistério e cemitério, estas igreja (paroquiais) tornaram-se centros da vida pastoral e desempenharam para os fiéis do respectivo território um papel idêntica ao da Catedral. Assim sendo, podemos afirmar que a Igreja, designadamente o ramo secular, está na base da consolidação dos primeiros centros e, por sua vez, terá funcionado com um elemento de agregação e fortalecimento das comunidades locais."[187]

Após entendermos de que forma o espaço paroquial de São Mamede de Infesta se foi alterando, transformando e evoluindo ao longo do tempo, a análise debruçará-se em perceber a constituição desta área de investigação, partindo da constatação dos núcleos que a compõem na atualidade. Tendo por base o estudo dos núcleos, assim como dos edifícios e objectos caracterizadores constituintes do espaço paroquial, elaboramos um projeto de intervenção - entre uma proposta de intervenção estratégica e as bases de um projeto de desenho urbano - que tem como principal objetivo propor uma ideia de transformação global desta cidade, mas nunca esquecendo que para a construção do todo é necessário observarmos e projetarmos as partes que o constituem.

Assim neste capítulo abriremos uma "janela" para o que poderá ser o futuro desta cidade, mas nunca esquecendo das diversas características que foram marcando o território mamedense desde os tempos primitivos até à atualidade.

[187] BRAGANÇA, Pedro, (2014), *Lugares de habitar entre a terra e o mar,* Volume I, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, p. 108

3.1 Ideia do Núcleo

O mote para a construção do lugar contemporâneo

Ao observar este território percebemos que a forma de assentamento do povoamento ocorreu através da relação e articulação de vários micro-sistemas, em que cada lugar tinha em si a ideia de integração tanto a nível regional como nacional. Indo de encontro ao defendido por Carlos Alberto Ferreira de Almeida, a territorialização é completamente indissociável da vida humana, pois *"viver é pertencer a um grupo o qual, necessariamente, tem os seus lugares e/ou os seus itinerários."*[188] Esta ideia de assentamento não poderá ter em consideração somente fatores de âmbito ambiental ou geográfico, mas sim uma complexidade de questões que nos possibilitam a criação de uma interpretação, tendo em conta a multiplicidade formal do território contemporâneo.

A nosso ver a relevância dada a cada um dos lugares muito tem a ver com o facto de estes estarem relacionados, a sua maioria, com elementos que caracterizam e são parte integrante do espaço paroquial, e que ajudam a estruturar não só cada um dos núcleos, como também, compõem a organização destes lugares ao longo do território. O lugar, visto enquanto unidade diminuta de agregação de povoamento, é fundamental para a análise e estudo da estrutura da paisagem paroquial, uma vez que, é através da sua constante multiplicação que é dada forma ao povoamento desta região. Na escassez de elos que têm por base administrativa, é através da unidade do lugar, isto é, a vicinidade, que nos é possível compreender que este tem por base uma ideia de assentamento antigo e de solidez da sociedade, fortemente ligado do ponto de vista tanto económico como cultural, ideia essa que percorre todo este território.

Não obstante, esta ideia de que a história e o passado de um lugar ou objecto não são um cenário conclusivo, leva-nos de encontro ao pensamento de Jorge Luís Borges, que defende a ideia de sucessibilidade, tendo em conta a clareza da indivisibilidade, do passado com o presente, isto é, *"um momento do seu aparente ontem de um momento do seu aparente hoje".*[189]

Podemos então entender que a ideia de movimento, de transformação, da vida do lugar e no lugar, são completamente indissociáveis do tempo que levou à criação da sua composição final.

Esta condição de indivisibilidade do tempo é a que nos dará a cada momento do presente, a sensação e o sentido de algo novo.

"Cada novo presente é, todavia, uma estação provisória de representação, que apenas se identificará através dos tempos estratificados no abstracto que são, na verdade, indivisíveis na vida. Mas ao "agora-presente" do objecto somam-se todos os presentes que o compõem cada momento."[190]

[188] BRAGANÇA, Pedro, (2014), *Lugares de habitar entre a terra e o mar*, Volume I, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, p. 25

[189] BORGES, Jorge Luís, (1989), *História da Eternidade*, Obras Completas, Emecé Editores, Barcelona, p.17

[190] BRAGANÇA, Pedro, (2014), *Lugares de habitar entre a terra e o mar*, Volume I, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, p. 24

Através desta citação é-nos possível entender que, a cada passado do lugar e o seu respetivo presente compõem um resultado final que nos ajuda a entender o objecto contemporâneo, que foi sendo construído através de sobreposições e incorporações de sistemas e ideias.

Ao termo de sucessibilidade, abordado anteriormente podemos correlacionar um outro, fortemente relacionado com a compreensão do construir um lugar tendo em conta o fator temporal. A ciclicidade, termo remetente a repetições constantes e ligadas à natureza, estes perceptíveis ao nosso olhar de forma contínua, através, por exemplo, do passar dos dias e das noites.

Em concordância com o defendido por José Mattoso, a população antiga tinha por base uma relação de harmonia, respeito e acolhimento da natureza, e principalmente, das condições de indivisibilidade, de sucessibilidade e de ciclicidade temporal, referidas anteriormente. A ideia de progresso como base ideológica apenas surge de forma a dar resposta às grandes reformas, tanto sociais como culturais, assistidas no período moderno. Curiosamente, é importante mencionar que este período *"vai sempre exprimindo a consciência de uma época que se posiciona em relacionamento com o passado da Antiguidade a fim de se compreender a si própria (…)"*[191]

Ligada intrinsecamente à ideia de núcleo, o ser e o estar num lugar são dois conceitos que vão de encontro e que possibilitam a discussão do que é o conceito de habitar. O habitar não no sentido que mais nos é familiar, o habitar doméstico, mas sim, o habitar, de nós humanos estarmos na terra como meros mortais.

"To be a human means to be on the earth as a mortal. It means to dwell. The old word bauen, which says that humans are insofar as we dwell, also means "to preserve" and "to take care of", specifcally to build the felds, (…)"[192]

Relativamente a este conceito, Heidegger afirma que existe uma ideia de unidade entre os termos Habitar e Construir, uma vez que na origem dos dois termos, temos as palavras "vizinho, ser e cultivar".

"Cultivar a terra, diga-se, a agricultura ou a vida agrária de um modo geral parece tornar-se um conceito fortemente ligado a um certo modo de vida ou de existência, em rigor do qual permanece uma ideia substantiva de identificação, proteção e unidade."[193]

Ao longo do território em estudo, percebemos que este é constituído por uma dispersão de pequenos núcleos, fazendo deste lugar, uma região fortemente habitada, em que cada um deles representa uma espécie de micro-sistema. Cada um destes núcleos interdependentes, tem a sua produção, mais ou menos autónoma, segundo a sua importância, a sua dimensão e a sua vetustez.

[191] HABERMAS, Jurgen, (2013), *A modernidade: um projecto inacabado*, Nova Vega, p.38

[192] HEIDEGGER, Martin, (1971), *Building Dwelling Thinking* (translation and Commentary by Adam Bobeck), p. 3. Disponível em https://www.academia.edu/34279818/Building_Dwelling_Thinking_by_Martin_Heidegger_Translation_and_Commentary_by_Adam_Bobeck_, acedido pela última vez a 19.04.2021

[193] BRAGANÇA, Pedro, (2014), *Lugares de habitar entre a terra e o mar,* Volume I, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, p. 26

A forma como a população se foi fixando ao longo deste território deriva principalmente, da eficiência máxima que a população conseguiu obter através da mesma, tendo em conta uma condição ambiental favorável, tirando partido da exposição solar, dos ventos, da qualidade dos solos para a prática da agricultura, da proximidade de linhas de água e do relevo.

Uma outra condição importante, a qual impõe a esta estrutura uma ideia de harmonia e de unidade, e a mais relevante para o trabalho em curso, é o culto religioso, nas suas mais diferentes vertentes formais e edificadas. Não focaremos o nosso estudo para a relação que os paroquianos têm com a respetiva paróquia, visto que esta ocorre de uma forma parecida em todos os núcleos. O que os distingue uns dos outros é a afirmação de fé e comprometimento, que ocorre, em grande parte, durante a Época Moderna, resultante da construção de capelas, algumas delas pertencentes a particulares, as quais anunciavam a vontade de uma autonomia face à religiosidade, facto este presente em alguns dos núcleos constituintes do território mamedense.

Ao abordarmos esta questão, do assentamento do Homem neste território, é importante falarmos de um assunto que muito tem sido discutido ao longo dos tempos. A ideia de limite de um lugar tem sido alvo de muitos debates por parte de filósofos e escritores, inclusive, um dos mais importantes no século XX, o Martin Heidegger. Este afirmava que, tal como os Gregos identificavam, o limite não determinava onde algo acabava mas sim, onde tem princípio a alma de. Sabermos identificar o espaço entre, ou até mesmo definir os limites, está intrinsecamente relacionado com o *"reconhecimento de uma certa unidade de paisagem que e, em nosso entender, simultaneamente, o reconhecimento de um quadro humano e natural comuns."*[194]

A coesão do domínio visual atual é, por isso, resultado de um povoamento antigo, em que os ideais se repetem consequentemente, dando ao conjunto uma solidez e consistência, isto é, o *"urbanismo como um todo integrado dos vários layers históricos do espaço transformado"*[195] que ainda nos é possível reconhecer nos dias de hoje. Não podemos dizer que é um modelo de povoamento, mas sim práticas que levaram à sua formação e construção, as quais tinham em consideração factos concretos, colocando em evidência o problema do lugar e a escolha do mesmo.

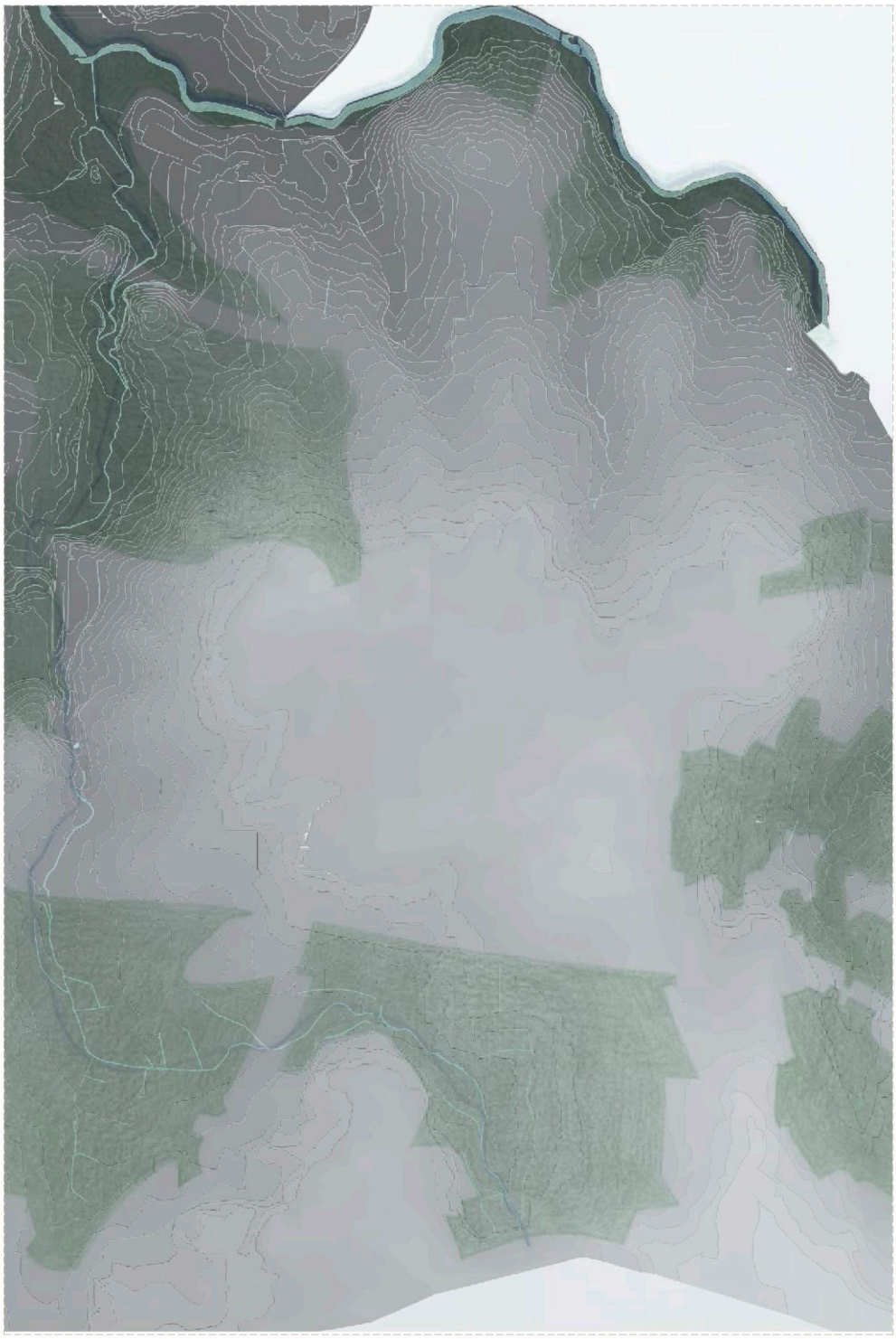
*

Após entendermos a importância dos lugares para a construção do todo, o nosso estudo debruçará-se agora em perceber como o território em estudo se poderá transformar, tendo em conta as características gerais e individuais de cada um dos núcleos constituintes.

[194] BRAGANÇA, Pedro, (2014), *Lugares de habitar entre a terra e o mar,* Volume I, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, p. 39

[195] ROSSA, Walter, (2002), *A URBE E O TRAÇO - Uma década de estudos sobre o urbanismo português.* Livraria Almedina, Coimbra, p. 19

Ao abordarmos o tema do urbanismo achamos importante diferenciar urbanismo de urbano, tendo em conta o defendido por este autor:
De uma forma simples e numa dimensão operativamente dissociada da História, pode dizer-se que: urbano se refere a tudo quanto diga respeito à cidade, nomeadamente às relações que cada um dos seus utentes estabelece com os demais entes dessa comunidade e com o ambiente que o rodeia; urbanismo corresponde à realidade do espaço edificado que, em constante transformação, suporta e influencia aquelas relações. (ROSSA, 2002, p. 15)



Áreas verdes do lugar
de São Mamede de Infesta
(desenho à mão livre)

Cartografia de base de acordo com desenho da autora
"Planta topográfica" correspondente ao ano de 1944

Rio Leça

Linha de água secundária

Curva de nível (2 em 2m)

Áreas verdes

0 250 m

Ao observarmos o território mamedense podemos constatar que desde tempos antigos este é marcado por grandes áreas verdes e por diversos cursos de água, desde regatos, ribeiros e o mais pronunciado no território, o Rio Leça. Com o passar dos anos, e com a transformação e evolução da pequena aldeia para a cidade que é hoje, grande parte das áreas verdes que tanto caracterizavam não só este território como cada um dos núcleos, perderam o seu significado e a sua definição, levando ao surgimento de áreas totalmente abandonadas e descaracterizadas. Depois de já termos feito um reconhecimento pelo que é hoje a cidade de S. Mamede de Infesta e de que forma esta foi evoluindo ao longo do tempo, partiremos para a elaboração de um projeto de intervenção que terá como principal objetivo recuperar algumas características e memórias que se foram perdendo com o tempo.

Primeiramente, e indo de encontro com o sugerido no PDM, a nossa proposta passará pela criação de uma "anel verde" em torno da cidade de São Mamede de Infesta, que será constituída pelas mais diversas áreas verdes, desde parques urbanos, recuperação de antigas quintas e espaços públicos de lazer, e ainda de hortas comunitárias e trilhos pedestres.

*

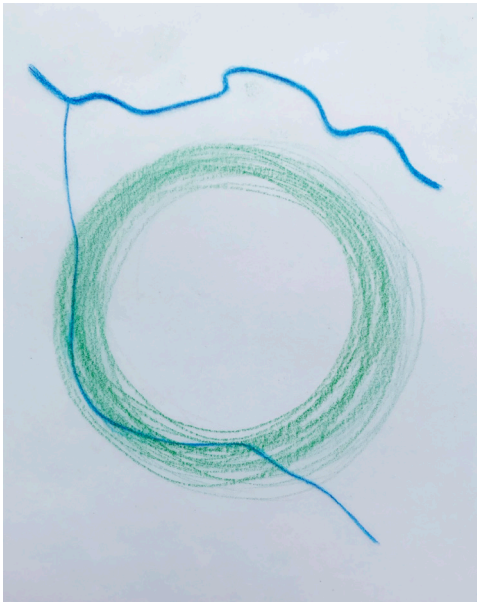
"Os transportes são uma das áreas de grande influência e impacte no desenvolvimento sustentável, sendo mesmo essenciais para a maior parte das actividades urbanas, o que torna essencial a melhoria dos sistemas de transportes mas também a redução da quantidade de viagens necessárias."[196]

Para além dos espaços verdes, uma outra característica que possibilitou o progresso e a transformação do caso de estudo foi a presença de um caminho-de-ferro que atualmente se encontra desativado. De forma a dar um novo uso a esta via de ligação entre localidades - Matosinhos - S.Mamede de Infesta - Contumil -, a nossa proposta passa pela criação de um linha de metro que nos possibilitará ligar a cidade em estudo com cidades vizinhas, como por exemplo a cidade de Matosinhos e do Porto.

Aquando do processo de projetar a cidade futura de São Mamede de Infesta, e sabendo de antemão uma outra característica que a define sendo ela a presença de edifícios de âmbito escolar assim como por zonas de trabalho, tais como escritórios e fábricas, pensamos na criação de duas ciclovias. Uma das ciclovias possibilitaria a movimentação da população no interior da cidade, permitindo uma deslocação entre os mais variadíssimos pontos que a definem; e uma outra que permitiria uma movimentação entre cidades, possibilitando uma deslocação de pessoas de uma forma mais sustentável e amiga do ambiente. Esta solução surgiu numa altura em que a preocupação com a forma como nos deslocamos de casa para o trabalho e vice-versa é cada mais debatida e sobre a qual se procura soluções viáveis e capazes de serem exequíveis por grande parte da população.

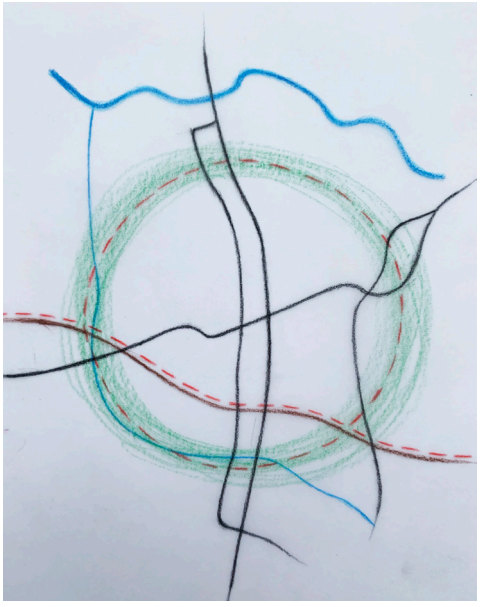
Assim, o nosso olhar para o futuro do território mamedense passaria pela criação de uma cidade mais verde, com maior mobilidade e sustentabilidade, mas nunca esquecendo as memórias do que um dia foi para a construção do que é hoje.

[196] RAMOS, Paulo André Macedo, (2008), Projecto de Ciclovias. Relatório de Projecto submetido para satisfação parcial dos requisitos do grau de MESTRE EM ENGENHARIA CIVIL — ESPECIALIZAÇÃO EM VIAS DE COMUNICAÇÃO, na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, p. 5



▪1.
1º Esquisso representativo do reconhecimento do caso de estudo:
- "Anel verde";
- Cursos de água (Rio Leça e Ribeiro de Picoutos).

▪2.
2º Esquisso representativo do reconhecimento do caso de estudo:
- Caminho-de-ferro.



▪3.
3º Esquisso representativo da proposta de intervenção:
- Criação de uma linha de metro;
- Criação de duas ciclovias: ligação entre estabelecimentos de ensino e ligação entre localidades, acompanhando a nova linha de metro.

▪4.
4º Esquisso representativo da proposta de intervenção:
o "anel verde", as vias estruturantes, a linha de metro e as ciclovias.

5.
Proposta de intervenção:
- Criação de diversas áreas verdes: parques urbanos, reativação das propriedades rurais e hortas comunitárias;
- criação de uma linha de metro;
- criação de ciclovias.

Mapa síntese da proposta de intervenção

Cartografia de base de acordo:
- Cartografia de 2013 - Câmara Municipal de Matosinhos;
- Plano Director Municipal (PDM) do concelho de Matosinhos;
- "Análise programática de São Mamede de Infesta - Ano de 2013" (realizada pelo autor).

- Rio Leça e afluentes
- Vias estruturantes existentes
- Linha de metro (proposto)
- Ciclovia(s) (proposto)
- Parques Urbanos
- Espaços Agrícolas
- Hortas Comunitárias
- Espaços Florestais
- Igrejas | Capelas
- Largo
- Adro
- Cruzeiro
- Cemitério
- Alminha
- Marco
- Nicho
- Quinta
- Edifício de apoio à terceira idade
- Estabelecimento de ensino
- Indústria
- Estabelecimento comercial
- Edifícios culturais
- Edifícios utilitários
- Piscinas
- Parque público
- Unidade(s) Operativa(s)

Escala 1:10000

Unidade(s) Operativa(s)

1 Unidade Operativa Moalde

2 Unidade Operativa Telheiro

3 Unidade Operativa Estrada Velha

4 Unidade Operativa Igreja Velha

5 Unidade Operativa Cruzamento(s) | Centralidade(s)

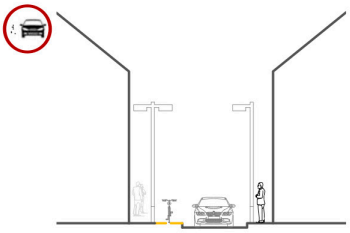
Cursos de água

1 Rio Leça

2 Ribeira de Picoutos | Asprela

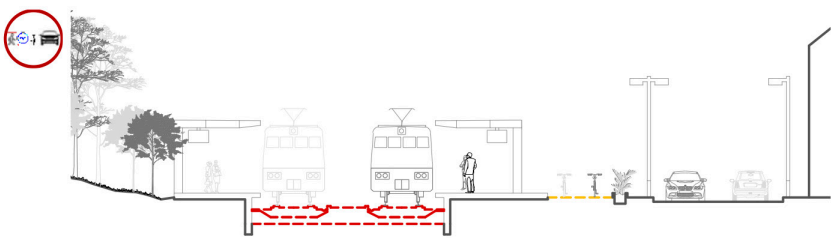
3 Ribeiro da Lavandeira

Perfis da proposta de intervenção

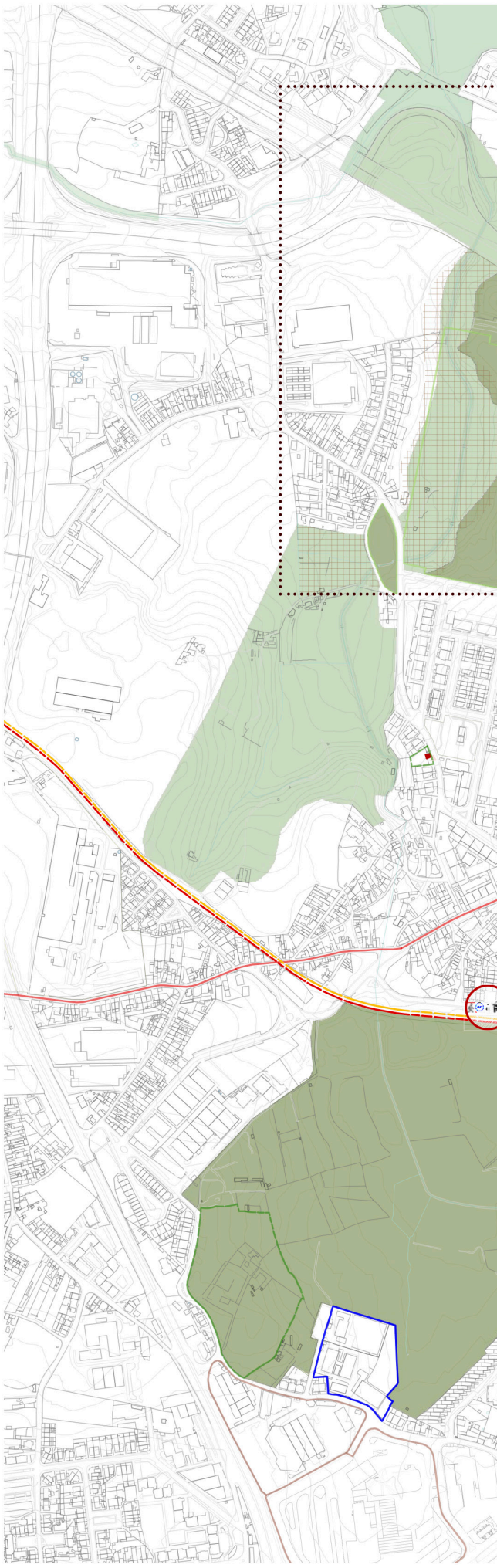


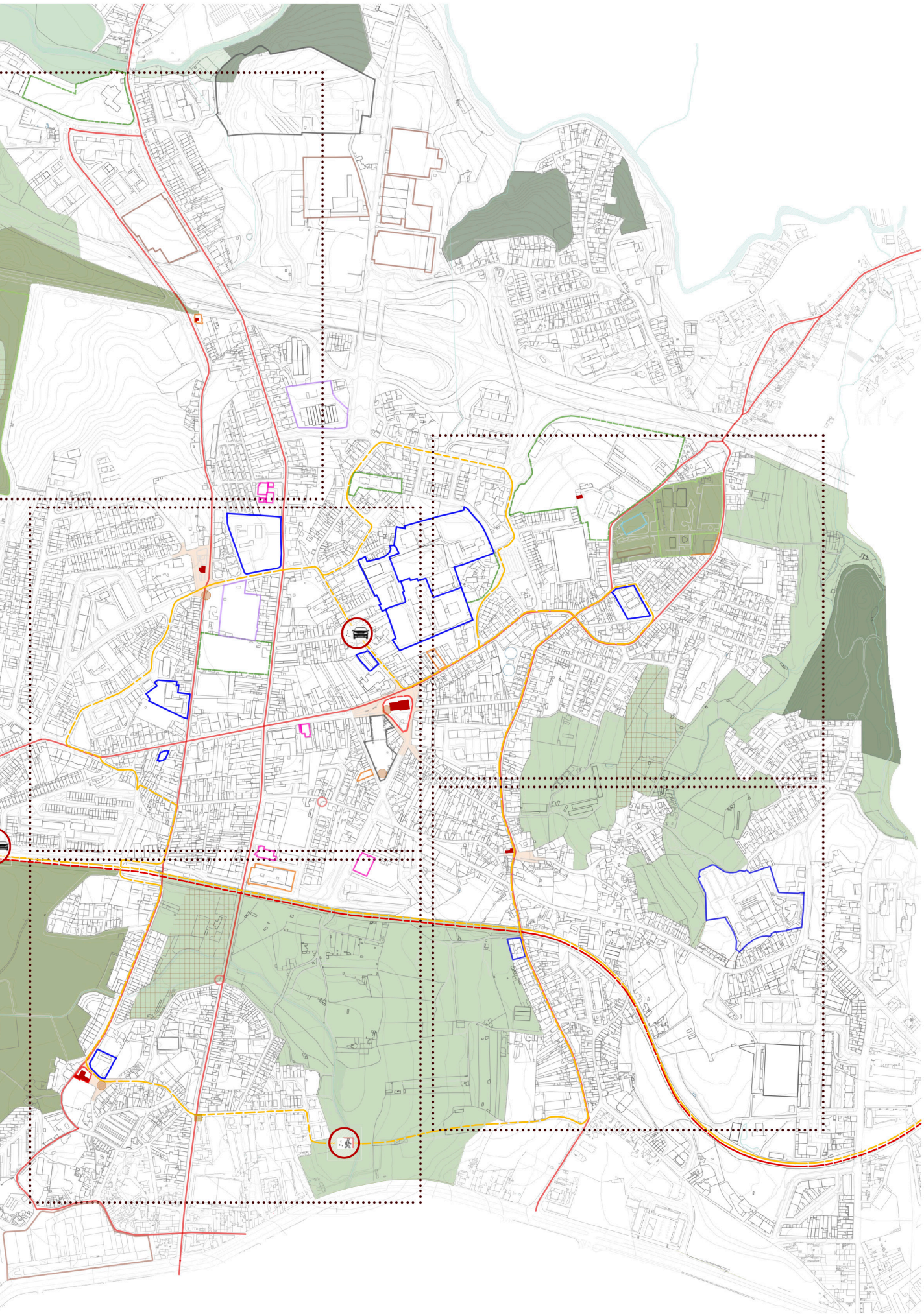
Relação entre a faixa de rodagem existente e a ciclovia proposta

Relação entre as áreas verdes existentes e a ciclovia e ecopista propostas



Relação entre a faixa de rodagem existente e a linha de metro e ciclovia propostas





3.2 A **atividade agrícola** como princípio estruturante - Moalde

Para entender melhor a origem e a formação deste lugar teremos que recuar no tempo, mais precisamente até ao século X, onde encontramos o primeiro vestígio de ocupação nesta *"Aldêa de Manualde"*. Desde esse período, este núcleo é marcado pela presença, em grande parte do seu território, de propriedades rurais de grandes dimensões, as quais, na sua maioria, são constituídas por edifícios habitacionais, que serviram como primeira habitação dos proprietários desses grandes lotes. A implantação dessas propriedades ao longo do território acontece de uma forma orgânica, não havendo por isso uma grelha estruturante segundo a qual se propõe ou não a fixação de determinada propriedade/edificação. Este facto foi-nos percetível não só aquando à visita ao núcleo em questão, como também, ao observarmos a cartografia mais antiga, pois este lugar destacava-se em relação aos restantes núcleos, uma vez que tinha um *"ar de vitória minhota"*.[197]

Tendo em consideração a concentração de quintas ao longo deste território podemos concluir que, uma das actividades económicas que tem vindo a marcar este lugar desde tempos antepassados é a atividade agrícola. Esta atividade fortemente ligada ao trabalho do campo, serviu de mote para a organização territorial que observamos neste núcleo. Marcada por caminhos sinuosos, estreitos, irregulares e, alguns deles tendo como única função servir de caminho para acessar a uma única propriedade, mostra-nos que apesar das transformações modernas ocorridas no amplo campo de estudo de São Mamede de Infesta, a ancianidade do traçado deste lugar mantém-se até aos dias de hoje.

À semelhança com o que vai acontecer em alguns núcleos constituintes deste lugar, durante o século XIX, vai-se assistir ao aparecimento de edificações religiosas, mandadas erigir por particulares, e que, na sua maioria, eram proprietários de algumas dessas propriedades rurais. A Capela do Senhor da Boa Fortuna ou, como era inicialmente designada, Capela do Senhor da Cruz das Almas, é um dos exemplos do sucedido durante esse período. Segundo afirma Agostinho Boavida, esta capela

"foi mandada construir, no principio do Século XIX, pelo Reverendo Manuel da Silva Barros, natural deste Lugar. Nela se encontra uma bela Imagem de Cristo Crucificado a que o inspirado e desconhecido artista conseguiu dar a expressão tocante da agonia, em que, voltado para Seu Pai clamou <<Meu Pai, meu Pai… porque me abandonante?>>"[198]

Podemos concluir que este núcleo tendo sido o primeiro a ser referenciado em documentos escritos, servirá de mote para a construção deste lugar de São Mamede de Infesta ao longo dos tempos, porque *"marcas originais sobre o território, sejam elas produzidas de uma forma orgânica ou planeada, em fundação ou extensão, perduram como vincos matriciais da espacialidade urbana."*[199]

[197] (s.a), *DECRETO Nº 63/V - II SÉRIE - NÚMERO 65*. 16 de Abril de 1988, p. 1227

[198] BOAVIDA, Agostinho Fastio, (1973), *S. Mamede de Infesta : subsídios para a sua história.* Câmara Municipal, Matosinhos, p. 65

[199] ROSSA, Walter, (2002), *A URBE E O TRAÇO - Uma década de estudos sobre o urbanismo português*. Livraria Almedina, Coimbra, p. 42

Proposta de intervenção | "Unidade Operativa - Moalde"

Cartografia de base de acordo:
- Cartografia de 2013 - Câmara Municipal de Matosinhos;
- Plano Director Municipal (PDM) do concelho de Matosinhos;
- "Análise programática de São Mamede de Infesta - Ano de 2013" (realizada pelo autor).

Criação de hortas comunitárias

Reativação de antigas áreas de cultivo

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto (ISCAP)

Capela do Senhor da Boa Fortuna e Boa Morte

Reutilização de uma antiga escola primária (Escola básica 1º ciclo da Asprela)

Cooperativa agrícola - proposta

Em funcionamento

Desativado | Degradado - Oportunidade de intervenção

Novo - proposta de intervenção

Vias estruturantes existentes

Linha de metro (proposto)

Ciclovia(s) (proposto)

Espaços Agrícolas

Hortas Comunitárias

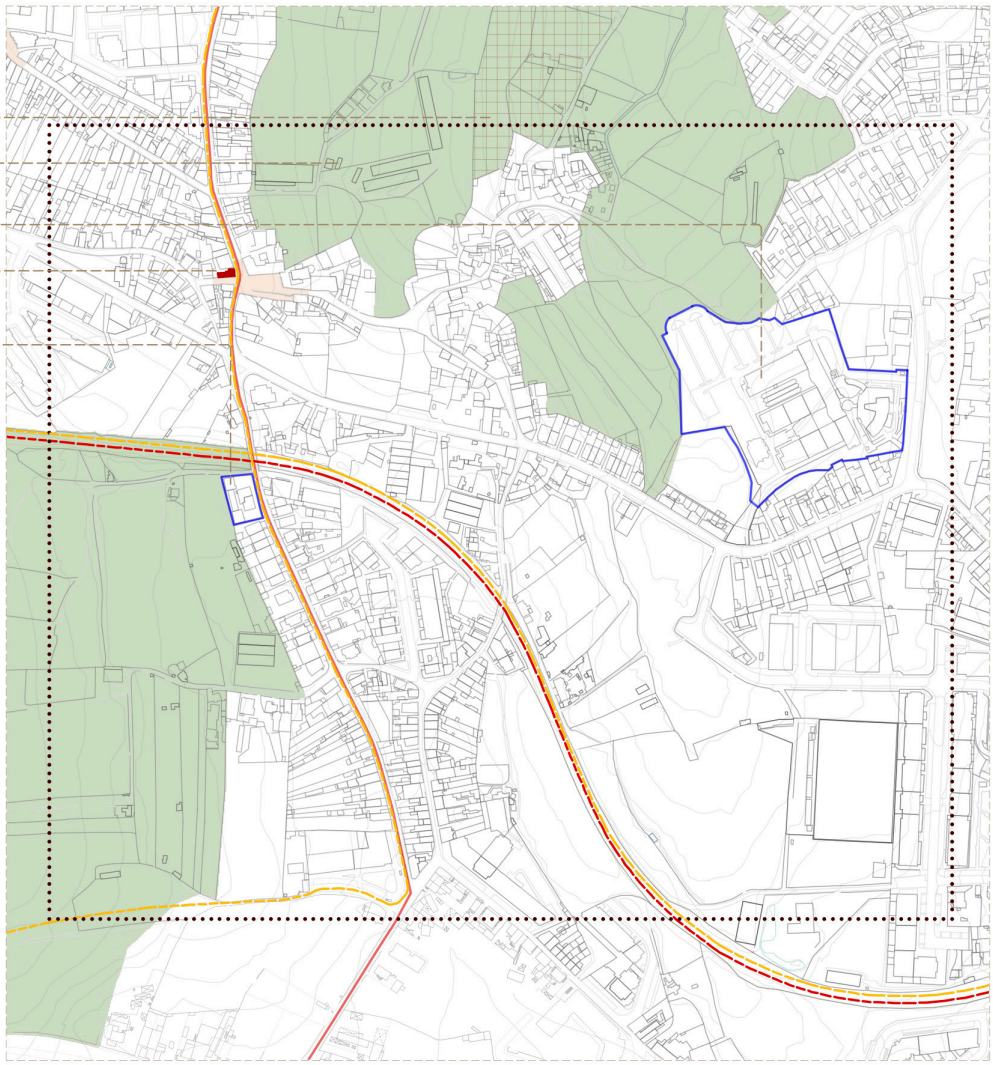
Igrejas | Capelas

Largo

Estabelecimento de ensino

Unidade(s) Operativa(s)

Escala 1:7500



*

Com o passar do tempo, este pequeno núcleo viu muitas das suas propriedades rurais sendo abandonadas e descaracterizadas, levando ao esquecimento da principal peculiaridade deste lugar, o do trabalho no campo e a importância que esse tinha para a economia local. Com a industrialização, este lugar foi sendo alvo de abandono da atividade agrícola assim como dos respectivos edifícios que constituíam essas propriedades.

Tendo como ponto de partida estes aspetos, o nosso projeto de intervenção deste lugar passaria por potencial as quintas que ainda hoje existem, com fraca atividade agrícola, e as que estão atualmente abandonadas ou até mesmo degradadas, de forma a reavivar o passado deste núcleo. Para tal, proponhamos a criação de uma cooperativa agrícola que tinha como principal objetivo a utilização dos terrenos para fim da prática da agricultura tanto para consumo próprio como para venda, e ainda, a criação de uma área destinada a hortas comunitárias. De forma a dar um novo uso a edifícios que se encontram atualmente ao abandono[200], tomando como exemplo a Escola Básica 1º ciclo da Asprela, propomos que este edifício seja a sede desta nova cooperativa de apoio à actividade agrícola.

Deste modo, para além de dar um uso aos terrenos que actualmente estão ao abandono, potenciamos e reativamos a prática da agricultura como forma de tornar esta pequena aldeia num lugar sustentável e independente dos restantes núcleos.

[200] Devido a no início do século XXI ter ocorrido uma reforma de reordenamento da rede escolar a nível nacional.

3.3 A **agricultura** sustentável como ferramenta de ensino - Telheiro

Recuando no tempo, este lugar constituinte do campo de estudo surge inicialmente, em documentos escritos, no século XVII, como nos dá notícia o autor Agostinho Boavida na Monografia desta cidade. Em concordância com o presenciado no núcleo de Moalde, aqui assistimos, também, a uma aglomeração orgânica de casario, resultando numa estruturação viária desordenada e confusa. Neste núcleo, à semelhança do que acontece no território em estudo, há uma forte presença de propriedades agrícolas que eram, em tempos passados, as principais responsáveis pelo dinamismo e pela ascensão económica local.

Este núcleo, devido à passagem da Estrada Real de rodagem nº3, que ligava a cidade de Braga à do Porto, ganhou relevância face aos restantes que constituíam o amplo lugar em estudo. Um edifício que está implantado adjacente a esta via é o Nicho da Capela de Santo António do Telheiro, o qual terá *"sido a primeira manifestação de regozijo pela passagem do Santo António por estas paragens."*[201]

Neste núcleo para além da presença deste nicho, é marcado pela presença de uma Capela dedicada a Santo António[202], presente neste lugar desde o século XVIII, tendo sido construída graças aos *"donativos de uma caixa de esmolas colocada no local onde passava a Estrada Real que ligava o Porto a Braga."*[203]

Um outro argumento que valida a importância desta via, antecessora à Estrada Real de rodagem nº3, levando mesmo à implantação deste edifício religioso neste eixo estruturante do lugar em estudo, é que segundo uma lenda popular, Santo António de Lisboa, durante uma peregrinação a Santiago de Compostela encontrou nesta região um abrigo, mais concretamente, por baixo de um telheiro. Considerando esta especulação verossímil, podemos ter aí a resposta para o nome dado a este núcleo, e mais precisamente, para a designação dada a esta capela.

Para além da forte atividade agrícola presente neste lugar, a partir do século XX, assistimos a alterações tanto a nível económico como a nível arquitetónico, devido à introdução do processo de industrialização. Devido a este núcleo estar próximo da cidade do Porto, na qual o processo de industrialização já tinha sido instalado, verificamos, tendo em conta a cartografia correspondente a esse ano, o aparecimento de algumas indústrias que viriam a mudar a dinâmica não só deste núcleo, como da ampla área de estudo. O eixo viário, designado de Estrada da Circunvalação, que funciona como barreira entre a cidade do Porto e a cidade em estudo, aquando à chegada por esse local, vê-se delimitada por um complexo fabril, de consideráveis proporções. Este, designado de Fábrica Monteiro Ribas, viria a ser um grande impulsionador da economia local, resultando numa expansão do aglomerado edificado em redor, tendo em conta a evolução cartográfica analisada.

Podemos por isso afirmar que o processo de industrialização foi um dos responsáveis pelo crescimento e desenvolvimento desta pequena vila, não só observável neste núcleo, como no núcleo que iremos abordar de seguida.

[201] DURVAL, António, (2009), *À descoberta de S. Mamede de Infesta : passado, presente e futuro : uma abordagem monográfica / pesquisa e desenvolvimento*. Câmara Municipal de Matosinhos e Junta de Freguesia de S. Mamede de Infesta, S. Mamede de Infesta, p. 111

[202] *"(...)a do Telheiro, (Santo Antonio), construída em 1786 á custa d´esmolas que os vizinhos e dos viandantes cahiam num nicho que em 1775, com permissão do parocho e bailio, ali foi collocado á face da estrada de Braga"* FARIA, F. Fernando Godinho de, (1899), *Monografia do Concelho de Bouças*. Matosinhos, Edição do Autor, p. 274

[203] Disponível em http://www.portoenorte.pt/pt/o-que-fazer/capela-de-santo-antonio-do-telheiro/, acedido pela última vez a 23.04.2021

Proposta de intervenção | "Unidade Operativa - Telheiro"

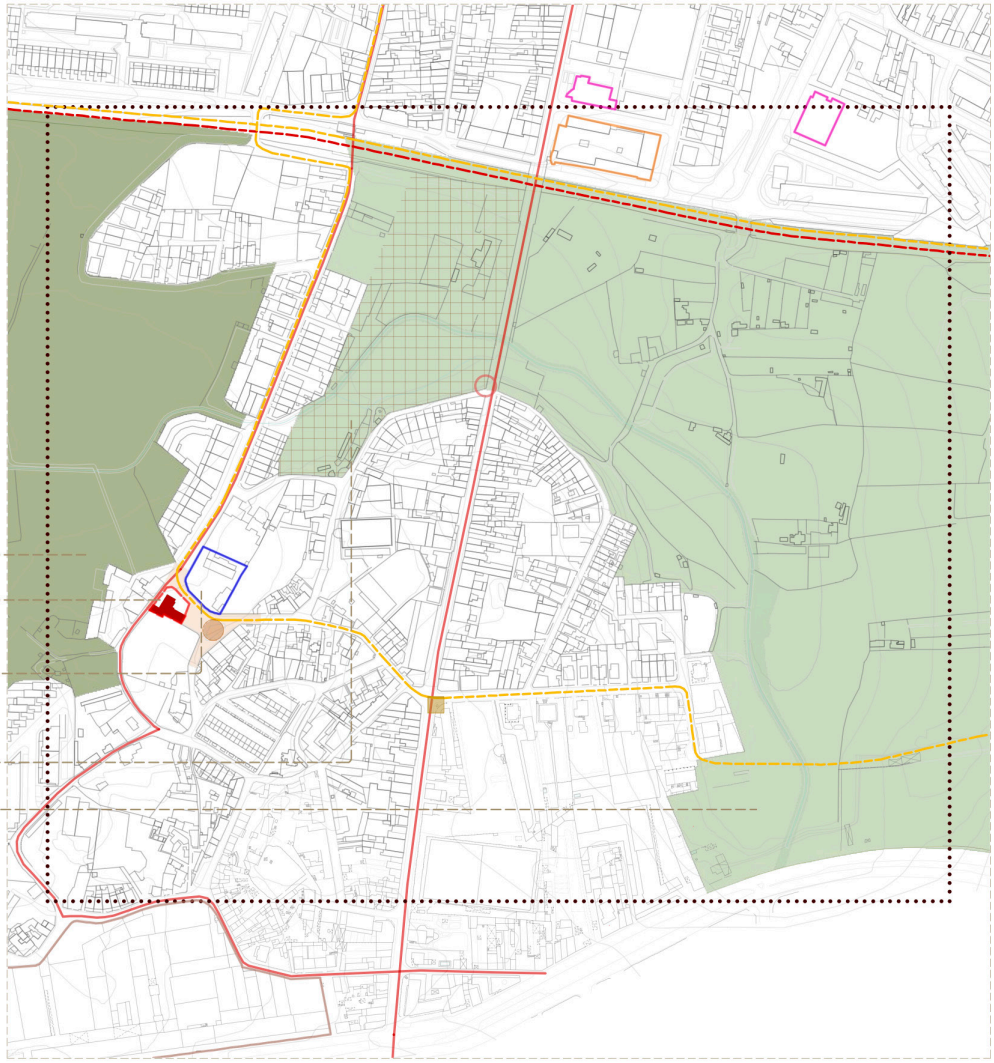
Cartografia de base de acordo:
- Cartografia de 2013 - Câmara Municipal de Matosinhos;
- Plano Director Municipal (PDM) do concelho de Matosinhos;
- "Análise programática de São Mamede de Infesta - Ano de 2013" (realizada pelo autor).

- Vias estruturantes existentes
- Linha de metro (proposto)
- Ciclovia(s) (proposto)
- Parques Urbanos
- Espaços Agrícolas
- Hortas Comunitárias
- Igrejas | Capelas
- Largo
- Adro
- Cruzeiro
- Alminha
- Nicho
- Estabelecimento de ensino
- Indústria
- Edifícios culturais
- Edifícios utilitários
- Unidade(s) Operativa(s)

- Reativação de antigas áreas verdes para criação de parque urbano
- Capela St.º António do Telheiro
- Reutilização de uma antiga escola primária (Escola básica 1º ciclo do Telheiro)
- Escola para ensino de agricultura sustentável - proposta
- Criação de hortas comunitárias
- Reativação de antigas áreas de cultivo

- Em funcionamento
- Desativado | Degradado - Oportunidade de intervenção
- Novo - proposta de intervenção

Escala 1:7500



*

Este núcleo viu as suas principais características serem alteradas com a chegada do processo da industrialização. Com o passar do tempo, a principal atividade económica deixou de ser a atividade agrícola, resultando no abandono dos campos, fazendo com que hoje sejam apenas "retalhos verdes" entre as edificações.

De forma a dar uma nova vida a estes espaços, a nossa proposta de intervenção neste lugar passa: pela reativação de antigas áreas de cultivo, pertencentes à Reserva Agrícola Nacional, segundo o PDM; pela construção de um parque urbano, na zona Oeste, servindo como espaço de lazer para a população local; e ainda pela reativação destes terrenos para a prática da agricultura, recorrendo à criação de hortas comunitárias. Deste maneira, cada habitante deste lugar teria um espaço de cultivo e de produção, sendo uma forma honrar a memória do que um dia foi aquele lugar. Seguindo a mesma linha de pensamento, propomos ainda um espaço verde de lazer para população local, à semelhança do que foi criado na zona norte do território mamedense, junto ao Ribeiro de Picoutos.

Dando continuidade a esta ideia de relembrar o passado, propomos a reabertura da escola primária do Telheiro, de forma a criar um centro de educação ambiental, cujo objectivo principal passa por ensinar a importância da agricultura para a subsistência de uma população à faixa etária mais nova.

Deste modo, consideramos que os espaços verdes assim como a reactivação de alguns edifícios de cariz público são os pontos fulcrais para planear como será esta cidade no futuro.

3.4 Expansão e qualificação de um espaço verde existente - Estrada Velha

Ao abordamos o assunto da presença da Estrada Real que ligava dois pólos dinamizadores do território português, achamos pertinente analisar um núcleo, que à semelhança do que acontece com o analisado anteriormente, também é marcado pela passagem desta via. O núcleo denominado de Estrada Velha evidencia, tal como o nome indica, a presença de uma antiga estrada, que funcionou em tempos passados como eixo estruturante da actual cidade de São Mamede de Infesta. Apesar de este lugar só ser mencionado em documentos escritos, em meados do século XIX, consideramos que a sua presença no território em estudo é antecessora, uma vez que a construção desta via remonta ao período romano. Podemos considerar que só foi pertinente o seu reconhecimento, devido à evolução sentida após a introdução da industrialização neste lugar, tal como aconteceu com o núcleo do Telheiro. Neste núcleo, no início do século XX, assistiu-se ao aparecimento de uma outra edificação industrial, a Fábrica de Fiação e Tecidos da Ponte da Pedra, localizada na zona mais a norte do núcleo. Antes da presença da indústria, este era fortemente marcado pela presença de propriedades rurais, de terrenos baldios, sendo meramente marcada por caminhos tortuosos e de traçado irregular, remontando para o aspecto rudimentar presente neste núcleo. Neste estava ainda localizada uma capela pertencente à então conhecida e conceituada Casa-Museu Abel Salazar, sendo por isso uma capela que não teve como principal função servir os paroquianos residentes neste local, mas sim convir de local de culto religioso para o dono da propriedade, o Dr. Abel Salazar e sua família.

Com a evolução territorial e populacional observada neste núcleo, como também, na restante área de estudo, assistiu-se à construção de novos eixos viários, os quais permitiram a ligação, de uma forma mais directa, desta cidade com as que a rodeava. Um eixo viário que proporcionou e impulsionou o deslocamento, assim como, a fixação da primeira habitação de grande parte da população que trabalhava em cidades vizinhas, foi a autoestrada A4, que atravessa e marca este núcleo no sentido Oeste-Este, possibilitando a ligação desta pequena cidade com as cidades que estavam em seu redor, como era o caso, por exemplo, da cidade da Maia e de Valongo.

Apesar das transformações observadas ao longo dos anos, este núcleo manteve-se fiel às suas origens rudimentares, mas nunca negando a evolução e mutação deste lugar face às circunstâncias que lhe eram impostas, tanto do meio urbano que o circundava de uma forma mais próxima, como da grande metrópole nortenha, a cidade do Porto.

Proposta de intervenção | "Unidade Operativa - Estrada Velha"

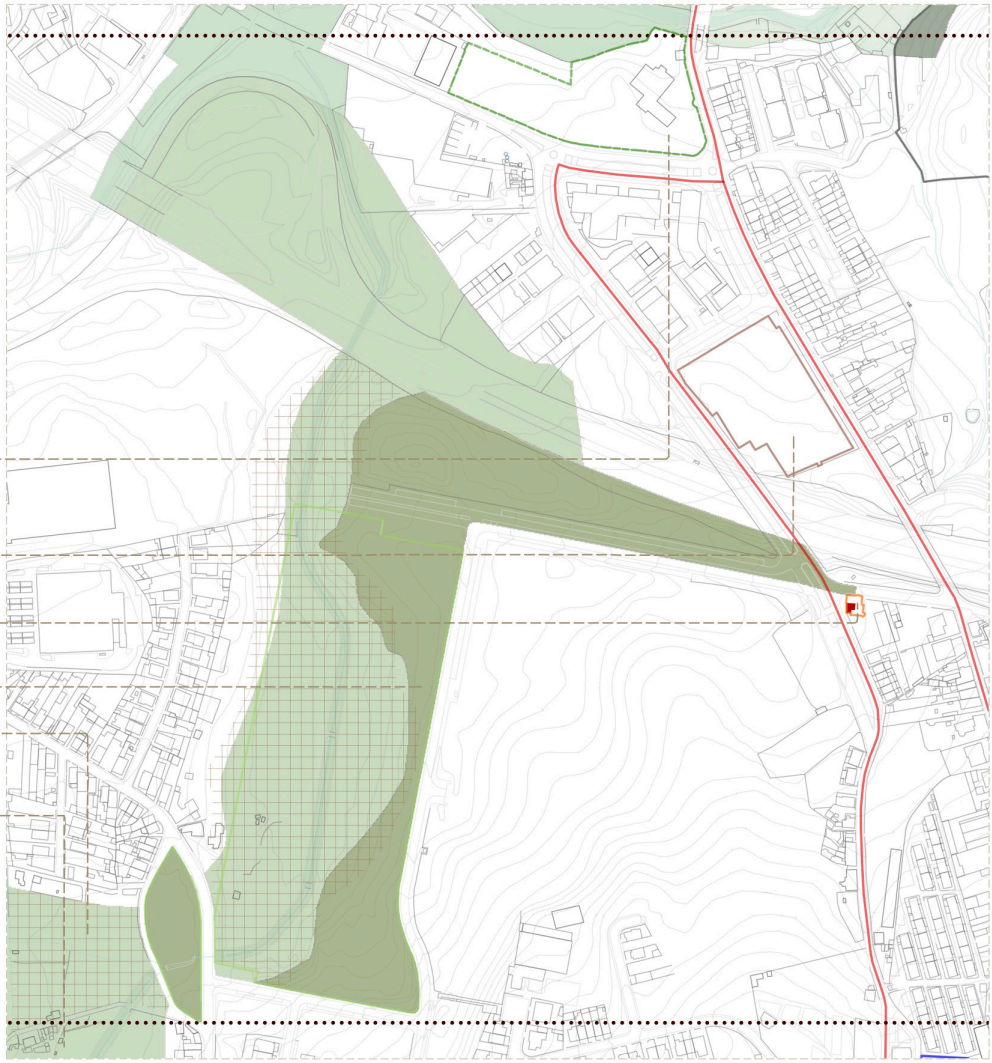
Cartografia de base de acordo:
- Cartografia de 2013 - Câmara Municipal de Matosinhos;
- Plano Director Municipal (PDM) do concelho de Matosinhos;
- "Análise programática de São Mamede de Infesta - Ano de 2013" (realizada pelo autor).

- Rio Leça e afluentes
- Vias estruturantes existentes
- Linha de metro (proposto)
- Ciclovia(s) (proposto)
- Parques Urbanos
- Espaços Agrícolas
- Hortas Comunitárias
- Espaços Florestais
- Igrejas | Capelas
- Cemitério
- Indústria
- Estabelecimento comercial
- Edifícios culturais
- Edifícios utilitários
- Parque público
- Unidade(s) Operativa(s)

- Reativação da antiga quinta da Ponte da Pedra
  - Edifício para alojamento local (proposta)
- Reabilitação da antiga Fábrica de Fiação e Tecidos da Ponte da Pedra
  - Edifício multiusos - proposta
- Capela particular da Casa-Museu Abel Salazar
- Melhoramento e Ampliação do Parque Ambiental da Ribeira de Picoutos
- Criação de hortas comunitárias
- Reativação de antigas áreas de cultivo e prolongamento do Parque Ambiental da Ribeira de Picoutos

- Em funcionamento
- Desativado | Degradado - Oportunidade de intervenção
- Novo - proposta de intervenção

Escala 1:7500



*

Neste núcleo a nossa proposta de intervenção passa por dar continuidade ao que se tem vindo a concretizar neste núcleo. De forma a dar um parque urbano nesta zona da cidade, no século XXI, foi criado o Parque Ambiental da Ribeira de Picoutos que visava *"a conservação, preservação e reabilitação dos espaços Classificados do Concelho de Matosinhos, nomeadamente através do aumento da qualidade ambiental, criação de corredores verdes, constituição de cortinas arbóreas capazes de limitarem bacias visuais e reorganização de áreas pavimentadas e eixos visuais estruturantes, promoção do recreio e do lazer em espaço exterior criando-se em simultâneo oportunidades para a instalação de fauna e flora, preservação do património vegetal local dando-se particular ênfase à utilização de espécies que fazem parte da flora local, definição de espaços de estadia e circulação pedonal."*[204]

Assim, a nossa proposta neste núcleo passaria pelo prolongamento deste parque no sentido norte-sul, pelo melhoramento dos trilhos num terreno adjacente ao do parque, uma vez que se encontra actualmente num estado de abandono e, ainda, pela criação de mais hortas comunitárias, ideia que seria a pioneira para o tratamento de alguns espaços verdes do território mamendense, de forma a inspirar a população cada vez mais citadina para boas práticas ambientais, para além da requalificação dos espaços urbanos.

Para além disto, a nossa proposta passaria pela reativação de edifícios em estado de degradação, dando-lhes uma nova funcionalidade, como por exemplo: a antiga quinta da Ponte da Pedra seria reabilitada a fim de se transformar num edifício de alojamento local; e a antiga Fábrica de Fiação e Tecidos da Ponte da Pedra servia como um edifício multiusos, de forma a dar à população um espaço para albergar eventos e comemorações da cidade.

"Estes espaços constituem também locais de formação de crianças e jovens que começam desde cedo a valorizar a produção nacional e a desenvolver uma consciência ambiental."[205]

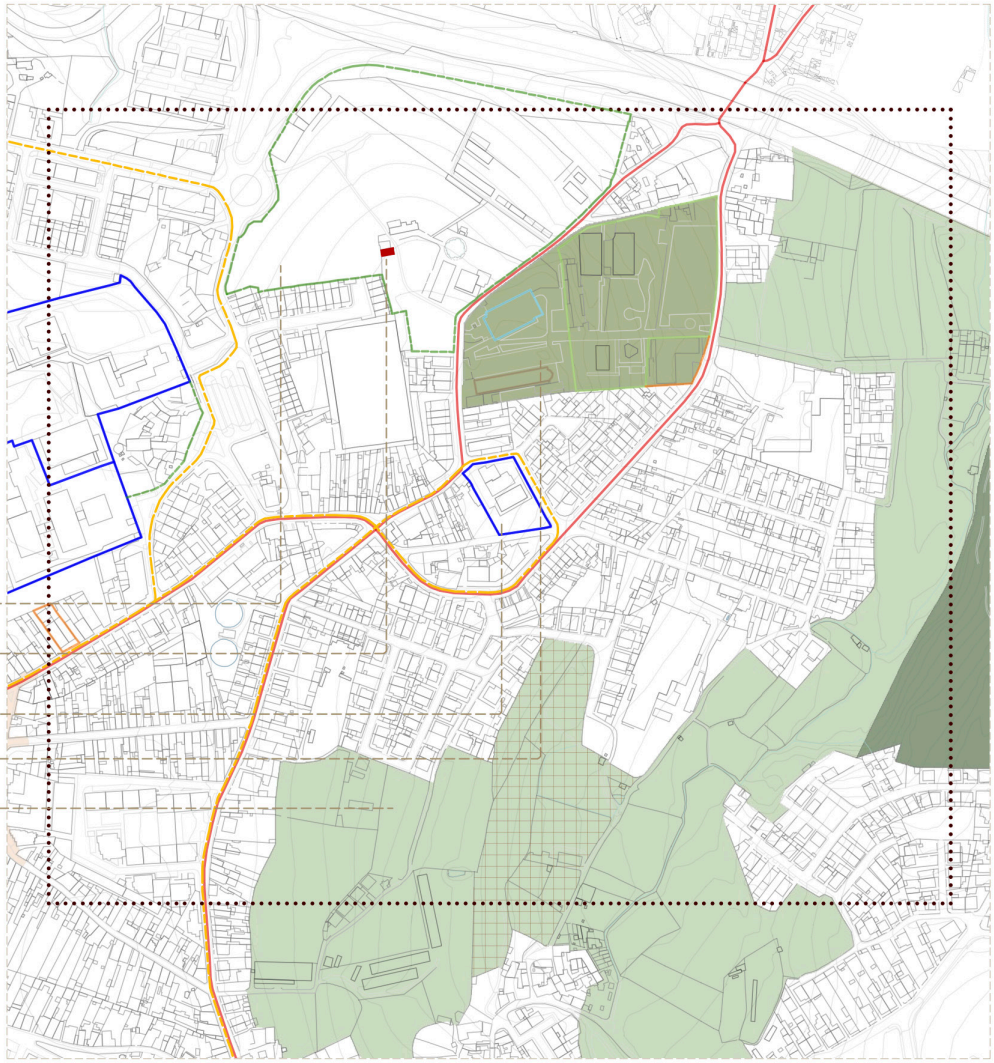
[204] Citação presente no painel da entrada norte do Parque Ambiental da Ribeira de Picoutos.

[205] Ibidem

Proposta de intervenção | "Unidade Operativa - Igreja Velha"

Cartografia de base de acordo:
- Cartografia de 2013 - Câmara Municipal de Matosinhos;
- Plano Director Municipal (PDM) do concelho de Matosinhos;
- "Análise programática de São Mamede de Infesta - Ano de 2013" (realizada pelo autor).

- Vias estruturantes existentes
- Ciclovia(s) (proposto)
- Parques Urbanos
- Espaços Agrícolas
- Espaços Florestais
- Igrejas | Capelas
- Quinta
- Edifício de apoio à terceira idade
- Estabelecimento de ensino
- Piscinas
- Parque público
- Unidade(s) Operativa(s)



- Em funcionamento
- Desativado | Degradado - Oportunidade de intervenção
- Novo - proposta de intervenção

Escala 1:7500

3.5 Combinação de Tempos (exemplo) - Igreja Velha

Recuando até ao século X, observamos a presença de um pequeno núcleo, localizado na zona norte da área em estudo, que desde os tempos primitivos, viu na sua constituição, a presença, mais uma vez, de propriedades agrícolas, as quais eram a base estruturante da organização deste território. Nesse período já havia notícia da existência de um outro núcleo, o de Moalde, os quais tinham como principal fonte de rendimento a atividade agrícola aí produzida. Em concordância ao observado no núcleo de Moalde, aqui também é possível constatar que a rede viária não tinha qualquer tipo de organização, sendo constituída por caminhos sinuosos, estreitos e irregulares. Num desses caminhos observamos a presença, desde períodos antepassados, de uma quinta de recreio, a do Dourado. Dentro desta propriedade rural, encontra-se uma pequena capela de arquitectura barroca, a qual está erecta sob a protecção de S. Cristovão, a qual nos dias de hoje se encontra anexa a uma outra edificação, uma espécie de armazém. Quando visitamos este lugar, qual não foi o nosso espanto ao vislumbrarmos uma capela de pequenas dimensões, em que no seu interior não restava nada para além de uma laje de pedra, que segundo o relato do actual caseiro da quinta, marca o local da sepultura do primeiro proprietário desta propriedade, tendo sido também o responsável pela construção desta pequeníssima capela. Segundo diversos autores, nomeadamente Agostinho Boavida, a localização desta capela remonta à implantação da primeira igreja matriz de São Mamede de Infesta, isto porque,

"huma capela com o sue quintal pegado que adquirido de novo por compoziçãm que fez com os moradores da freguezia de Sam Mamede da Ermida que esta tudo cito no lugar donde estava situada a Igreja Velha da dita freguesia."

Após a evolução e transformação desta cidade ao longo do tempo, a presença destas propriedades continuavam a pontuar este lugar, apesar de algumas delas terem desaparecido, nomeadamente uma que ficava diante a Quinta do Dourado. Esta por sua vez deu origem ao aparecimento de novas infra-estruturas, que dão apoio aos habitantes aí residentes, como é o caso das piscinas municipais e um espaço ajardinado de lazer, sendo que este último está incluido num estudo de Zonas Verdes, datado do ano de 1993, o qual passava pela construção de um Parque público a construir na antiquíssima zona da Igreja Velha. Podemos perceber que todo o conceito e ideais utilizados neste núcleo funcionaram como uma espécie de herança para os restantes núcleos, uma vez que o passado não foi apagado, mas sim reinventado e adequado às realidades e necessidades contemporâneas. Esta nossa ideia vai de encontro ao defendido por Walter Rossa, pois

"Grave é quando se considera o tecido urbano do passado como meramente histórico, ou seja, apenas como um testemunho e não como uma realidade, opção ou variável do presente. O problema é que por mais esforço que se faça nunca se vive como no passado o restauro, a conversação ou a reabilitação só fazem sentido quando a "matéria de facto" conserva algo de significativo nos referenciais comunitários da identidade."[206]

[206] ROSSA, Walter, (2002), *A URBE E O TRAÇO - Uma década de estudos sobre o urbanismo português*. Livraria Almedina, Coimbra, p. 36

3.6 (Re)significar material e memorial - Cruzamento(s) | Centralidade (s)

À medida que esta cidade foi crescendo e se transformando ao passar do tempo, assistiu-se como foi referido anteriormente, à mutação da implantação da igreja matriz deste lugar de estudo.

Partindo para a análise do núcleo da Ermida, este aparece pela primeira vez referenciado nas Inquirições de D. Afonso III, correspondentes ao ano de 1258. Tomando como ideia o que já vinha a acontecer nos núcleos vizinhos, este também seria constituído, em grande parte, por propriedades rurais, presentes ainda neste lugar nos dias de hoje. No entanto algumas delas encontram-se alteradas tanto a nível arquitetónico como de dimensão do respectivo lote, como é o caso da quinta do Marques Pinto e da de Quelhas Lima.

À semelhança do que acontecia nos núcleos, respectivamente, do Telheiro e da Estrada Velha, existia a presença de um eixo viário que funcionava como charneira para a evolução territorial desta região, a antiga estrada real que ligava a cidade do Porto a Braga, em parte decalcada sobre o itinerário romano. Agregada a esta via estavam outras estradas, ruas e vielas, as quais formavam uma rede de caminhos, sob a qual assentariam as edificações propostas neste núcleo ao longo dos tempos.

Devido ao crescimento populacional, e também ao estado de degradação da igreja matriz desse período, localizada no núcleo mencionado anterior designado de Igreja Velha, foi necessário a construção de uma outra, a que viria a se implantar num local mais central, tendo em conta a morfologia do terreno. Durante o período de construção da nova igreja foi necessário utilizar uma outra capela, na qual se viriam a realizar as celebrações religiosas. Para tal, foi utilizada uma capela implantada contígua à antiga estrada que ligava a cidade de Braga ao Porto, mais concretamente a Capela da Ermida, e que segundo Agostinho Boavida, teria certamente sido construída pelos moradores residentes neste local, por volta do ano de 1643, tal como confirmam os autos de visitação correspondestes a este lugar em estudo.

Esta pequena Capela, de aspecto simples e robusto, serviu como incentivador ao crescimento urbano que nos foi possível observar, tendo em conta as cartografias analisadas e elaboradas, chegando mesmo a dar nome a esta cidade, que era intitulada por S.Mamede da Ermida, como comprovam documentos escritos, entre o séc. XVII e o início do século XVIII.

Já no século XIX, durante o período de 1864 e 1866, viu-se novamente a assumir o papel de igreja matriz, em virtude da construção da actual igreja matriz de São Mamede de Infesta.

*

Com o crescimento populacional e a busca de um local para a implantação da nova igreja matriz, e tendo em consideração a morfologia do território em estudo, assistiu-se ao aparecimento de um novo núcleo, designado inicialmente por Cruz, no ano de 1758 e, seguidamente por Infesta, a partir do ano de 1889.

Em concordância ao já observado nos núcleos estudados anteriormente, também neste, a presença de propriedades agrícolas funcionou como mote para a estruturação deste lugar. A Quinta de Marta Ortigão, localizada entre a Rua de Godinho Faria e a Rua da Conceição, é um bom exemplo disso. Caracterizada por ocupar um grande lote de terreno, mesmo no coração da cidade em estudo, e, à semelhança ao que podemos observar nas restantes propriedades que marcam esta área, era constituída por uma casa senhorial, de proporções consideráveis, sendo que, neste caso, funcionava como limite da propriedade face à Rua Godinho de Faria.

Para além da presença deste tipo de propriedades foi este o núcleo escolhido para a implantação e construção da igreja nova, assim como o espaço em seu redor, o adro, a mando dos Balios de Leça, no ano de 1735. Anos mais tarde, o local de implantação desta igreja foi o escolhido para a construção da actual igreja matriz, devido à relevância que o Monte de Nossa Senhora da Conceição tem no panorama territorial. Isto porque o referido monte funciona como uma espécie de planalto sob a restante área da cidade, não sendo por isso conveniente a alteração da sua implantação.[207]

*

Este núcleo, para além da presença da igreja paroquial, foi o local escolhido para a implantação do cruzeiro da freguesia, o qual, à semelhança do que aconteceu à implantação da igreja matriz, também viu a sua implantação ser alterada diversas vezes, na constante procura da implantação ideal.

Para além deste elemento caracterizador do espaço paroquial, este núcleo assistiu no ano de 1855, por força de uma decisão política[208], ao aparecimento de um outro integrante, o cemitério, no qual eram realizados os enterramentos.

Porém, no ano de 1896 houve a necessidade de ampliar este cemitério[209], e para tal, foi imprescindível a compra de terrenos que se encontravam em torno do já cemitério local, tal como é referenciado por Agostinho Boavida.

*

Com o rápido crescimento populacional assistiu-se à transformação deste núcleo, levando ao aparecimento de novas edificações, as quais tinham como principal função a habitação e o comércio tradicional. Visto a ser um dos últimos núcleos a aparecer neste lugar de São Mamede de Infesta, o seu traçado apresenta, comparativamente com os apresentados anteriormente, uma regularidade e uma clareza, derivado dos ideais defendidos e das estratégicas propostas tanto no período medieval como no moderno.

---

[207] FARIA, F. Fernando Godinho de, (1899), *Monografia do Concelho de Bouças*. Matosinhos, Edição do Autor, p. 273
"Fica a nova igreja, (…), situada no mesmo local da antiga, porém com mais avantajadas proporções de que aquela tinha."
BOAVIDA, Agostinho Fastio, (1973), *S. Mamede de Infesta : subsídios para a sua história*. Câmara Municipal, Matosinhos, p. 53

[208] *"E de 21 de Setembro de 1835 o decreto com que Rodrigo da Fonseca Magalhães legalizou a criação dos cemitérios e proibiu expressamente o enterramento nas igrejas."*
FARIA, F. Fernando Godinho de, (1899), *Monografia do Concelho de Bouças*. Matosinhos, Edição do Autor, p. 52

[209] *"Mas o certo é que este cemitério carece de ser ampliado no prazo máximo de 20 annos."*
FARIA, F. Fernando Godinho de, (1899), *Monografia do Concelho de Bouças*. Matosinhos, Edição do Autor, p. 59

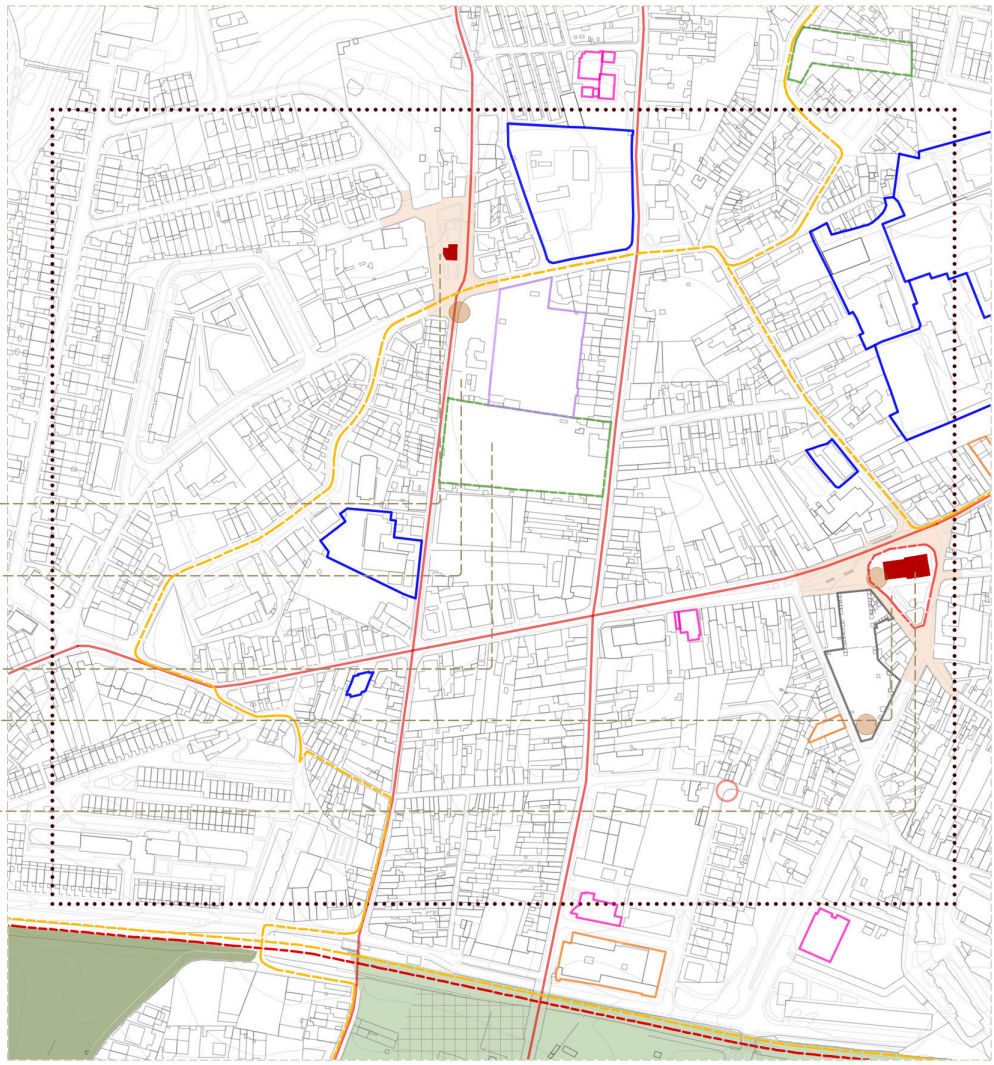
Proposta de intervenção | "Unidade Operativa - Cruzamento(s) | Centralidade(s)"

Cartografia de base de acordo:
- Cartografia de 2013 - Câmara Municipal de Matosinhos;
- Plano Director Municipal (PDM) do concelho de Matosinhos;
- "Análise programática de São Mamede de Infesta - Ano de 2013" (realizada pelo autor).

- Vias estruturantes existentes
- Linha de metro (proposto)
- Ciclovia(s) (proposto)
- Igrejas | Capelas
- Largo
- Adro
- Cruzeiro
- Cemitério
- Alminha
- Quinta
- Estabelecimento de ensino
- Estabelecimento comercial
- Edifícios culturais
- Edifícios utilitários
- Unidade(s) Operativa(s)

- Capela de Nossa Senhora da Conceição ou Capela da Ermida
- Reativação da antiga quinta junto à Capela da Ermida
- Edifício para albergar serviços de cariz público- proposta
- Quinta de Marta Ortigão
- Reabilitação do espaço de adro
- Realização de eventos para a comunidade local (ex.: missa dominical)
- Igreja Matriz de São Mamede de Infesta

- Em funcionamento
- Desativado | Degradado - Oportunidade de intervenção
- Novo - proposta de intervenção



Escala 1:7500

*

Há semelhança do que aconteceu nos restantes núcleos constituintes do território mamedense, também este viu as suas características serem alteradas devido principalmente ao processo de industrialização. Com o passar do tempo, tal como aconteceu nos restantes núcleos, também este viu as suas propriedades agrícolas serem abandonadas, descaracterizadas ou até mesmo alvo de mudança de uso. No entanto, consideramos este último uma opção bastante válida de forma a dar um novo significado a edifícios que outrora funcionaram principalmente como casas senhoriais, tal como aconteceu, por exemplo, com a quinta de Marta de Ortigão.

Indo de encontro com o que foi feito nesta propriedade, propomos que alguns edifícios que estão atualmente em estado de abandono, como por exemplo uma antiga quinta junto à Capela da Ermida, ganhem uma nova vida, seja para albergar serviços de cariz público ou reativar a atividade agrícola que em tempos marcava estas propriedades.

Para além disto, a nossa proposta de intervenção neste núcleo passaria pela utilização do espaço de adro da igreja matriz, o qual foi reabilitado recentemente, para a realização de eventos públicos, como por exemplo, a realização da missa dominical no coreto presente neste espaço.[210]

Podemos concluir que a nossa proposta de intervenção para a cidade futura de São Mamede de Infesta passaria pela criação de novos espaços verdes, de novas vias de comunicação e de mobilidade assim como dar uma nova vida a edifícios e estruturas que marcam a estrutura urbana mamedense, mas nunca esquecendo as memórias do passado que ajudaram na construção do Hoje desta cidade.

[210] Esta ideia surgiu no decorrer na situação pandémica vivida no ano de 2020, como solução para a realização da cerimónia religiosa que marca o domingo e a vida da população mamedense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

04

S.Mamede de Infesta poderia muito bem servir de paradigma da evolução urbana verificada no país durante o século XX. Quem ler os relatos sobre o passado de S.Mamede de Infesta feitos por Camilo, Godinho de Faria, Campos Monteiro, Manuel Júlio Ribeiro da Silva, ou mais recentemente, Maria Manuela Moreira de Sá, compreenderá isso mesmo. É patente o contraste entre a imagem bucólica desta povoação no inicio do século XX e a realidade que se encontra no inicio do século XXI. É frequente ouvir que tal transformação é o preço a pagar pelo acesso às novas exigências do progresso e cujas sequelas normalmente atingem não só os vestígios do passado como o próprio ambiente natural. Porém, a mensagem deixada aos vindouros pela saudosa Dra. Maria Manuela de Sá parece não estar esquecida.

Alguns indícios revelam uma latente sensibilidade para as questões do Ambiente por parte das entidades com competência para gerir esta área fulcral. Quando se puxa este tema, nas conversas de café ninguém acredita que, utopicamente, se possa voltar a reconstituir a bucólica "Sintra do Porto". No entanto, é consolador verificar que algumas escolas locais têm desenvolvido interessantes iniciativas pedagógicas apontadas não só à redescoberta do passado ambiental de S.Mamede de Infesta mas, sobretudo, à inventariação e caracterização dos escassos recursos que ainda resistem. (...)[211]

[211] DURVAL, António, (2009), *À descoberta de S. Mamede de Infesta : passado, presente e futuro : uma abordagem monográfica / pesquisa e desenvolvimento"*, Câmara Municipal de Matosinhos e Junta de Freguesia de S. Mamede de Infesta, S. Mamede de Infesta, pág. 41

04. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta dissertação muitas foram as incertezas sobre os pontos de vista que alguns autores tinham sobre determinado tema. Essa procura pela certeza dos factos foi um dos impulsionadores ao longo deste trabalho.

Num primeiro momento, e para que houvesse um maior contacto por parte do leitor com a realidade estudada foi fundamental a procura em reconhecer esta cidade nos mais diversos pontos, elaborando uma espécie de visita ao lugar, ressalvando a importância que cada rua, largo, edifício tem na construção da estrutura urbana. Desta forma, entende-se que os modos de investigação e de análise, sobretudo aqueles que criam olhares operativos sobre a realidade contemporânea, permitem compreender e integrar simultaneamente diversas escalas e problemas coexistentes. O recurso aos mais diversos materiais - iconográficos em conjunto com os bibliográficos - permitiu a exploração de novos caminhos de análise e de estudo, conscientes e ajustados face à complexidade de relações entre o passado e o presente, que constroem o território sob camadas temporais.

Nesta investigação explorou-se por isso um método de investigação que passa pelo entendimento de alguns vestígios e memórias do passado, de forma a construir um pensamento narrativo da evolução do espaço paroquial, pois *"Interpretar e questionar a própria evolução é uma acção vital para a humanidade."*[212]

O entendimento das características morfológicas do território, dos cursos de água e de todo um sistema agrário que era o fomentador da economia local levou-nos a concluir que este lugar tinha reunidas todas as condições necessárias para o assentamento do Homem primitivo neste local. A proximidade com o Rio Leça e os seus afluentes e o facto deste se organizar segundo um planalto do qual surge três vales, fazia desta terra um local propício para a prática da agricultura e da pastorícia. Com a entrada e fixação dos romanos na península ibérica, também este lugar se viu alterado e marcado por uma das vias do Itinerário Antonino, que atravessa esta cidade de Norte a Sul, permitindo a ligação desta pequena localidade com a cidade de Braga e do Porto. Estas vias, tal como nos dá nota Carlos Alberto Ferreira de Almeida, localizavam-se em sítios estratégicos do ponto de vista topográfico e de visibilidade territorial, escolhendo as linhas de festo para se implantarem. Com o surgimento das paróquias rurais no século V d.C. podemos concluir que estas contribuíram para uma fixação e organização do povoamento no território português, tendo sido na Idade Média, responsáveis pela propagação da fé cristã nos povoamentos rurais mais distantes. A ideia de que a organização do espaço paroquial foi suporte e correspondeu à evolução urbana durante muitos séculos, com a união de freguesias proposta no século XXI, foi totalmente quebrada essa tradição, levando a que esta ideia de paróquia e de paroquiano tenha vindo a desaparecer com o passar do tempo.

[212] ROSSA, Walter, (2002), *A URBE E O TRAÇO - Uma década de estudos sobre o urbanismo português*. Livraria Almedina, Coimbra, p. 43

Ao longo do processo de investigação, o recurso aos topónimos foi fulcral para a construção dos desenhos diagramáticos que visavam a construção narrativa da evolução do espaço paroquial mamedense. A par da construção da história evolutiva desta cidade, o seu enquadramento geográfico e administrativo foi alvo também de estudo e análise procurando perceber a qual jurisdição pertencia ao longo dos tempos. Desta forma, e aliada ao desenvolvimento de um método narrativo, a dissertação focou-se na construção de cartografias através de informação retirada da bibliografia analisada, sendo esta organizada por sequência temporal, ressalvando não só a evolução regional como os temas adjacentes a cada século estudado.

Neste sentido, e aliado ao desenvolvimento de um método inter-escalar e multi-direcional, esta investigação finda com uma proposta de intervenção dividida em dois momentos: um de escala territorial-regional e um outro de escala local-urbana. Indo de encontro às memórias passadas e ao que um dia foi este território, procurou-se restabelecer algumas das características que particularizavam esta região.

Olhando hoje para a cidade de São Mamede de Infesta quase não há vestígios do que um dia foi. É estranho pensar que até à pouco tempo a atividade agrícola tinha um papel vital para a economia local e que hoje não passa de uma simples memória. De forma a dar um novo significado aos vários espaços verdes que caracterizam e marcam o território em estudo, a nossa proposta passa pela criação de um "anel verde" e de estruturas que permitam a mobilidade regional e inter-regional da população local, desde a construção de uma linha de metro, utilizando uma antiga linha ferroviária, e a criação de ciclovias. Partindo para um âmbito mais individual de intervenção, procurou-se entender e reativar as memórias respetivas a cada um dos lugares que constitui a cidade em estudo, tomando como exemplos os núcleos abordados no início da investigação. Assim sendo, foram propostos vários tipos de ocupação dos espaços verdes, desde a reativação para a prática da agricultura, no caso de Moalde; a criação de hortas comunitárias e a reabertura de um edifício para o ensino da agricultura sustentável e auto-suficiente, no caso do Telheiro; a expansão e a qualificação de um parque urbano já existente, no caso da "Estrada Velha"; reabertura de edifícios em estado de abandono e degradação para albergar serviços de cariz público, no caso de "Cruzamento(s) | Centralidade(s)".

Pensado numa perspetiva futura desta cidade, e acreditando que a estrutura urbana tem a capacidade de se transformar e contribuir para o progresso da sociedade, assumindo os espaços constituintes desse território como lugares dessa mesma construção social, procurou-se com esta intervenção sobretudo uma visão que conjugue o presente e a memória, como forma de construir o amanhã.

BIBLIOGRAFIA

CAPÍTULO 1

- BARBEITOS, Marcelo Lima, (2016/2017), *Anel Verde de São Mamede de Infesta*; Dissertação de Mestrado em Arquitectura Paisagística apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

- BOAVIDA, Agostinho Fastio, (1973), *S. Mamede de Infesta : subsídios para a sua história,* Câmara Municipal de Matosinhos, Matosinhos.

- DIAS, Ana Filipa Moreira, (2018), *Instrumento, processo, estratégia: Caldas do Moledo como laboratório metodológico da metamorfose do Lugar e do Tempo nas paisagens arquitectónicas do Douro*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

- DOMINGUES, Álvaro, (2009), *A Rua da Estrada*. Dafne Editor, Porto.

- DURVAL, António, (2009), *À descoberta de S. Mamede de Infesta: passado, presente e futuro : uma abordagem monográfica / pesquisa e desenvolvimento*. Câmara Municipal de Matosinhos e Junta de Freguesia de S. Mamede de Infesta, S. Mamede de Infesta.

- LEAL, Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho, (1990), *Portugal antigo e moderno: dicionário geographico, estatístico, chorographico, heráldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de tódas as cidades, vilas e freguesias de Portugal e de grande numero de aldeias*, Vol.III, Livraria Editora de Mattos Moreira & C.ª, Lisboa.

- *Revisão do PDM de Matosinhos, 2B - Avaliação Ambiental Estratégica | Relatório Ambiental*. Versão Final, Junho de 2019.

- ROSSA, Walter, (2002), *A URBE E OTRAÇO - Uma década de estudos sobre o urbanismo português*. Livraria Almedina, Coimbra.

- ROSSA, Walter; CALAFATE RIBEIRO, Margarida; (Org.), (2015), *Patrimónios de Influência Portuguesa: modos de olhar*. Imprensa da Universidade de Coimbra. Fundação Calouste Gulbenkian, Editora da Universidade Federal Fluminense, Coimbra.

- SARAIVA, Maria da Graça Amaral Neto, (1999), *O rio como paisagem : gestão de corredores fluviais no quadro do ordenamento do território*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

- TRAMONTINA, Sidiane, (2020), *Projecto de execução de requalificação do Parque Picoutos e proposta paraaenvolvente*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura Paisagística apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

NOTA:
Devido a alguns autores terem um papel crucial em mais do que um dos capítulos, elaborou-se a presente bibliografia da seguinte forma:
- Com uma tonalidade mais escura os autores que dão nome às referências utilizadas no capítulo..
- Com uma tonalidade mais clara, os autores que já foram mencionados noutro capítulo, em que tinham uma importância maior para o tema tratado.

WEBSITES

- União das Freguesias S. Mamede de Infesta - Senhora da Hora (2017). *S. Mamede de Infesta - História,* disponível em https://www.uf-smish.pt/sao-mamede-de-infesta/, acedido pela última vez a 01.2021

- PDM (2019). *Plano Diretor Municipal de Matosinhos,* disponível em https://www.cm-matosinhos.pt/urbanismo/planeamento-urbanistico-e-territorial/plano-diretor-municipal?folders_list_82_folder_id=498, acedido pela última vez a 02.2021

CAPÍTULO 2

- ABREU, Adélio Fernando, (s.d), *A paróquia na história - Elementos para uma visão de conjunto*. Universidade CatólicaPortuguesa,CEHR-Centro de estudos de História Religiosa, Faculdade de Teologia, Porto.

- AGAREZ, Ricardo Costa,(2018), *Habitação: Cem anos de políticas públicas em Portugal, 1918-2018*. Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa.

- ALMEIDA, Duarte, (s/d), *Enciclopédia Histórica de Portugal*, Vol.V. João Romano Torres & C.ª livraria, Lisboa.

- ARAÚJO, Assunção, BETTENCOURT, AnaM.S., SILVA, Armando Coelho Ferreira, MOREIRA, Álvaro de Brito, TEIXEIRA, Ricardo, (2009), *O Rio da Memória: Arqueologia no Território do Leça*. Câmara Municipal de Matosinhos - Gabinete Municipal de Arqueologia e História, Matosinhos.

- BOAVIDA, Agostinho Fastio, (1973), *S. Mamede de Infesta : subsídios para a sua história,* Câmara Municipal de Matosinhos, Matosinhos.

- BRAGANÇA, Pedro, (2014), *Lugares de habitar entre a terra e o mar*, Volumel, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

- CAPELA, José Viriato; MATOS, Henrique; BORRALHEIRO, Rogério, (2009), *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquias de 1758 - Memórias, História e Património*. Colecção Portugal nas Memórias Paroquias ide 1758, Braga.

- CARNEIRO, Manuel Almeida, (2016), *"Si bene aedificaveris, bene habitaveris". Entre a casa agrícola e a quinta de recreio no espaço rural do Porto (séculos XVIII-XIX)* -Vol.1. Dissertação de Doutoramento na área de História – Estudos Avançados do Património apresentada à Universidade Aberta, sob a orientação pedagógica e científica da Professora Doutora Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara, Porto.

- CONTADOR DE ARGOTE, Jerónimo, (1732-1744), *Memorias para a Historia do arcebispo de Braga, primaz das Hespanhas dedicadas a Elrey D. João V,* 4 Vol. Na officina de Joseph Antonio da Sylva, Lisboa.

- COSTA, Padre Carvalho, (1706 -1712), *Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, gealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens,* 3 Vol.. Na officina de Valentim da Costa Deslandes impressor de Sua Magestade, & á sua custa impresso, Lisboa.

- DURVAL, António, (2009), *À descoberta de S. Mamede de Infesta: passado, presente e futuro : uma abordagem monográfica / pesquisa e desenvolvimento*, Câmara Municipal de Matosinhos e Junta de Freguesia de S. Mamede de Infesta, S. Mamede de Infesta.

- ESCOLÁSTICO, João, (2015), *De uma Circunvalação a uma Via Urbana; Requalificação Paisagística da Estrada Nacional 12*. s.e. Porto.

- FARIA, F. Fernando Godinho de, (1899), *Monografia do Concelho de Bouças*. Matosinhos, Edição do Autor.

- FERNANDES, Xavier, (1941 - 1944), *Topónimos e Gentílicos*, 2 Vol.. Editora Educação Nacional, Porto.

- FRANCISCO, Rui Pedro Cardoso, (2016), *As Bacias de Paisagem do Rio Leça: Mestrado em Ecologia, Ambiente e Território*. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

- LEAL, Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho, (1990), *Portugal antigo e moderno: dicionário geographico, estatístico, chorographico, heráldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de tódas as cidades, vilas e freguesias de Portugal e de grande numero de aldeias*, Vol.III, Livraria Editora de Mattos Moreira & C.ª, Lisboa.

- MARQUES, Gonçalo Maia, (2006), *Da Gesta e da Honra: notas de História Social nas Inquirições à Terra da Maia*. (s.e), (s.l).

- MARQUES, José Augusto Maia, FIGUEIREDO, José Valle de, MACHADO, Paulo Sá, (2003), *Congresso "Raízes da nossa identidade: actas do congresso*, 1.ª ed.. Maia: Câmara Municipal.

- MATTOSO, José, (1945), *Identificação de um país: Ensaio sobre as origens de Portugal: 1096-1325*. 1.º Vol.- Oposição, 2.ª ed., Estampa, Lisboa.

- MATTOSO, José, DAVEAU, Suzanne, BELO, Duarte, (2013), *Portugal: O Sabor da Terra: Um retrato histórico e geográfico por regiões*. 4.ª ed., Círculo de Leitores, Maia.

- MILANO, Maria, CREMASCOLI, Roberto, (2016), *A CASA DE QUEM FAZ AS CASAS, Álvaro Siza, Dar Forma a um Lugar.* ESAD & Cardume Editores, Matosinhos.

- PEREIRA, Miriam Halpern, (1979), *Política e economia: Portugal nos Séc. XIX e XX*, 1.ª ed.. Livros Horizonte, Lisboa.

- REIS, Jaime, (1987), *A industrialização num país de desenvolvimento lento e tardio: Portugal, 1870 -1913*. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Lisboa.

CAPÍTULO 2

- RIBEIRO, Orlando, (2011), *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico: estudo geográfico*. 8.ª Ed., Livraria Letra Livre, Lisboa.

- ROSSA, Walter, (2002), *A URBE E OTRAÇO - Uma década de estudos sobre o urbanismo português*. Livraria Almedina, Coimbra.

- SAMPAIO, Alberto, (1979), *Estudos Históricos e Económicos - As Vilas do Norte de Portugal,* 1º vol., Documenta Histórica. Vega, Lisboa.

- UNAMUNO, Miguel de, (2017), *POR TIERRAS DE PORTUGAL Y DE ESPAÑA*. Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes.

- VASCONCELOS, José Leite, *Etnografia Portuguesa*, Vol. II. Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa.

- VELHAS, Edite, (1991), *A bacia hidrográfica do Rio Leça, Estudo Hidroclimatológico*, in Revista da Faculdade de Letras - Geografia I Série, Volume VH, Porto.

PERÍÓDICOS

- *O Tripeiro*, Porto, 6.ª série, ano 1971, n.º 7.

- Boletim nº.5 - 3.º Trimestre de 1993.

- *O Primeiro de Janeiro*, de 17/6/1926.

- (s.a), 16 de Abril de 1934, *GAZETA DOS CAMINHOS DE FERRO FUNDADA EM 1888,* (versão eletrónica). Revista Quinzenal, 8.º do 46º ano, n.º 1112, p. 215, disponível em http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/GazetaCF/1934/N1112/N1112_master/GazetaCFN1112.pdf, acedido pela última vez a 05.2021

WEBSITES

- AMP, (s.d.). *Área Metropolitana do Porto -A AMP e os seus Municípios - Matosinhos*, disponível em http://portal.amp.pt/es/4/municipios/matosinhos/, acedido pela última vez a 04.2021

- Arquivo Nacional Torre do Tombo, (17 de fevereiro de 2014). *Invasões Francesas,* disponível em http://antt.dglab.gov.pt/exposicoes-virtuais-2/ invasoes-francesas/, acedido pela última vez a 05.2021.

- CONCEIÇÃO, Américo, GOMES, (2020),. *"Porto de Antanho - Via Norte"*, disponível em http://portodeantanho.blogspot.com/2020/01/conclusao_17.html, acedido pela última vez a 02.2021

- GONÇALVES, Eliseu, (2011), *Leitura de Marques da Silva - O Bairro do Monte Pedral e o alojamento operário em 1900.* Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, p.101, disponível em https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/77775/2/46263.pdf, acedido pela última vez a 04.2020

- LAMEIRA, Gisela, ROCHA, Luciana, (2014), *MAPA DA HABITAÇÃO - Guia para uma terminologia específi ca em arquitectura habitacional apoiada pelo Estado em Portugal[1910-1974],* disponível em https://1library.org/document/y802ep2q-habitacao-operaria-conceito-de.html, acedido pela última vez a 06.2021

- Museu Nacional Machado Castro (s.d.). *Itinerário de Antonino - As estradas no Império Romano (Séc. III),* disponível em http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/minisitios/ContentDetail.aspx?id=829, acedido pela última vez a 05.2021

- PortoeNorte (s.d.). *CAPELA DA ERMIDA (ANTIGA IGREJA PAROQUIAL DE S. MAMEDE),* disponível em http://www.portoenorte.pt/pt/o-que-fazer/capela-da-ermida-antiga-igreja-paroquial-de-s-mamede/, acedido pela última vez a 05.2021

- RAMOS, Rui J. G., GONÇALVES, Eliseu, SILVA, Sérgio, TAVARES, Maria, et al., Mapping Public Housing Research Project Database, Published online through Mapping Public Housing research project website (FCT), Porto: University of Porto - Faculty of Architecture, 2009. [Digital Edition Date Base MdH: https://db.up.pt/mapa_habitacao_db. Retrieved 2019, October 16.

- SOUTINHO, Pedro, (2021). *Vias Romanas em Portugal - Itinerários Romanos,* disponível em https://viasromanas.pt/#braga_lisboa, acedido pela última vez a 05.2021

- União das Freguesias S. Mamede de Infesta - Senhora da Hora (2017). *Quintas - Quinta do Dourado,* disponível em https://www.uf-smish.pt/cultura-e-turismo/ quinta-do-dourado/, acedido pela última vez a 01.2021

CAPÍTULO 3

- BRAGANÇA, Pedro, (2014), *Lugares de habitar entre a terra e o mar,* Volumel, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

- BORGES, Jorge Luís, (1989), *História da Eternidade. Obras Completas,* Emecé Editores, Barcelona.

- HABERMAS, Jurgen, (2013), *A modernidade: um projecto inacabado*. Nova Vega, Lisboa.

- HEIDEGGER, Martin, (1971), *Building Dwelling Thinking* (translation and Commentary by Adam Bobeck).

- ROSSA, Walter, (2002), *A URBE E OTRAÇO - Uma década de estudos sobre o urbanismo português*. Livraria Almedina, Coimbra.

- RAMOS, Paulo André Macedo, (2008), *Projecto de Ciclovias*. Relatório de Projecto submetido para satisfação parcial dos requisitos do grau de MESTRE EM ENGENHARIA CIVIL - ESPECIALIZAÇÃO EM VIAS DE COMUNICAÇÃO, na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto.

- (s.a), *DECRETO No 63/V - II SÉRIE - NÚMERO 65*. 16 de Abril de 1988.

- BOAVIDA, Agostinho Fastio, (1973), *S. Mamede de Infesta : subsídios para a sua história.* Câmara Municipal de Matosinhos, Matosinhos.

- DURVAL, António, (2009), *À descoberta de S. Mamede de Infesta: passado, presente e futuro : uma abordagem monográfica / pesquisa e desenvolvimento.* Câmara Municipal de Matosinhos e Junta de Freguesia de S. Mamede de Infesta, S. Mamede de Infesta.

- FARIA, F. Fernando Godinho de, (1899), *Monografia do Concelho de Bouças*. Matosinhos, Edição do Autor.

WEBSITES

- HEIDEGGER, Martin, (1971), Building Dwelling Thinking (translation and Commentary by Adam Bobeck), p. 3. Disponível em https://www.academia.edu/34279818/Building_Dwelling_Thinking_by_Martin_Heidegger_Translation_and_Commentary_by_Adam_Bobeck_, acedido pela última vez a 04.2021

- PortoeNorte (s.d.). *CAPELA DE SANTO ANTÓNIO DO TELHEIRO,* disponível em http://www.portoenorte.pt/pt/o-que-fazer/capela-de-santo-antonio-do-telheiro/acedido pela última vez a 05.2021

GLOSSÁRIO

- Todas as citaçãoes foram retiradas de:

LISBOA, Academia das Ciências, (2000), *Dicionário da língua portuguesa contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa / real. da Academia das Ciências de Lisboa e da Fundação Calouste Gulbenkian*, I e II Volumes. Editor Verbo, Lisboa.

A

Aldeia

s.f. (Do ár. *ad. daiâ* "campo"). **1.** Pequena povoação de menor categoria do que a vila ou cidade e sem autonomia administrativa; povoação rústica ou rural.

Aldear

v. (De *aldeia* + suf. *-ar*). **1.** Levantar ou estabelecer aldeias numa dada região. **2.** Distribuir por aldeias; congregar em aldeias.

(p.156)

Aldeola

s.f. (De *aldeia* + suf. *-ola*). **1.** Dim. de aldeia; **2.** *Deprec.* Pequena povoação rural, pouco importante; aldeia sem grande desenvolvimento. ≈ LUGAREJO. (…)

(p.157)

Alminhas

s.f. pl. (De *alma* + suf. *-inha*). **1.** Dim. de alma. **2.** Rel. Almas do purgatório. **3.** *B-Art.* Pintura ou painel que mostra as almas dos mortos sofrendo, entre labaredas, no purgatório. **4.** *B-Art. Rel.* Pequeno monumento na berma das estradas ou dos caminhos, e que contém uma destas pinturas, ou apenas uma cruz, para lembrar às pessoas que passam, as almas do purgatório.

(p.179)

B

Bouça, boiça

s.f. (Talvez do lat. *balteus* "correia"). **1.** *Region.* Terreno delimitado de pedra ou de terra, onde há pinheiros, carvalhos ou outra vegetação e onde grassa o mato. (…) **2.** A vegetação do mato.

(p.569)

C

Caminho

s.m. (Do lat. vulgar *camminus*). **1.** Faixa de terreno destinada ao trânsito entre dois lugares, localidades ou regiões; em particular, trilho marcado por esse trânsito e que segue os acidentes do terreno. (…) **2.** Piso dessa faixa de terreno. (…) **3.** Qualquer via de comunicação. (…) **4.** Distância percorrida ou a percorrer. (…) **5.** Trajecto, percurso, itinerário. (…) **6.** Rumo, direcção. **7.** Orientação ou tendência. (…)

(p.650)

Capela

s.f. (Do b. lat. **cappella*, dim. de *cappa* "capa"). **1.** Edifício religioso mais pequeno do que uma igreja, em que geralmente há apenas um altar. (…) **2.** Parte ou cada uma das partes de uma igreja em que há um altar.

(p.679)

Casal

s.m. (Do lat. *casãlis* "relativo à quinta"). **1.** Propriedade ou conjunto de propriedades rústicas de pequenas dimensões. **casal agrícola**, pequena herdade com casa de habitação, dependências e terrenos para exploração agrícola. **2.** Pequeno povoado ou lugarejo.

(p.721)

Cidade

s.f. (Do lat. *civitas*, *-ãtis*). **1.** Unidade territorial e política, na Antiguidade, cujos membros se governavam a si próprios. (…) **2.** Aglomerado populacional de importância superior à de vila, com determinadas infra-estruturas necessárias a essa condição, e no qual a maior parte dos habitantes se dedica ao comércio, à indústria, ou trabalha nos serviços. ≈ URBE. (…) **cidade matriz**, centro urbano mais importante de uma região ou país. ≈ CAPITAL. **Cidade Santa**, (com maiúsc.). 1. Jerusalém, para os cristãos, para os judeus e para os muçulmanos. 2. Meca, para os muçulmanos. (…) **3.** *Fam.* Parte mais antiga ou mais central de um aglomerado urbano, por oposição às zonas periféricas. ≈ BAIXA. **4.** Conjunto dos habitantes da cidade. (…) **5.** Grupo de edificações que têm a mesma finalidade; bairro residencial de uma aglomeração urbana. (…) **6.** Forma, hábitos, costumes … de vida urbana, por oposição à vida rural. (…)

(p.812)

Concelho

s.m. (Do lat. *concilium*). Divisão administrativa de categoria imediatamente inferior à de distrito. ≈ MUNICÍPIO. (…)

(p.900)

Couto, coito

s.m. (Do lat. *coutus* "seguro", "prudente"). **1.** Terra defesa, vedada, cujos moradores gozavam antigamente de privilégios e isenções.

(p. 1010)

Cruzeiro

s.m. (De *cruz* + suf. *-eiro*). **1.** Cruz grande de pedra, colocada em encruzilhadas, praças, nos adros de algumas igrejas, em caminhos…

(p.1036)

D

Desenho

s.m. (Deriv. regres. de *desenhar*). **1.** Representação gráfica da forma ou dos referentes de coisas, seres, conceitos … sobre uma superfície, geralmente de papel, por meio de determinados instrumentos como o lápis ou o pincel. (…) **desenho cotado**, Des., aquele que é de natureza técnica com cotas marcadas. **2.** Processo, técnica ou arte de criar, planear e produzir graficamente formas. (…) **8.** Plano ou projecto que determina a execução de alguma coisa, que é responsável pela sua forma. ≈ TRAÇADO, RISCO. **9.** Plano geral ou indicação das grandes linhas ou partes de uma obra; delineamento, esboço de uma obra ou suas partes. ≈ CONCEPÇÃO, PROJECTO.

(p.1176)

Distrito

s.m. (Do b. lat. *districtus*). **1.** Divisão administrativa territorial de maiores dimensões de um país, oficialmente convencionada, de categoria imediatamente superior à de concelho. (…) **2.** Subdivisão de administrações de actividades como a judicial, diplomática, fiscal, policial, comercial, … (…) **3.** Delimitação de determinada área. (…)

(p. 1286 e 1287)

E

Espaço

s.m. (Do lat. *spatium*). **1.** Área, zona determinadas, numa superfície de maiores ou menores dimensões. (…) **espaço verde**, superfície ajardinada ou com árvores numa cidade, num centro populacional. (…) **espaço topológico**, aquele em que se define uma topologia. (…)

(p. 1522)

Estrada

s.f. (Do lat. *strata*). **1.** Caminho com revestimento suficientemente resistente de modo a permitir a circulação de veículos. (…) **estrada mestra**, (…), via principal de uma região. **estrada nacional**, principal via rodoviária de um país especialmente a que liga uma cidade a outra. (…) **estrada real**. 1. O m. que estrada mestra. 2. Estrada principal, no regime monárquico. **2.** Qualquer via por onde podem seguir pessoas, animais ou veículos. ≈ CAMINHO. (…)

(p. 1589)

Estrutura

s.f. (Do lat. *structura*). **1.** Organização ou modo como as diferentes partes estão dispostas entre si. ≈ CONSTITUIÇÃO. (…) **3.** Constr. Modo como estão ajustados entre si os vários elementos de uma construção. (…) **14.** Modo de ajustamento e organização dos vários elementos de um todo, de forma a concorrerem para determinado fim. (…)

(p.1604)

Etimologia

s.f. (Do lat. *etymologia* > gr. **ἐτυμολογία**) **1.** *Ling.* Ciência que constitui uma parte da Gramática, cujo objectivo é o estudo da origem das palavras de uma língua e da evolução das mesmas até ao estado actual. (…) **2.** Origem, génese, derivação de uma palavra. (…)

(p. 1612)

F

Fábrica

s.f. (Do lat. *fabrica* "fabricação" "oficio"). **0.** Acto ou efeito de fabricar. **1.** Estabelecimento industrial onde se procede à transformação ou conservação de matérias-primas e onde se obtêm ou fabricam produtos. (…) **6.** Local de grande actividade e produção, que , por isso, evoca um estabelecimento fabril; fonte geradora. (…) **10. fábrica da igreja** ou **fábrica**, *Dir. Can.*, entidade a quem pertencem os bens ou direitos temporais destinados à conservação, reparação, ornamentação e despesas de culto de um local de culto ou templo. (…)

(p.1671)

Fonte

s.f. (Do lat. *fons*, *fontis*). **1.** Lugar onde brota água do solo. (…) **2.** Água que brota do solo. (…) **3.** Bica por onde corre água. **4.** Construção dotada de uma ou várias bicas ou torneiras destinadas à saída e distribuição de água. (…) **10.** Etimologia. (…)

(p. 1788)

Formação

s.f. (Do lat. *formatio*, *-ōnis*). **1.** Processo de adquirir forma, configuração; acto ou efeito de formar ou de se formar. (…) **2.** Acção de organizar ou instituir alguma coisa. ≈ CONSTITUIÇÃO, CRIAÇÃO. (…) **3.** Disposição dos elementos de um todo; modo que se apresenta a organização de alguma coisa. (…)

(p.1793)

Freguesia

s.f. (De *freguês* + suf. *-ia*). **1.** Divisão administrativa de categoria imediatamente inferior à do concelho. (…) **2.** Conjunto dos habitantes da zona a que corresponde essa divisão administrativa. (…) **3.** Parte do território de uma diocese sob a direcção de um pároco. ≈ PARÓQUIA. **4.** Conjunto dos paroquianos. (…)

(p. 1817)

I

Igreja

s.f. (Do lat. *ecclesia* < gr. ***ἐκκλησία*** "assembleia"). *Rel.* **1.** Conjunto dos primeiros cristãos. **igreja primitiva**, comunidade cristã dos primórdios do cristianismo. (…) **2.** (com maiúsc.). Comunidade que reúne todos os crentes que têm fé em Cristo. ≈ CRISTANDADE. (…) **3.** (com maiúsc.). Conjunto dos fiéis católicos. (…) **4.** (com maiúsc.). Conjunto dos fiéis unidos numa comunhão particular no seio do cristianismo. **Igreja Católica Apostólica Romana**. 1. Comunidade cristã que reconhece a autoridade do papa e aceita a doutrina apostólica, por oposição às confissões evangélicas e ortodoxas. 2. Instituição na qual se consubstancia essa comunidade. (…) **5.** (com maiúsc.). Conjunto do clero e fiéis católicos de um país. (…) **6.** (com maiúsc.). Hierarquia católica, autoridades religiosas. (…) **7.** Estado eclesiástico. (…) **8.** Edifício onde os católicos se reúnem para prestar culto a Deus. (…)

(p. 2023)

L

Lugar

s.m. (Do lat. *localis* "de lugar") **1.** Parte determinada de um espaço. ≈ LOCAL, PAÍS, SÍTIO, REGIÃO. (…) **2.** Parte determinada de um espaço, relativamente à coisa ou ser animado que habitualmente a ocupa ou devia convencionalmente ocupar. (…) **3.** Situação, posição social. (…) **lugar santo**, igreja, templo, santuário. (…) **lugares santos**, os que são associados a cenas da vida, paixão e morte de Jesus Cristo. (…) **6.** Aglomerado populacional mais pequeno do que a aldeia. ≈ POVO, POVOAÇÃO. (…)

(p. 2306 e 2307)

Lugarejo

s.m. (De *lugar* + suf. *-ejo*). Povoado de pouca importância. ≈ ALDEOLA, TERREOLA.

(p. 2307)

M

Marco[1]

s.m. (De *marca*). **1.** Demarcação frequentemente de granito ou mármore, que assinala um local ou um acontecimento. (…) **marco miliário**, o que os Romanos colocavam nas estradas de mil em mil passos. **marco quilométrico**, o que é colocado à beira das estradas, indicando as distâncias quilométricas. **2.** O que, pela sua importância, marca uma época, uma data, tornando-a conhecida no futuro, bem gravada na memória; aquilo que é profundamente marcante. (…) **3.** Sinal de demarcação, constituído por uma pedra geralmente oblonga, que se coloca nos limites das terras ou nas estradas. ≈ BALIZA, ESTREMA. **4.** Acidente natural utilizado como sinal de demarcação de terras, como limite territorial. **5.** Fronteira, limite. (…)

(p. 2381)

Municipal[1]

adj. m. e *f.* (Do lat. *municipālis*). **1.** Que é relativo a concelho ou município. (…) **2.** Que tem por função administrar os interesses de um concelho ou município; que pertence à municipalidade. (…)

Munícipe[1]

adj. m. e *f.* (Do lat. *municeps*, *cipis*). Que reside num concelho ou município.

Munícipe[2]

adj. m. e *f.* (Do lat. *municeps*, *cipis*). Pessoa que reside num concelho, que faz parte da população que habita num município.

Município

s.m. (Do lat. *municipium*). **1.** *Hist.* Cidade conquistada, no tempo dos romanos, com direito a administrar-se pelas suas próprias leis e cujos habitantes gozavam dos direitos civis da cidadania romana. **2.** Circunscrição territorial administrada por uma vereação, por uma câmara municipal, superintendida por um presidente. ≈ CONCELHO. **3.** População que habita num concelho, congregada por interesses comuns. (…)

(p.2551)

O

Origem

s.f. (Do lat. *origo*, *ginis*). **1.** Início da existência de alguma coisa; primeira manifestação. ≈ COMEÇO, GÉNESE, NASCIMENTO. (…) **2.** *Us. pl.* Primeiros tempos de existência de alguma coisa. ≈ PRIMÓRDIO. **3.** Conjunto das circunstâncias, das causas da génese de um dado fenómeno. (…) **5.** Precedência, em termos cronológicos, de alguma coisa. (…) **6.** Ponto no espaço, lugar de onde provém alguma coisa. ≈ PROCEDÊNCIA, PROVENIÊNCIA. (…) **10.** Região geográfica ou meio social de onde provém um elemento linguístico, em especial, uma palavra. ≈ ETIMOLOGIA, PROVENIÊNCIA. (…) **11.** Nascente de um curso de água.

(p. 2688 e 2689)

P

Paróquia

s.f. (Do lat. *parochia* < gr. **παροικία**"vizinhança"). **1.** *Hist.* Centro religioso cristão, com território definido e templo próprio, a que eram atribuídos certos benefícios e para o qual os fiéis contribuíam com diversas prestações como os dízimos … As paróquias rurais do tempo da Reconquista. **2.** *Dir. Can.* Divisão territorial eclesiástica, com igreja e uma comunidade a ela adstrita e cuja jurisdição espiritual foi confiada a um sacerdote, um pároco, sob a dependência do bispo diocesano. (…) **3.** Igreja matriz. (…) **4.** *Rel.* Comunidade de fiéis residente na área confiada à jurisdição de um pároco e a quem este presta assistência espiritual; conjunto de paroquianos. (…)

(p. 2759)

P

Paroquial
adj. m. e *f.* (Do lat. *parochialis*). **1.** Que é relativo à paróquia. (…) **2.** Que diz respeito ao sacerdote a quem foi confiada a direcção de uma paróquia, ao pároco. *Residência* +. **3.** Que é relativo à igreja matriz, à paróquia. (…)

Paroquiano[1], a
adj. (De *paróquia* + suf. *-ano*). Que é relativo a uma determinada paróquia. (…)

Paroquiano[2], a
s. (De *paróquia* + suf. *-ano*). Pessoa que faz parte da comunidade de determinada paróquia. (…)

Paroquiar
v. (De *paróquia* + suf. *-ar*). Exercer, as funções de pároco; administrar uma freguesia, uma paróquia.
(p. 2759 e 2760)

Planalto
s.m (De *plano* + *alto*). *Geog.* Extensão de terreno elevado e relativamente plano; planície sobre região acidentada. (…)

Planeamento, planejamento
s.m. (De *planear*, *planejar* + suf. *-mento*). **0.** Acto ou efeito de planear. **1.** Acção de traçar o projecto ou o plano de alguma coisa a realizar, determinando custos, tempo … (…) **2.** Processo de projectar ou de programar alguma coisa (…)
(p. 2876)

Poço
s.m. (Do lat. *puteus*). **1.** Perfuração vertical, geralmente cilíndrica, revestida a alvenaria e orientada para a detenção do lençol de água subterrâneo mais próximo da superfície do solo. ≈ FURO.
(p. 2886)

Povo
s.m. (Do lat. *populus*). **1.** Conjunto dos homens que, em sociedade, partilham a mesma língua e origem, um certo número de hábitos, tradições e instituições comuns e um território definido. ≈ NAÇÃO, PAÍS, POPULAÇÃO, SOCIEDADE. (…) **povos naturais**, *Etnog.*, aqueles que detêm poucos recursos técnicos e fracos meios de controlo da natureza. **povos primitivos**, *Etnog.*, o m. que *povos naturais*. **2.** Corpo de uma nação constituído pelo correspondente número de indivíduos, submetidos às mesmas leis. (…) **3.** Conjunto de cidadãos que constituem uma comunidade extensiva a uma região, uma aldeia ou uma vila. (…) **4.** Conjunto formado pela maioria dos membros da sociedade, por oposição às classes economicamente mais abastadas, mais cultas e mais influentes nos órgãos do poder político. ≈ ARRAIA-MIÚDA, PLEBE, POPULAÇÃO. (…)

5. Pequeno aglomerado de casas rústicas pertencentes a uma povoação. ≈ ALDEIA, LUGAREJO, POVOADO. (…) **6.** Aglomeração de pessoas. (…) **7.** *pl.* Designação dada às nações. (…) **8.** *Hist.* Nome dado ao estrato da sociedade que não pertencia à classe nobilitada ou clerical. ≈ PLEBE.

Povoado[1]

s.m. (Do part. pas. do v. *povoar*). Lugar pequeno com casas habitadas, com população. ≈ POVOAÇÃO.

Povoado[2]**, a**

adj. (Do part. pas. do v. *povoar*). **1.** Que é habitado; que tem população. ≠DESERTO, DESPOVOADO. (…) **2.** Diz-se do local em que se lançaram animais para reprodução e proliferação. (…) **3.** Que se encontra coberta de vegetação. **4.** Que é frequentado. (…)

Povoamento

s.m. (De *povoar* + suf. *-mento*). **1.** Processo demográfico por meio do qual um território é provido de uma população; acto ou efeito de povoar. ≈ POVOAÇÃO. ≠DESPOVOAMENTO. **2.** Acção de guarnecer um espaço de plantas arbóreas ou de animais para reprodução. **3.** Acção de constituir população num determinado espaço. (…) **4.** Elevado número de árvores objecto de exploração ou de tratamento florestal.

Povoar

v. (De *povo* + suf. *-ar*). **1.** Prover ou ser provido, um local que nunca foi habitado, de habitantes. (…) **2.** Ocupar ou ser ocupado com espécies animais ou vegetais para que livremente se reproduzam e ocupem um espaço terrestre, aquático, … (…) **3.** Reunir ou reunir-se, formando aglomerações densas; formar ou apresentar concentrações. ≈ AGLOMERAR, CONCENTRAR, ENCHER. (…)

(p. 2926)

Província

s.f (Do lat. *provincia*). **1.** *Hist.* Território conquistado pelos romanos fora da Península Itálica e administrado por um governador. (…) **2.** Divisão territorial de um estado, tendo em conta as características e diferenças de cada uma das áreas que o compõem. ≈ REGIÃO. (…) **3.** Organização administrativa de um país, que se encontra sob a autoridade de um representante do poder central com poderes decisórios. ≈ REGIÃO. (…) **4.** Qualquer região do país excluindo a capital e respectivos subúrbios. (…) **5.** Conjunto dos habitantes dessa região. **6.** *Ecl.* Conjunto das congregações e casas conventuais de uma ordem religiosa, num determinado espaço, geridas por um provincial. (…)

(p. 2994)

Q

Quinta
s.f. (Do lat. *quintãna* "rua onde se fazia o mercado"). **1.** Propriedade rústica, normalmente constituída por terra de cultivo e casa de habitação. (…) **2.** Extensão de terreno cultivado; terra de sementeira. (…)

Quintã
s.f. (F. de *quitão*). **1.** Desus. Quinta de grandes dimensões. (…)

Quintal
s.m. (De *quinta* + suf. *-al*). **1.** Quinta de pequena extensão. (…) **2.** Terreno pequeno com jardim ou horta junto a uma casa de habitação. (…) **3.** Recinto, normalmente murado e junto à casa; pátio.

Quintalão
s.m. (De *quintal* + suf. *-ão*). **1.** Aum. de quintal. **2.** Terreno com jardim ou horta de grandes dimensões, contíguo à habitação; quintal grande.

Quintalejo
s.m. (De *quintal* + suf. *-ejo*). **1.** Dim. de quintal. **2.** Terreno inculto ou de cultura pouco significativa, de pequenas dimensões; quintal pequeno. (…)
(p. 3047)

R

Regato
s.m. (Do lat. *rigãtus*). Curso de água pouco volumoso e não permanente. ≈ ARROIO, RIACHO, RIBEIRO. (…)
(p. 3154)

Região
s.f. (Do lat. *regio*, *-ōnis*). **1.** Qualquer divisão territorial. ≈ ÁREA, ZONA. (…) **2.** Extensão considerável de superfície terrestre, de um país ou de um continente, que se distingue pelas suas características físicas, administrativas, económicas ou políticas. ≈ PROVÍNCIA, TERRITÓRIO, ZONA. (…) **3.** Território mais ou menos extenso que se situa nas proximidades de um local, de uma povoação … ≈ ÁREA, ZONA. (…)
(p. 3156)

Ria
s.f. (De *rio*). **1.** Esteiro ou braço do rio. **2.** *Geog.* Secção da costa, geralmente abrupta e ramificada, onde se deram movimentos radiais que provocaram o parcial preenchimento de vales pelas águas marítimas. (…)

Riacho
s.m. (De *rio* + suf. *-acho*). Pequeno rio ou ribeiro. (…)

Riba

s.f. (Do lat. *ripa* "margem"). **1.** Encosta íngreme e em declive. (…) **2.** Margem escarpada de um rio. (…)

(p. 3255)

Ribeira

s.f. (Do lat. vulgar *riparia* "da margem" ou de *riba* + suf. *-eira*). **1.** Pequeno curso de água, de menores dimensões que o rio. ≈ RIBEIRO. (…) **2.** Parte do terreno banhado por um rio.

Ribeiro

s.m. (Do lat. vulgar *riparius* "da riba"). Pequeno curso de água. ≈ REGATO, RIACHO. Dim. ribeirinho.

(p. 3256)

Rio

s.m. (Do lat. *rivus*). **1.** Curso de água, de extensão e caudal consideráveis, com origem geralmente nas montanhas, ao qual aflue água de outros rios, ribeiras ou riachos, desaguando por uma ou mais embocaduras no mar, num lago ou noutro rio. (…)

(p. 3261)

Rua[1]

s.f. (Do fr. *rue*, do lat. *ruga* "ruga"). **1.** Via de comunicação terrestre, menos larga do que a avenida, normalmente ladeada de casas ou árvores, dentro ou nas proximidades de uma povoação. ≈ CAMINHO. (…) **rua travessa**, via secundária que é transversal em relação a uma principal. **2.** Conjunto de casas que orlam essa via. **3.** Pessoas que moram nesse aglomerado. (…)

(p. 3285)

Rural[1]

adj. m. e *f.* (Do lat. tardio *rurãlis*). **1.** Que é relativo ao campo; que é próprio do campo. ≈ RÚSTICO. ≠ URBANO. (…) **2.** Que é relativo à vida, às actividades no campo ou aos camponeses. ≈ AGRÍCOLA. (…) **3.** Que exerce a sua actividade no campo; que trabalha na agricultura. ≈ AGRÍCOLA. (…)

Rural[2]

s.m e *f.* (Do lat. tardio *rurãlis*). Pessoa que vive ou que trabalha no campo. ≈ CAMPONÊS.

(p. 3291)

Ruralidade

s.f. (De *rural* + suf. *-i-dade*). **1.** Carácter ou estado de rural; condição do que é relativo ao campo. ≈ RUSTICIDADE. **2.** Boçalidade; rusticidade. ≈ RUDEZA.

(p. 3292)

S

Souto, soito

s.m. (Do lat. *saltus* "terreno usado para pasto"). **1.** Conjunto espesso de árvores. **2.** Terreno plantado de castanheiros. **3.** Conjunto de castanheiros.

(p. 3460)

T

Terriola, terriola

s.f. (De *terra* + suf. *-ola*). **1.** Dim. de terra. **2.** Povoação pequena, normalmente isolada e pouco desenvolvida. ≈ ALDEOLA, LUGAREJO.

(p. 3553 e 3554)

Topografia

s.f. (Do gr. τοπογραφία "descrição de um lugar"). **1.** Descrição pormenorizada de um lugar ou região. **2.** *Geog.* Conjunto de elementos que caracterizam e definem o relevo terrestre. **3.** *Geog.* Técnica de elaboração de mapas dos solos da superfície terrestre, delineando minuciosamente a sua configuração assim como todos os seus acidentes naturais e artificias. (…)

Topográfico, a

adj. (De *topografia* + suf. *-ico*). *Topog.* **1.** Que é relativo à topografia. (…) **2.** *Geol.* Que descreve um terreno ou uma região, com todos os seus acidentes naturais e artificiais. (…)

(p. 3585)

Toponímia

s.f. (De *topo* + gr. τοπωνυμία "nome para designar uma pessoa ou uma coisa" + suf. *-ia*). **1.** Sistema de nomes próprios de lugares; conjunto de topónimos. ≈ TOPONOMÁSTICA. (…) **2.** Estudo linguístico, histórico de nomes próprios de lugares; estudo dos topónimos. ≈ TOPONOMÁSTICA.

Toponímico, a

adj. (De *toponímia* + suf. *-ico*). Que é relativo a topónimo e a toponímia.

Topónimo

s.m. (De *topo* + gr. τοπωνύμιο "nome para designar uma pessoa ou uma coisa"). Nome próprio de um lugar. (…)

(p. 3586)

Transformação

s.f. (Do lat. *transformatio*, *-ōnis*). **1.** Acção de transformar ou de se transformar. **2.** Mudança de uma dada forma ou estrutura em outra. ≈ MODIFICAÇÃO. (…)

(p. 3610)

Urbanidade

s.f. (Do lat. *urbanitas*, *-ãtis*). **1.** Qualidade do que é da cidade, da urbe, do que é urbano. ≠ RURALIDADE. (…)

Urbanismo

s.m. (De *urbano* + suf. *-ismo*). **1.** *Sociol.* e *Econ. Pol.* Fenómeno demográfico de crescimento urbano, resultante da migração de grandes massas populacionais dos meios rurais para a cidade, por razões políticas, económicas, sociais, ambientais, … (…) **2.** Disciplina e conjunto de técnicas, directamente relacionadas com o estudo e ordenamento das cidades e que têm em vista uma adequação funcional, social e estética dos núcleos urbanos às necessidades dos homens. (…)

Urbanista[1]

adj. m. e *f.* (De *urbano* + suf. *-ista*). **1.** Que se dedica a estudos e trabalhos de urbanização; que é especialista em urbanismo. **2.** Que se refere ao crescimento urbano, desencadeado pela atracção que a cidade exerce sobre as populações rurais; que é relativo a urbanismo. (…)

(p. 3681)

Urbanista[2]

adj. m. e *f.* (De *urbano* + suf. *-ista*). Pessoa que tem por profissão coordenar e orientar o planeamento de zonas urbanas ou urbanizáveis, tendo em vista a integração estética e funcional de edificações e objectos no espaço e ambiente. (…)

Urbanístico, a

adj. (De *urbanista* + suf. *-ico*). Que é relativo ao ordenamento e à estética do espaço urbano, da rede urbana; que é relativo à urbanização ou ao urbanismo. (…)

Urbanização

s.f. (De *urbanizar* + suf. *-ção*). **1.** Acção ou resultado de urbanizar. **2.** Processo de criação ou de desenvolvimento de núcleos urbanos, baseado no estudo sistematizado e interdisciplinar da cidade e das questões urbanas, nos princípios do urbanismo. **3.** Ordenamento urbanístico de determinada zona ou rede urbana, com base em estudos e planificação, pressupondo entre outras acções a criação de infra-estruturas e a observância de normas de higiene, de estética … (…) **4.** Zona residencial urbanizada ou que foi dotada de infra-estruturas e de determinados serviços urbanos. (…) **5.** Aglomeração, concentração acentuada da população nos centros urbanos, geralmente com proporcional diminuição da população rural. (…)

Urbanizar

v. (De *urbano* + suf. *-izar*). **1.** Construir, em determinada zona, edifícios, infra-estruturas, indústrias, serviços, …, à semelhança do que acontece nas cidades; transformar ou transformar-se em zona urbana ou urbanizada. (…)

(p. 3682)

U

Urbano[1]

adj. (Do lat. *urbãnus*). **1.** Que é relativo à cidade, à urbe. ≠RURAL. (…) **2.** Que é relativo ao ordenamento urbanístico de determinado zona ou ao arranjo e embelezamento da cidade. (…) **3.** Que tem características de cidade. (…) **4.** Que é relativo a um lugar povoado, a uma povoação. (…) **5.** Que se destina a habitação, esteja ou não no perímetro urbano. ≠RÚSTICO. (…)

Urbano[2]

s. (Do lat. *urbãnus*). **1.** Habitante da cidade, por oposição ao do campo. ≠ CAMPESINO, CAMPONÊS, RURAL. (…)

Urbe

s.f. (Do lat. *urbs*, *urbis*). O. m. que cidade.

Urbícola

adj. m. e *f.* (De *urbe* + suf. *-cola*). Que habita numa cidade, na urbe.

(p. 3682)

V

Vale

s.m. (Do lat. *vallis*). **1.** *Geog.* Depressão alongada entre montanhas, montes ou colinas. (…) **vale suspenso**, aquele cujo fundo se situa num nível superior a uma depressão adjacente. **2.** *Geog.* Região banhada por um curso de água, por um rio. (…)

(p. 3697)

Via

s.f. (Do lat. *via*). **1.** Lugar por onde alguém vai ou é levado. **2.** Caminho ou estrada que conduz de um local a outro. (…) **via pública**, a preparada para o trânsito de viaturas e pessoas. **via rápida**, estrada larga destinada ao trânsito de veículos motorizados, com parte dos acessos condicionados e em geral com poucos cruzamentos de nível. (…) **4.** Elemento ou meio através do qual se viaja ou se transportam pessoas ou coisas. (…) **5.** Direcção, rumo. (…)

(p. 3740)

Vila

s.f. (Do lat. *villa* "casa de campo"). **1.** Aglomerado populacional de importância inferior à da cidade e superior à da aldeia. (…) **2.** O conjunto dos habitantes da vila. (…) **3.** Casa de luxo, de um ou mais andares, com jardim e por vezes piscina, edificada fora do ambiente citadino; casa de campo ou praia com essas características. (…)

(p. 3750)

ÍNDICE DE IMAGENS

01. RECOGNIÇÃO - O Lugar visto sob o olhar de Hoje

- 1. Vista aérea do lugar de São Mamede de Infesta. Disponível em Google Earth Pro

- 2. Marcação em planta do ponto de vista aéreo. Disponível em Google Earth Pro

- 3. Vista aérea a partir de Sul do lugar de São Mamede de Infesta. Disponível em Google Earth Pro.

- 4. Marcação em planta do ponto de vista aéreo. Disponível em Google Earth Pro.

- 5. Vista aérea a partir de Norte do lugar de São Mamede de Infesta. Disponível em Google Earth Pro.

- 6. Marcação em planta do ponto de vista aéreo. Disponível em Google Earth Pro.

- 7. Vista aérea a partir de Poente do lugar de São Mamede de Infesta.

- 8. Marcação em planta do ponto de vista aéreo. Disponível em Google Earth Pro.

- 9. Vista aérea a partir de Nascente do lugar de São Mamede de Infesta.

1.1 Contextualização | Enquadramento territorial e transversalidades locais-urbanas

Mapa representativo de Portugal | Mapa representativo do concelho de Matosinhos.
Desenho da autora | Escala gráfica | 2021

Reconhecimento da estrutura viária de São Mamede de Infesta | ano 2013
Desenho da autora | Escala gráfica | 2021

Reconhecimento da estrutura viária de São Mamede de Infesta - aproximação | ano 2013.
Desenho da autora | Escala gráfica | 2021

Reconhecimento da estrutura viária de São Mamede de Infesta - Vias Secundárias | ano 2013.
Desenho da autora | Escala gráfica | 2021

1.2 O processo de (re)reconhecimento | O caminhar, o observar e o permanecer

Análise progrática de São Mamede de Infesta | ano 2013
Desenho da autora | Escala 1.10000 | 2021

Reconhecimento do sistema de São Mamede de Infesta | ano 2013
Desenho da autora | Escala 1. 10000 | 2021

Marcação de elementos compositivos do espaço paroquial - Igreja e Capelas | cartografia de base ano 1944. Desenho da autora | Escala 1.10000 | 2021

Marcação de elementos compositivos do espaço paroquial - Alminhas, Cruzeiros e Marcos | cartografia de base ano 1944. Desenho da autora | Escala 1.10000 | 2021

1.3 Núcleos | Os lugares constituintes da estrutura urbana atual

▪ CRUZAMENTO(S) | CENTRALIDADE(S)

▪10.Vista aérea do núcleo "Cruzamento(s) | Centralidade(s)" e a Igreja Matriz de S. Mamede de Infesta, em segundo plano, por volta do ano de 1900.
José Rodrigues, "*3.ª* e *atual Igreja de São Mamede de Infesta no séc. XIX, depois de 07/09/1866 (dia da sua inauguração)*", 2015, disponível em https://www.flickr.com/photos/zerrodrigues/20045318924

▪ 11.Vista do Largo e da Capela da Ermida, em segundo plano, no início do séc. XX
Vítor Monteiro , "Imagens Antigas do Concelho de Matosinhos", 2018, disponível em https://www.facebook.com/PortoDesaparecido/posts/1900956239959569/

Planimetria de São Mamede de Infesta
| Núcleo "Cruzamento(s)|Centralidade(s)" | ano 2013
Desenho da autora | Escala 1. 20000 | 2021

Reconhecimento da estrutura de São Mamede de Infesta
| Núcleo "Cruzamento(s)|Centralidade(s)" | ano 2013
Desenho da autora | Escala 1. 7500 | 2021

Marcação em planta dos pontos de vista do registo fotográfico
| Núcleo "Cruzamento(s)|Centralidade(s)" | ano 2013
Desenho da autora | Escala 1. 7500 | 2021

▪ 1. Cruzamento principal do lugar em estudo: Rua Godinho de Faria com a Avenida do Conde. Foto da autora | Abril.2019

▪ 2. Cruzamento e a Avenida do Conde, vista de poente - nascente.
Foto da autora | Abril.2019

Vista aérea do núcleo "Cruzamento(s) | Centralidade(s)".
Disponível em Google Earth Pro.

▪3. Avenida do Conde e a Igreja Matriz de São Mamede de Infesta, em segundo plano. Foto da autora | Abril.2019

▪4. Igreja Matriz de São Mamede de Infesta. Foto da autora | Abril.2019

▪5. Igreja Matriz de São Mamede de Infesta (vista norte). Foto da autora | Abril.2019

▪6. Igreja Matriz de São Mamede de Infesta (vista nascente).
Foto da autora | Abril.2019

▪7. Igreja Matriz de São Mamede de Infesta (vista sul). Foto da autora | Abril.2019

▪8. Igreja Matriz de São Mamede de Infesta e a entrada principal do cemitério, vista a partir da Avenida do Conde. Foto da autora |

▪9. Entrada Norte do cemitério, datada do ano de 1855. Foto da autora |

▪10. Cruzeiro implantado na zona poente do adro que circunscreve a Igreja Matriz de São Mamede de Infesta. Foto da autora | Abril.2019

▪11. largo da Cruz, o adro e a Igreja Matriz de São Mamede de Infesta, em segundo plano. Foto da autora | Abril.2019

▪12. Zona de lazer presente no adro da Igreja Matriz de São Mamede de Infesta.
Foto da autora | Abril.2019

▪13. Coreto presente no adro da Igreja Matriz de São Mamede de Infesta.
Foto da autora | Abril.2019

▪14. Avenida do Conde, vista nascente-poente. Foto da autora | Abril.2019

▪15. Cruzamento e a Rua Godinho de Faria. Foto da autora | Abril.2019

▪16. Quinta de Marta de Ortigão. Foto da autora | Abril.2019

▪17. Rua Godinho de Faria, vista sul-norte. Foto da autora | Abril.2019

▪18. Rua Dr. Sá e Melo, vista nascente-poente. Foto da autora | Abril.2019

▪19. Largo da Ermida e a Capela da Ermida, em segundo plano.
Foto da autora | Abril.2019

▪20. Largo da Ermida, a Capela da Ermida e o Cruzeiro localizado na Rua da Conceição. Foto da autora | Abril.2019

▪21. Cruzeiro localizado na Rua da Conceição. Foto da autora | Abril.2019

▪22. Capela da Ermida (vista sul). Foto da autora | Abril.2019

▪23. Capela da Ermida (vista norte). Foto da autora | Abril.2019

▪24. Capela da Ermida (vista nascente). Foto da autora | Abril.2019

▪ TELHEIRO

Planimetria de São Mamede de Infesta
| Núcleo "Telheiro" | ano 2013
Desenho da autora | Escala 1. 20000 | 2021

Reconhecimento da estrutura de São Mamede de Infesta
| Núcleo "Telheiro" | ano 2013
Desenho da autora | Escala 1. 7500 | 2021

Marcação em planta dos pontos de vista do registo fotográfico| Núcleo "Telheiro"
| ano 2013. Desenho da autora | Escala 1. 7500 | 2021

▪ 1. Cruzamento da Estrada da Circunvalação com a Rua do Amial.
Foto da autora | Abril.2019

▪ 2. Rua do Amial, vista sul-norte.Foto da autora | Abril.2019

Vista aérea do núcleo "Telheiro". Disponível em Google Earth Pro.

▪3. Cruzamento da Rua do Amial com a Rua da Capela do Telheiro, e o nicho do Telheiro em segundo plano. Foto da autora | Abril.2019

▪4. Rua da Capela do Telheiro, vista sudeste-noroeste. Foto da autora | Abril.2019

▪5. Rua da Capela do Telheiro em direção ao Largo da Capela do Telheiro, vista sudeste-noroeste. Foto da autora | Abril.2019

▪6. Largo Capela do Telheiro e a Capela de Santo António do Telheiro, em segundo plano. Foto da autora | Abril.2019

▪7. Cruzeiro localizado no Largo Capela do Telheiro (vista norte).
Foto da autora | Abril.2019

▪8. Capela de Santo António do Telheiro (vista norte). Foto da autora | Abril.2019

▪9. Nicho do Telheiro localizado no cruzamento da Rua Capela do Telheiro com a Rua do Amial. Foto da autora | Abril.2019

▪10. Rua Silva Brinco, vista sul-norte. Foto da autora | Abril.2019

▪11. Rua Silva Brinco, vista norte-sul. Foto da autora | Abril.2019

▪12. Alminha localizada no cruzamento da Rua Silva Brinco com a Rua do Telheiro. Foto da autora | Abril.2019

▪13. Cruzamento da Rua Silva Brino com a Rua do Telheiro.
Foto da autora | Abril.2019

▪14. "Ponte Nova" que liga dois pólos dinamizadores da cidade de São Mamede de Infesta: a região a Sul com a mais central. Entre estes dois pólos existe a presença de um espaço de "respiro", uma das zonas verdes da cidade em estudo.
Foto da autora | Abril.2019

▪ O ATRAVESSAR DO *LEÇA*

Planimetria de São Mamede de Infesta
| Núcleo "O atravessar do *Leça*" | ano 2013
Desenho da autora | Escala 1. 20000 | 2021

Reconhecimento da estrutura de São Mamede de Infesta
| Núcleo "O atravessar do *Leça*" | ano 2013
Desenho da autora | Escala 1. 7500 | 2021

Marcação em planta dos pontos de vista do registo fotográfico| Núcleo "O atravessar do *Leça*" | ano 2013. Desenho da autora | Escala 1. 7500 | 2021

▪1. Rua da Estrada Velha, vista sul-norte. Foto da autora | Abril.2019

▪2. Bairro da Caixa Têxtil de Matosinhos, 1951. Foto da autora | Abril.2019

Vista aérea do núcleo "O atravessar do *Leça*". Disponível em Google Earth Pro.

▪3. Cruzamento da Rua da Estrada Velha com a Travessa Dr. Sá e Melo.
Foto da autora | Abril.2019

▪4. Rua da Estrada Velha em direção à Ponte da Pedra, vista sul-norte
Foto da autora | Abril.2019

▪5. Alargamento da Rua da Estrada Velha na proximidade com a autoestrada A4, vista sul-norte. Foto da autora | Abril.2019

▪6. Casa-Museu Abel Salazar e a sua igreja adjacente (vista poente).
Foto da autora | Abril.2019

▪7. Alargamento da Rua da Estrada Velha na proximidade com a zona mais atual da cidade de São Mamede de Infesta, zona norte. Foto da autora | Abril.2019

▪8. Rompimento do traçado urbano com o aparecimento de um eixo viário, a A4, que divide a estrutura urbana antiga da contemporânea.
Foto da autora | Abril.2019

▪9. Vestígios de uma antiga fábrica localizada na zona da Ponte da Pedra, a antiga Fábrica de Fiação e Tecidos da Ponte da Pedra, 1936. Foto da autora | Abril.2019

▪10. A zona da cidade contemporânea de São Mamede de Infesta.
Foto da autora | Abril.2019

▪11. Vestígios de uma das propriedades rurais com maior relevância para a história de São Mamede de Infesta, a Quinta da Ponte da Pedra.
Foto da autora | Abril.2019

▪12. A Ponte da Pedra e a sua sucessora. A presença do passado nos tempo contemporâneo. Foto da autora | Abril.2019

▪13. A paisagem bucólica das margens do Rio Leça, vista poente-nascente, sob a antiga Ponte da Pedra. Foto da autora | Abril.2019

▪14. Marco de pedra localizado junto à Ponte da Pedra.
Foto da autora | Abril.2019

▪15. A paisagem bucólica das margens do Rio Leça, vista nascente-poente, sob a Ponte contemporânea. Foto da autora | Abril.2019

▪16. O leito do Rio Leça, o novo passadiço junto ao rio e a cidade moderna. Construir o novo através da herança deixada pelo passado do local.
Foto da autora | Abril.2019

▪ IGREJA VELHA

Planimetria de São Mamede de Infesta
| Núcleo "Igreja Velha" | ano 2013
Desenho da autora | Escala 1. 20000 | 2021

Reconhecimento da estrutura de São Mamede de Infesta
| Núcleo "Igreja Velha" | ano 2013
Desenho da autora | Escala 1. 7500 | 2021

Marcação em planta dos pontos de vista do registo fotográfico| Núcleo "Igreja Velha" | ano 2013. Desenho da autora | Escala 1. 7500 | 2021

▪1. Rua das Laranjeiras, vista poente-nascente, e a Quinta do Dourado, em segundo plano. Foto da autora | Abril.2019

▪2. A Quinta do Dourado e a Capela de São Cristovão (vista Poente).
Foto da autora | Abril.2019

Vista aérea do núcleo "Igreja Velha". Disponível em Google Earth Pro.

▪3. Rua Henrique Bravo, vista poente-nascente.
Foto da autora | Abril.2019

▪4. Cruzamento da Rua Henrique Bravo com a Rua da Igreja Velha.
Foto da autora | Abril.2019

▪5. Rua da Igreja Velha, uma das vias mais antigas da cidade, vista sudoeste-nordeste.
Foto da autora | Abril.2019

▪6. A Rua da Igreja Velha e as casas do Movimento Juvenil de Ajuda Fraterna (MOJAF), em segundo plano. Foto da autora | Abril.2019

▪7. O conjunto habitacional MOJAF. Foto da autora | Abril.2019

▪8. A Rua da Igreja Velha e a entrada da Quinta do Dourado, vista sul-norte.
Foto da autora | Abril.2019

▪9. Portão da entrada da Quinta do Dourado. Foto da autora | Abril.2019

▪10. A casa senhorial implantada na Quinta do Dourado.
Foto da autora | Abril.2019

▪11. Rua da Igreja Velha, vista sudoeste-nordeste.
Foto da autora | Abril.2019

▪12. Capela de São Cristovão, implantada na Quinta do Dourado; localizada no mesmo local que a primeira Igreja Matriz desta cidade.
Foto da autora | Abril.2019

▪13. Entrada Poente do Parque Urbano de São Mamede de Infesta.
Foto da autora | Abril.2019

▪14. Vista do Parque Urbano e das zonas de lazer, contrapondo com a presença de um eixo rodoviário, a A4, em segundo plano. Foto da autora | Abril.2019

▪15. Centro de Apoio à Terceira Idade (CATI).
Foto da autora | Abril.2019

▪16. Piscinas Públicas da cidade de São Mamede de Infesta.
Foto da autora | Abril.2019

▪ MOALDE

▪ 12.Vista do Largo de Moalde e a Capela do Senhor da Boa Fortuna e da Boa Morte, aproximadamente no início do séc. XX.

Planimetria de São Mamede de Infesta
| Núcleo "Moalde" | ano 2013
Desenho da autora | Escala 1. 20000 | 2021

Reconhecimento da estrutura de São Mamede de Infesta
| Núcleo "Moalde" | ano 2013
Desenho da autora | Escala 1. 7500 | 2021

Marcação em planta dos pontos de vista do registo fotográfico| Núcleo "Moalde"
| ano 2013. Desenho da autora | Escala 1. 7500 | 2021

▪1. Cruzamento da Rua Padre Costa com a Rua Dr. Barros.
Foto da autora | Abril.2019

▪2. A permanência do passado na zona de Moalde.
Foto da autora | Abril.2019

Vista aérea do núcleo "Moalde". Disponível em Google Earth Pro.

▪3 e 4. A ruralidade e o passado bucólico desta área da cidade. A presença de áreas agrícolas e de edfícios de aspecto simples e rudimentar (vista da Rua Dr. Barros e da Viela de Moalde de Baixo, respetivamente). Foto da autora | Abril.2019

▪5. Eixos de ligação de aspecto sinuoso e tortuoso, marca presente nesta zona da cidade (vista sul-norte da Viela de Moalde de Baixo).
Foto da autora | Abril.2019

▪6. A paisagem agrícola e pastoril da região de Moalde, que persiste ao passar dos tempos. Foto da autora | Abril.2019

▪7. O Largo de Moalde, vista nascente-poente. Foto da autora | Abril.2019

▪8. Enquadramento urbano onde está implantada a Capela do Senhor da Boa Fortuna e da Boa Morte. Foto da autora | Abril.2019

▪9, 10 e 11. Pontos de vista a partir do Largo de Moalde do elemento religioso que marca este lugar. Foto da autora | Abril.2019

▪12. Rua de Moalde e Capela do Senhor da Boa Fortuna e da Boa Morte, em segundo plano. Foto da autora | Abril.2019

1.4 Arco Verde da Cidade

Reconhecimento do sistema "verde" de São Mamede de Infesta | ano 2013
Desenho da autora | Escala 1. 10000 | 2021

02. RETROSPEÇÃO - Território (trans)formado ao longo do Tempo

Esquema organizacional do território | ano 1944
Desenho da autora | Escala 1. 10000 | 2021

Planta topográfica com marcação de perfis de reconhecimento do terreno | ano 1944. Desenho da autora | Escala 1. 10000 | 2021

Perfis de reconhecimento do terreno de São Mamede de Infesta | ano 1944
Desenho da autora | Escala 1. 5000 | 2021

Mapa da composição litológica dos solos da área urbana de Matosinhos
Desenho da autora | Escala gráfica | 2021

▪1. Costumes Portugueses - Lavadeiras no Rio Leça.
Imagens Antigas do Concelho de Matosinhos, "*Lavadeiras no Rio Leça*", s.a, disponível em https://www.facebook.com/ImagensAntigasDoConcelhoDeMatosinhos/photos/lavadeiras-no-rio-leça/4504333083575 14/

▪2. Moinho junto ao Rio Leça.
All About Portugal, "*Moinhos do Rio Leça*", s.d., disponível em https://www.allaboutportugal.pt/en/maia/monuments/moinhos-do-rio-leca-2

Esquema dos cursos de água presentes na área em estudo.
Desenho da autora | Escala 1. 20000 | 2021

▪3. A Ponte da Pedra e o Rio Leça.
José Rodrigues, "*A ponte de Pedra sobro o Rio Leça em S. Mamede de Infesta*", 2015, disponível em https://www.flickr.com/photos/zerrodrigues/23665785152

▪4. A praia de São Mamede de Infesta.
José Rodrigues, "*São Mamede de Infesta - Praia fluvial junto à Ponte da Pedra - fim do séc XIX*", 2016, disponível em https://www.flickr.com/photos/zerrodrigues/29295449174

▪5. Um retrato do passado bucólico - Um passeio pelo *Leça*.
António Ramos, *"São Mamede de Infesta - Há muitos anos atrás"*, 2015, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=0t5YfbDpRD8

Mapa do Vale do Leça. Desenho da autora | Escala gráfica | 2021

Esquema representativo "Ager" e "Bouça". O exemplo do lugar de Moalde.
Desenho da autora | Escala gráfica | 2021

Esquema do Mapa Arqueológico da Idade dos Metais, concelho de Matosinhos.
Desenho da autora | Escala gráfica | 2021

Esquema topográfico c/ marcação das "vias de crista".
Desenho da autora | Escala gráfica | 2021

▪6. Marco miliário presente no atual cemitério de São Mamede de Infesta.
Foto da autora | Junho.2021

Marcação representativa da antiga via romana Bracara Augusta - Olisipo,
Troço - Bracara Augusta - Cale;
Marcação representativa da antiga via romana Águas Santas - Cale.
Desenho da autora | Escala 1. 10000| 2021

Diagrama construção do lugar | anterior ao ano de 1258
Desenho da autora | Escala 1. 20000 | 2021

Diagrama construção do lugar | ano 1258
Desenho da autora | Escala 1. 20000 | 2021

Diagrama construção do lugar | ano 1566
Desenho da autora | Escala 1. 20000 | 2021

Diagrama construção do lugar | ano 1643
Desenho da autora | Escala 1. 20000 | 2021

▪7. Fachada principal da Quinta do Dourado - implantação da primeira sede paroquial de São Mamede de Infesta. Foto da autora | Junho.2021

▪8. Capela de São Cristovão - capela implantada no local da primeira sede paroquial -vista exterior. Foto da autora | Abril. 2019

▪9. Capela de São Cristovão - capela implantada no local da primeira sede paroquial - vista interior. Foto da autora | Abril.2019

▪10. Postal antigo, início do século XX, do "*Logar da Ermida - S. Mamede D´ Infesta*" - 2.ª sede de paróquia de São Mamede de Infesta.
José Rodrigues, "*3.ª* e *atual Igreja de São Mamede de Infesta no séc. XIX, depois de 07/09/1866 (dia da sua inauguração)*", 2015, disponível em https://www.flickr.com/photos/zerrodrigues/20045318924

▪11. Fotografia aérea antiga do lugar *Cruz*:
- implantação da 3.ª sede paroquial - *Igreja Nova*; posteriormente, implantação da 4.ª e última sede paroquial (atual) - Igreja Matriz de São Mamede de Infesta
Vítor Monteiro , "Imagens Antigas do Concelho de Matosinhos", 2018, disponível em https://www.facebook.com/PortoDesaparecido/posts/1900956239959569/

Diagrama construção do lugar | ano 1758
Desenho da autora | Escala 1. 20000 | 2021

▪12. Momento de saída da missa dominical em frente à Capela da Ermida (2.ª sede de paróquia)
António Ramos, *"São Mamede de Infesta - Há muitos anos atrás"*, 2015, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=0t5YfbDpRD8

▪13. Capela da Ermida, antes de sofrer obras exteriores ocorridas em 2020.
Foto da autora | Abril.2019

▪14. Excerto do desenho "*Diagrama construção do lugar | ano 1758*"
Desenho da autora | Escala 1. 20000 | 2021

▪15. Fotografia da Capela de S. Cristovão, localizada na Quinta do Dourado.
Américo Conceição e Simão Gomes, *"Porto de Antanho - Lugar da Igreja, Quinta do Dourado e capela de S. Cristovão"*, 2018, disponível em http://portodeantanho.blogspot.com/2018/11/conclusao_27.html

▪16. Fotografia da Capela presente na antiga Quinta da Amieira.
José Rodrigues, *"Interior da Quinta da Amieira"*, 2015, disponível em https://www.flickr.com/photos/zerrodrigues/23690347362

▪17. Fotografia da Capela anexa à Casa-Museu Abel Salazar
Foto da autora | Maio.2021

▪18. Fotografia da Capela de Sto. António do Telheiro.
Foto da autora | Abril.2019

▪19. Planta do *Cerco do Porto de 1833*
Arquivo Municipal do Porto, *"Planta do Porto e suas vizinhanças - reprodução do mapa de 1833"*, 1982, disponível em http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/611057/?

Diagrama construção do lugar | ano 1874 a 1879 | 1889
Desenho da autora | Escala 1. 20000 | 2021

▪20. Fotografia antiga da atual Igreja Matriz de São Mamede de Infesta.
Arquivo Municipal do Porto, *"Igreja Matriz de São Mamede de Infesta"*, s.d., disponível em http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/303583/?q=igreja+são+mamede+de+infesta

▪21. Vista interior - altar-mor - da Igraja Matriz de São Mamede de Infesta
Foto da autora | Abril.2019

▪22. Vista interior - entrada e coro - da Igreja Matriz de São Mamede de Infesta
Foto da autora | Abril.2019

▪23. Vista do interior para o exterior a partir do coro da Igreja Matriz de São Mamede de Infesta. Vista sobre a cidade. Foto da autora | Abril.2019

▪24. Fotografia exterior da Quinta do dourado. Foto da autora | Maio.2021

▪25. Fotografia exterior da Quinta da Ponte da Pedra. Foto da autora | Maio.2021

▪26. Fotografia exterior da Quinta do Eirado. Foto da autora | Maio.2021

▪27. Fotografia exterior da Quinta das Laranjeiras. Foto da autora | Maio.2021

▪28. Fotografia exterior da Quinta da Amieira. Foto da autora | Maio.2021

▪29. Fotografia exterior da Quinta da Marta de Ortigão.
Foto da autora | Maio.2021

Diagrama construção do lugar | ano 1874 a 1879 | 1889
Desenho da autora | Escala 1. 10000 | 2021

▪30. Fotografia aérea da zona onde estava implantada a antiga
Fábrica de Fiação e Tecidos da Ponte da Pedra - 1936 (zona assinalada a vermelho)
Disponível em Google Earth Pro.

▪31. Fotografia antiga da Fábrica Monteiro Ribas - 1917.
Monteiro Ribas, "História - Anos 50", s.d, disponível em https://www.monteiroribas.com/pt/quem-somos/

▪32. "*Ripert*".
Maria José e Rui Cunha, *"O "AMERICANO" II - 1872 A 1904 - 6.26.5 - O Americano II - 1872 a 1904, Americano Ripert, Ripert incendiado, Eléctrico em S. Mamede, I greja de S. Mamede, Conde de S. Mamede"*, 2016, disponível em http://portoarc.blogspot.com/2016/12/o-americano-ii-1872-1904.html

▪33. O carro elétrico na chegada ao lugar da Ponte da Pedra.
Manuel de Sousa, "*O desejo num elétrico chamado 7*", 2021, disponível em https://www.portodhonra.com/2021/05/o-desejo-num-eletrico-chamado-7.html

▪34. Vista exterior da Fábrica Monteiro Ribas. Foto da autora | Maio.2021

▪35. Vista exterior da antiga Fábrica de Fiação e Tecidos da Ponte da Pedra.
Foto da autora | Maio.2021

Carta Planimétrica do lugar de São Mamede de Infesta | ano 1944
Desenho da autora | Escala 1. 10000 | 2021

▪36. Fotografia de um dos blocos habitacionais que constitui o Bairro da Caixa Têxtil - 1951. Foto da autora | Maio.2021

▪37. Fotografia aérea antiga da Estrada da Circunvalação, junto ao Hospital de São João.
Arquivo Municipal do Porto, *"Vista aérea do Hospital escolar"*, 1963, disponível em http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/296454/?q=bairro+da+fábrica+da+areosa

▪38. Fotografia do marco miriamétrico da EN 12 ao km 10, na Areosa.
Foto da autora | Julho.2021

▪39. Fotografia de uma das barreiras localizadas nas estrada nacional n.º12 - S.Roque.
Américo Conceição e Simão Gomes, *"Porto de Antanho - 19.25 Estrada da Circunvalação, Postos Fiscais e Barreiras"*, 2017, disponível em http://portodeantanho.blogspot.com/2017/08/conclusao.html

▪40. O fim da linha do elétrico à chegada ao *Leça*.
António Ramos, *"São Mamede de Infesta - Há muitos anos atrás"*, 2015, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=0t5YfbDpRD8

▪41. Caminho-de-ferro - ligação de Matosinhos a Contumil.
Foto da autora | Maio.2021

▪42. Fotografia da primeira escola presente nesta freguesia, destinada ao ensino primário. Foto da autora | Maio.2021

▪43. Via Norte na década de 70.
Américo Conceição e Simão Gomes, *"Porto de Antanho - Via Norte"*, 2020, disponível em http://portodeantanho.blogspot.com/2020/01/conclusao_17.html

▪44. Vista aérea da auto-estrada A4, junto ao Parque Ambiental do Ribeiro de Picoutos.
Extreme Fly, "São Mamede Infesta - Porto", 2017, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=QaG69Vxd1Cg

▪45. Fotografia antiga representativa do movimento MOJAF em São Mamede de Infesta (junto à escola da Igreja Velha).
José Mendonça, in Lembranças de um tempo já passado, "*MOJAF*", 2013, disponível em http://joseaugustomendonca.blogspot.com/2013/05/mojaf.html

▪46. Fotografia antiga da escola primária da Igreja Velha.

03. REINTERPRETAÇÃO - ideia da Individualidade como estratégia urbana

Áreas verdes do lugar de São Mamede de Infesta (desenho à mão livre)
Desenho da autora | Escala gráfica | 2021

▪1. 1.º Esquisso representativo do reconhecimento do caso de estudo:
-"Anel verde";
- Cursos de água (Rio Leça e Ribeira de Picoutos | Asprela).
Desenho da autora | s/ Escala | 2021

▪2. 2.º Esquisso representativo do reconhecimento do caso de estudo:
- Caminho-de-ferro. Desenho da autora | s/ Escala | 2021

▪3. 3.º Esquisso representativo da proposta de intervenção:
- Criação de uma linha de metro;
- Criação de duas ciclovias: ligação entre estabelecimentos de ensino e ligação entre localidades, acompanhando a nova linha de metro.
Desenho da autora | s/ Escala | 2021

▪4. 4.º Esquisso representativo da proposta de intervenção: o "anel verde", as vias estruturantes, a linha de metro e as ciclovias. Desenho da autora | s/ Escala | 2021

▪5. Proposta de intervenção
- Criação de diversas áreas verdes: parques urbanos, reativação das propriedades rurais e hortas comunitárias;
- Criação de uma linha de metro;
- Criação de ciclovias. Desenho da autora | s/ Escala | 2021

Mapa síntese da proposta de intervenção
Desenho da autora | Escala 1. 10000 | 2021

Proposta de Intervenção | "Unidade Operativa - Moalde"
Desenho da autora | Escala 1. 7500 | 2021

Proposta de Intervenção | "Unidade Operativa - Telheiro"
Desenho da autora | Escala 1.7500 | 2021

Proposta de Intervenção | "Unidade Operativa - Estrada Velha"
Desenho da autora | Escala 1.7500 | 2021

Proposta de Intervenção | "Unidade Operativa - Igreja Velha"
Desenho da autora | Escala 1.7500 | 2021

Proposta de Intervenção | "Unidade Operativa - Cruzamento(s) | Centralidade(s)"
Desenho da autora | Escala 1.7500 | 2021

ANEXOS

- Cronologia
- Mapa síntese da marcação dos lugares (1566, 1643, 1758, 1874 a 1879 e 1889)
- Cartografias planimétricas de 1957, 1997 e 2013
- Notas sobre a igreja matriz e outros elementos religiosos
- *PROJECTO DE LEI N.º 222/IV - ELEVAÇÃO DA VILA DE SÃO MAMEDE DE INFESTA À CATEGORIA DE CIDADE*

Séc. X

Expansão marítima por parte dos Fenícios.

Séc. IX-VII

Séc.VI

Chegada do povo Celta à Península Ibérica, proveniente do centro da Europa.

Séc.V-II

Séc. I

29-19 - Guerras Cantábricas

Ano 0

Séc. I

Existência de uma "villa" decio e um templo dedicado a Júpiter, onde está localizado o Mosteiro de Leça do Balio

Séc. II

135 - Reforma da Estrada de Braga e Calle, no tempo do Imperador Hadriano.

Séc. III

O santo de nome *Mamede* viveu neste século, tendo nascido na cidade de Cesareia, Capadócia (Ásia Menor).

Reinava o imperador Aurealino e Prefeito Alexandre.

O santo Mamede viria a morrer no dia 17 de Agosto de 274.

Estradas no Império Romano (Itinerário Antonino).

284-288 - Reforma administrativa de Diocleciano.

Séc. IV

Surgimento do Cristianismo.

Séc.V

409 - Início da ocupação por parte dos povos germânicos da Península Ibérica, nomeadamente os Vândalos e os Suevos.

Séc.VI

Documento *Parochiale Suevorum* - notícia da existência de uma paróquia suévica no local em estudo, chamada *Betaonia*.

Séc.VII

Séc.VIII

711 - A Península Ibérica é invadida por Muçulmanos.

718 - Início da reconquista cristã por parte do fundador e primeiro monarca do Reino das Astúrias, uma vez que derrotou os mouros na batalha de Canga de Onis.

Séc. IX

Séc. X

994 - Surgimento de Moalde.

Séc. XI

1º vestígio encontrado do lugar de São Mamede.
O concelho de Matosinhos era designando por Maltesinus.
Após uma reformulação administrativa, surgiu o **Julgado de Bouças** que era composto pela região de Maltesinus e Villa Nova (atual freguesia de Leça da Palmeira).

Villa Manualdi era a designação da atual aldeia de Moalde.
20 de Novembro de **1021** (119 anos antes da fundação de Portugal) - Doação de Dona Unisco Mendes, principal padroeira do Mosteiro de Leça e dona de grande parte do território mamedense, de parte de suas terras ao Abade Todeogildo, frades e freiras do Mosteiro de Leça.

Séc. XII

Presença em Portugal da Ordem Hospitalar dos Cavaleiros de São João de Jerusalém - que está na origem da Sagrada Ordem de Malta.

1112-1128 - D.Teresa de Leão concedeu o mosteiro de Leça para ser a "casa" desta Ordem em Portugal.

Séc. XII

1130 - Vermudo Gonçalves doa ao Bispo do Porto, D.Hugo, metade da igreja de S. Mamede, parte da aldeia de Tresorres (um quinto da quarta parte) e metade da aldeia de Manualde.

1131 - Dona Chamôa Pais e seu marido Vasco Dias vendem ao Bispo do Porto,D. Hugo, a quinta da quarta parte da Aldeia de S. Mamede de Tresorres e a oitava do que lhe haviam cedido os esposos Gosendo Gonçalves e Dona Ermesinda e ainda parte da igreja de S. Mamede.

1157 - Couto de Leça doado à Ordem do Hospital por D. Afonso Henriques, sendo confirmado por D. João II.

1157 - O lugar de São Mamede pertencia ao Couto de Leça.

Séc. XIII

1258 - A paróquia de S. Mamede era formada por 2 aldeias: S. Mamede com 9 casais, e Manualdi com 7 casais. A igreja era simplesmnete designada por S. Mamede cabendo ao Censual do cabido a designação de S. Mamede de Tresorres.

1258 - Inquirições de D. Afonso III. Aparecimento do lugar da Ermida neste procedimento administrativo.

Séc. XIV

1320 - Na lotação das Igrejas ocorreu a deturpação do nome da Igreja, a qual nas Inquirições era simplesmente designada por S. Mamede e nos restantes documentos S. Mamede de Tresorres (designação errada - Neste período o caso de estudo designava-se somente de S. Mamede).

Séc. XV

1483 - Até este ano, o rio Leça era navegável até à ponte de Guifões. Porém, devido às azenhas que se fizeram junto a Matosinhos, a navegação tornou-se quase impraticável, sendo só possível através de batéis ou barcos pequenos.

Séc. XVI

1519-1836 - A nível geográfico, o território de São Mamede pertenceu às antigas Terras da Maia.

1566 - A freguesia denominava-se simplesmente de S. Mamede e possuía os lugares: Aldeia de Baixo, Ermida, Outeiro, Carril Branco, Laranjeira, Casal da Igreja, Casal da Devesa, Eirado, Moalde, Casal do Meio e Casal da Poupa.
(informação referente ao livro mais antigo do Tombo da Baliagem de Leça, que se encontra no Arquivo Distrital do Porto).

Séc. XVII

1623 - O Bispo D. Rodrigo da Cunha publicou o "Catálogo dos Bispos do Porto" e designou a freguesia de S. Mamede de Moalde.

1638 - O Couto de Leça passou a Concelho do Couto de Leça.

1638 - O Couto de Leça era diverso e inteiramente separado da cidade do Porto e pertencia à sagrada religião de Malta. Nesta religião havia um juiz ordinário que conhecia de todo o cível e orfãos, cujas justiças se governavam com toda a independência da Câmara do Porto, em vista de privilégios concedidos pelo Rei.

A igreja paroquial funcionou na Capela de Nossa Senhora da Conceição no lugar da Ermida, também conhecida por Capela da Ermida.

1643 - O território mamedense era denominado por S. Mamede da Ermida.

Demarcação dos terrenos pertencentes ao Couto de Leça com marcos de pedra mostrando a cruz de Malta, referida no auto, nas páginas 728 e seguintes do livro 92 do Tombo da Baliagem de Leça.

"Demarcação das cinco freguezias deste mosteiro e Couto de Leça como são a do Couto chamada de Soçino, Gueifais, Barreiros, Sam Mamede e Santiago."
(BOAVIDA, Agostinho Fastio, (1973), *S. Mamede de Infesta: subsídios para a sua história*. Câmara Municipal, Matosinhos, p. 17)

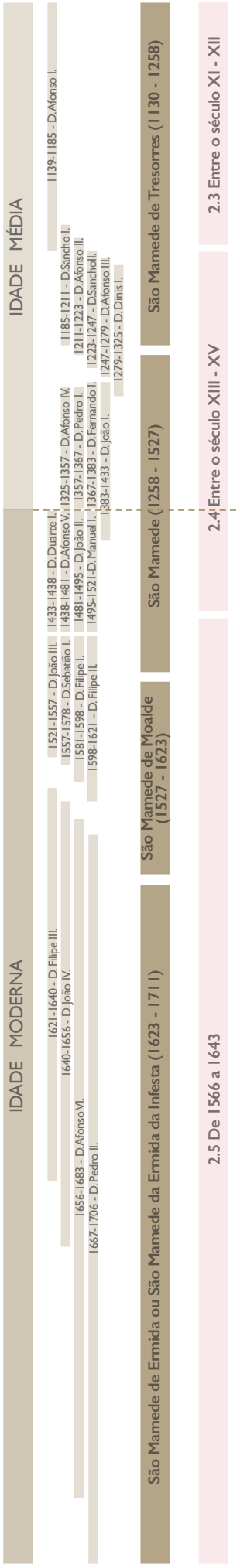
1643 - O Casal da Igreja denominado e referenciado no ano de 1566, era o local onde se encontrava a única igreja existente na freguesia, mas em 1643, passou a chamar-se de Aldeia da Igreja.

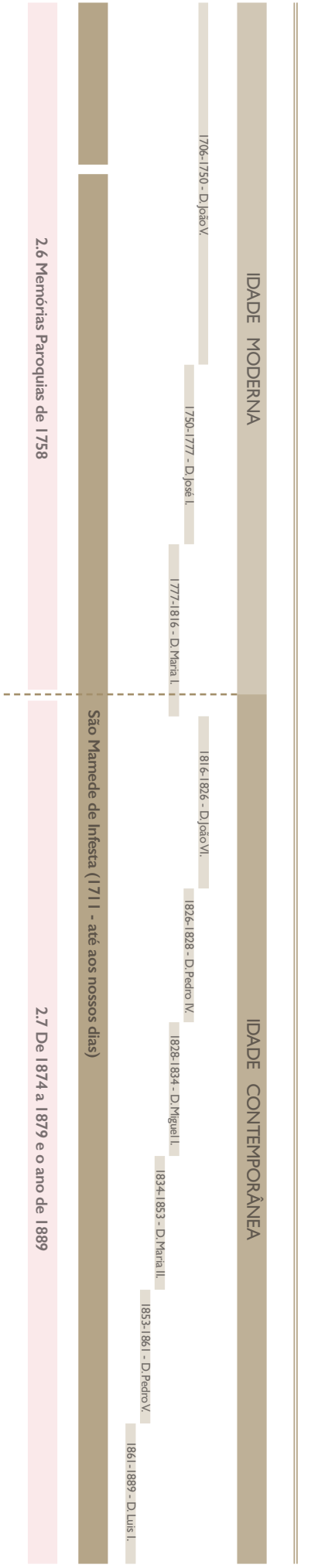
Em **1643**, a freguesia denomina-se por S. Mamede da Ermida e possuia os seguintes lugares: Eirado, Corujeira, Ermida, Laranjeira, Aldeia da Igreja, Telheiro, Carril Branco, Tronco, Moalde, Casal da Poupa, Esperela, Arroteia, Casal de Baixo, Deveza, Outeiro, Alagoa, Cidreira e Cavada.

28 de Fevereiro de **1643** - A capela da Ermida foi, desde esta data, a matriz efectiva e sede de freguesia.

A Aldeia da Igreja era situada no lugar onde hoje existe a capela de S. Cristovão, e funcionou como paroquial até 1725.

23 de Abril de 1622 a 29 de Janeiro de 1692 (30 anos) - A igreja continuava no mesmo lugar, ou seja, na Aldeia da Igreja, mas esta era pequena para os seus fregueses e não era muito recomendável o seu estado de conservação.





Séc. XVIII

Durante este período, surgiu o Iluminismo, corrente filosófica desenvolvida na Europa que procurava a crítica à soberania política e religiosa.

Documentos escritos que mencionam a presença de uma quinta, a Quinta do Dourado. (quinta que remonta à implantação primitiva da sede paroquial)

1711 - A Igreja Paroquial mantinha a designação de Igreja Paroquial de S. Mamede da Ermida.

1725 - Primeira vez que a Igreja aparece com a designação de Igreja de S. Mamede de Infesta, após a tomada de posse do reverendo José Pereira da Fonseca.

22 de Janeiro de **1735** - Construção da Igreja Nova por parte dos Balios de Leça, localizada no Monte de N.ª Sr.ª da Conceição.

15 de Fevereiro de **1737** - Construção do Adro.

1755 - Terramoto em Lisboa.

1758 - Realização de um inquérito designado por *Memórias Paroquiais*.

1758 - Neste ano, a freguesia já possuía 22 lugares:
Cruz, junto da Igreja, Carril Branco, Picoutos, Tronco, Marco, Telheiro, Lagoa, Vintiella, Aldeia de Moalde (Cazal da Poupa, Cazal Dalem, Cazal do Meio e Cazal de Baixo), Igreja Velha, Laranjeira, Cavada, Outeiro, Corugeira, Eirado, Aldeia, Deveza e Ermida.

1772 - Reconstrução da Quinta do Dourado por parte do proprietário M. Costa Santiago.

1775 - Colocação de um nicho na velha estrada que ligava Porto a Braga, para colocação de *esmolas dos visinhos e viandantes*, as quais foram usadas para a construção da Igreja de Sto. António do Telheiro.

1780 - O antigo lugar da Cruz, situado no encontro das actuais Avenida do Conde (ex Caminho da Igreja) e a Rua Godinho de Faria, foi o local escolhido para a permanência do Cruzeiro da freguesia.

1786 - Construção da Capela de Sto. António do Telheiro.

Séc. XIX

1804 - Reconstrução da capela N.º Sr.ª da Conceição (da Ermida), tendo sido construída uma torre nos princípios do século atual.

1807-1813 - Portugal esteve envolvido na designada Guerra Peninsular. Assim, Portugal foi palco de três invasões:
- Novembro de 1807 - início da 1ª invasão comandada pelo general Junot;
- Março de 1809 - 2ª invasaõ comandada pelo general Soult, que vindo de norte, atravessou as terras da Maia e decidiu assentar as suas tropas no lugar de S. Mamede.
- Junho de 1810 - 3ª invasão comandada pelo marechal Massena.

1 de Agosto de **1808** - Regimento da Maia junta-se ao exército do general inglês Wellington.

1808 - Abertura d´uma estrada que liga a Arca d´Água ao lugar da Ermida e que serviu de apoio à que existe, para a qual foi transferido o nicho que serviu para construção da Igreja de Sto. António do Telheiro.

1821-1872 - Conde de S. Mamede - Rodrigo Pereira Felício

1823-1883 - Arquiteto Pedro Oliveira (autor do projeto da atual Igreja Matriz de São Mamede de Infesta.

1826-1869 - Pintor Francisco Pinto da Costa

1828-1834 - Lutas Liberais.

1832-1833 - Cerco do Porto. As tropas miguelistas cercaram a cidade e o rei D. Miguel utilizou a casa da quinta da pedra para a sua residência.

1833 - Criação do Concelho de Bouças.

30 de Maio de **1834** - Extinção do Couto de Leça e das Ordens Religiosas

1835 - Decreto de 18 de Julho - Organização administrativa.

1835 - Na sequência das reformas administrativas de Passos Manuel, o território mamedense foi incluído no Concelho de Bouças, após o Concelho do Couto de Leça ter sido extinto nesse ano.

1836-1841 - Construção da estrada que ligava a cidade do Porto a Braga (Estrada Real de rodagem nº3).

1842 - Construção de uma ponte pensil, ao lado da velha Ponte da Pedra e bo sítio onde está a moderna e atual.

1852 - Criação do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria.

Séc. XIX

1855 - Inauguração do Cemitério, localizado ao lado da igreja atual. Anteriormente, os enterramentos eram realizados dentro da Igreja ou no adro da Igreja.

27 de Agosto de 1864 - Início da construção da atual Igreja, construída no local da anterior igreja e mandada construir pelo Conde de S. Mamede, Rodrigo Pereira Felício.
7 de Setembro de 1866 - Conclusão da construção da actual igreja. (esta igreja teve como referência para o seu projecto a Igreja da Trindade, localizaada na cidade do Porto
9 de Setembro de 1866 - Sagração da atual igreja.

1872 - Estrada que ligava São Mamede a Matosinhos era categorizada de municipal e foi a partir desse ano estabelecida ao trânsito.

1874-1879 - A freguesia possuía 23 lugares: Cruz, Cavada, Igreja Velha, Laranjeira, Outeiro, Corujeira, Eirado, Aldeia, Devesa, Ermida, Estrada Velha, Carril Branco, Picoutos, Aldeia Nova, Tronco, Marco, Telheiro, Lagoa, Ventiela, Arroteia, Moalde e Aldeia Nova do Centro.

1883-1889 - A estrada municipal de Matosinhos a S. Mamede passou a distrital, depois de alargada e pavimentada de novo. Esta estrada designada de nº 24 prolongou-se de S. Mamede até Águas Santas, tendo um comprimento de aproximadamente 3 kilómetros. Devido a algumas dificuldades surgidas na construção deste trecho, este só ficou concluído no ano de 1889.

1889 - A freguesia possuía 24 lugares, uma avenida e sete ruas: Lugares da Cruz, Cavada, Igreja Velha, Laranjeira, Outeiro, Infesta, Corujeira, Eirado, Aldeia, Devesa, Ermida, Estrada Velha, Carril Branco, Bouça, Picoutos, Aldeia Nova, Cidreira, Telheiro, Tronco, Marco, Lagoa, Ventiela, Arroteia, e Moalde. Avenida do Conde de S. Mamede (antiga Rua da Igreja), Rua Dr. Barros, Silva Brinco, Godinho de Faria, Henrique Bravo, Sá e Melo, Padre Costa e do Centro.

1889-1896 - Construção da Estrada da Circunvalação.

1895 - Código Administrativo de 1895

1896 - O cemitério sofreu grande ampliação.

1899 - Mudança de localização do cruzeiro da freguesia, para junto da residência do Abade. Posteriormente foi relocalizado para o local onde se encontra atualmente, no adro da igreja matriz.

Séc. XX

1906 - 1910 - Durante este período, o Dr. Godinho de Faria foi presidente da Câmara do Concelho de Bouças.

1909 - Criação do Concelho de Matosinhos.

1910 - Inauguração da linha do elétrico

1912 - 1ª vez que aparece referenciada uma escola primária no território mamedense.

1917 - Fábrica Monteiro Ribas.

1936 - Fábrica de Fiação e tecidos da Ponte da Pedra.

1938 - Início da construção do caminho-de-ferro e posteriormente da "Ponte Nova".

1945 - Criação do regime *CRE* (Casas de Renda Económica)

1951 - Bairro do Caixa Têxtil de Matosinhos , projeto da autoria do arquiteto Germano de Castro.

1958 - Criação de novos edifícios de âmbito escolar, como por exemplo, a escola da Igreja Velha.

Anos 70 - Construção da Via Norte.

25 de abril de 1974 - Revolução dos Cravos ou de Abril.

6 de Junho de 1984 - Criação da Vila de S. Mamede de Infesta.

1984 - Apresentação do projeto-lei, que propunha a criação da Vila de S. Mamede de Infesta.
25 de Setembro de 1985 - Validação do Decreto-Lei, que visava a passagem a Vila.

1985 - São Mamede era uma freguesia pertencente à cidade do Porto.

Séc. XXI

12 de Julho de 2001 - Elevação da freguesia de S. Mamede de Infesta à categoria de Cidade

2006 - Construção da auto-estrada A4.

IDADE CONTEMPORÂNEA

1908-1910 - D. MAnuel II.

1889-1908 - D. Carlos I.

1861-1889 - D. Luis I.

São Mamede de Infesta (1711 - até aos nossos dias)

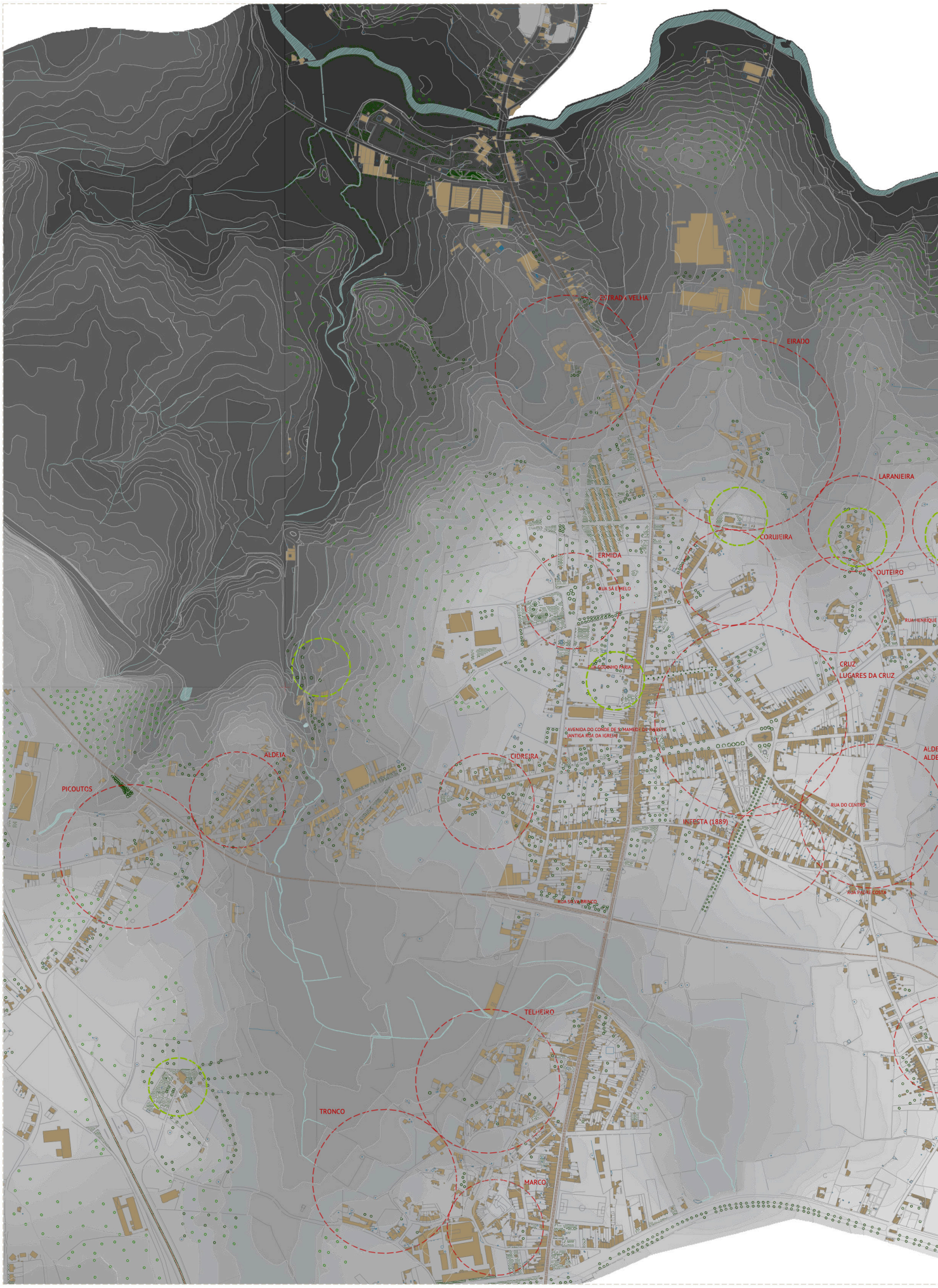
2.7 De 1874 a 1879 e o ano de 1889

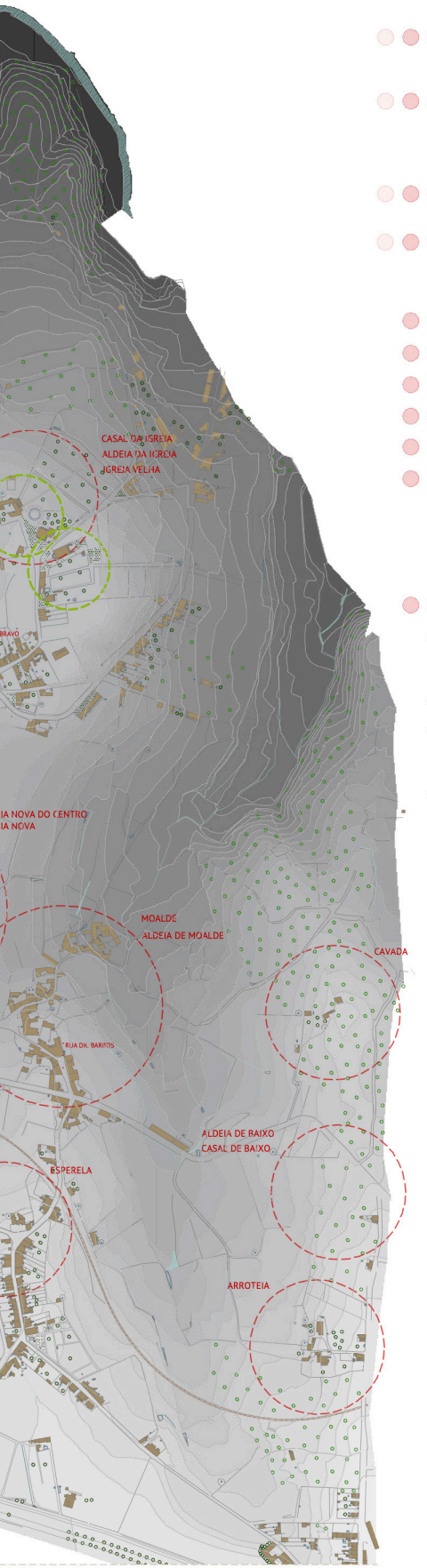
2.8 O ano de 1944

2.9 De 1944 até à actualidade

Bibliografia auxiliar para a elaboração da cronologia:

- BOAVIDA, Agostinho Fastio, (1973), *S. Mamede de Infesta : subsídios para a sua história.* Câmara Municipal, Matosinhos.
- DURVAL, António, (2009), *À descoberta de S. Mamede de Infesta : passado, presente e futuro : uma abordagem monográfica / pesquisa e desenvolvimento.* Câmara Municipal de Matosinhos e Junta de Freguesia de S. Mamede de Infesta, S. Mamede de Infesta.
- BRAGANÇA, Pedro, (2014), *Lugares de habitar entre a terra e o mar,* Volume I, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.
- ABREU, Adélio Fernando (s.d), *A pároquia na história - Elementos para uma visão de conjunto*. Universidade Católica Portuguesa, CEHR - Centro de estudos de História Religiosa, Faculdade de Teologia.
- FERNANDES, Xavier, *Topónimos e Gentílicos*.
- VASCONCELOS, José Leite, *Etnografia Portuguesa,* Vol. II. Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa.
- LEAL, Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho, (1990), *Portugal antigo e moderno: diccionário geographico, estatistico, chorographico, heráldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de tódas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias.* Lisboa, Vol.III.
- FARIA, F. Fernando Godinho de, (1899), *Monografia do Concelho de Bouças*. Matosinhos, edição do autor.
- REIS, Jaime, (1987), *A industrialização num país de desenvolvimento lento e tardio: Portugal, 1870 - 1913*. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- AGAREZ, Ricardo Costa, (2018), *Habitação: Cem anos de políticas públicas em Portugal, 1918-2018*. Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Lisboa.
- Site mapa da habitação
- ESCOLÁSTICO, João, (2015), *De uma Circunvalação a uma Via Urbana; Requalificação Paisagística da Estrada Nacional 12*. S.e., Porto.
- GONÇALVES, Eliseu, (2011), *Leitura de Marques da Silva - O Bairro do Monte Pedral e o alojamento operário em 1900*. Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva.
- CARNEIRO, Manuel Almeida, (2016), *"Si bene aedificaveris, bene habitaveris". Entre a casa agrícola e a quinta de recreio no espaço rural do Porto (séculos XVIII-XIX)*, Vol. I. S.e.
- www.casarealportuguesa.org/dynamicdata/cronologia.asp


EIRADO
LARANJEIRA
CORUJEIRA
ERMIDA
OUTEIRO
CRUZ
LUGARES DA CRUZ
ALDEIA
PICOUTOS
CIDREIRA
INFESTA (1889)
TELHEIRO
TRONCO
MARCO



A freguesia designava-se por São Mamede e possuía:

Aldeia de Baixo (1566)
Casal de Baixo (1643)

Ermida (1566 | 1643 | 1758 | 1874 a 1879 | 1889)

Outeiro (1566 | 1643 | 1758 | 1874 a 1879 | 1889)

Carril Branco (1566 | 1643 | 1758 | 1874 a 1879 | 1889)

Laranjeira (1566 | 1643 | 1758 | 1874 a 1879 | 1889)

Casal da Igreja (1566)
Aldeia da Igreja (1643)
Igreja Velha (1758 | 1874 a 1879 | 1889)

Casal da Devesa

Eirado (1566 | 1643 | 1758 | 1874 a 1879 | 1889)

Moalde (1566 | 1643 | 1874 a 1879 | 1889)
Aldeia de Moalde (Cazal da Poupa, Cazal Dalem, Cazal do Meio e Cazal de Baixo) (1758)

Corujeira (1643 | 1758 | 1874 a 1879 | 1889)

Telheiro (1643 | 1758 | 1874 a 1879 | 1889)

Cidreira (1643 | 1889)

Tronco (1643 | 1758 | 1874 a 1879 | 1889)

Esperela (1643)

Arroteia (1643 | 1874 a 1879 | 1889)

Devesa (1643 | 1758 | 1874 a 1879 | 1889)

Alagoa (1643)
Lagoa (1758 | 1874 a 1879 | 1889)

Cavada (1643 | 1758 | 1874 a 1879 | 1889)

Cruz (junto à igreja) (1758)
Cruz (1874 a 1879)
Lugares da Cruz (1889)

Picoutos (1758 | 1874 a 1879 | 1889)

Marco (1758 | 1874 a 1879 | 1889)

Vintiella (1758 | 1874 a 1879 | 1889)

Aldeia (1758 | 1874 a 1879 | 1889)

Aldeia Nova do Centro (1874 a 1879)

Estrada Velha (1874 a 1879 | 1889)

Aldeia Nova (1874 a 1879 | 1889)

Infesta (1889)

Bouça (1889)

Avenida do Conde
(Antiga Rua da Igreja) (1889)

Rua Dr. Barros (1889)

Rua Silva Brinco (1889)

Rua Godinho Faria (1889)

Rua Henrique Bravo (1889)

Rua Sá e Melo (1889)

Rua Padre Costa (1889)

Rua do Centro (1889)

1566

1643

1758

1874 | 1879

1889

Cursos de água presentes na área em estudo (Rio Leça e seus afluentes)

Núcleo

Quinta

Citações relevantes para a construção da "Planta topográfica c/marcação dos lugares"

Do mais antigo livro do Tombo da Baliagem de Leça, referente a 1566, que se encontra no Arquivo Distrital do Porto, podemos concluir que a freguesia nessa data se denominava simplesmente S.Mamede e possuía os seguintes lugares:
Aldeia de Baixo - Ermida - Outeiro - Carril Branco - Laranjeira - Casal da Igreja - Casal da Devesa - Eirado - Moalde - Casal do Meio e Casal da Poupa

BOAVIDA, A. F. (1973).*S. Mamede de Infesta : subsídios para a sua história,* Matosinhos: Câmara Municipal, p. 29, com base no livro do Tombo da Baliagem de Leça, referente a 1566, do Arquivo Distrital do Porto

Nesse ano, os lugares existentes na freguesia que já se designava por S.Mamede da Ermida (...) , eram os seguintes:
Eirado - Corujeira - Ermida - Laranjeira - Aldeia da Igreja - Telheiro - Carril Branco - Tronco - Moalde - Casal da Poupa - Esperela - Arroteia - Casal de Baixo - Deveza - Outeiro - Alagoa - Cidreia e Cavada.

BOAVIDA, A. F. (1973).*S. Mamede de Infesta : subsídios para a sua história,* Matosinhos: Câmara Municipal, p. 29, com base no livro do Tombo da Baliagem de Leça, referente a 1566, arquivado no Arquivo Distrital do Porto

Nesse tempo, já a freguesia tinha 22 lugares, a saber: Cruz, junto da Igreja, Carril Branco, Picoutos, Tronco, Marco, Telheiro, Lagoa, Vintiella, Aldeia de Moalde (e nesta Aldeia havia lugares que se denominavam Cazal da Poupa, Cazal Dalem, Cazal do Meio e Cazal de Baixo), Igreja Velha, Laranjeira, Cavada, Outeiro, Crugeira, Eirado, Aldeia, Deveza e Ermida.

BOAVIDA, A. F. (1973).*S. Mamede de Infesta : subsídios para a sua história,* Matosinhos: Câmara Municipal, p. 48, com base nas *Memórias Paroquiais de 1758* que constituem o *Dicionário Geográfico,* arquivado na Torre do Tombo

De 1874 a 1879, segundo a "Chorographia moderna do Reino de Portugal", de João Maria Baptista, a freguesia possuía 23 lugares, a saber:
Cruz - Cavada - Igreja Velha - Laranjeira - Outeiro - Corujeira - Eirado - Aldeia - Devesa - Ermida - Estrada Nova - Estrada Velha - Carril Branco - Picoutos - Aldeia Nova - Tronco - Marco - Telheiro - Lagoa - Ventiela - Arroteia - Moalde e Aldeia Nova do Centro.

BOAVIDA, A. F. (1973).*S. Mamede de Infesta : subsídios para a sua história,* Matosinhos: Câmara Municipal, p. 56, com base na *Chorographia moderna do Reino de Portugal,* de João Maria Baptista

Em 1889, segundo a "Monografia do Concelho de Bouças", de F. Godinho de Faria, possuía 24 lugares, uma avenida e sete ruas, que a seguir se mencionam:
Lugares da Cruz - Cavada - Igreja Velha - Laranjeira - Outeiro - Infesta - Corujeira - Eirado - Aldeia - Devesa - Ermida - Estrada Velha - Carril Branco - Bouça - Picoutos - Aldeia Nova - Cidreira - Telheiro - Tronco - Marco - Lagoa - Ventiela - Arroteia e de Moalde.

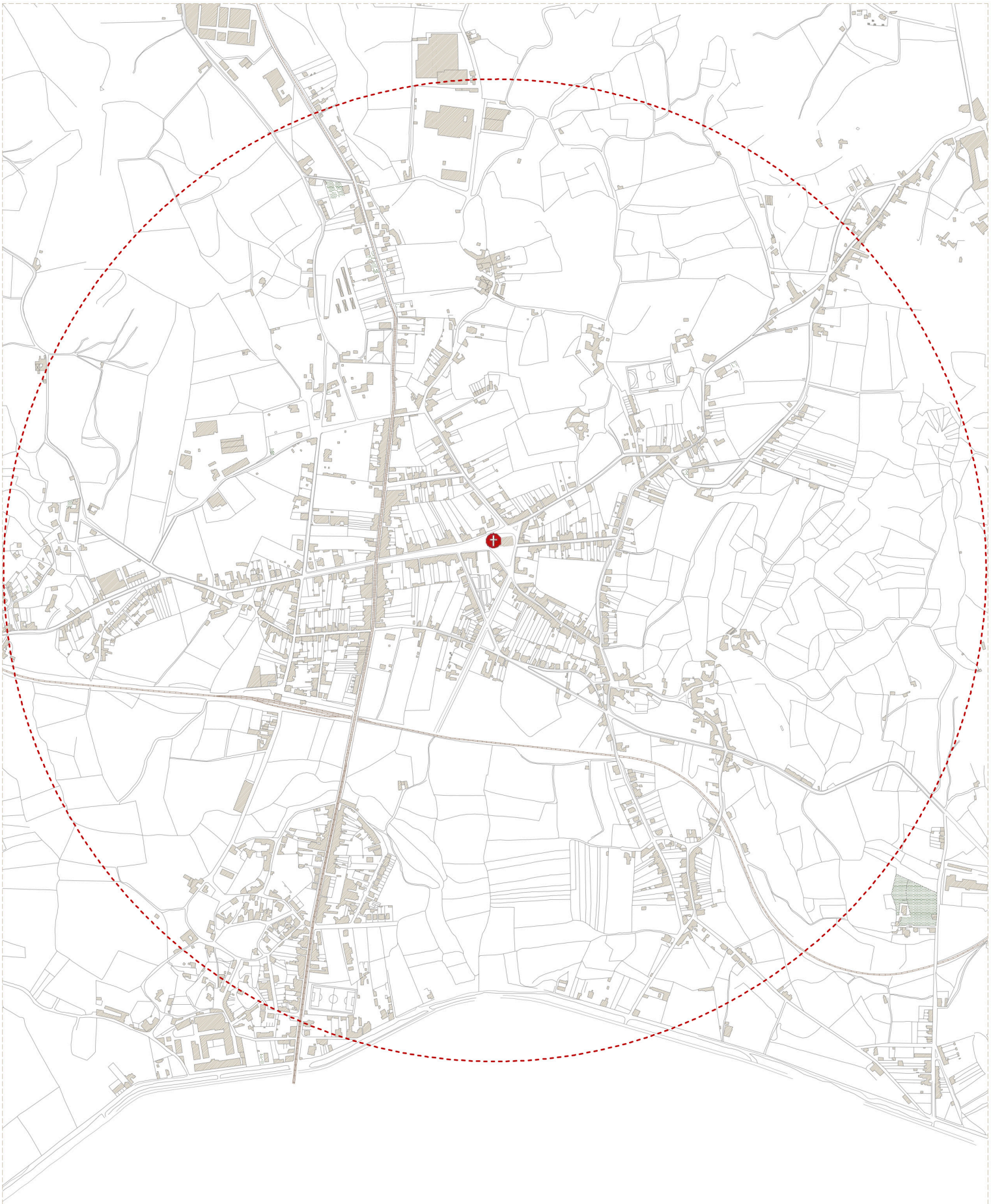
Avenida do Conde de S.Mamede (antiga Rua da Igreja), Rua Dr. Barros, Silva Brinco, Godinho de Faria, Henrique Bravo, Sá e Melo, Padre Costa e do Centro.

BOAVIDA, A. F. (1973).*S. Mamede de Infesta : subsídios para a sua história,* Matosinhos: Câmara Municipal, p. 56, com base na *Monografia do Concelho de Bouças* de F. Godinho de Faria

Planta topográfica c/ marcação dos lugares
Ano 1566 | 1643 | 1758
1874 | 1879 | 1889

Cartografia de base de acordo com desenho da autora
"Carta planimétrica" e "Planta topográfica" correspondente ao ano de 1944

Escala 1: 10000



Rio Leça

Edificação

Caminho-de-ferro

Igreja Paroquial

Marcação e aproximação à área em estudo

Carta Planimétrica do lugar de São Mamede de Infesta

(e parte do lugar de Leça do Balio)

Ano 1957

Cartografia de base de acordo com Cartografia de 1957 - Câmara Municipal de Matosinhos

Escala 1:10000

Carta Planimétrica do lugar de São Mamede de Infesta

(e parte do lugar de Leça do Balio)

Ano 1997

Cartografia de base de acordo com Cartografia de 1997 - Câmara Municipal de Matosinhos

Escala 1:10000

- Rio Leça
- Edificação
- Caminho-de-ferro
- Igreja Paroquial
- Marcação e aproximação à área em estudo

Rio Leça

Edificação

Caminho-de-ferro

Igreja Paroquial

Marcação e aproximação à área em estudo

Carta Planimétrica do lugar de São Mamede de Infesta

(e parte do lugar de Leça do Balio)

Ano 2013

Cartografia de base de acordo com Cartografia de 2013 - Câmara Municipal de Matosinhos

Escala 1:10000

Rodrigo Pereira Felício, filho de José Pereira, proprietário, do lugar de Carril Branco, da freguesia de S. Mamede, e de sua mulher D. Maria Benta, da Vila de Valença,

(…)

Em 12 de Setembro de 1866, foi-lhe feita mercê do título de Visconde de S. Mamede.

<<Ministério dos Negócios do Reino

2.ª Repartição

(…) na pessoa de Rodrigo Pereira Felício, fidalgo cavaleiro da minha real casa, residente na cidade do Rio de Janeiro; (…) já para a fundação de importantes estabelecimentos de crédito, já para a edificação de uma igreja na freguezia de S. Mamede de Infesta, no concelho de Bouças, sua naturalidade,(…) hei por bem fazer-lhe mercê do título de Visconde de S. Mamede, em sua vida.

(…)>>

<<Ministério dos Negócios do Reino

Direcção geral de Administração

Política

2.ª Repartição

(…) hei por bem fazer-lhe mercê de o elevar à grandeza destes reinos com o título de Conde de S. Mamede, em sua vida.

(…)>>

(…)

Segundo o testemunho de seus sobrinhos, ainda não há muito falecidos, quando lhe comunicaram que a Igreja que mandara construir estava pronta quis vir a São Mamede ver a sua terra, seus pais ainda vivos e a Igreja.[5]

[5] BOAVIDA, Agostinho Fastio, (1973), *S. Mamede de Infesta : subsídios para a sua história.* Câmara Municipal, Matosinhos, p. 57 a 60

Partindo da comparação da implantação da Igreja Velha e com a Capela da Ermida, verifica-se uma

"desigualdade existente entre uma antiga matriz afastada dos meios normais de comunicação e uma capela edificada na primitiva estrada Porto- Braga, onde os viajantes, sem as preocupações e necessidades dos habituais fregueses da Igreja, socorriam a sua caixa de esmolas com ofertas possivelmente mais avultadas."[1]

Para além da dissemelhança de implantação das duas edificações religiosas, existem também desfasamentos face às suas proporções:

"No título de S. Mamede da Ermida do ano de 1643 constam as dimensões tanto da Igreja de S. Mamede como da capela da Ermida, aquela com 15 varas de nascente a poente (16,5m) e 6 varas de norte a sul (6,5m) e esta com 6 varas de nascente a poente (6,5m) e 4 varas de norte a sul (4,5m).

A área ocupada, nesse tempo, pela Igreja, com galilé ou alpendre da porta principal, era aproximadamente três vezes e meia a área da capela da Ermida, realidade que não depõe muito a favor das dimensões da Matriz. Deduzindo à área total a área ocupada pela galilé - correspondente a um terço do comprimento total da Igreja (5,5m) - obtemos para a área desta duas vezes e meia a área da capela da Ermida."[2]

Após a leitura desta passagem do livro de Agostinho Boavida, podemos concluir que a antiga Igreja Matriz era de exíguas dimensões e insuficiente face ao número de fregueses que aí praticavam o seu culto religioso.

Segundo o que podemos ler na Monografia do Concelho de Bouças, de F. Godinho de Faria, as paredes da atual igreja foram *"construídas por fora das da anterior e o pavimento de madeira sobre as sepulturas da antiga"*[3], devido à igreja Nova não conseguir suportar todos os fiéis que aí praticavam o seu culto religioso.

Esta igreja exteriormente de aspecto simples mas agradável foi construída entre 1864 e 1866, por um grande benemérito natural deste lugar, o Sr. Rodrigo Pereira Felício[24], intitulado como o *"Conde de S. Mamede"*. De forma a recordamos o episódio peculiar que assinalou a inauguração desta Igreja, achamos esta transcrição, da autoria de António Durval, bastante esclarecedora do que se tinha sucedido.

Rodrigo Pereira Felício a quando da doação dos 12 contos de réis, teria dito que queria uma igreja com duas torres, como a do Senhor de Matosinhos. No entanto, o arquitecto, Pedro de Oliveira, construiu a igreja à imagem da igreja da Trindade, portanto com uma torre só. A quando da inauguração, estando tudo preparado, bispo, povo, autoridades, esperando apenas pelo Conde de S.Mamede, Rodrigo Pereira Felício, que chegava do Brasil. Quando a carruagem do Conde chegou ao cruzeiro (actual cruzamento da Rua Godinho de Faria com a Av. do Conde) e viu a sua igreja só com uma torre, deu meia volta e retornou ao Brasil, sem palavras. [4]

[1] BOAVIDA, Agostinho Fastio, (1973), *S. Mamede de Infesta : subsídios para a sua história.* Câmara Municipal, Matosinhos, p. 79

[2] Ibidem, p. 80

[3] Ibidem, p. 49

[4] DURVAL, António, (2009), *À descoberta de S. Mamede de Infesta : passado, presente e futuro : uma abordagem monográfica / pesquisa e desenvolvimento.* Câmara Municipal de Matosinhos e Junta de Freguesia de S. Mamede de Infesta, S. Mamede de Infesta, p. 108

A atual igreja de São Mamede de Infesta é caracterizada como sendo um edifício neoclássico de planta longitudinal e nave única, sendo o centro da sua fachada marcada pela presença de uma torre sineira. Ao observarmos a fachada principal da igreja, deparamo-nos que esta é decorada com recurso a azulejos brancos, contrastando com os azulejos azuis que tanto servem para motivos decorativos como para registo de figuras religiosas, tais como, e partindo de uma leitura da esquerda para a direita, dos respectivos registos fotográficos:

- S.Mamede;
- Santa Terezinha;
- N.ª Sr.ª de Fátima;
- Sto. António.

Interiormente não tem majestade e a impressão que primeiro se apodera de quem nela entra é a do mau efeito produzido pela pouca elevação que lhe foi dada. Efectivamente há uma desproporção entre a altura e as outras dimensões do edifício, e especialmente do friso ou cornija para cima esse mau efeito aumenta pelo pouco donaire da abóbada.

Mais tarde esta má impressão diminui e os defeitos como que desaparecem ofuscados nas ondas de luz que entram de toda a parte no templo.[6]

Ao entrarmos nesta igreja somos surpreendidos por uma onda de luz que nos envolve e invoca para o seu interior. À medida que vamos entrando, percebemos que é através das quatro frestas presentes no corpo da igreja, duas no alçado norte, e duas no alçado sul, que recebe a maior parte da luz observada no seu interior. Para além destas aberturas, há a ainda na capela-mor a marcação de uma outra entrada de luz, uma clarabóia circular, que pontua esta área da igreja. Para além destas, esta igreja conta com mais três janelas na zona superior, mais precisamente no coro, o qual se encontra por cima da entrada da igreja, possibilitando a criação de uma atmosfera de acolhimento para a recepção dos fiéis.

Ao contemplarmos o interior desta igreja, foi-nos possível observar que esta é composta por seis altares, mais o da capela-mor: dois de frente a para o arco cruzeiro que marca a área da nave da igreja, e os restantes quatro nas paredes laterais, dois de cada lado, ficando no meio de cada dois um púlpito.

É importante referir que grande parte da talha dourada barroca presente no interior desta igreja é proveniente do extinto Convento de Monchique, localizado na zona ribeirinha da cidade do Porto, vindo a ser extinto no ano de 1834, aquando da Reforma Geral Eclesiástica[7], a mando do Ministro e Secretário de Estado, Joaquim António Aguiar. Segundo afirma António Durval, os quatro altares[8] presentes na nave da igreja são os que vieram desse antigo convento, sendo que os outros dois foram feitos, um de raiz, e o outro de restos de um altar da antiga igreja. Ao vislumbrarmos o altar da capela-mor percebemos que este se adaptaria melhor a um outro lugar de maiores proporções, à semelhança do que acontecia aquando este fazia parte do interior da igreja do antigo convento de Monchique.

[6] BOAVIDA, Agostinho Fastio, (1973), *S. Mamede de Infesta : subsídios para a sua história.* Câmara Municipal, Matosinhos, p. 53

[7] Esta reforma passaria pela extinção *de todos os conventos, mosteiros, colégios, hospícios e casas de religiosos de todas as ordens religiosas, ficando as de religiosas, sujeitas aos respectivos bispos, até à morte da última freira, data do encerramento definitivo,* tal como o sucedido no Convento de Monchique, visto se tratar de um convento feminino. Ideia retirada do site http://monumentosdesaparecidos.blogspot.com/2013/07/convento-da-madre-de-deus-de-monchique.html, acedido pela última vez a 19.04.2021

[8] Neste altares é possível contemplar imagens de, por exemplo, *"S.ª do Rosário, S. Fructuoso, S.ª das Dores e Senhor Morto, Bom Jesus dos Navegantes e S.ª da Soledade."* DURVAL, António, (2009), *À descoberta de S. Mamede de Infesta : passado, presente e futuro : uma abordagem monográfica / pesquisa e desenvolvimento.* Câmara Municipal de Matosinhos e Junta de Freguesia de S. Mamede de Infesta, S. Mamede de Infesta, p. 111

Já no exterior da igreja é possível perceber que algumas das edificações religiosas presentes neste lugar, partilham de uma característica que nos remete para o espaço exterior que antecede à entrada da igreja em si, denominado de adro, o qual pode ou não ser murado. Observando o adro[9] da igreja matriz deste lugar, percebemos que este se encontra murado, havendo 6 pontos de permeabilidade e contacto para fora deste espaço encerrado, indicando que, apesar de ser um espaço agregado a um edifício religioso, não pretende se fechar à cidade, mas sim criar um diálogo directo com esta.

Para além da presença da igreja matriz neste ponto central do territótio em estudo, desde o ano de 1780 que um cruzeiro viria a fixar-se no *"antigo lugar da Cruz, situado no encontro das actuais Avenida do Conde (ex- Caminho da Igreja)* e *Rua Godinho de Faria"*[10], tal como nos indica a inscrição que se encontra escrita no cruzeiro. Tendo em consideração a construção da Igreja Nova no ano de 1735, a localização escolhida para a fixação do cruzeiro parece a mais razoável, tendo em vista a proximidade com a estrada que ligava este lugar à cidade do Porto, assim como, a importância das construções aí presentes e das contribuições monetárias que os viandantes dariam à passagem por este lugar.

Segundo Agostinho Boavida, este cruzeiro viu a sua localização ser alterada para junto da residência do abade, por imposição da Direcção das Obras Públicas, devido ao aumento do tráfego nessa via. No entanto, esta não seria a sua implantação final, uma vez que este cruzeiro, de belíssimo aspecto, por motivos ainda não conhecidos, viria a implantar-se no atual adro da igreja matriz.

Devido a uma decisão política, que passava pela proibição de realizar enterramentos dentro das igrejas, no ano de 1855, apareceu um novo elemento religioso, cemitério municipal de São Mamede de Infesta. Ao visitarmos este cemitério, foi-nos possível constatar a presença de uma laje, logo à entrada do mesmo, na qual está inscrita:

"HERI CARO
HODIE PULVIS
CRAS NIHIL
ANNO
MDCCLXXV

a qual significa: Ontem carne. Hoje pó. Amanhã nada. Ano de 1775."[11]

Tendo em conta a data desta inscrição podemos considerar que esta pedra pertenceria à Igreja Nova, onde entre o ano de 1735 a 1855 eram realizados os enterramentos antes da construção deste cemitério, e que, por esse facto, acharam por bem transferi-la para esse local. O cemitério da cidade de São Mamede é considerado um dos mais antigos do Concelho de Matosinhos, tendo sido o local escolhido para a implantação de um marco miliário do Imperador Adriano, o qual se julga que a sua implantação primitiva remonta ao lugar da antiga Quinta do Dourado, lugar onde existia a Igreja Velha conservando essa designação até aos dias de hoje.

[9] *"O adro ficou também maior; é murado em volta e regularmente nivelado, dando-lhe entrada três lanços de escadas, situados na frente com pequenos intervalos."* BOAVIDA, Agostinho Fastio, (1973), *S. Mamede de Infesta : subsídios para a sua história.* Câmara Municipal, Matosinhos, p. 53

[10] Ibidem, p. 67

[11] BOAVIDA, Agostinho Fastio, (1973), *S. Mamede de Infesta : subsídios para a sua história.* Câmara Municipal, Matosinhos, p. 68

DECRETO N.º 63/V

AUTORIZA O GOVERNO A LEGISLAR SOBRE TRABALHO DE MENORES E INCENTIVOS À FREQUÊNCIA DA ESCOLARIDADE OBRIGATÓRIA.

A Assembleia da República decreta, nos termos dos artigos 164.º, alínea *e*), 168.º e 169.º, n.º 2, da Constituição, o seguinte:

Artigo 1.º — 1 — Fica o Governo autorizado a aprovar um diploma que estabeleça o agravamento das penas de multa actualmente em vigor para as entidades patronais que utilizem o trabalho de menores em transgressão do disposto no artigo 123.º, n.º 1, do Regime Jurídico do Contrato Individual de Trabalho, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 49 408, de 24 de Novembro de 1969.

2 — No caso de o menor não ter ainda atingido o termo da escolaridade obrigatória, ou de o trabalho se realizar em condições especialmente perigosas para a saúde ou moralidade do menor, os limites mínimo e máximo da multa serão iguais ao dobro dos previstos nas outras situações.

3 — No caso de reincidência, os limites referidos serão agravados para o triplo dos previstos para cada um dos casos.

Art. 2.º Fica o Governo autorizado a legislar no sentido de incentivar a frequência da escolaridade obrigatória em matéria de:

a) Estímulo à cooperação da escola com outras entidades, designadamente autarquias, associações de empregadores, de trabalhadores, segurança social e inspecção do trabalho;
b) Estímulos à constituição na escola de núcleos de docentes com funções de acompanhamento no espaço escola/família/comunidade dos alunos que não compareçam às aulas;
c) Desenvolvimento das actividades circum-escolares e de ocupação dos tempos livres, de acordo com os interesses dos alunos e os recursos da escola.

Art. 3.º A presente autorização tem a duração de 60 dias.

Aprovado em 18 de Março de 1988.

O Presidente da Assembleia da República, *Vítor Pereira Crespo*.

DELIBERAÇÃO N.º 5-PL/88

COMISSÃO EVENTUAL PARA A COOPERAÇÃO PARLAMENTAR ENTRE PORTUGUAL E O BRASIL

A Assembleia da República, na sua reunião de 17 de Março de 1988, deliberou, nos termos do n.º 1 do artigo 181.º da Constituição e do artigo 30.º do Regimento, o seguinte:

1 — Constituir uma comissão com o objectivo de promover e contribuir, por todas as formas possíveis, para o diálogo e cooperação entre Portugal e o Brasil e respectivas instituições parlamentares.

2 — A comissão promoverá a concretização de contactos regulares entre os dois parlamentos e mais diligências tendentes a prosseguir os objectivos visados, podendo ainda apoiar outras iniciativas com finalidades semelhantes.

3 — O quadro geral das atribuições da comissão será concretizado no seu regimento, a apresentar no prazo de 30 dias após a primeira reunião.

4 — A comissão será integrada por 29 membros indicados pelos grupos parlamentares, de acordo com a seguinte distribuição:

Grupo Parlamentar do PSD — dezasseis deputados;
Grupo Parlamentar do PS — sete deputados;
Grupo Parlamentar do PCP — dois deputados;
Grupo Parlamentar do PRD — um deputado;
Grupo Parlamentar do CDS — um deputado;
Grupo Parlamentar do PEV — um deputado;
Agrupamento Parlamentar da ID — um deputado.

Assembleia da República, 17 de Março de 1988. — O Presidente da Assembleia da República, *Vítor Pereira Crespo*.

PROJECTO DE LEI N.º 222/V

ELEVAÇÃO DA VILA DE SÃO MAMEDE DE INFESTA À CATEGORIA DE CIDADE

1 — O povoamento local é muito antigo, a julgar pela arqueologia, pela toponímia e pelas referências documentais de sentido arqueológico, como as que, para localização do território que hoje é o desta freguesia, ocorrem em documentos do século XI: «*subtus* mons castro Recaredi discurrent rivulo Avanca [ribeiro tributário do Leça] propoe litore maris território portugalensis» e até «discurrente rivulo Leza ... subtus castro Quifiones». Aqui se fazem alusões milenárias a castros.

O topónimo «Infesta» é muito antigo e de sentido topográfico: do arcaico «enfesta», isto é, eminência do terreno (relaciona-se com o advérbio «anfesto», para cima). E é o que realmente se observa: Infesta ocupa um pequeno plató, de suaves declives de todas as partes.

A este respeito, ainda, descobrimos nos monumentos do século XIII que a freguesia se chamava primeiro apenas «S. Mamede» (antes, pelo século X ou XI, parece que «S. Mamede de Manualdi») e depois «S. Mamede de Tresorres», parecendo que «orres» alude à topografia — mais explicadamente, aos graciosos vales que ladeiam o dito plató: Três Orres ou três vales.

2 — São Mamede é «de Infesta» por estar na riba da enconsta que desce até ao Leça. A designação é utilizada pelo menos desde 1706. Porém, depois disso (1735), ainda aparecia na versão anterior: «S. Mamede da Ermida» (que data de 1643). Em 1623 chamavam-lhe «S. Mamede de Moalde», pelo facto de este lugar — derivado, presume-se, do germânico «Manualdi» —, na estrada de Asprela para o centro da vila, ser, por alturas de 1021, além do mais antigo, o mais povoado, situação que se mantinha no século XVI ...

Durante séculos, São Mamede foi freguesia do «Couto de Leça do *Venerando Balio, concelho* e comarca da Maya», como consta das memórias de 1758.

Em 1643 apareciam fixados quase os actuais lugares: Eirado, Ermida, Laranjeira, Telheiro, Tronco, Mealde, Esparela, Arroteis, Outeiro, Aldeia da Igreja, etc. Eram aldeias, à excepção de Moalde, com o seu ar de vitória minhota.

No largo da ermida ... está a Capela de Nossa Senhora da Conceição (de 1643) que as memórias de 1758 diziam pertencer ao «Venerando Balio de Leça, a qual reedificarão os moradores à sua custa, e lhe fazem anualmente em o dia 8 de Dezembro por devoção, festa [...]». A capela, reconstruída em 1804, foi matriz — apenas — durante a edificação da igreja actual.

À direita da ermida sai a Rua da Estrada Velha, descendo através de muros até Leça do Bailio, com alguns dos últimos campos de São Mamede e fábricas a romper a solidão. Esta estrada é trecho da via romana de Lisboa a Braga que atravessava São Mamede. Ligava à Arca d'Água, no Porto, por um caminho aberto em 1808.

A festa grande da vila e arredores é ao Santo António do Telheiro (tardio, vem com o Setembro), na capela daquele lugar. Ali passava a estrada do Porto no caminho da ermida.

No lado oposto da vila, na Rua de Moalde, junto do largo do mesmo nome, está a típica capela..., dedicada ao Senhor da Boa Fortuna (boa Fortuna está escrito) e da Boa Morte.

Aqui se faz, em Abril ou Maio, uma das romarias da vila, organizada por comissão existente desde 1917.

A terceira grande manifestação também religiosa — e, com as outras, inconfundível das raízes da terra — é a centenária Procissão do Senhor dos Passos (imagem famosa, cuja confraria foi fundada em 1744).

Dentro dos monumentos modestos mas, ainda assim, vetustos, há o lugar de Defesa, na estrada velha de Braga, anexa à Casa-Museu de Abel Salazar, a Capelinha de Nossa Senhora da Apresentação, do século XVIII. E em Picoutos, no começo da Rua da Mainça, está a Capela de São Félix — da quinta do mesmo nome —, construída na transição dos séculos XVII e XVIII.

Uma das características da vila: as quintas... Ainda podem ver-se algumas: no lugar da igreja velha há a de Cima (adquirida pelo Município para parque público, e que abrirá brevemente) e a do Dourado. Na Rua das Laranjeiras está a Quinta chamada «dos Meio Casal das Laranjeiras». E dos tempos áureos das casas de campo são as da Amieira e da Devesa. Na estrada de Braga está a Quinta da Estrela. E ao pé da Via Norte, na Rua do Tronco, a Quinta da Amieira.

À saída do Porto, a seguir ao Ameal, existe a estação do caminho de ferro, com alguns dos mais belos azulejos...

Uma das mais relevantes instituições culturais do concelho de Matosinhos, a Casa-Museu de Abel Salazar, está situada em São Mamede de Infesta. Aqui viveu aquele homem da ciência e artes que, além de investigador de histologia e embriologia, foi admirável artista plástico. Grande parte da sua obra encontra-se nas instalações do museu.

Sem dúvida a estrada de Braga foi o motor das transformações urbanas operadas a partir dos finais do século XIX. Depois veio a implantação industrial e, mais tarde, o alastramento urbano da cidade vizinha.

3 — São Mamede de Infesta prosseguirá certamente o seu franco desenvolvimento, dada a sua situação geográfica e as importantes infra-estruturas rodoviárias e ferroviárias, projectadas e em construção no território desta vila.

São Mamede de Infesta tem uma área de 521 ha, cerca de 27 000 habitantes e cerca de 18 500 eleitores.

No campo industrial tem cerca de 50 empresas e no do comércio tem estabelecimentos vários que satisfazem bem o consumo existente, quer dos seus naturais e residentes, quer dos seus visitantes.

Na área de serviços existem duas agências bancárias, correios e telefones, bem como carreiras de transportes colectivos que atravessam toda a área da freguesia e a ligam, quer com a vizinha cidade do Porto, quer com a cidade de Matosinhos, sede do concelho em que se integra.

Na área da saúde e segurança social, entre outros equipamentos, existe um centro de dia para a terceira idade, uma casa do povo, um posto de enfermagem e três farmácias.

No domínio do ensino existem oito escolas primárias, uma escola preparatória e uma escola secundária, estando nestas duas últimas organizadas comissões de pais, que cooperam com os professores e a autarquia local, em prol de um ensino em melhores condições.

Merece realce ainda um centro de recuperação de deficientes, o Centro Dr. Leonardo Coimbra, bem como um colégio do ensino pré-primário, quatro infantários e uma escola de adultos.

Nesta vila existem cinco cooperativas, uma de consumo e quatro de habitação económica, e também três associações de moradores.

Relativamente à actividade cultural e desportiva, o dinamismo existente deve-se basicamente às colectividades, que abrangem desde o teatro ao folclore, do futebol ao atletismo, com destaque para o papel de uma escola de música, uma biblioteca, duas casas de espectáculos, etc. Está projectada a construção de uma piscina.

Os bombeiros voluntários cumprem bem a sua função humanitária e de protecção civil, além de terem nas suas instalações um posto de enfermagem e contarem nas suas actividades com uma fanfarra.

Outras realidades da vida desta vila poderiam ser citadas como justificadas, critérios ou razões para a sua elevação à categoria de cidade. Serão suficientes, no entanto, as características versadas de ordem histórica, geográfica, populacional, sócio-económica e cultural, que colocam a actual vila de São Mamede de Infesta ao nível exigido pela Lei n.º 11/82, ou seja, à altura de receber o título de cidade, bem merecido e querido pelo seu povo.

Pelas razões expostas, os deputados abaixo assinados, do Grupo Parlamentar do PCP, apresentam o seguinte projecto de lei:

Artigo único. A vila de São Mamede de Infesta, no concelho de Matosinhos, é elevada à categoria de cidade.

Assembleia da República, 7 de Abril de 1988. — Os Deputados do PCP: *Carlos Costa — Ilda Figueiredo — António Mota.*